This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 00621712 3

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX & TILDEN FOUN.

ESTUDOS

SOBRE

AS PROVINCIAS ULTRAMARINAS

ESTUDOS

SOBRE

AS PROVINCIAS ULTRAMARINAS

POR

JOÃO DE ANDRADE CORVO
Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa

Volume III

LISBOA
POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
1884

A CIVILISAÇÃO AFRICANA

PARTE I

A CIVILISAÇÃO AFRICANA

I

Na sua obra magistral sobre a *Philosophia da historia da humanidade* diz Herder, fallando dos povos africanos:

«Quando vamos ao paiz dos negros, devemos «pôr de parte os nossos orgulhosos preconceitos e «considerar a constituição d'esta parte da terra com «a mesma imparcialidade com que a considerariamos «se existisse só ella.»

Esta doutrina, verdadeira em relação a todos os povos e a todas as épocas, applicavel em historia tanto no espaço como no tempo, é sobretudo indispensavel tel-a em vista, quando se trata da Africa. Não só por ser o problema complexo da civilisação mais difficil de estudar aqui, do que em outra parte

qualquer; senão tambem porque opiniões longamente sustentadas pela ignorancia dos factos e pelo inhumano interesse do trafico lançaram a obscuridade nos espiritos, e obliteraram o sentimento da justiça e o amor da verdade na consciencia dos homens civilisados, em relação aos negros.

Mais de uma vez as raças negras tem lançado os primeiros bosquejos de constituições politicas e de incompletas civilisações; mas a sua propria inconsistencia, e os perigos que traziam pendentes sobre si e que, mais ou menos cedo, se realisaram, vieram sempre a impedir a evolução posterior d'esses bosquejos de civilisação, e lançar no estado selvagem aquelles mesmos que parecia irem entrando n'um periodo superior de evolução politica e social.

Quando nós os portuguezes entrámos na Africa —rasgando pela vez primeira o espesso veu com que se cobria o mysterioso continente—encontrámos ali tres vastos imperios, onde se notavam os primeiros lineamentos de uma constituição politica, e as primeiras tendencias á organisação social e ao trabalho industrial e agricola. Eram profundos os vicios moraes que ainda persistiam; eram falsas e eivadas de superstições e de fanatismo feroz as crenças dos povos; o materialismo o mais repugnante dominava ainda os espiritos; corriam sem freio as paixões brutaes; a voz da razão mal se fazia ouvir, e a consciencia jazia no mais profundo entorpeci-

mento: mas, comparados com os povos nomadas, que vagueavam pela immensidade dos sertões, os tres imperios manifestavam uma superioridade indubitavel. O Mani-Congo, o Monomotapa e a Abyssinia, não eram eguaes entre si, nem se encontravam na mesma phase evolucionaria.

O vasto imperio de Mani-Congo era dado á idolatria; ali dominavam a polygamia e a escravidão. Os homens, entregues ao ocio e á vaidade, confiavam os trabalhos do campo ás mulheres e aos escravos; e não duvidavam alguns fazer dos proprios filhos, irmãos, e paes, vil mercadoria no vasto mercado de escravos, que em toda a Africa existia. O respeito pelos mortos e as suas ceremonias funerarias immediatamente se deduziam da crença, que tinham, de que o homem ao morrer não acabava de todo; mas ficava estreitamente unido á terra por laços mysteriosos de união, por assim dizer, material.

A tudo isto, como diz o padre Cavazzi, se sobrepunha «um exorbitante desconcerto, em relação ás «coisas pertencentes ao governo politico.» E accrescenta depois: «a este consideravel infortunio «está sujeito o reino do Congo, visto como se dilata «por montanhas inaccessiveis; o paiz e as provincias «mais afastadas da metropole difficilmente conser«vam a fé sob a devida obediencia, principalmente «quando, os que as presidem, levantando a fronte, «proclamam a rebelião.»

A fraqueza dos laços, que uniam entre si as differentes partes do imperio, e os vicios moraes, que se oppunham ao desenvolvimento da sua civilisação, bastam para nos explicar as suas divisões e a sua rapida decadencia.

Havendo a accrescentar, ainda, as invasões das tribus ferozes dos jágas, que percorriam, guiados por ousados chefes, a Africa central de leste a oeste, lançando a morte e o exterminio por toda a parte.

Do lado opposto da Africa— ao nascente e encostando-se ao rio Zambeze, como o imperio de Mani-Congo se encostava ao rio Zaire—se estendia o vastissimo imperio de Monomotapa. Divisões internas, resultado da pouca consistencia dos laços politicos, que entre si uniam as differentes partes do imperio, deram em resultado a separação d'elle em tres estados differentes; um dos quaes, o de Quiteve, tinha grande importancia. Aqui, n'este imperio de Monomotapa estavam situadas, ao que dizem alguns escriptores, as celebres minas de Ophir. Mas, seja ou não verdade esta opinião, o que é fóra de duvida é que existem ali minas de oiro, que parece serem de extraordinaria riqueza e de facil exploração.

Ao norte da Zambezia existiam, nos primeiros tempos em que os portuguezes occuparam Sena e Tete, tribus cafres da mesma raça dos Jágas, nomadas e ferozes, de que fallamos anteriormente. As invasões, e desordenadas excursões dos Zimbos

contribuiram aqui, do mesmo modo por que contribuiram na Africa occidental, para aniquilar todos os vestigios das civilisações primitivas.

A Abyssinia—o celebre imperio do Preste João dos escriptores portuguezes—é o terceiro imperio que, na época dos descobrimentos, encontrámos na Africa. Este imperio—por ser christão e pelas vagas idéas, que corriam então na Europa, sobre a existencia de um grande potentado christão, a que alludiam as mysteriosas tradições do oriente—fixou logo as attenções da Europa. Passou, na opinião dos povos, para a Africa o potentado asiatico, designado nas tradições pela denominação de Preste João.

Aos portuguezes cabe a singular gloria de haverem feito do chefe dos povos pastores das serras da Abyssinia o Preste João—esse grande e mysterioso imperador christão das terras orientaes.

As serras da Abyssinia, menos accessiveis ás incursões das tribus ferozes que vagueavam pelo deserto, foram o asylo a que se acolheram povos de diversa origem; constituindo um agrupamento heterogenio, onde se propagou o christianismo da seita dos Monophysitas. Este povo forte, mas pouco unido, quer pelos laços da nacionalidade, quer pelos da religião, alargou o seu dominio nos territorios circumvisinhos. Mas essa grandeza ephemera foi seguida de uma rapida decadencia pelas invasões dos Gallás que vivem nos proximos sertões. Foi

n'esse periodo de decadencia que encontrámos o Preste João; e, para quem ler com attenção a historia das missões portuguezas na Abyssinia, não ficará duvida que appressámos ou promovemos talvez essa decadencia.

Por toda a parte e com diversas raças, vemos os povos d'Africa lançar os primeiros lineamentos de estados semi-salvagens, capazes de abandonar a idolatria e de cultivar a terra; por toda a parte assistimos á destruição d'esses estados, pelas devastações que n'elles fizeram as tribus selvagens, nomadas e guerreiras: que vagueavam pelos sertões: tribus que professavam a idolatria, a escravidão e anthropophagia, como instituições sociaes.

II

Desenvolver o trabalho; crear nas povoações as necessidades mais singelas da civilisação; alargar os conhecimentos praticos dos processos, que os homens podem empregar para crear as riquezas; melhorar, ou mesmo n'alguns logares iniciar a agricultura, adequada ás qualidades do solo e do clima; facilitar

os transportes e fomentar o commercio; melhorar os costumes barbaros dos povos; educar e instruir; eis os meios de que podemos dispôr para transformar a Africa: cumprindo nós assim, os portuguezes, um dever social, e contribuindo poderosamente para o nosso proprio engrandecimento.

Por muitas vezes se tem repetido — e ainda hoje alguns dizem e escrevem — que os negros não são capazes de cultura; que não podem constituir sociedades susceptiveis de progresso; que estão condemnados a uma inferioridade irremediavel em relação ás raças brancas. Todas estas asseverações são infundadas, e muitas vezes tem sido dictadas pelo interesse ou por um absoluto desconhecimento das condições e evoluções da humanidade. Admittindo a celebre theoria de Darwin — se não como uma absoluta verdade, ao menos como um dos mais felizes ensaios para explicar a transição dos antigos organismos para os organismos actuaes — não podemos deixar de vêr nos povos africanos como os primeiros graus de uma civilisação, que se está formando sob as mesmas influencias moraes e physicas, que parece haverem presidido ás primitivas formações das civilisações, que hoje occupam o primeiro logar no mundo.

Se recordarmos o que os modernos estudos de anthropologia prehistorica nos tem feito conhecer, ácerca dos desenvolvimentos primitivos da civilisa-

ção humana, facilmente veremos que, em gra
parte, o estado actual dos povos africanos cor
ponde ás primeiras phases da civilisação, taes c
nos são reveladas pelos restos, modernamente
contrados, das edades primordiaes. Não é, p
com as sociedades modernas—tendo um alto g
de civilisação e dispondo de poderosos meios
communicação do pensamento, e de forças imm
sas para vencer as resistencias que a natur
oppõe ás creações da industria—que devemos c
parar os povos africanos. N'este caso a sua infe
ridade é manisfesta e incontestavel. Devemos faz
comparação com as condições do homem europ
quando elle ainda estava n'uma phase muito n
imperfeita da sua longa evolução; e só então po
remos formar uma justa opinião do que os po
d'Africa tem alcançado já e do que tem de alc
çar ainda, para chegarem, não ao apogeu da c
lisação—porque a humanidade ainda lá não che
em parte alguma—, mas ao grau em que a ve
na Europa de hoje.

Uma grande parte dos povos africanos conserva
no estado de tribus nomadas, outra encontra-se
estado pastoril; e uma parte apenas se acha fix
pela cultura imperfeita do solo, á terra em que
taciona. Encontra-se ainda na Africa o horrivel cr
da anthropophagia. As armas e utensilios ai
existem ali, como existiam na edade da pedra. Ai

se praticam os sacrificios pelos mortos. Ainda se levantam povoações lacustres, como nos tempos prehistoricos. As mais grosseiras superstições dominam os espiritos; a adoração dos feitiços arrasta os povos ás crendices as mais absurdas. Mas era superior o estado da Europa, não dizemos já nos tempos prehistoricos, mas na época da invasão dos barbaros e da queda do imperio romano?

Se nos reportamos aos escriptores da antiguidade, para termos idéa do estado em que se encontravam os povos barbaros, ser-nos-ha facil reconhecer, que não excedia esse estado aquelle em que hoje se encontram os povos africanos. O que dos germanos nos dizem Cesar e Tacito basta para comprehendermos o estado social, rude e simples, d'aquelles povos que viviam como caçadores e pastores, despresando a agricultura. Ainda que unidos em sociedade, os laços que os prendiam eram tão fracos, que cada individuo quasi que nada sacrificava da sua natural independencia á associação. O poder dos reis mais consistia em aconselhar do que em commandar: todos os negocios importantes eram resolvidos em commum. A vida nomada das populações fazia que ellas buscassem sempre mudar, para terras mais ferteis e logares mais ricos as suas estações; e por isso se iam precipitando umas sobre as outras, e invadindo o opulento imperio romano. As calamidades, que a Hespanha padeceu pela invasão dos

vandalos são descriptas n'estes termos por *Flavius*, escriptor contemporaneo. «Os barbaros, diz elle, de-«vastaram tudo com hostil crueldade. A peste não «era menos destructiva. Uma fome terrivel assolou «o paiz por tal modo que os vivos se viam obrigados «a devorar os mortos.»

Á invasão dos vandalos seguiu-se a invasão, não menos cruel, dos godos que primeiro se lançaram na Africa, onde praticaram a mais cruel devastação. Poucos factos semelhantes tem succedido na moderna Africa, apesar das numerosas invasões de umas populações negras no territorio das outras. Tambem aqui se tem levantado imperios e tem caido outros ao sopro devastador da guerra; outros se tem desfeito pelas luctas intestinas. As guerras entre pequenos chefes são frequentes; mas a crueldade implacavel, a não ser promovida pela superstição, é uma excepção. Os sentimentos brandos dominam quasi sempre.

Os povos primitivos da Europa eram antropophagos. Strabão e Plinio affirmam que os germanos e os celtas o eram: e Cesar conta que no seu tempo os vasconços praticavam a anthropophagia. Este atroz costume tende a desapparecer, dês que os negros estão em contacto com a civilisação; e, como dizem muitos viajantes, todas as povoações procuram occultar esse crime. Se o praticam é clandestinamente.

Por toda a parte as armas de guerra e de caça e os instrumentos de trabalho de metal se vão substituindo ás armas e instrumentos de pedra. A transformação será, em poucos annos, completa; e as consequencias tornar-se-hão bem evidentes, como sempre tem succedido.

O culto dos mortos — quando não acompanhado de superstições grosseiras — é uma prova da elevação moral dos que o praticam: e um primeiro passo para a civilisação, quando as superstições vão perdendo o seu caracter cruel, e vão procurando elevar-se em busca do que é espiritual e puro. Abundam ainda as superstições grosseiras em muitas partes da Africa; mas, se compararmos o que succede hoje com o que escrevem os padres Cavazzi, Fernão Guerreiro e João dos Santos, poderemos reconhecer os consideraveis progressos que tem feito a civilisação africana, e a parte que n'ella tomaram os portuguezes.

III

Leão, o Africano, fallando da ultima reg
Africa meridional,—que, para elle e para
criptores arabes do seculo xv, era mal conhe
reputada a ultima d'aquelle continente,—regi
bitada pelos negros, e a que elle chamou por
Terra-dos-Negros, affirma que havia alli povo
merciantes, bem governados e ricos. E obser
se encontravam anteriormente n'aquella regiã
tos reinos, porém que, no seu tempo, quinze
reinos, que visitou, se achavam sob o domi
tres reis.

Os geographos e historiadores da antig
parece haverem formado uma vaga idéa d'estas
lações negras ao sul do grande deserto; co
na sua celebre tentativa de circumnavegar a
Setaspes disse haver encontrado uma raça de h
de pequena estatura; vestidos de folhas de pal
vivendo em povoações, e possuindo gados; ti
e sem armas; isto é, encontrou negros meio
sados, vivendo a vida pastoril, e, demais, com

tação fixa em consideraveis povoações. Já 1:300 annos antes de Christo os egypcios conheciam os negros, por serem um dos tributos que os ethiopes lhes pagavam; e, demais, os negros acham-se representados nos monumentos egypcios, dançando, batendo as mãos ao som do tambor, exactamente como hoje se mostram no seio da Africa. O que os antigos conheciam dos negros tem uma importancia limitada, e de pouco nos pode servir para descobrir as transformações moraes e sociaes por que passaram, em tantos seculos, os povos d'Africa, propriamente ditos.

Na opinião de alguns ethnologos são os negros o typo completo dos homens barbaros e bestiaes; e até lhes negam a capacidade necessaria para se aperfeiçoarem e para darem mostras de possuir as faculdades, que caracterisam e distinguem o homem dos animaes. Pintam-n'os como tendo o craneo oval, a fronte deprimida, as maxilas proeminentes, os labios grossos, o nariz largo e achatado, os cabellos curtos e lanuginosos, os braços longos, as coxas magras, as pernas delgadas, os calcanhares salientes, os pés espalmados. Estes defeitos não caracterisam, porém, os negros, nem se encontram reunidos nos individuos da mesma tribu. As fórmas apresentam muitas variedades, e aproximam-se das fórmas que caracterisam as raças mais perfeitas. A propria côr da pelle passa por todas as gradações, desde o preto

de ebano, até ao esbranquiçado do mulato, e me:
á côr do cobre. Á grande variedade de fórmas e
côr corresponde uma não menor variedade no c
envolvimento das faculdades intellectuaes e nas a
dões physicas.

Segundo observações importantes de Reade,
tem merecido o assentimento de muitos anthrop
gistas — e entre outros de Peschel, no seu cele
tratado sobre *as raças do homem* — fórma o ne
tal como o suppõe a generalidade dos que po
conhecem a Africa, uma raça excepcional, que hal
o immenso trato de terra pantanosa comprehend
entre as montanhas e o mar, do Senegal a Bengue
assim como as terras baixas a leste de Africa. E
mesma raça — para lhe conservar a designação
lhe dá o auctor que citamos — se encontra em v
do lago Tchad, em Senaar, e ao longo dos
pantanosos. Divide o viajante, que estamos citan
os povos de Africa em tres grandes raças:

Os habitantes da Lybia: que vivem em terre
de origem vulcanica e são caracterisados por feiç
caucasianas: côr trigueira escura, e longos cabe
negros.

Nos terrenos petreo-arenosos, os habitantes te
um typo intermedio entre os anteriores e os negr
propriamente ditos. São mais negros; tem cabel
negros e frizados; os labios espessos e as ven
largas na base.

Finalmente, os negros de pelle negra, carapinha, e um grande prognatismo, vivem nos terrenos de alluvião e pantanosos.

O auctor, notando quando a sua opinião vae de encontro ás idéas geralmente recebidas, accrescenta: «Existe uma illusão a respeito do negro, «que não é difficil de explicar. Toda a costa de «oeste, e grande parte da de leste, é habitada pelos «negros. É natural que os negociantes e os resi«dentes na costa os tomem como typo das raças do «continente. Os escravos, transportados ao novo mun«do, eram quasi exclusivamente tirados d'estas re«giões; e tenho sempre observado que os escravos, «mesmo entre os negros, apresentam um typo de «inferioridade, comparado com o das populações «circumvisinhas.»

O fluxo das populações africanas, de leste para oeste, ou antes de nordeste para sudoeste, explica a mistura, ás vezes, de tribus de raça negra avermelhado com a raça perfeitamente negra. Sendo os defeitos de organisação dos negros o resultado da acção longa, persistente, perniciosa, da insalubridade dos terrenos da costa, onde dominam os pantanos, é claro que as modificações de fórma e de côr e as das faculdades mentaes devem mostrar-se tanto mais profundas, quanto mais longo for o periodo porque os africanos receberam essas influencias deleterias e degradantes. Por isso entre os negros da costa se

de inferioridade physica

Quando se com[illegible] os *angolenses* e os *fantis* da costa da Mina com os *jollofos* e os negros de Krú, é facil notar a superioridade de elegancia nas fórmas e de agudeza nos faculdades que, nos primeiros, se manifesta: mas se fizermos a comparação com os negros de Casamança e da Serra Leôa, ou com os das margens do Zaire, então notaremos, que n'estes o typo baixo dos negros se mostra com a maxima exageração.

Se esta opinião é verdadeira — e os factos em tudo parecem comproval-a de um modo irrecusavel — mostra ella que não devemos julgar das aptidões das raças africanas, pelos vicios de organisação dos negros escravos; nem julgar que aquelles povos não podem saber ser livres, quando existem tantos estados — mais ou menos rudimentares — na Africa, nos quaes se encontram fórmas de governo regulares, justiça formal, linguas bem constituidas, e mesmo alguma industria, a par de sentimentos moraes, que se podem comparar aos nossos, e que nem sempre lhes são inferiores.

IV

Os defensores interesseiros do trafico de escravos por longos annos proclamaram a inferioridade das raças negras, comparadas com as raças da Europa: e até este falso argumento, baseado só n'uma errada apreciação scientifica, serviu — nas relações internacionaes — para repellir conselhos e admoestações, dictadas por um espirito conscientemente christão e civilisador. Uma questão essencialmente scientifica, e que só pode ser livremente discutida na serena região da sciencia pura — a questão da unidade ou da pluralidade das especies no homem — foi trazida para a região perturbada e parcial dos interesses humanos; e, em vez de esclarecer o espirito e a consciencia das nações, augmentou ainda a confusão dos espiritos por algum tempo, e radicou n'algumas intelligencias, pouco esclarecidas, a convicção da inferioridade irremediavel dos povos africanos.

A verdade é, que a idéa da especie e da persistencia dos seus caracteres tem soffrido profundas modificações, em consequencia dos estudos moder-

nos, e das idéas, geralmente admittidas, do celebre Darwin. As fórmas animaes não se renovaram em cada edade geologica da terra; mas passaram por successivas e lentas transformações, adaptando-se ás circumstancias naturaes; obedecendo, por assim dizer, ás influencias externas; e preparando-se, por uma selecção natural, a resistir ás causas destruidoras que, successivamente, as tem ido cercando. A successão das especies, na opinião racional de Darwin, liga-se estreitamente com o passado por uma causa ou outra; não ha solução de continuidade, e por isso mesmo não ha, dentro da mesma fórma typica, profundas separações, profundas differenças, que, applicadas á humanidade, possam auctorisar essas divisões, em que se quer achar a superioridade absoluta de uns, á custa da inferioridade absoluta e irremissivel de outros.

Uma das melhores provas de que as diversas fórmas do homem são o resultado da adaptação lenta do typo humano ás circumstancias do clima e dos meios em toda a sua extensão considerados, é o phenomeno da acclimação. Esta não pode fazer-se senão lentamente: quando se pretende obter subitamente, raras vezes deixa de ser fatal aos individuos, e mais raras vezes ainda deixa de ser fatal á reprodução. Quanto seja funesto aos recemchegados o clima da Africa todos o sabem. Ha raças mais aptas do que outras para resistir a acção deleteria

da mudança de região, o que depende das aptidões organicas e da mais ou menos profunda differença dos climas; d'aquelle d'onde se saiu e d'aquelle em que se entrou.

O sêr humano é um todo, uma harmonia. Quando essa harmonia se quebra, o resultado é fatal. Por isso, quando uma influencia poderosa se faz sentir, pertubando a harmonia, é preciso tempo para esta se restabelecer; o que se não consegue senão pela modificação simultanea e correspondente de todos os orgãos. Em quanto esta se não dá, não existe a adaptação ao novo clima; o perigo persiste. Estas rapidas considerações, que a natureza d'este trabalho não deixa desenvolver, vem corroborar a opinião, que citámos anteriormente, de que o negro da costa e das terras pantanosas — o supposto typo africano — não é senão uma degenerescencia, uma verdadeira depressão das raças mais robustas e mais perfeitas, de fórmas e de faculdades, que povoam o largo continente.

Por vezes se tem insistido sobre a pequena capacidade do craneo dos negros, comparada com a das raças que se reputam superiores, para demonstrar a sua inferioridade. Mas deve-se observar, que são muito incompletas e pouco numerosas as observações até hoje feitas, e, de mais, que as differenças não são tão consideraveis como geralmente se pensa. A isto ha a accrescentar outra observação,

e é que, com os seculos e os effeitos da civilisação, as dimensões do craneo, mesmo nas raças europeas dentro do periodo historico, tendem a augmentar; como o tem provado as observações. Nas mais remotas épocas geologicas, de que se tem encontrado restos humanos; quando o homem vivia com as especies extinctas dos animaes, que caracterisam antigas formações: quando a sua industria, os seus costumes, o seu modo de ser, eram em tudo comparaveis aos que hoje se encontram entre os selvagens; já então se pode notar que no homem existiam os caracteres essenciaes do typo, e que a cavidade craneana não era em todos a mesma; embora, por derivações e transformações, todos chegassem a constituir as raças europeas modernas, caracterisadas pela civilisação, e pela aptidão manifesta para um progresso indefinido. Pois o que se deu e se dá nas raças europeas, porque admittiriamos que se não haja de dar nas raças africanas?

Que as raças negras de diversos cambiantes, que existem na Africa, são susceptiveis de progresso, são capazes de transformações profundas nos seus usos e até nas suas idéas as mais elevadas, basta conhecer a historia da Africa para o perceber. Que ha nos negros disposições para ter os mais elevados sentimentos e modificar os seus usos, basta, para o avaliar, o estudo attento do que nos dizem os viajantes modernos. O uso do arco, como arma de

guerra e de caça, é um verdadeiro progresso que já data de remotos tempos. A supresssão das setas envenenadas, que davam a morte inutil e traiçoeira-mente, é outro progresso, mas de natureza puramente moral.

Em apoio do que levamos dito temos a citar, com verdadeira satisfação, um livro muito bem pensado, cheio de factos e de apreciações da mais elevada importancia, ultimamente publicado pelo sr. A. F. Nogueira. É um estudo, que tem para nós o maior valor, pela lucidez e sincera lealdade com que está escripto. Vê-se, pela obra do sr. Nogueira, quanto a hospitalidade e a gratidão tem poder no espirito dos negros da raça Bantú, que occupa a maior parte da Africa equatorial e austral; assim como se podem avaliar os progressos intellectuaes, verdadeiros, alcançados pelos negros nos ultimos tempos. N'um estudo do mais alto interesse, sobre os povos Ba-Nhaneca e Bam-Kumbi, diz, com razão, o illustrado escriptor: «Na nossa opinião, e sem pretendermos «decidir na materia, o estado social dos povos a «que nos temos referido, não é certamente superior «ou preferivel ao nosso: mas, apesar das imperfeições «que lhe são proprias, assenta em bases naturaes, «que nós deviamos estudar com mais attenção, não «para as seguirmos cegamente, abandonando o que «de bom e util temos conquistado, mas para emen-«darmos muitos erros.»

Esta é a synthese do livro a que nos referimos, e que devemos considerar uma das melhores confirmações de quanto temos dito.

V

Quando estudamos as raças africanas, a fim de conhecer as suas aptidões para a transformação successiva, intellectual, moral e physica, que conduz os homens á civilisação, não podemos deixar de fixar a attenção n'um phenomeno importantissimo, que na Africa se tem passado e se passa agora mesmo. É a rapida propagação do islamismo pelos sertões, e a manifesta influencia, que elle tem sabido rapidamente adquirir alli.

Nas regiões do norte do grande continente—as unicas que os antigos conheciam, pode dizer-se—o christianismo teve um periodo de prosperidade e gloria, teve grandes theologos, fez numerosos proselytos; mas tudo desappareceu diante da invasão, barbara e violenta, dos sectarios de Mahomet. Quando Akbah, o conquistador, atravessando de um a outro extremo os estados da Barbaria, veiu a encontrar

as praias do Atlantico e o Grande Deserto, foi detido na sua marcha vertiginosa. Conta-se que, mettendo o seu cavallo pelas ondas do mar, o conquistador, qual novo Alexandre, exclamou: «Allah! se o mar não detivesse a minha carreira, eu iria aos reinos desconhecidos do oeste, prégar a unidade do teu santo nome, e passar á espada as nações rebeldes que adoram outros deuses!» Annos depois, Muza conquistou a Hespanha; e os missionarios musulmanos atravessaram o deserto, sujeitaram os selvagens *tuaregs*, chegaram a Tambutu, converteram os negros jolofos, mandingas e fulas; e, voltando para o oriente, propagaram as suas crenças pelos reinos que cercam o lago Tchad, onde encontraram outros musulmanos que vinham do oriente.

Ainda hoje prosegue o islamismo as suas conquistas na Africa. E não se pode pôr em duvida, á vista das informações repetidas dos viajantes, que o islamismo tem consideravelmente melhorado o estado da civilisação rudimentar dos negros. O negro, convertido da idolatria á religião de Mahomet, adquire o sentimento da dignidade da natureza humana, que é o primeiro, o mais seguro passo, no caminho da civilisação. D'isto são notavel exemplo os *Mandingas* e os *Fulas*, onde o islamismo penetrou ha longos annos; a sua superioridade, em relação aos outros negros, é inquestionavel, em quanto a cultura e civilisação. E não se creia, que a propagação da reli-

gião mahometana na Africa é o fructo da violen
não se pense que é feita á espada, pelo terror
verdadeiros missionarios arabes, que a promov
a vão, de tribu em tribu, prégando aos selva
africanos. A intolerancia primordial do islam
tende a desapparecer aqui, talvez em consequ
do espirito pouco ardente em religião e dem
damente positivo d'aquelles povos primitivos. É
rém de notar, que nas povoações musulmanas se
envolve rapidamente o desejo de aprender. Ha n
rosas escolas mahometanas, frequentadas cor
siduidade por muitos discipulos, que vem por
de localidades afastadas.

Os viajantes, não dominados por preconc
são acordes em affirmar estes factos. Entre o
o celebre Mungo Park, que atravessou os terri
de muitas tribus convertidas ao islamismo. Dos
dingas mahomentanos, diz elle, que são uma
bondosa, hospitaleira, credula e desejosa de a
der. A propensão ao roubo, muito commum
os barbaros, não é maior n'aquelles povos d
em muitas nações da Europa. Das mulheres f
viajante em termos muito benevolos; porque se
as encontrou compassivas, amigas da verda
boas mães de familia. Tratando das escolas m
manas o distincto viajante faz d'ellas uma aprec
elevada.

Não são escolas muito desenvolvidas, ne

mestres possuem uma alta instrucção; mas, apesar de humildes, não merecem o despreso com que são tratados pelos missionarios. Uma escola que Mungo Park conheceu de perto, era dirigida por um mestre mahometano nada intolerante, e frequentada por uns setenta rapazes; o mestre possuia o alcorão com alguns commentarios e um numero consideravel de manuscriptos arabes. Na escola havia exames, e os moços negros sabiam muitos dos factos e conheciam os livros do Velho Testamento, traduzidos em arabe.

O dr. Barth, que realisou extensas viagens no norte e centro da Africa, nota o rapido desenvolvimento que tem alli tomado o islamismo. «Grande «parte dos barbaros do deserto, diz elle, eram chris«tãos, e posteriormente mudaram de religião e ado«ptaram o islamismo;» e accrescenta; «uma conti«nuada lucta, que cada vez se estende mais, parece «destinada a opprimir os povos do equador, se o «christianismo não deixa de disputar o terreno ao «islamismo»: porque, segundo o dr. Barth, só o mahometanismo parece capaz de manter uma especie de governo na Africa; e, o que ha de mais importante é que, formaes palavras: «ha um principio «vital no Islam, que basta só ser excitado por um «reformador, para levar a cabo grandes feitos.» Não partilhamos o enthusiasmo do dr. Barth, mas não podemos deixar de ponderar os factos, por tantos

viajantes confirmados, e buscar tirar d'elles consequencias legitimas.

Um missionario christão, de raça negra, citado por B. Smith, n'um livro recente (*Mohammed and Mahommedanism*), escreve «a superioridade do negro mahometano é clara, segundo a minha observação e experiencia. Se os christãos, que são tão «exagerados em denunciar o mahometismo, podessem viajar, como eu, através d'estes paizes no «interior da Africa occidental, e observar, como eu «tenho observado, o enorme contraste entre as com«munidades pagãs e mahometanas — a habitual «apathia e continuada deterioração de umas e a «actividade e crescimento physico e moral das outras; «a caprichosa e irregular administração da lei, ou «antes, a ausencia de lei n'umas, e a tendencia á «ordem e regularidade nas outras: o uso pertinaz «de bebidas espirituosas n'umas, e a rigida sobrie«dade e abstinencia saudavel nas outras — elles ces«sariam de considerar o systema musulmano como «um mal sem compensação no interior da Africa.»

VI

Como anteriormente observámos, é quasi geral nos viajantes da Africa a observação do rapido crescimento do islamismo, ainda nas mais remotas regiões. Uns dão á propagação do Alcorão uma importancia decisiva na civilisação africana; outros julgam, que essa propagação pouco pode influir no melhoramento dos negros; comtudo uns e outros reconhecem o facto, e não podem negar que, da acção do mahometismo tem resultado um estado superior ao primitivo estado de idolatria brutal, cheia de superstições as mais tenebrosas.

Tylor, no seu livro sobre *A civilisação primitiva*, nota que a asserção, de que existem povos grosseiros sem religião alguma, ainda que possivel em theoria, se não acha confirmada pelos factos. Se se consideram religiões unicamente as theologias, mais ou menos complicadas, das raças superiores, a asserção é verdadeira; mas se o sentimento religioso se toma ainda nas suas mais rudimentares manifestações, então a affirmação de Tylor é perfeitamente

exacta. «Até onde eu posso julgar, diz Tylor, pela «enorme massa de testemunhos até agora conheci-«dos, devemos admittir que a crença em seres es-«pirituaes existe em todas as raças inferiores, com «as quaes temos feito relações sufficientemente in-«timas; emquanto que a asserção contraria se não «applica senão a antigas tribus, ou a tribus moder-«nas mais ou menos imperfeitamente descriptas.»

Existe no homem, em todos os estados de desenvolvimento, a doutrina, profundamente radicada, da existencia de seres espirituaes. É esta crença que o philosopho inglez denomina *animismo*. O *animismo* pode considerar-se a condição fundamental da humanidade. Mas que differenças, em religião propriamente dita e em moral, comparando o *animismo* primitivo e o das religiões dos povos civilisados, desde as mais imperfeitas e falsas até ao christianismo, a mais pura das religiões e a mais perfeita em moral, nas suas origens primeiras e essenciaes!

«O animismo caracterisa as tribus mais inferio-«res na escala da humanidade; depois, deste pri-«meiro grau, modificado profundamente no curso «da sua ascenção, mas do principio ao fim guar-«dando a continuidade perfeita, sobe, e se eleva «até á altura da nossa civilisação moderna.»

O negro com os seus *feitiços* é uma das mais rudes expressões do *animismo*. «Na idéa do negro, «diz o professor Vaitz, um espirito vive, ou pode fi-

«xar-se n'um objecto material, qualquer que elle «seja; e, muitas vezes, um espirito muito grande e «poderoso pode habitar n'um objecto insignificante. «Elle não pensa que o espirito esteja preso para «sempre ao objecto meterial que habita; mas ima«gina, unicamente, que d'este objecto faz a sua prin«cipal morada. N'uma palavra, o negro estabelece, «frequentemente, uma distincção entre o espirito e «o objecto material que este habita; algumas vezes «mesmo oppõe uma á outra coisa; mas, a maior «parte das vezes, combina ambas para formar d'ellas «um todo e este todo é o *feitiço.*» O feitiço vê, ouve, comprehende e obra; o seu possuidor adora-o, falla-lhe com familiaridade como se fôra um amigo intimo; derrama sobre elle libações de rhum; e, em occasião de perigo, a elle se dirige, para lhe chamar a attenção. Os espiritos vivem nos rios, lagos fontes, formigueiros, arvores, crocodilos, macacos, serpentes, passaros, etc. E tudo isto são feitiços. É um modo particular do culto da natureza. São tantas as reminiscencias, que de tudo isto encontramos na historia e nas superstições antigas da Europa, que não podemos pôr em duvida, que o nosso actual estado foi precedido de outro, que muito se assemelhava ao dos africanos de hoje. — Em nome, pois, de que facto positivo podemos nós affirmar que os negros são menos capazes de cultura e de civilisação do que nós?

Essa doutrina dos espiritos da natureza, que habitam e dominam o céo, a terra, o mar, transformou-se facilmente na doutrina do grande espirito; do espirito soberano, que acaba por se personificar na Asia em *Brahma*, a alma universal; e na Europa na philosophia pantheista. «O universo é um todo de que Deus é a alma» como disse um grande philosopho. O celebre Comte disse que a concepção da alma do universo, entre os antigos, e o pantheismo obscuro do nosso tempo, não são mais do que o feiticismo generalisado e systematisado. É isto uma grande verdade, que lança viva luz n'esta transformação obscura do espirito humano.

A theoria do progresso é a que a historia nos demonstra por fórma incontestavel, quando a sabemos consultar com a seriedade e o desejo de chegar á verdade, com que ella deve sempre ser avaliada. A partir das mais remotas edades, o progresso apresenta-se como o facto dominante da historia, e a degenerescencia como um facto secundario. Só a cultura adquirida se pode perder; e nunca se vê desapparecer uma civilisação, cujos primeiros progressos nos sejam inteiramente desconhecidos. Os progressos, uma vez conquistados, persistem; senão no mesmo povo, ao menos nos povos com que este mantem relações.

De quanto fica dito vê-se que o islamismo, apesar dos seus erros, é, em relação á idolatria dos

eitiços, um verdadeiro progresso. A idéa de Deus, substituindo-se ao *feiticismo,* eleva o espirito, e torna sensivel a harmonia da natureza. Livre de um exagerado dogmatismo, e desprendida de rigorosos preceitos de moral, uma religião que prega a unidade de Deus é, para os idolatras dos feitiços, um progresso verdadeiro. A idolatria dos negros necessariamente os leva a não se interessarem, senão pelas coisas que, physicamente, os impressionam e lhes causam prazer ou terror. O monotheismo mahometano ensina-lhes a apreciar as causas moraes das coisas e os seus effeitos puramente espirituaes.

VII

Para dar certa ordem aos nossos estudos anteriores — ácerca da influencia que sobre os negros exerce a propaganda musulmana — parece-nos conveniente citar a opinião de dois viajantes, dotados ambos de um alto espirito de observação, e que, conhecendo bem o assumpto de que tratavam, percorreram partes oppostas da Africa; não estão elles inteiramente de accordo no modo de apreciar esta questão complexa e difficil.

O bem conceituado W. Reade, já por nós muitas vezes citado, diz, ao terminar a narração da sua interessante viagem pela costa occidental da Africa, na região equatorial:

«Se, nem o commercio europeu, nem a protecção «militar, nem as missões christãs, podem civilisar «este paiz, o que se deve fazer? Deve a Africa ficar «selvagem?

«Não. A grande obra do progresso deve cum-«prir-se, quer sem a ajuda europea, quer sob as «vistas dos europeus. O continente será civilisado, «os africanos serão convertidos por meio de uma «religião.

«Será a mesma religião que, sob differentes no-«mes e fórmas, civilisou os hebreus por meio de «Moysés, e o mundo occidental por meio de Jesus «Christo. Será a religião de Deus, cujas leis e ce-«remonias externas differem tanto, mas em que o «elemento divino se conserva immutavel.

«Mahomet, um servo de Deus, remiu o mundo «oriental. Os seus adeptos andam a remir a Africa.

«Os africanos estão hoje no mesmo estado em «que estavam os arabes, antes de Mahomet. As leis, «por isso, que aquelle grande propheta prescreveu «para a conversão de uns, são perfeitamente apro-«priadas para os outros.

«Os africanos são bebedores. O alcorão prohi-

«be-lhes tocarem no vinho ou bebidas espirituosas.
«—Elles são jogadores: ao norte da Guiné um ho-
«mem jogaria de uma vez, bens, mulher, filhos e a
«propria liberdade. O Alcorão prohibe-lhes o jogo.
«—São viciosos e voluptuosos. O Alcorão prohibe-
«lhes o terem mais de quatro mulheres.—Não
«sabem pôr limites aos seus appetites. O Alcorão
«compelle-os a um tempo de jejum annualmente:
«durante um mez inteiro não lhes é permittido tocar
«em coisas de comer ou beber, de pela manhã até á
«noite.—Os africanos são idolatras. Teem sacrifi-
«cios humanos e muitos ritos barbaros. O Alcorão
«abule isso tudo.

«Os africanos são frivolos e affeminados: gastam
«as noites a cantar e a dançar. O Alcorão prohibe
«taes divertimentos. Aos musicos não é permittido
«tocar e cantar, salvo em honra de Mahomet.

«Os africanos são todos ladrões. Não teem noção
«alguma de honra a este respeito.—Os africanos
«dizem uma mentira mais facilmente do que uma
«verdade. A falsidade, assim como o pequeno roubo,
«não é considerada entre elles como uma culpa.
«Quão differente, porém é isto mesmo entre os ne-
«gros musulmanos!—Uma das primeiras lições
«—escreve Mungo-Park—em que a mulher Man-
«dinga instrue os seus filhos, é *a pratica da ver-*
«*dade*. Na casa em que uma infeliz tem o filho mor-
«to pelos bandidos mouros, a sua unica consola-

«ção, na sua pena extrema, é o lembrar-se que «o pobre rapaz, no curso da sua innocente vida, «nunca dissera uma mentira.

«Os africanos não teem linguagem escripta, nem «cultura mental de nenhuma especie. Mas, onde os «mahometanos vão, levam comsigo os seus marabús «e os seus alcorões. Em toda a povoação mahome-«tana ha uma escola publica e uma livraria. Na «escola ensina-se ás crianças a ler o Alcorão, e a «escrever n'uma taboa, com um lapis de carvão. É «curioso vêr um d'estes seminarios, estabelecido de-«baixo de uma arvore de sombra, no centro da «aldeia; o grave marabú com as suas roupagens «azues, e o seu barrete vermelho na cabeça; e, em «roda d'elle, um certo numero de rapazes negros: «alguns negros, como fuligem, gritando em arabe «com facilidade, e levantando nas mãos as suas ta-«boas para lh'as corrigirem.

«A livraria publica consta, principalmente, de «diversas copias do Alcorão; algumas das quaes «são bellos exemplares de calligraphia. Tem tambem, «com frequencia, a traducção arabica do Pentateuco, «a que chamam *Torat Mouza;* os psalmos de Da-«vid, *el Zabour Dawidi;* e mesmo o evangelho de «Jusus, *el Iudjil Soa.* Conservam tambem registos «publicos e lembranças, o conhecimento dos quaes «seria muito interessante para o viajante que co-«nhecesse a lingua arabe.

«O grande vicio nacional dos africanos é a indo-
«lencia. Não tem nenhum exercicio de forças. Ad-
«miram-se de que os brancos passeiem, só pelo
«gosto de andar. Mas os mahometanos, que pro-
«hibem o dançar, substituem a isto outros exerci-
«cios, taes como a equitação, o arremeço de setas,
«etc. Entre os negros, as creanças ficam todo o dia
«ao sol. Entre os mahometanos estão sempre acti-
«vos; e tem um jogo, no qual uns aos outros se
«lançam bolas. Isto é só por si um signal de supe-
«rioridade. Nos brinquedos das creanças se podem
«descobrir os instinctos de uma nação.

«Assim o afeminado dos africanos pode ser mo-
«dificado pela austeridade religiosa. A sua barbarie
«pode ser abolida. Os seus vicios podem ser des-
«truidos.»

O celebre viajante G. Schweinfurth, percorrendo os territorios ao longo do Nilo até ás suas regiões superiores e ás margens do Mar Vermelho, teve occasião de estudar profundamente a acção do mahometismo onde elle justamente conserva melhor o seu caracter barbaro, violento e intolerante; onde elle se não propaga tanto pelos missionarios como pela força. Eis as opiniões do illustre sabio sobre a questão:

«Ha um ponto em que todos estão unanimes:
«o de que do islamismo nenhuma ajuda se pode

«esperar, e que com o islamismo nenhum accordo «se pode fazer. O segundo sura do Alcorão começa «pela prescripção: «Para abrir caminho para Deus, «mata aquelles que te quizerem matar; mas não «sejas o primeiro a começar as hostilidades, por«que Deus não gosta dos peccadores; mata-os onde «os encontrares: expulsa-os do logar d'onde elles te «quizerem expulsar, porque a tentação é peior do «que um golpe mortal.» O islamismo, filho dos de«sertos, por toda a parte derramou a desolação, e, «onde penetrou, os desertos se tornaram negros e «aridos como os rochedos da Nubia e da Arabia, «e, sob a sua influencia, cada nação, de Marrocos ás «ilhas de Sunda, se congelou em massa homogenea; «inexoravelmente, leva tudo ao mesmo nivel, apa«gando sem remorsos todos os traços de nacionalidade ou de raça.

«Que seja o islamismo capaz de progresso é uma «mera supposição creada pelos livros, e sem fun«damento; não ha tambem nada que prove, que caiu «em decadencia; a sua condição parece ser a de «uma perpetua infancia. Os seus discipulos são como «os germens da vagetação, que dorme nas areias «dos valles do deserto; uma gota de chuva, um «mero nada, chama-os a uma vida transitoria; as «plantas deitam flôr, produzem fructo, e depois «morrem, e tudo fica de novo, ainda mais queimado, «n'um longo e profundo somno.»

Ainda que pareçam contrariar-se estas duas opiniões, não deixam de estar conformes. Embora não seja o islamismo capaz de seguir o progresso, que caracterisa a civilisação moderna,—o que é incontestavel,— comtudo, em relação á idolatria e crença nos feitiços dos negros, o islamismo é um progresso. Schweinfurth estava principalmente preoccupado com a grave questão do trafico de escravos, e sob este ponto de vista a acção dos mahometanos não pode ser considerada senão como funesta na Africa; mas, em relação ás idéas e aos costumes dos selvagens, a opinião de Reade é verdadeira. O islamismo é um melhoramento, é um progresso.

Faremos ainda algumas reflexões sobre o assumpto.

VIII

Notava já o P. Gavazzi, que os negros se
lham muito da sua origem, e da sua antiguid

«Tem estas nações uma pertinaz estima da
«pria origem, exaltando-a com as excellenci
«todo o mundo.»

Por estas opiniões, confusas e mal difinidas
os negros teem de si, se vê que hão de com
culdade supportar a idéa, que outra raça s
julgue superior, e queira fazer-lhe pezar un
superioridade. As tribus negras teem o sentir
da egualdade profundamente arreigado; e, nas
constituições rudimentares domina, quasi sem
principio essencialmente democratico. O islam
nunca intentou destruir a organisação dos
primitivos em tribus, onde o espirito exclusivo
nava e onde havia o direito da propria tribu
os seus chefes. «Os homens são eguaes como os
«tes de um pente.» «Todos os homens são filh

«Adão, e Adão foi formado de pó» diz o alcorão: e accrescenta, para não destruir todos os preconceitos da nobreza na tribu: «Os que eram nobres «ao tempo do paganismo, ficarão nobres sob o is«lamismo, com tanto que prestem homenagem á ver«dadeira sabedoria» o que quer dizer, com tanto que se façam musulmanos.

A principio, os sectarios do alcorão propagavam a sua fé pela espada; hoje faz-se isto na Africa pelas pregações dos marabús. Mas os caracteres fundamentaes do islamismo são os mesmos. E ha n'elles alguns que influem, poderosamente, no espirito das tribus negras, como, em outras eras, influiram nos beduinos e nos berberes.

O islamismo não abule, mantem a escravidão; mas, deve accrescentar-se, que promove a emancipação dos escravos, e promulga o principio de que todo o escravo, que abraça o islamismo, fica livre *ipso facto;* demais, cuida em que nenhum castigo recaia sobre o escravo emancipado, e em que os que permanecem escravos sejam bem tratados. «Cui«da, disse o propheta, em os sustentar do mesmo «modo que a ti mesmo, em os vestir como a ti te «vestirás; porque elles são os servos de Deus, e não «devem ser atormentados.» Quando os mahometanos invadiram a Hespanha, os servos, encontrando o apoio do islamismo, abraçaram no seu maior numero esta religião. Os prelados catholicos, como

dizia Santo Agostinho, tinham feito acceitar a religião catholica, mas não a tinham feito amar, não tinham tido occasião «de se fazer pequenos, de mur-«murar com elles as primeiras palavras da verdade, «assim como um pae gosta de balbuciar as primei-«ras palavras com o filho.» Este grande erro, de que Santo Agostinho accusava o clero do seu tempo, parece dominar nos modernos tempos o espirito de grande parte dos missionarios christãos, que vão á Africa. Não admira: se nos lembrarmos de que Santo Isidoro, bispo de Sevilha—depois de confessar diante de Deus, que todos os homens são eguaes, e que o peccado original, origem da servidão, foi remido — adopta as opiniões de Aristoteles e Cicero sobre a escravidão, isto é, de que «a natureza «creou uns homens para dominar e outros para obe-«decer» e de que «não ha injustiça em que sirvam «os que não sabem governar-se.»

O sr. W. Reade, que se mostra muito favoravel á propaganda mahometana na Africa, diz, fallando dos escravos: «Este povo tem sido escravisado egual-«mente por christãos e mahometanos. Os christãos «tem-n'os degredado, tem-n'os afastado duramente «de todo o progresso, infligindo-lhes mil crueldades. «Os mahometanos, por sua parte, tem-n'os elevado, «educado e tratado com paternal bondade.» Sem tomar á letra as palavras do escriptor inglez, não se pode deixar de notar que, sob a influencia mahome-

tana, os escravos são protegidos pela lei e pela religião; e por isso se não pode considerar um escravo, na verdadeira accepção da palavra. E a propria palavra mesmo, poucas vezes se encontra na linguagem do alcorão. Aqui a phrase consagrada é «aquelles que a mão direita possue» isto é, aquelles que perderam a liberdade pela conquista, que são captivos. O senhor que trata bem os seus servos é acceito de Deus; o que abusa do seu poder será expulso do Paraiso.

O viajante Schweinfurth, apesar de attribuir aos musulmanos a conservação do trafico na Africa oriental, no que tem razão, diz:

«O bom tratamento dos escravos, e bemestar de «que estes gozam, em comparação da dureza e nu«dez das suas habitações, são coisas que muitas «vezes se allegam para attenuar os males da escra«vidão do Oriente. É sem duvida verdade, que o «contraste no trabalho dos escravos é muito grande; «e, ao passo que os europeus teem considerado os «seus escravos pouco acima de uteis animaes do«mesticos, o escravo oriental é um mero objecto de «luxo.»

A propaganda feita pelos europeus tem ido sempre de encontro a obstaculos invenciveis. O orgulho com que queremos fazer sentir aos negros a nossa

superioridade de raça: a cubiça dos traficantes
escravos; a difficuldade em aceitarmos como irm
e eguaes os negros, ainda depois de abraçarer
christianismo; a ambição insaciavel de lhes c
quistarmos as terras, em vez de lhes ensinar a c
tival-as livremente; o systema de lhes impor á fo
o nosso dominio; a insistencia tenaz em irmos
encontro aos seus usos e idéas, algumas das qu
são fundadas em causas naturaes, que se não pod
contradizer facilmente; e a indolencia com que
temos até hoje esquecido de ensinar aos povos s
vagens a verdadeira superioridade da nossa civ
sação, que é o dominio do homem sobre as for
da natureza pela sciencia, e as maravilhas com q
a industria usa d'essas forças prodigiosas da na
reza, para obter os productos que satisfazem ás n
sas necessidades.

A verdadeira superioridade da civilisação chri
sobre toda a outra civilisação é a moral; e por e
uma larga organisação social, fundada na egualda
de todos os homens, na paridade de todas as raç
e no progresso em commum de toda a humanida
Tudo o que possa levar essa convicção ao espir
dos selvagens africanos ha de contribuir mais pa
a sua civilisação do que qualquer exposição, nec
sariamente imcompleta, de doutrinas que elle n
pode comprehender, e que lhe fallam ás suas fac
dades intellectuaes entorpecidas, em vez de exer

rem salutar influencia na sua actividade sensorial: naturalmente exaltada, onde a razão está pouco desenvolvida.

IX

De quanto anteriormente fica exposto se vê que o estado de desenvolvimento intellectual, moral, social e religioso dos negros não é o mesmo por toda a Africa; antes apresenta grandes diversidades, que bem mostram serem estes povos susceptiveis de aperfeiçoamento, e aptos para a civilisação, tal como nós a concebemos e praticamos. É uma evolução incompleta a que se dá n'aquelle vasto continente; mas que poderá completar-se, rapidamente, pela acção, e pelos exemplos de outros estados, mais perfeitos de civilisação: comtanto que estes se mostrem mais favoraveis, e mais proveitosos, para o bem-estar de povos,— hoje selvagens ou quasi selvagens,— do que o seu actual estado o pode ser e não abusem da superioridade, que tem, para melhor fazerem sentir a sua força.

Isto tudo é a confirmação do que assegura, fundado sobre os factos, o sr. Nogueira no seu livro interessante,— que já citamos — intitulado *Raça*

Negra. «A raça negra, diz, não é menos bem do-
«tada a esse respeito (a respeito de bons ou maus
«sentimentos), do que qualquer outra; o seu cara-
«cter mesmo prima pela docilidade, pela resignação
«ao soffrimento; e é notavel que, ao passo que nos
«querem apresentar o negro como uma fera, quando
«se vinga, se procura ainda rebaixal-o, quando se
«resigna, explicando essa conducta pelas suas bai-
«xas virtudes», pela sua «inferioridade moral!»

São muitas as accusações, que os viajantes formulam contra os povos africanos; mas são, quasi sempre, taes accusações o resultado de um conhecimento incompleto dos sentimentos, das paixões, dos usos de raças mal conhecidas, a que os viajantes se conservam estranhos, e que querem julgar, por comparações com os povos denominados civilisados, que sabem melhor encobrir os seus vicios e disfarçar a sua ignorancia, e até, muitas vezes, a sua falta de senso moral e de religião.

«Eu estive, diz o sr. Nogueira, doze annos entre
«varios povos do interior de Mossamedes, e confesso
«que nada vi que confirme as asserções que ahi
«deixo expostas.»

E prosegue: «O estado dos povos a que me refiro,
«apresentando todas as gradações, desde a vida
«verdadeiramente selvagem, errante e nomada, até
«á sedentaria e agricola, nada offerece por onde se
«possa concluir, que elles sejam absolutamente inca-

«pazes de se elevarem á vida civilisada. Se uns per-
«manecem no mais baixo da escala, outros sobem
«muito alto e mostram-se aptos para passarem a
«um grau muito mais elevado.»

Accusam-se os negros de indolencia no trabalho; e é verdade. Mas tambem é verdade que, no seu estado actual, nada os excita ao trabalho; não só porque são muito limitadas as suas necessidades, mas, sebretudo, porque a escravidão, como instituição permanente, é destruidora de toda a iniciativa, de toda a energia individual.

A opinião da Europa ácerca da escravidão está hoje inteiramente formada. A reprovação é universal e irrevogavel ; e tem razão a Europa, não só sob o ponto de vista puramente humanitario, mas ainda sob o ponto de vista do interesse material e do desenvolvimento progressivo da civilisação africana. Não se deve porém occultar que grandes espiritos, observadores conscienciosos, não teem lançado uma condemnação absoluta sobre a escravidão na Africa. Assim, o viajante W. Reade, cujas opiniões, lucidas em geral, temos por vezes citado, escreve: «A escravidão, ou antes a servidão, é uma «necessidade na Africa onde, se a maxima de Ale-«xandre,— «é o trabalho real, e a preguiça é ser-«vil—» se deve considerar exacta, ninguem é livre. «A preguiça é o estado natural do homem, da qual «a necessidade primeiro e a ambição depois o podem

«libertar.» O remedio d'este mal é a liberdade e a civilisação, como o proprio escriptor parece reconhecer logo adiante. «Em Inglaterra, diz elle, como «tratamos nós os homens validos, que andam men«digando pelas ruas? Mettemol-os na prisão, e obri«gamol-os a trabalhar. A Africa é habitada por ho«mens validos, que não são obrigados a trabalhar «pela fome, não precisam vestir-se, e que nem ambi«ção nem desejo de luxo teem.» Creadas as necessidades da civilisação, e elevada a dignidade pessoal nos negros, elles trabalharão e sentirão a necessidade de ser livres.

O celebre Schweinfurth, inimigo ardente da escravatura, escreve sobre o assumpto: «A escravidão, «com o seu inseparavel conjunto o trafico de escravos, «é tão antiga como o mundo em que vivemos; não «ha uma só pagina na historia, que não lhe descubra «os traços, não ha um clima nem um povo em que «não tenha feito sentir a sua influencia. Uma inspec«ção imparcial do passado, não pode senão conven«cer-nos, que as instituições religiosas pouco ou «nada fizeram pela causa da humanidade. Presente«mente a escravidão é considerada como incompa«tivel com a doutrina christã, mas a historia do an«tigo christianismo apresenta um aspecto differente. «Os mais antigos padres da egreja parecia não con«ceberem, que houvesse alguma coisa de mau em «possuir e em vender escravos; porque, ainda que

«o christianismo estabelece preceitos de fraternidade «e amor, estabelece tambem os deveres dos escravos «como escravos, de darem obediencia e se submet- «terem aos seus senhores. A luz que brilhou sobre «a Galilea, emanando de um espirito tão sublime, «gastou dezoito seculos a penetrar no mundo, e só «agora principia a revelar-se na sua verdadeira «pureza. Mas em parte alguma do mundo a escra- «vidão mais se arreigou e se disseminou do que «na Africa.»

A escravidão na Africa persistiu e persiste como uma instituição; tende porém, a desapparecer com o contacto da civilisação e das idéas europeas. Só hoje, é que estas idéas são manifestamente adversas á barbara instituição. Antes, pelo contrario, excitavam-se os povos selvagens a fazerem escravos, para os vender; e o influxo europeu mais contribuiu para aggravar, do que para minorar os males da escravatura. Nem isto nos deve admirar, lembrando-nos do trafico que na Africa faziam os governos, e do muito que ganhavam n'esse infame commercio os religiosos, que iam para alli a civilisar os povos e propagar a religião christã. Nos archivos da secretaria da marinha e ultramar, como affirma o marquez de Sá da Bandeira no seu livro sobre — *O trabalho rural africano* —, existem numerosas queixas, feitas pelos governadores da India, de Moçambique e de Angola, contra o irregular e

escandaloso comportamento de muitos membros das congregações religiosas e de seus chefes, e pedindo providencias ao governo, para que isto se evitasse. Um dos governadores, Sebastião Xavier Botelho, chegou a escrever: «Os parochos das villas da Africa «oriental costumam ser ignorantes e de vida depra-«vada, não havendo n'elles senão cubiça e desen-«freamento de paixões.» E accrescenta, referindo-se a um caso particular: «Podemos bem dizer que por «aqui não ha christandade senão no nome. Estes «parochos missionarios nem doutrinam, nem pre-«gam, por serem tão ignorantes como os seus fre-«guezes.»

Os jesuitas, mais de uma vez, abandonaram as missões, quando nenhum proveito promettiam, como succedeu em Angola, onde, conforme diz o honrado marquez de Sá da Bandeira: «Os jesuitas haviam «(1680) abandonado as missões que tinham no in-«terior, retirando-se para o seu collegio de Loanda. «Elles possuiam muitas propriedades ruraes, e fa-«ziam um grande commercio; e, preparando um «navio para ir com carga de negros para o Brazil, «elle (o governador) não deu licença para isso; mas «foi-lhes concedida pelo successor do mesmo go-«vernador.»

Inutil é citar mais exemplos, que expliquem o pouco fruto da propagação da religião christã pelos missionarios, no tempo antigo: basta recordar, que

o grande D. João de Castro tambem formulou amargas queixas contra a devassidão e a falta de zelo dos frades na India; porque o seu grande e religioso espirito não podia supportar taes erros e desmandos.

X

A escravidão é, em nossa opinião, a principal causa do grande atrazo de todo o genero, em que se acham ainda as populações indigenas da Africa; quando todos os povos progridem, ou, se não podem resistir á acção da civilisação e adaptar-se a ella, se extinguem com deploravel rapidez. Vemos, em diversas partes do mundo, os povos selvagens fugirem diante da civilisação, e por fim extinguirem-se. Verdade é, que o espirito cubiçoso e brutal dos colonos europeus tem contribuido muito para isso; mas, é certo tambem, que parece haver alli a acção de uma lei mysteriosa e fatal, a qual condemna á destruição as raças inferiores, que não teem responsabilidade e não podem amoldar-se ao systema que lucta pela existencia; systema social que consiste em tomar, por assim dizer, posse das forças da natureza, e usar d'essas forças em serviço proprio. Ha aqui alguma coisa d'aquella lei de Darwin: « Pode dizer-se, me-« taphoricamente, que a selecção natural está a cada

«instante buscando no mundo as mais insignificantes «variações, rejeitando as que são más, preservando «e accrescentando as que são boas; silenciosamente «e insensivelmente trabalhando, cada vez que a occa- «sião se offerece, no melhoramento de cada ser or- «ganico; em relação ás suas condições de vida, quer «organicas, quer inorganicas. As fórmas *que não prestam* extingüem-se; as outras desenvolvem-se e progridem.

Na Africa encontramos tambem raças que evidentemente tendem a extinguir-se; mas ha muitas outras, que parece quererem desenvolver se e progredir. Isto, porém, depende do caminho que seguir a propaganda civilisadora de hoje em diante. Na lucta pela vida as raças inferiores não podem resistir por longo tempo, quando as despojam do solo; quando lhes escravisam a população valida; quando querem contrariar as leis naturaes, que só podem assegurar a conservação; quando lhes tiram, em vez de lhes rebustecer, o sentimento da propria dignidade; quando lhes impõem o trabalho servil, em vez do trabalho livre, estimulado pelo proprio interesse.

Grande parte dos portuguezes, que vão para as colonias africanas, estão longe de ser os representantes da civilisação europea; estão n'isto accordes todos os que visitam aquellas colonias, com espirito recto, imparcial e esclarecido. Não recorremos aos viajantes estrangeiros para formar esta triste opinião,

mas unicamente aos factos narrados por portuguezes; e ao deploravel uso, que temos, de povoar os territorios, que são nossos, com criminosos degradados.

Um dos grandes males das nossas colonias é este. Faltam verdadeiros colonos. A emigração portugueza busca a America e não a Africa. Ha razões para isso; e essas, essencialmente praticas, não se destroem com vãs declamações. A emigração é uma lei natural da humanidade. A liberdade de emigrar é um direito; o uso d'esse direito não pode ser sujeito a restricções, senão aquellas que tenham por fim proteger os incautos e evitar fraudes e enganos. Mas, por isso mesmo que a liberdade de emigrar é um direito, por isso mesmo não está elle dependente senão dos impulsos do proprio interesse. Querel-o sujeitar a regras, querer estabelecer preceitos para forçar a emigração a seguir determinado caminho, é attentar contra a liberdade individual. Se queremos attrair a emigração para a Africa, preparemos o paiz para receber a emigração,—uma emigração sã e valida. E o paiz prepara-se pela construcção de caminhos; pelo estabelecimento de communicações para os territorios mais productivos e mais salubres; pelo melhoramento das condições hygienicas; pela attracção lucrativa dos capitaes; pela creação de uma população nativa, que livremente trabalhe, e que venha a interessar-se pela

prosperidade dos colonos, partilhando com elles as vantagens da civilisação.

Não ha meio termo: ou fazer dos negros trabalhadores livres, e civilisal-os pelo exemplo, pela doutrinação, pelo trabalho; ou repellir as populações indigenas, sacrifical-as ao nosso interesse e occupar o sólo que ellas abandonarem. É assim que succedeu na America do Norte e na Australia. Mas aqui na Africa ha outro inimigo a combater, e esse invencivel: é o clima, que inhabilita o colono europeu a entregar-se aos trabalhos rudes do campo. Isso explica, mas não justifica a escravidão. Porém hoje esse estado degradante não pode continuar; a moral e a civilisação não o consentem. Em tal caso não ha senão uma solução: A creação do trabalho livre do negro, e a civilisação d'este pelo trabalho.

Aos bons colonos portuguezes não pode esta transição, aliás necessaria, ser difficil. Basta, para o provar, lembrar o que diz um estrangeiro, que conhece bem Angola, e que minuciosamente descreveu alguns dos seus costumes; e basta recordar os resultados obtidos pelas commissões de obras publicas eminentemente civilisadoras; basta conhecer os trabalhos por operarios livres, que o intrepido sr. Paiva Raposo tem executado nos campos do Zambeze.

Eis o que, a respeito da escravidão em Angola, escreve o sr. Joaquim João Monteiro, no seu interessante livro *Angola and the river Congo:*

«Mui pouca crueldade acompanha o estado de «escravidão entre os nativos de Angola, e creio que «o posso dizer mesmo do resto da Africa tropical, «mas quero-me restringir á parte de que tenho per-«feito conhecimento. É uma instituição domestica, «e existe até hoje desde tempos immemoriaes; e não «ha maior desgraça ou descredito em ter nascido «de paes escravos, e em ser, por consequencia, um «escravo, do que ha na Europa em nascer de de-«pendentes ou criados de uma casa antiga, e con-«tinuar no serviço da mesma maneira. Ha alguma «coisa de patriarchal no estado de captiveiro entre «os negros, se olharmos as coisas sob um ponto de «vista africano (devo outra vez chamar a attenção «dos leitores para considerarem, que todas estas ob-«servações se applicam a Angola).

«Os homens livres, ou amos e suas mulheres, «teem obrigação de dar aos seus escravos bom ali-«mento e fato; de os tratar em suas doenças, a elles «e aos filhos; de lhes escolher marido ou mulher; «de lhes dar meios para celebrarem suas festas, «taes como casamentos, baptisados, enterros, do «mesmo modo que entre si; os escravos, de facto, «são considerados como familia, e chamados «meu «filho» e «minha filha.»

Depois de lèr com attenção o que fica transcripto é difficil suppor que, aos portuguezes honrados e

de bom caracter, pode ser difficil a transição, que resulta da abolição dos escravos. Esta deve influir, beneficamente, na civilisação africana.

A CIVILISAÇÃO AFRICANA

PARTE II

A CIVILISAÇÃO AFRICANA

I

Abolido o trafico e extincta a escravidão — e estes são factos consumados difinitivamente nos territorios portuguezes, e em breve o serão em toda a Africa, — ha que pensar sem descanço na transformação mental e social dos negros.

Não se supponha que essa transformação é impossivel, nem mesmo extremamente difficil. Numerosos factos provam o contrario. Ha que ter em conta que, na Africa, existem differentes raças, umas em via de evolução e manifesto progresso, outras em decadencia e talvez a caminho de uma extincção rapida. O que se pode esperar de umas não é o mesmo que de outras se pode vir a alcançar. Os meios de actuar no espirito de umas não se deve crer que sejam os mesmos, que sobre as outras te-

nham acção. O futuro de umas e outras será naturalmente diverso: convém porém attender que todas, mais ou menos adiantadas, com maior ou menor aptidão para o progresso, estão ainda n'uma especie de estado infantil.

O corpo humano é um agregado de orgãos, que exercem funcções distinctas, e contribuem todos para o phenomeno da vida. Estas funcções,—todos o sabem,—não conservam sempre entre si a mesma proporção, nem mantem um perfeito equilibrio no seu vigor relativo. Os seres humanos são constituidos diversamente em relação ás suas funcções. Uns teem forte o estomago e orgãos de nutrição; outros os musculos, outros o cerebro. Mas, dada a desegualdade na proporção das funcções, é comtudo indispensavel que se mantenha entre ellas certo equilibrio relativo, para que a vida se complete em todos os seus actos essenciaes. O predominio de uma funcção realisa-se necessariamente á custa de outras funcções. Nos negros as funcções dominantes são as da vida physica,—admitta-se a expressão. As da vida intellectual estão atrophiadas, quasi no estado rudimentar. Para a educação do negro deve ter-se em consideração esta circumstancia.

As raças aperfeiçoam-se ou decaem de geração em geração; porque os orgãos e as funcções se desenvolvem ou modificam segundo acções internas e influencias externas. Querer subitamente transfor-

nar as raças, dar-lhes novas aptidões e novas idéas, é querer um impossivel. Nem da desegualdade das funcções e da diversidade correlativa das aptidões, se pode concluir a inferioridade de umas raças em relação a outras. Todas estão em via de progresso, mesmo as que se julgam mais perfeitas. Raças inferiores são as que não podem progredir: e as raças africanas, pelo menos a maior parte d'ellas, são susceptiveis de lento progresso, como o estão provando os factos.

As proprias funcções mentaes apresentam profundas differenças no seu desenvolvimento. Sem nos demorarmos em estudar as numerosas divisões, que a sciencia d'ellas tem feito, basta-nos attender ao contraste evidente que existe entre os phenomenos da emoção e os da elaboração intellectual, propriamente dita; entre uma e outra coisa a differença, o antagonismo mesmo é evidente. O prazer, a dôr, a excitação de qualquer ordem não se coadunam bem com a reflexão e o pensamento. Com as violentas emoções a intelligencia padece, com o trabalho excessivo da intelligencia as faculdades de emoção embotam-se. No negro, como nos seres em que as faculdades do intellecto não estão plenamente desenvolvidas, as emoções dominam; e d'alli vem as vagas superstições; as crenças extravagantes; os excessos no bem e no mal; a tendencia a seguir imprevidentemente os impulsos, as impressões de mo-

mento, boas ou más; a passar, sem transição, de uma agitação violenta á quietação absoluta; a facilidade em passar dos furores da guerra á inercia e á indolencia na paz; a resignação em face do sofrimento; a humildade em face da tyrannia; a indifferença com que consideram a morte, ou o furor com que emprehendem a vingança.

A evolução social de um povo depende essencialmente do desenvolvimento e natureza das suas faculdades. Para avaliar os actos e as opiniões dos selvagens é necessario colocar-se no ponto de vista das faculdades e das tradições d'estes. É difficil julgar do estado do espirito dos outros pelo nosso proprio espirito; essa difficuldade é tanto maior, quanto mais afastados de nós estão aquelles que queremos julgar. Todos sabem quanto é difficil conhecer aquelles mesmos que vivem no meio em que nós vivemos; que pertencem á mesma sociedade; que tem uma natureza semelhante á nossa. Conhecer e avaliar homens de outras raças, n'um estado mental muito diverso do nosso, é muito mais difficil; por isso, muitas vezes, nem podemos comprehender-lhes as acções, quer nos individuos quer nas sociedades, mais ou menos rudimentares, que estes constituem. Querer interpretar o modo de ser dos selvagens pelas nossas faculdades, complexas e desenvolvidas em grau muito superior ás d'elles, é origem de graves erros e de injustas apreciações.

D'aqui resulta a falsa idéa, de que as raças africanas estão condemnadas a uma perpetua inferioridade, e até de que representam uma especie differente das que dão origem ás raças brancas. Essa cruel hypothese tende a desapparecer da sciencia e a especulação já não ousa evocal-a. A luz da justiça vae alumiando, com vivo clarão, este grande problema da humanidade; o que abre novos e vastos horisontes á civilisação da Africa.

O estudo, verdadeiramente scientifico, da historia e da sociologia vae cada vez demonstrando mais claramente, que as sociedades se desenvolvem por successiva evolução e não por uma rapida transformação, puramente artificial. As sociedades adquirem os seus caracteres typicos por modificações successivas: não por transformações instantaneas. As mais civilisadas sociedades de hoje tiveram origem, primitivamente, em hordas selvagens, em que se praticava a anthropophagia, que viviam errantes, e tinham por industria unica as rudes armas de pedra com que luctavam contra feras. Ainda, ha poucos seculos, muitos dos actos mais barbaros, que vemos com horror praticar-se n'alguns povos africanos, eram communs na Europa. O fanatismo feroz, as crenças nos feitiços, as mais abominaveis superstições opprimiam e maculavam a alma dos nossos maiores.

A falta de uma justa apreciação do estado phy-

sico e mental dos africanos tem sido uma das principaes causas da impotencia da Europa em lhes promover a civilisação.

Ainda ha pouco, —considerando os pobres africanos como simples machinas vivas de trabalho, condemnados perpetuamente a uma abominavel escravidão,— os brancos não se occupavam senão de despovoar aquellas vastas regiões, promovendo guerras fratricidas, e levando, atravez dos mares, os infelizes que a força, a astucia ou a ignorancia lhes entregava ás mãos. A esses actos de crueldade, inspirados pela sordida cubiça, mantidos por tenebrosos preconceitos, misturavam-se falsas idéas de religião. A caça dos escravos hypocritamente se justificava pela intenção de os fazer christãos; e fazel-os christãos não era mais do que baptisal-os em massa, sem lhes dar doutrinação alguma nem praticar com elles o minimo acto de catechese.

É de admirar a eloquencia, ungida da divina graça, com que os chronistas fradescos fallam das hecatombes de escravos que baptisavam, antes de os mandar vender no Novo Mundo! Na praia de Loanda, o bispo, sentado n'uma cadeira de marmore, lançava a sua santa benção aos pobres escravos, que partiam para longiquas e estranhas regiões, perdendo liberdade, familia e patria. E assim, o virtuoso prelado cumpria o seu dever de padre e christão. Nem taes factos podem admirar, dada

a theoria dos theologos do seculo XVI, de que as terras dos idolatras e mesmo a vida e a liberdade d'estes pertencem aos principes catholicos, a quem o papa, senhor universal, as pode dar.

Em tempos modernos os velhos preconceitos, em grande parte, se apagaram, mas surgiram outros. Os viajantes, percorrendo a Africa em todas as direcções e preocupados com os problemas geographicos ou com as explorações de historia natural, pouco se tem fixado, com raras e nobres excepções, na indole dos povos, nas suas leis, costumes e aptidões. Em se levantando alguns obstaculos ás suas explorações não hesitam, muitas vezes, em os attribuir á indole perversa ou á falta de intelligencia dos povos indigenas. E, assim, tem mais de uma vez contribuido para propagar falsas idéas sobre as raças africanas, que não pensam nem podem pensar como nós; mas que mostram, em muitas circumstancias, sentimentos de justiça, exercem actos de hospitalidade, manifestam amor de familia e praticam actos de dedicação. Falsos sabios, por mais de uma vez, tem buscado provar, que as raças negras occupam um grau inferior na escala da organisação humana, a fim de justificarem os criminosos actos promovidos pela escravidão.

No meio d'esta desordem nas idéas e d'esta errada apreciação dos factos, a verdade vae apparecendo; e hoje a Africa é melhor comprehendida

do que o era ha menos de meio seculo. E a um melhor conhecimento deve corresponder, necessariamente, um systema diverso e mais racional de educar e civilisar os negros.

É porém preciso não ter illusões. São os africanos capazes de melhorar as suas condições, physica e moral, pela acção lenta e segura da civilisação. O seu futuro não nos parece duvidoso. Mas hoje o grau incompleto de evolução em que se acham, as suas disposições para a emoção, a debilidade infantil das suas faculdades mentaes, facilmente os arrasta ao vicio e á depravação. Como diz W. Reade, na sua excellente obra *Savage Africa*: «Os «negros não nos merecem o nome de irmãos; mas «antes os devemos considerar como filhos. Eduque-«mol-os cuidadosamente, e com o tempo se eleva-«rão.»

No mesmo sentido se exprime, energicamente, o nosso amigo e distincto viajante o major Serpa Pinto, nos seguintes termos:

«Os missionarios, que teem pouco saber e intel-«ligencia, começam por gritar (aos negros) a cada «hora, a cada momento, no pulpito sagrado (que só «deve ouvir a linguagem da verdade), que elles são «eguaes ao branco, são eguaes ao homem civilisado; «quando lhes deveriam dizer o contrario, quando só «lhes deveriam dizer:

«Entre ti e o europeu ha uma differença enorme, «e eu venho ensinar-te a vencel-a.

«Regenera-te, deixa os habitos indolentes e tra-«balha; deixa o crime e pratica a virtude; aprende «e deixa a ignorancia, e só então poderás alcançar «um logar junto do branco, poderás ser seu egual.»

Os conselhos seriam bons, mas não seriam faceis de tomar. É pela impressão physica que pode chegar-se ao espirito do negro, que está adormecido.

Preceitos, é mais facil dal-os que recebel-os, quando os que os dá tem a comprehensão d'elles e os sabe praticar, e quando os que os hão de receber não teem faculdades para os entender e os não veem praticar.

O mais poderoso meio de civilisar a Africa é o commercio e o trabalho productivo. O negro selvagem melhora e progride, quando do contacto com o homem civilisado lhe vem proveito e lição pratica incontestavel.

II

Um nobre e generoso pensamento levou os meiros exploradores da Africa a trabalharem p nazmente pela propagação da fé catholica, pel vação das almas dos povos selvagens, que acreditavam estar condemnados ás penas ete pela sua ignorancia das verdades catholicas. T a crença dos nossos maiores. O seu maior emp era descobrir terras incognitas, para buscar a quezas naturaes de que fizessem monopolio: l sar os idolatras, para lhes salvar as almas na futura; menos, porém, para lhes melhorar a presente pela civilisação e pela transformação d miseravel estado social.

Ao entrarem na Africa, os europeus acceit as consequencias lucrativas da escravidão; e ur melhores ramos do commercio era o resgat negros, que compravam por algumas manilh cobre, ou por um pouco de vinho da Europa. E assim, interesseiramente, nos usos selvagen africanos; abrir-lhes mercados novos á vend

seus filhos, irmãos ou inimigos não era certamente meio seguro de os civilisar.

Preoccupados pela idéa de salvar as almas, sem cuidar dos corpos; de lavar os negros do peccado pelo baptismo, em vez de lhes elevar os espiritos pelas sãs doutrinas da moral, propagadas pela palavra e pelo exemplo; os missionarios cuidavam, antes de tudo, de baptisar os chefes negros; para depois conseguirem, por qualquer meio, ainda mesmo a violencia, baptisar as multidões. E a sua doutrinação era demasiadamente breve e em desaccordo com as estreitas faculdades e baixo nivel intellectual d'aquelles a quem se dirigiam, para que podessem os resultados ser efficazes. O padre Cavazzi, para dar idéa da grande população do Congo, diz: que os missionarios, poucos em numero, e sem se alongarem para fóra de um estreito ambito, «baptisaram em pouco tempo seiscentas mil almas.» Inutil é juntar-se a esta outra prova—porque ha muitas— do modo por que se fazia a catechese na Africa.

A historia das missões no Congo bem mostra a falta, que aos missionarios fazia um conhecimento profundo dos caracteres intellectuaes dos negros, das suas necessidades moraes e sociaes, e do modo por que o espirito rude dos homens se abre lentamente a novas idéas, e a consciencia a novos preceitos da moral e a novas crenças religiosas. Es-

treitas opiniões religiosas e os dictames de um fanatismo pouco esclarecido, levaram a guerra onde havia a aconselhar a paz; substituiram uma idolatria a outra idolatria; levantaram umas feitiçarias em vez de outras feitiçarias, na opinião materialista dos selvagens; e por fim perderam tudo, e fizeram desapparecer as conquistas de que mais se gloriavam os missionarios.

A semente, porém, não se perdeu de todo: ainda restam vestigios d'ella. Quando os missionarios buscaram propagar a instrucção, abrir escolas, ensinar a ler e a escrever, encaminhar as artes em melhor direcção, e se mostraram desinteressados e bem morigerados, a semente fructificou; quando, ao contrario, quizeram subitamente acabar com todos os peccados condemnados pela egreja,—embora os seus intuitos fossem justos e santos:—quando se occuparam exclusivamente, não de ensinar as boas doutrinas e as boas praticas, uteis á vida, efficazes nos seus resultados civilisadores, mas de prégar doutrinas que os selvagens não podiam comprehender; quando deram maus exemplos, especulando com o trafico dos escravos, e com os vicios dos povos; então a semente nada produziu, e a ruina entrou logo nos monumentos que quizeram edificar sem alicerces.

Quando os jesuitas entraram no Congo, abriram —segundo diz um manuscripto antigo—escola a

que acudiram «mais de seiscentos moços»; e outros foram «pela terra dentro a prégar o Evangelho, o «que fizeram com grande aproveitamento, conver- «tendo nos primeiros cinco mezes mais de cinco mil «pessoas.» Pouco depois voltaram os padres para Portugal «por causa do ruim clima.» Mas o paiz estava profundamente desordenado, e n'essas desordens «foram mortos quasi todos os portuguezes.» No tempo do successor do rei, que governava por esta época, levantou-se o povo do Congo contra a propaganda dos padres «por ser coisa rarissima «—diziam elles—não ter mais que uma mulher». O chefe da revolta morreu e foi enterrado na egreja de Santa Cruz, e os padres, para darem maior vigor ao fanatismo, inventaram que «os diabos des- «cobriram parte do telhado da egreja, o tiraram da «sepultura e o levaram com espantoso ruido, de que «o rei ficou attonito e todo o reino.» E o manuscripto, a que nos referimos, continua: «Succedeu «logo que entrando, e invadindo o dito reino, os «Giaques (Jagas) em grande numero, e dando ba- «talha ao rei Alvaro o desfizeram, e metteram em «fugida de tal sorte, que não se dando por seguro «na mesma cidade de sua côrte, abandonou total- «mente o reino, fugindo a uma ilha do Zaire cha- »mada o Cavallo, com todos os sacerdotes e mais «portuguezes e os principes de seu reino». Reduzidos já a venderem-se uns aos outros por vil preço,

pediram, o rei do Congo e os seus, soccoro a Portugal, que lhes mandou soldados que expulsaram do reino os invasores Jagas.

Annos depois, e não obstante os favores que os povos do Congo deviam aos portuguezes, lê-se n'uma consulta do Conselho Ultramarino de 1674, que foram expulsos os capuchinhos, com muitos maus tratos e violencias, «sob pretexto de que por seu «respeito não chovia n'aquellas terras.» Ao cabo de tão longos annos de pregação e propaganda, os menos rudes no Congo ainda conservavam todo o seu primitivo fanatismo, e as feições principaes da sua primitiva idolatria. Comtudo, a instrucção derramada pelos missionarios não se extinguiu de todo. Levingston, que não pode ser suspeito, escreve do Congo: «o ensino dos jesuitas tem sido tão perma«nente, que o principe do Congo se conserva chris«tão, e que não ha menos de doze egrejas no reino, «fruto da missão estabelecida em antigos tempos na «capital de S. Salvador.» Que especie de christão seja o rei do Congo, dizem-no os viajantes, que observam os factos com despreoccupação.

Para lançarem de si a responsabilidade do pouco fructo das missões, os missionarios da propaganda escrevem contra nós, os portuguezes, injurias miseraveis; esquecendo, com imperdoavel ingratidão, o muito que nos devem. N'um livro de Marshall, intitulado *Cristian Missions*, lê-se o seguinte: «A prin-

«cipal desgraça da Africa Occidental é o estar ainda «com um imperio já corrompido, sem fé nas tradi-«ções catholicas, e que rapidamente se precipita «n'uma decadencia ignominosa, devida á gradual «extincção de todos os principios religiosos nos que «o dirigem; e Proyart não estava provavelmente «enganado, quando dizia que a immoralidade dos «portuguezes acceleraria a ruina das missões na «Africa.»

Citamos estas vilissimas palavras; porque ellas nos dão idéa do que temos a esperar da propaganda e dos seus agentes. Deve, porém, notar-se que, onde não chega a nossa influencia, os trabalhos dos missionarios se não contam por triumphos; antes teem sido de uma deploravel esterilidade.

III

As missões na Ethiopia, em terras do Abixin,— nome que os portuguezes davam ás terras do Preste João,— não deram melhor resultado do que as da Africa occidental: das quaes as missões do Congo são o melhor exemplo.

A Abyssinia, quando primeiro alli foram missionarios, era chistã, mas da seita dos monophysitas: os primeiros missionarios foram mandados em tempo do papa João XXII, segundo rezam as chronicas. Instituiram conventos, buscaram estabelecer o dominio dos papas, e nomearam inquisidores, para prevalecerem, pela intolerancia, sobre os povos mistos da Abyssinia. Os inquisidores levaram a imprudencia até excommungar um potentado, que se separou de uma mulher e casou com outra. D'aqui nasceram grandes desordens e um processo escandaloso, que terminou por nova excommunhão contra um sacerdote que o defendia; sendo tudo acompanhado das artimanhas crueis com que, na edade media, os fanaticos buscavam dar força aos anathemas da egreja. «Não lhe tardou — ao padre — «muitos dias o castigo de Deus, porque, além de se «encher de lepra lhe inchou o ventre em tanta ma«neira, que arrebentou, como outro Judas.» O inquisidor foi mais tarde morto a açoites pelo potentado iracundo. A egreja contou mais um martyr, e varios milagres; mas a propagação da doutrina na Abyssinia nada ganhou. Esta narração de fr. João dos Santos é posta em duvida pelos chronistas jesuitas; e esta lucta entre dominicanos e jesuitas lança muita confusão na historia das missões na Abyssinia, mas não esconde a inefficacia de todas ellas.

Depois que os portuguezes foram á Abyssinia li-

bertar o imperador Claudio do jugo dos mouros, capitaneados pelo seu general Granha, começou a estabelecer-se alli a missão dos jesuitas; e com ella uma triste época de dissenções religiosas, de que encontramos larga noticia na historia do patriarcha D. João Bermudes e na *Historia geral da Ethiopia*, de Balthasar Telles.

Sendo hereges os abexins, logo os missionarios —em vez de se occuparem em lhes melhorar os costumes e em os encaminhar na senda das virtudes — principalmente buscaram extirpar as heresias, e se envolveram n'um dedalo inextricavel de discussões theologicas, que fizeram derramar rios de sangue e deixaram aquelles povos no mesmo estado em que os padres os encontraram; mas debilitados e fracos para resistirem ás invasões dos mouros e gallas. Essas disputas estereis passaram da Ethiopia para a Europa, onde as encontramos na *Historia eclesiastica da Ethiopia* de fr. Luiz d'Urreta da ordem dos prégadores, e no volume IV da *Relação annual das coisas que fizeram os padres da companhia.*

O resultado das missões dos jesuitas, e das luctas contra os schismaticos foi o que se vê na propria *Relação annual* que citamos. Diz-se alli:

«Chegadas a *Portugal as informações*, e cartas «que os padres da companhia escreveram da Ethio-«pia do anno de 1562 e sabendo por ellas el-rei «D. Sebastião os grandes trabalhos que o patriarcha

«lá padecia e o pouco fruito que fazia n'aquella «terra, polla pertinacia d'aquelles reis e gente, e «pouca esperança que davam da sua redução á «egreja romana; e tendo, por outra parte, novas do «grande fruto que se ia fazendo na conversão da «gentilidade nos reinos do Japão: julgou, com ma«duro conselho, que seria mais serviço de Nosso Se«nhor que o padre patriarcha se saisse de Ethiopia, «e passase para o Japão. Para isso escreveu a seu «embaixador, que tinha em Roma, e ao padre geral «de nossa companhia, para que ambos o tratassem «com a santidade do papa Pio v, o qual, pollas in«formações que tambem já tinha do que passava em «Ethiopia, facilmente veio no mesmo conselho e pa«recer e aos 2 de fevereiro de 1566 passou um «breve para o patriarcha da Ethiopia.»

Assim, na missão do Congo idolatra, e da Abyssinia christã, vemos as missões caminhar por errados trilhos; não melhorar o estado da civilisação dos povos, senão quando buscam derramar a instrucção; e fazer perder a Portugal a preponderancia que pelas armas conseguira conquistar.

Está hoje a Abyssinia bem explorada pelos europeus, e pode — do que se conhece — tirar-se a conclusão que o estado dos povos não tem progredido, desde o tempo em que lá estiveram os portuguezes. Os que professam o christianismo seguem ainda o mesmo schisma; e são elles, emquanto a morali-

dade, os que occupam mais baixa posição na Abyssinia. Em diversos tempos, e com mais ou menos prospera fortuna, os missionarios tem ido prégar as doutrinas catholicas á Abyssinia; mas sem que os fructos hajam correspondido aos sacrificios e ao zelo dos propugnadores da fé. A duas coisas se pode principalmente attribuir este deploravel resultado: á rudeza dos selvagens e ás praticas da escravatura; á subtileza e excessiva complicação — para idolatras, materialistas, ou schismaticos renitentes — dos mysterios e doutrinas prégadas pelos missionarios. A isto ha, infelizmente, a accrescentar o effeito desastroso dos vicios e cubiça de muitos dos que deveram prégar com o exemplo, ainda mais de que com a palavra, os preceitos puros da religião christã.

O que nós conhecemos das missões da egreja protestante não nos dá confiança alguma na efficacia das missões puramente religiosas para civilisar os povos africanos. Não está o espirito d'aquelles povos preparado para receber o espiritualismo christão. Costumado á rude e grosseira idolatria, e á cegueira de uma feitiçaria absurda, não pode o espirito dos selvagens attingir os requintes da fé, nem acceitar os mysterios da religião.

Winwood Reade — um dos viajantes que melhor estudou o caracter dos negros na Africa occidental — depois de pintar a immoralidade e ignorancia dos

missionarios inglezes na costa, e de manifestar a sua justa admiração por aquelles que arriscam a vida em missões no interior, affirma que uns e outros pouco fazem em beneficio da civilisação, e nada em favor da christandade.

«Em quanto ao ceremonial religioso — diz o illus-«tre viajante — os negros não se mostram fanaticos. «Em quanto as coisas se reduzem ao baptismo, a «mostrar-lhes imagens da Virgem ou dos santos, a «distribuir-lhes rosarios e reliquias, e *Agnus Dei*, «os povos divertem-se com isso, e teem prazer em «fazer-se christãos. Não fazem difficuldade em mu-«dar o seu feitiço pelo feitiço do homem branco, «que elles reconhecem ser-lhe superior, e conse-«guintemente, mais poderoso.»

E, mais adiante, accrescenta o mesmo auctor:

«A religião catholica é, de todas as religiões «christãs, a que mais pode ter acção entre os sel-«vagens. Impressiona-lhes os sentidos pela musica, «os perfumes, os ritos ostentosos: e com os seus «encantos, as suas reliquias, as suas imagens, dá «o que melhor convém ás intelligencias fracas — «alguns objectos externos, que possam venerar, e «que lhes recordem constantemente o Creador.»

E diz mais:

«Em quanto a intelligencia africana se conservar «no seu estado presente, e em quanto a egreja con-«tinuar a confundir os seus minuciosos preceitos

«sociaes com os mandamentos divinos, a Africa não «se pode fazer christã.»

Este é o segredo da propagação rapida do mahometismo, contra o qual o christianismo lucta ha seculos na Africa, com pouco resultado.

IV

A propagação do christianismo, em toda a sua pureza — livre de todos os abusos e erros, que o fanatismo, a relaxação dos costumes e o esquecimento dos seus principios fundamentaes lhe tem introduzido, com o andar dos seculos, — seria um dos meios mais seguros de promover a civilisação da Africa; sempre que a instrucção das populações, racional e pratica, caminhasse a par do ensino religioso e sempre que os demasiados escrupulos não levassem os missionarios a atacar de frente os usos e costumes dos povos; querendo transformar de repente o que a natural evolução intellectual dos selvagens, n'um meio e n'um clima a tantos respeitos differente dos que na Europa se encontram, creou naturalmente.

Não devemos suppor que as leis poderosas da natureza humana, em quanto as faculdades moraes não dominam as tendencias physicas, se podem transformar instantaneamente; nem que as praticas externas possam, por si só, mudar o estado moral dos negros.

Não é difficil encontrar, infelizmente, a confissão dos poucos fructos que se tem tirado até hoje das missões. O negro christão — com poucas excepções — está a grande distancia dos europeos a quem deve a doutrinação, mas que por seculos o escravisou e o vendeu como animal, e de quem se conservou e se conserva ainda afastado em tudo, como se este fosse de uma natureza totalmente differente, e infinitamente superior. O negro adopta os vicios, e mesmo os costumes do europeu com facilidade, mas d'ahi não lhe provem o bem; porque os bons, exemplos e as boas doutrinas moraes não acompanham a acção dos povos civilisados; antes a oppressão, a violencia e a acção do seu sordido commercio, parecem ser as mais naturaes manisfestações do dominio europeu na Africa.

Dois seculos depois de entrarem no Congo os missionarios portuguezes e italianos, ainda um d'estes escrevia — tendo pintado com vivas côres os vicios dos povos do Congo e Angola — o seguinte: «o que se tem alcançado até agora n'aquelles paizes, «no que respeita aos costumes, não é para despre-

«zar; e pode-se esperar que, no andar dos tempos, «favorecendo Deus as nossas diligencias, mais se «deixarão domar as paixões» É facil ver que os missionarios não estavam muito satisfeitos com o fructo dos seus trabalhos; e comtudo, era no Congo que os missionarios mais tinham feito para baptisar os negros. N'aquelle tempo o mesmo missionario italiano queixa-se de que «os portuguezes, por «causa da milicia que d'alli (de Angola) tiram, teem «sempre tido em muita conta, e guardado com sin«gular ciume, esta provincia, *tolerando que vivam «segundo as suas leis;* e, decerto, pela visinhança de «outras nações idolatras, das quaes seriam sem du«vida incitados, será sempre impossivel sujeital-os «deveras; para este fim lhes é permittido e consen«tido o privilegio — de nomear aquelles que que«rem para governadores; e o vice-rei de Angola, ti«rado o manter presidios nas praças, para evitar «rebellião e os prejuizos da corôa, não se mette em «mais nada.» Para evitar as revoltas, e sustentar as guerras que lhe movia o rei de Congo, onde influiam os missionarios, os portuguezes precisavam da milicia preta, e guardavam Angola *com singular ciume* das intrigas e exigencias dominadoras dos missionarios: tinham os portuguezes então o bom juizo de não impor governadores aos indigenas, contra vontade d'elles, e de lhes respeitarem os usos e costumes. Apesar d'isso, foi o governo de Angola

muitas vezes perturbado pelos missionarios, principalmente jesuitas, como é facil verificar na historia d'aquella provincia. O desenvolvimento enorme da escravatura acabou de arruinar a nossa dominação em Angola, e de empobrecer aquella riquissima região, pela falta de braços e de actividade industrial.

Fr. Gaspar Cam, bispo de S. Thomé e Congo, conhecedor das verdadeiras necessidades da costa d'Africa para conseguir a civilisação dos indigenas, escrevia em 1560, a respeito da missão que Paulo Dias levava a Angola: «que duvidava fazerem-se catholicos as gentes do reino de Angola, sem que el-rei «lhes desse faculdade para fazerem negociações; e, «pois que el-rei lha mandava prohibir, era difficultoso «convertel-os, mas comtudo os PP. da companhia «se resolviam a ir; pois parecia ser esta a occasião «em que Deus os chamava.» Assim, para o bispo de S. Thomé, não bastava a cathechese pelos jesuitas para christianisar os africanos, era tambem preciso o trato commercial com os europeus! O proprio padre Gavazzi tambem recommenda no seu livro, já citado, que os missionarios ensinem aos povos as artes, que então se praticavam na Europa.

A rapacidade, a crueldade, o cynismo e o vão e orgulhoso sentimento de superioridade indisputavel da raça e da religião, que os europeus levaram a Africa, tem sido as causas dominantes do pouco

proveito que tem tirado, da sua propaganda e do seu exemplo, na civilisação dos povos africanos; mas a estas causas acrescem dois factos funestos, e cujos resultados se estão ainda manifestando: o trafico da escravatura e o uso da aguardente.

Muitas vezes tem sido os portuguezes injustamente accusados de terem creado em Africa o horrivel e immoralissimo trafico da escravatura. Essa falsa accusação é ou filha de ignorancia ou de má fé. Já em tempo de Herodoto eram os negros parte do tributo que ao Egypto pagava a Ethiopia, e do Egypto os escravos passavam á Europa. O commercio de escravos fazia-se em larga escala entre mouros e negros. Todos os que conhecem os escriptores portuguezes dos XV e XVI seculos — e entre estes o illustrado chronista Azurara, — sabem quanto era reprovado, em nome dos grandes principios da religião de Christo, este infame trafico; mas o trafico continuava, porque os aventureiros, que iam aos descobrimentos, eram levados pelo interesse, e era isso que os conduzia á Africa, onde o infante D. Henrique e os seus continuadores tinham um grande problema geographico a resolver, em beneficio da sciencia e da civilisação. Não se creia que só em nossos tempos a philantropia se declarou contraria ao trafico; muitos são os escriptores que contra elle fulminaram severas censuras; e os papas lançaram inutilmente, as suas bullas. Nos modernos tempos,

a nobre Inglaterra poz-se á frente do honroso movimento anti-escravista, e o mundo christão inteiro entrou n'esse grande movimento civilisador. Agora o que é indispensavel é fazer entrar n'essa reacção humanitaria o mundo musulmano; então, e só então o triumpho será completo. O trafico de escravos será por fim abolido; o homem será livre em todo o mundo, onde chega a influencia da civilisação. Esta será a remissão da Africa.

O uso immoderado da aguardente é um dos vicios favoritos dos negros, que os brutalisa e tem directa influencia na persistencia do commercio de escravos e na indolencia e falta de aptidão dos africanos, para os trabalhos constantes da civilisação. Este vicio, que os deprava, devem-n'o os negros aos europeus, que alimentam grande parte do seu commercio com a venda das bebidas alcoolicas, e, por muitos annos, se serviram do vicio dos negros para facilitar o commercio dos escravos. Os primeiros escriptores portuguezes, que trataram do commercio e do resgate na costa da Guiné, contam que os negros se compravam alli por manilhas e bacias de cobre ; posteriormente, este infame commercio fazia-se, dizem os escriptores, por vinho do reino; posteriormente, a aguardente era o principal agente commercial do trafico.

Com alguma razão diz Levingston, na sua *Expedição ao Zambeze* que «a unica industria que os

«nativos da Africa adquiriram, das suas relações com «os portuguezes, foi a de distillar espiritos.»

Na venda dos espiritos, e no trafico de escravos, tivemos não só imitadores, mas rivaes ardentes nas outras nações da Europa; principalmente nos hollandezes, nos inglezes e nos francezes. Nenhuma outra nação, pois, nos pode lançar a primeira pedra; nem as censuras são bem cabidas, quando vem de quem praticou os mesmos delictos.

V

O espirito dos negros não recebe doutrinas complexas, nem pode conceber idéas abstractas; e é esta uma das difficuldades, que obstam á rapida propagação da fé christã, e torna, infelizmente, mais facil aos marabús o espalharem entre os povos africanos o mahometismo. Não pode pôr-se em duvida, que, mais de uma vez, as missões christãs tem fructificado temporariamente na Africa; mas, força é confessal-o que nada, ou quasi nada tem produzido de estavel e verdadeiramente christão. Não se pode

deixar de admirar a abnegação sublime de muitos missionarios, a fé viva com que tem soffrido uma dolorosa existencia de privações e mesmo o martyrio; mas, lançando os olhos para o immenso continente africano, poucos são os pontos que n'elle se possam encontrar, onde a religião christã haja derramado, com resultado fecundo, as suas doutrinas civilisadoras.

Um escriptor e viajante, que estudou profundamente a Africa, diz n'um interessaute escripto (*The African Sketch-book* W. A.): «Ha duas castas de «missionarios na Africa, os que residem nos estabe-«lecimentos e ensinam o negro *britanico;* e os que «vão viver entre os nativos.»

«A primeira casta comprehende homens respei-«taveis e dedicados, que fazem certamente muito «bem; mas estes não são missionarios, são simples-«mente o clero da colonia. Vivem como os outros «funccionarios, etc...»

«Mas os missionarios, que vão viver no sertão e «construem casas com suas proprias mãos, e apren-«dem os dialectos indigenas, e inteiramente vivem «entre os selvagens, pertencem a um genero parti-«cular... Estes ponho eu (o auctor) acima do explo-«rador; penso que a sua obra demanda mais forta-«leza do que a nossa.»

A maior parte das tribus negras creem, que os espiritos dos que morrem vagueam em torno da se-

pultura e das suas antigas habitações. Por vezes o corpo é enterrado na propria casa e o espirito vive com a familia; crê-se que está sempre presente e toma parte na vida intima dos seus.

As tribus da costa do Oiro creem, que ha uma região das trevas, debaixo do chão, para onde as almas emigram, e aqui retomam a posição que no mundo tiveram. Por isso, quando morrem os reis lhes sacrificam escravos e mulheres, para os acompanharem no outro mundo; e na sepultura se deposita ouro em pó e roupa. É crença que todas as coisas, de que o homem usa em vida, resuscitam no outro mundo para lhe servirem; porque tudo tem alma, os seres humanos e as cousas inanimadas. O povo crê no mundo inferior como crê n'um paiz visinho; a fé torna-se n'elles parte integrante da sua propria natureza.

Não ha no negro idéas de remuneração depois da morte. Ha deuses bons e deuses maos: os bons, sendo maltratados, podem tornar-se maos; os maos podem abrandar-se com presentes e lisonjas. Os feiticeiros servem de intermediarios entre os deuses e os homens,

Creem algumas tribus negras n'um deus creador do mundo, mas julgam-n'o indifferente ao bem e ao mal; porque delegou a administração da terra a espiritos, que governam os seres humanos. A theologia, a moral, a religião, tudo se liga e se confunde:

tudo é puramente humáno e o reflexo da vida, das paixões, dos interesses mundanos. Os negros são tolerantes, mas difficilmente admittem no seu espirito idéas, que contrariem as suas crenças infantis, a sua idolatria candidamente feroz, a sua maneira singular de ver as coisas sobrenaturaes. Por isso o viajante, que acima citámos, diz no livro alludido: «Existem regiões na Africa, onde missões, ha longo tempo estabelecidas, escasso resultado perceptivel tem dado: e este facto suggere uma pergunta interessante:—se um missionario vae viver com uma tribu selvagem, gasta largos annos a ensinar-lhes a escriptura sagrada, e não consegue fazer um converso sincero, devemos lamentar uma nobre existencia perdida, ou devemos crer que o missionario serviu a causa sublime da moralidade e do progresso?»

Se buscarmos informações ácerca da influencia d'algumas missões sobre os povos africanos, encontraremos, que o ensino das coisas uteis, em agricultura e em industria, tem sido o que melhores e mais efficazes resultados tem dado. Descrevendo os resultados obtidos pelos missionarios allemães na Costa do Oiro, lê-se no *African Sketch*: «Os missionarios allemães da Costa do Oiro são homens de baixa extração, mas de excellentes maneiras e são educados n'um collegio de Basle. . . Os missionarios não ensinam só o evangelho, mas tambem os

«officios mechanicos e o commercio. Pedreiros, ar-
«chitectos, sapateiros, lavradores são os seus irmãos
«leigos, e mais de um pregador foi homem costuma-
«do na infancia a trabalhar com as mães. Um tal sys-
«tema tem a sympathia d'aquelles mesmo que di-
«vergem totalmente dos missionarios sob o ponto de
«vista theologico.»

Fallando da missão Levingstonia, outro viajante esclarecido e pouco accessivel a illusões diz (*To the Central Africa:* Thomson): «Ha na missão homens «praticos, que ensinam aos naturaes da terra grande «variedade de industrias, e lhes ensinam a construir «melhor suas casas, a cultivar com maior proveito «suas terras. Estes representantes da egreja não jul-«gam indigno da sua causa associarem-se com uma «companhia commercial.»

A historia da missão do Amandabelli, escripta por um missionario, Thomas Morgan, é muito interessante e muito instructiva. As conquistas espirituaes da missão, n'um povo idolatra e guerreiro, a quem os missionarios pregavam o evangelho, e enchiam de beneficios, foram sempre muito limitadas. N'uma crise deploravel de fome e miseria, os idolatras, a quem os missionarios buscavam consolar pela religião, diziam: «O espirito de que fallaes, e «dizeis estar comnosco, não o conhecemos; não o vi-«mos nunca, nunca o ouvimos, nunca o conhecemos «nem tratamos de o conhecer; mas conhecemos e

«sentimos nossos corpos, e quando elles se consomem «de fome, soffremos e morremos.» E mais longe, escreve o missionario: «Não é rasoavel esperar no in«digena convertido a mesma intelligencia e conscien«cia de um verdadeiro christão. Os habitos de idola«tria, em que se arrastaram, devem modificar e in«fluir no seu modo de ver as cousas.»

Ao cabo de dez annos os resultados da missão resumem-se no seguinte: «A cabo de dez annos de «trabalhos na Africa Central do Sul, seria muito li«songeiro e satisfactorio poder enumerar resulta«dos directos e espirituaes; e não o seria menos para «os christãos lerem essa enumeração. Infelizmente, «porém, não tenho tão brilhantes factos que narrar; «nem a nossa missão foi um triumpho... Alguma «cousa fizemos em ordem á emancipação dos escra«vos, ensinando os ignorantes, elevando os espiritos «pervertidos, corrigindo os erros, vestindo os nus, «detendo a mão dos assassinos, alcançando a liber«dade civil e religiosa para os subditos de um des«pota, abrindo o paiz aos trabalhos da sciencia e do «commercio, diminuindo as calamidades da guerra, «a polygamia e a feitiçaria.» Convém notar que muitos d'estes resultados foram alcançados antes pelo medico e o mentor do que pelo missionario.

Fallando de outras missões, mandadas á região do Zambeze, o mesmo escriptor diz: «Assim, das «tres missões que primitivamente se deviam estabe-

«lecer proximo do Zambeze, só uma—a de Aman-
«dabelli—deu bons resultados.»

Hartmann, o celebre professor de Berlin, que tão profundamente tem estudado a Africa, manifesta a este respeito opinião conforme ás que acabamos de expor aqui. Eis as palavras de illustre professor:

«Nada temos de satisfatorio a dizer, até hoje, dos «africanos recentemente convertidos ao christianismo «pelos missionarios catholicos ou protestantes. Pres-«tamos homenagem á dedicação e excellentes inten-«ções d'estes mensageiros da fé, dos quaes muitos «teem soffrido um verdadeiro martyrio. Reconhece-«mos egualmente que ha louvaveis excepções entre «os neophytos negros, hottentotes e berberes, alguns «dos quaes se tornaram membros uteis e honrados «d'uma communidade civilisadora. Mas, em geral, os «bons resultados das missões no continente africano «teem, até hoje, sido pouco consideraveis. Não creio «que o negro pagão nem mesmo mussulmano tenha «chegado á maturidade moral necessaria para a com-«prehensão do christianismo e para as exigencias da «civilisação moderna. Custa-me dizer o que sou obri-«gado a reconhecer, isto é que, apesar dos seus erros «grosseiros, o islamismo parece, em geral, convir mais «do que o christianismo aos adoradores de feitiços «na Africa. O sentimento e o simples bom senso se «levantaram contra a idéa de inventar uma confissão «christã especial, que tolerasse todas as particulari-

«dades das raças da negraria. O christianismo deve «transmittir-se em toda a sua pureza aos pagãos afri- «canos, por meio de missionarios capazes, sinceros «e dedicados, que se interessem ao mesmo tempo «pela prosperidade politica dos seus neophytos. Pou- «co importa, de mais, que o movimento venha de tal «ou tal confissão christã. Infelizmente, não podemos «esperar senão do futuro os resultados, que os ver- «dadeiros amigos da humanidade quereriam poder «realisar desde já. Se, como observador imparcial, «previno illusões prematuras e talvez perigosas, que «poderiam ser seguidas por amargas decepções, não «tenho comtudo intenção de censurar os esforços dos «apostolos enthusiastas e philantropos, porque, em «taes questões, quem decide são as obras e não as «opiniões.»

A opinião, fundada no estudo dos factos, completa-se nas seguintes proposições, que julgamos util citar aqui:

«Basta-nos dizer que os missionarios musulma- «nos, desde o tempo dos primeiros califas, tem sa- «bido proseguir na sua obra de conversão com um «zelo extraordinario, uma ousadia intrepida e uma «persistente energia. N'este ponto tem-se mostrado «superiores aos apostolos christãos e o exito tem sido «sempre d'elles. De mais, os principios relaxados do «islamismo conveem melhor aos costumes rudes dos «pagãos africanos, do que os preceitos mais severos

«do christianismo. O alcorão auctorisa a polygamia, «muito vulgar entro os negros; a fé musulmana une «os homens de todas as nacionalidades, de qualquer «condição; estabelece uma especie de familiaridade «entre superiores e inferiores; e os africanos primiti- «vos gostam muito d'estas relações livres. Não podem «elles criticar racionalmente certas prescripções do «alcorão, que não supportam o nosso raciocinio; por- «que a logica da maioria dos negros é muito pouco «desenvolvida. Muitas das idéas supersticiosas, que «alimenta o islamismo, acham-se nos absurdos da «idolatria, e a perspectiva de gosos materiaes no «paraizo acorda os desejos e cubiças do africano «sensual, convertido pelo alcorão».

E, n'outra parte, accrescenta Hartmann:

«Falla-se muito hoje, muito ligeiramente por cer- «to, da decadencia da religião de Mahomet; verdade «é que não faltam fermentações na constituição in- «terna do Islam, por causa do seu contacto com a «civilisação oriental. Mas estas agitações só se ma- «nifestam entre os litteratos, e não se fazem sentir «nas camadas ignorantes do mundo musulmano. «Ainda que perdeu o seu brilho intellectual d'outros «tempos, o islamismo fórma um solido cimento, na- «cional e religioso, entre povos muito diversos, des- «de a Rumelia até ao deserto de Gobi, desde as «ruinas d'Utica até aos lagos da Africa equatorial.

«Nos paizes tropicaes e subtropicaes da Africa,

«vê-se ainda fluctuar em paz o estandarte de Ma-
«homet e seus successores. Verdade é, que muito se
«falla da situação critica dos primeiros paizes ma-
«hometanos e da sua decadencia material e intel-
«lectual, tal como a vemos na Mesopotamia, na Ara-
«bia, etc.»

O fanatismo musulmano manifesta-se na Africa com toda a sua violencia. Muitos são os ascetas negros, os fanaticos mahometanos, que exercem por aquelles sertões uma influencia poderosissima para combater essa influencia funesta é preciso um longo trabalho da civilisação, o qual não pode dar resultados immediatos.

VI

Na historia das antigas missões, as que mais attraem a nossa attenção são as de Angola e Congo; por mais antigas, mais numerosas e mais caracteristicas.

Em 1491 entraram no Congo os frades da Or-

dem de S. Francisco, mandados por D. João II; e, n'esse mesmo anno, se baptisavam o duque de Sonho, o rei a rainha e muitos negros principaes «todos com muita devoção e gravidade» como dizem as chronicas. Então, diante dos frades, se destruiam os idolos e feitiços, que até alli eram adorados; e o rei recebia uma bandeira com a cruz, para ir á guerra; bandeira que elle necessariamente tomava por um feitiço, mais poderoso do que os que havia destruido; porque os frades lh'o diziam, persuadindo-o de que, com tal bandeira, a victoria era certa. Logo de principio os milagres, o apparecimento sobrenatural de cruzes e outros, começaram a influir no espirito supersticioso dos negros. O rei do Congo mandava a Portugal alguns negros, para serem educados e instruidos nas coisas da religião; e estes eram recebidos no convento de S. Eloy de Lisboa. Annos depois, el-rei D. Manuel mandou theologos em missão ao Congo, acompanhados de mestres de ler, escrever e *canto chão*, a fim de promover a propagação da fé.

Apesar de todos estes esforços dos reis de Portugal, vinte annos depois o rei do Congo, D. Affonso, escrevia a D. Manuel «que seu pae recebera a fé catholica, e n'ella mostrara bom começo, do qual por inveja do diabo foi apartado.»

O filho, aborrecido pelo pae por ser christão, fôra desterrado, e, para conseguir o throno por morte d'elle, deu uma batalha, em que, como era uso do

tempo, appareceram milagres e combateu Santh
«com muitos de cavallo armados.»

Com os portuguezes espalharam-se no Con
cubiça, a violencia, as extorsões; e de S. Thomé
gava-se auxilio ao rei do Congo, apesar d'este n
dar ao governador, de presente, cincoenta escr
e oitocentas manilhas, e para sua mulher e filh
tenta manilhas «porque no Congo não havia
«christãos que o rei e D. Pedro seu primo, e os c
«dos d'elles» toda a mais gente *era inclinada* á
latria.

Em quanto as cousas se passavam por esta fór
os missionarios brigavam uns com outros; dois
giam para Portugal, outro morria de pura ma
e os outros se entregavam ao trafico dos escra
sendo o proprio rei obrigado, inutilmente, a pe
lhes «vendo a seu devasamento, por amor de n
«senhor Jesus Christo que, se comprassem algu
«peças (negros), que fossem escravos e que não c
«prassem nenhuma mulher, por não darem
«exemplo nem fazerem o rei ficar em mentira
«a sua gente.» E, sem embargo, a devassidão c
ceu tanto que os moços, que os padres tinham
casa para ensinar «lhes fugiam e iam contar tu
«seus paes e mães e parentes e todos começava
«zombar e escarnecer.» A cubiça crescia mais r
damente nos brancos do que a religião nos neg
como o pobre rei do Congo escrevia em 1514 a

Manuel «era tão grande a guerra e a cubiça nos pa «dres, como nos homens de soldo; *todos* compravam «peças, sem embargo de lho Sua Alteza defender em «seu regimento.» Para facilitar as suas extorsões e tyrannias, os padres puzeram excommunhão a quem d'elles murmurasse ou fosse contra elles.

Como era natural, em 1515 o rei podia dizer com sincera magoa «n'este reino a nossa fé é como vi- «dro, pelo mau exemplo dos homens que cá a vie- «ram ensinar.»

Quarenta annos depois dos primeiros missionarios e mercadores portuguezes entrarem no Congo, escrevia D. Affonso a D. João III: «Senhor Vossa «Alteza saberá, como nosso reino se vae a perder em «tanta maneira, que nos convém provermos a isso com «o remedio necessario, o que causa a muita soltura «que vossos feitores e officiaes dão aos homens e «mercadores se virem a estes reinos assentar com lo- «geas, mercadorias e cousas muitas por nós defezas» ... «e não havemos este damno por tamanho como «he, que os ditos mercadores levem cada dia nossos «naturaes, filhos da terra e filhos de nossos fidalgos «e vassallos e nossos parentes; porque os ladrões e «homens de má consciencia os furtam, com desejo de «haver assim as cousas e mercadorias d'esse reino.» Eis os fructos funestos da influencia, chamada civilisadora e christã, dos missionarios no Congo. Para melhor se avaliarem estes deploraveis factos é util

conhecer uma phrase da citada carta: «Nossa von-«tade, diz o rei barbaro, he que n'estes reinos não «haja trato de escravos, nem saida para elles.»

Em quanto o rei barbaro assim pensava, muitos dos do seu reino, instados pelos mercadores, furtavam os «naturaes forros, e os levavam a vender aos «homens brancos, escondidos e de noite; e os ho-«mens, tanto que os tinham em seu poder, *mar-«cavam-n'os com fogo!*» Com razão escrevia Nunes Coelho a D. João III em 1539 «muito proveitoso «será, para o divino e para o humano, despejar-se «este reino de todos os homens brancos que n'elle «estão, assim ecclesiasticos como seculares.»

Se, ao cabo de meio seculo, a propaganda religiosa parecia antes decrescer do que augmentar, não succedia o mesmo ao trafico de escravos e á corrupção dos costumes. O numero de escravos «não «descia de 4000 a 5000 peças em cada anno *afóra «muitos e infindos que morrem por mingua de embar-«cação*» escrevia um certo Pacheco a D. João III; e accrescentava que os padres no *aqueryr e castidade* não tinham *corrigimento, porque he a coisa que cá maior turvação faz.*

Os enviados da paz, os que deviam levar áquellas regiões palavras de conciliação e propagar os principios da moral christã, eram os principaes promovedores da desordem e da malicia; pondo, em

poucos annos, o reino do Congo em total anarchia, acabando por o destruir de todo. Já em 1540 um frei Alvaro, com sete ou oito homens brancos, atentavam contra a vida do rei, no proprio momento em que ouvia missa, para proclamarem outro rei que melhor lhes servisse os interesses.

Para satisfazer a reiterados pedidos, mandou D. João III para o Congo quatro missionarios jesuitas; com o fim de acudirem aos males que as missões anteriores não tinham podido remediar. Dois annos depois, em 1549, o rei do Congo, D. Diogo, escrevia a D. João III: «Ha V. Alteza de saber, que os padres e «leigos, vassalos de V. Alteza, que do seu reino vem a «este nosso, para em elle ganharem suas vidas, por «suas ordens e mercadorias que trocam, são tão dis«solutos em fazerem e cometerem fazer cousas, de «que Deus nosso senhor nem nós somos servidos, «mas antes com as cousas que alguns d'elles fazem, «que são cousas pera lhes serem muito estranhadas «e reprehendidas, nos fazem com isso muito despra«zer e deserviço, pelo desgosto que d'isso recebe«mos.»

Em vista d'estas razões, pede ao rei de Portugal lhe dê provisão para castigar os culpados. Pouco depois os jesuitas, feridos em alguns interesses, chamaram do pulpito ao rei «perro e parvo»: este acto violento deu logar a dessidencias entre os jesuitas e D. Diogo, e logo começaram as queixas dos padres,

e as conspirações para o desthronar; o movimento de desorganisação do reino barbaro prosegue, soprada a desordem pelos padres e traficantes de escravos. O rei D. Diogo morreu pouco depois, e tambem o seu herdeiro «sendo n'ella pessoas naturaes «de Portugal, como escreveu a rainha D. Catharina, «os quaes, acrescenta, eu queria que fossem tão leaes «aos reis desse reino, como a mim são obrigados.» Não conseguindo os seus fins, e receiando a insalubridade do clima, os jesuitas abandonaram o Congo para se estabelecerem em Angola. O rei de Angola com o engodo de tirar ao Congo o commercio dos escravos, recebeu bem os padres e fez-se christão, com muitos dos seus.

Nos primeiros annos do seculo XVII constava, pela relação do bispo de S. Thomé e outros muitos vindos dos portos de Guiné, a grande necessidade que havia, no Congo e Angola, de missionarios para a conversão das gentes, cujo numero é grande e faceis as condições para receber o baptismo, «cujos «corpos se estimam em tão pouco, que não havendo «mercadores, que os comprem para servir, se ven«dem ás manadas, como ovelhas, para leval-os a ou«tros infieis, *que comem carne humana,* para serem pe«sados em seus açougues.» Esta grave accusação de anthropophagia feita aos povos, depois de mais de um seculo de missões, é reiterada pelo proprio governador de Angola, no fim do seculo: «podendo-se

«conseguir, escreve Costa Menezes ao rei, livrar da «morte eterna e temporal tantos quantos *se comem,* «*sendo mortos como gado* para regalo e sustento d'esta «gentilidade tão barbara e cruel, e outros tormentos «que padecem escravos e plebeus, de maneira que o «maior serviço, que se pode fazer a Deus, é resgatar «das mãos d'estes barbaros para nossa escravidão, «que, sem fallar na espiritualidade, temporalmente, «pode V. Magestade livrar-se do menor escrupulo.»

Com estes e outros pretextos, o trafico de escravos ía sempre prosperando, e em breve vieram concorrer comnosco, n'esse barbaro negocio, hollandezes e inglezes. Pelo livro da feitoria de Angola consta que, do anno de 1575 a 1591, saíram d'aquelle reino para Portugal, Brasil e Indias de Castella, 52,053 escravos, afóra os que saíam pelos portos de Pinda e outros. Cadornega, que escreveu a *Historia geral de Angola*, um seculo depois, calcula em 8.000 a 10.000 escravos por anno nos primeiros cem da conquista, isto é, aproximadamente, um milhão de escravos no primeiro seculo.

A religião parecia servir, n'aquelles tempos, para nos assegurar o monopolio do trafico de escravos; pois que, nas pazes assentadas com o potentado do Sonho em 1690, se diz no artigo 8.º «No que toca «ao negocio dos escravos, *por ser de almas,* de ne«nhuma maneira permittirá o senhor conde de Sonho, «que os herejes os resgatem, *pellos não expôr á con-*

«*tingencia de se tornarem de gentios, infieis.*» N'esse mesmo anno, os missionarios *escommungaram* o conde de Sonho, por ter vendido escravos aos inglezes, nas feitorias de Angoi e de Bamba-Angoi.

Este e outros factos explicam o pouco fructo que das missões se tirava. O bispo do Congo, em carta a Filippe II, de 1612, busca explicar esses tristes resultados por «as gentes serem incapazes de n'el-«las se poder produzir o serviço de Deus» mas elle proprio confessa que «muitos ha ali que damnam «tudo e mui poucos que ajudam.» O bispo achava que homens de «nenhuma sostancia» governavam tudo no Congo e havia grande falta de justiça. Com razão escrevia um frade carmelita para o seu convento: «se algum padre vem a este reino, seu prin-«cipal intento é adquirir negros e não almas.» Para acudir aos males de todo o genero que, de dia para dia, exerciam no Congo e Angola, ou com esse pretexto, solicitava o rei do Congo em Roma que lhe mandassem missionarios; o que Paulo V promettia n'um breve de 1620. Por uma carta regia do mesmo anno, o governo de Madrid prohibia a entrada de missionarios estrangeiros nas colonias portuguezas.

Em Roma começaram os esforços para introduzir no Congo os capuchinhos italianos, o que, por fim, teve logar, por um breve de Urbano VIII, em 1640. A revolução de Portugal deixava livre expansão ás ambições de Roma e alterava os interesses de Hes-

panha, em relação ás colonias portuguezas. Assim, não tardaram os capuchinhos em preparar uma embaixada a Roma, a prestar obediencia publica ao papa e a pedir bispos, sem intervenção do rei de Portugal. Eis o que, sobre estes factos, diz o jesuita Antonio de Couto, mandado ao Congo como emissario, por el-rei D. João IV: «Ao que toca de mandar «vir el-rei do Congo italianos, *a titulo de religião*, «se justificou com um breve de Sua Santidade Ur«bano VIII, com o qual lhe mandou estes missionarios: «mas do breve, que tambem me mostrou, não consta «mais que mandar-lhe quatro ou cinco, e hoje no seu «reino estão mais, não só italianos mas tambem cas«telhanos, e outros se tornaram para Europa; e, con«forme se diz, *sempre fomentaram*, e ainda, depois «da restauração de Loanda, fomentam as vãs espe«ranças, em que vivia el-rei do Congo, de lhe vir ar«mada de Castella: seja o que for, a verdade é que «convém, para uma firme paz e quietação d'este rei«no, e para que de todo se acabem todas as descon«fianças, que se vão estes missionarios fora d'este «reino.» Os capuchinhos tinham então a protecção de Filippe IV, a quem fr. Angelo de Valencia, que fôra a Roma levar a obediencia do rei do Congo ao papa, tambem fôra prestar menagem.

Os missionarios de diversas ordens pouco faziam, para ensinar aos povos as coisas uteis á vida, e apenas se occupavam de ensinar o que podia pre-

parar para o serviço ecclesiastico. Já no fim do seculo XVI os carmelitas diziam: «El-rei quer que ensine-«mos a grammatica *aos filhos dos seus fidalgos*, por-«que assim os costumaram os padres que estiveram «aqui.» Durante o seculo XVII, buscou-se crear seminarios em Loanda e no Congo. O cardeal Berberino recommendava, em 1660, aos capuchinhos do Congo a formação de um seminario «onde os moços do «Congo, além das lettras e da grammatica latina, «aprendessem mais as *outras sciencias necessarias* «*para o estado ecclesiastico.*» Já, anteriormente, se tinha determinado aos jesuitas, que lessem no Congo *uma cadeira de casos.*

Os jesuitas, que abandonaram o Congo para ir viver em Loanda e nos seus arimos de Angola, tinham um collegio em Loanda, onde ensinavam as humanidades e theologia moral; além do que, tinham uma escola de meninos, onde aprendia grande numero d'elles.

Não tardou a missão dos capuchinhos, que nos primeiros annos soube captar a benevolencia geral, a entrar em luta com os outros missionarios e sacerdotes.

Em principios do seculo XVIII, o prefeito dos capuchinhos escreveu uma relação das missões do Congo, para atacar a influencia do bispo de Angola e dos padres, que queriam exercer a sua auctoridade ecclesiastica nos territorios, que os capuchinhos re-

servavam para si: e, quando os capuchinhos queriam o exclusivo para as suas missões, no Sonho e no Congo, havia mais de vinte annos que tinham um hospicio em cada um d'estes logares, e n'elle dois missionarios e um leigo.

O prefeito accusava os clerigos de viverem «amancebados publicamente.,. de comprarem e escondem escravos... de alguns d'estes comerem carne humana entre os barbaros.» Respondendo a estas arguições, o bispo de Angola diz, entre outras muitas coisas. «O padre prefeito não hade negar, que para o serviço dos missionarios nos hospicios, que tem no sertão, possue cada hospicio *mais de cincoenta escravos*» e, mais adiante, accrescenta o bispo: «O que é mais constante, é que, nas missões dos padres capuchos, assim no sertão d'este reino de Angola como no Congo, geralmente, só se verifica algum aproveitamento nos baptismos das creanças morrendo e em tempo conveniente, e que os mais, que chegam á puberdade e d'ahi para cima, ficam reincidindo em suas superstições e leis barbaras, em que vivem os outros, inda sendo baptisados adultos e velhos... choram (os bons missionarios) o pouco ou nada que aproveitam os povos, perseverando nas suas superstições, em que creem, e na multiplicidade de mancebas que não querem largar, e outros mais abusos gentilicos e diabolicos em que vivem sem remedio.»

fico, sob capa de moralidade. Em 1693 escreve a el-rei de Portugal o governador de Angola, em defeza dos jesuitas: «... occupando os seus escravos n'es-«te beneficio (a cultura dos seus *arimos*) e na reedi-«ficação, com que tem o seu collegio augmentado, «*tudo com officiaes que tem dos officios necessarios* e «tudo cá deixam e não levam nada, dando com gran-«de cuidado o pasto espiritual aos seus escravos, e «aggregados, casando-os; *e são só os que n'este reino «virem em bons costumes, porque, quando alguns os «não tem e se não emendam, os embarcam para o «Brazil e d'este mesmo modo se hão nos seus arimos.*» No transporte dos seus traficos empregavam os jesuitas um navio e dois patachos, propriedade sua propria.

Estes factos explicam o pouco fructo das missões dos jesuitas na Africa. As preoccupações mundanas faziam-lhes esquecer os interesses religiosos. O trafico de escravos destruia os bons resultados do ensino na escola, na officina e no campo.

De males eguaes adoeciam as outras missões. Da dos capuchinhos, que se declararam em hostilidade com o ordinario, dizia, em 1703, o governador de Angola: «He menos mal que os capuchinhos italia-«nos ignorem as linguas dos negros, do que irem vi-«ver entre elles sacerdotes, que lh'as intendam e não «se abstenham de serem reunidos com *mocanos*, de «portas a dentro, fazendo talvez gala do que deviam

«muito desconfiado de se fazer christandade (em An-«gola) *não se lhe dando o trato e negocio das mer-«cadorias.»* O rei do Congo, pouco antes, havia-se queixado a D. João III, do damno que resultava ao Congo do commercio de S. Thomé se fazer com Angola. Mais de uma vez, os triumphos dos missionarios na Africa se podem, como n'este caso, explicar pelo trafico de escravos; força é confessal-o. Os baptisados eram, ás vezes, em grande numero, mas, como dizia um padre carmelita d'este tempo: «vão-se «milhares d'almas ao inferno por falta de ministros «e, ainda dos baptisados, se não morrem meninos, «mui poucos se salvam; porque não ha quem lhes «ensine, nem lhes diga que cousa é Deus.» Muito depois, em 1800, um governador de Angola escrevia contra estas conversões simuladas e baptismos *de carregação* como elle lhes chama.

Uma vez estabelecidos em Angola, os jesuitas trataram mais dos seus proprios negocios do que dos interesses da religião. Persuadem os sobas, conquistados e até antes de conquistados, a tomarem-os por *amos,* isto é, por senhores; assenhoream-se de uma população numerosa, para trabalhar nos seus *arimos* (fazendas); promovem desordens e mesmo revoltas; incitam odios e guerras entre os potentados de Angola e Congo; e manteem activo, por propria conta, o trafico de escravos. E é curioso o modo porque os jesuitas obtinham *peças* para o seu tra-

fico, sob capa de moralidade. Em 1693 escreve a el-rei de Portugal o governador de Angola, em defeza dos jesuitas: «... occupando os seus escravos n'es-«te beneficio (a cultura dos seus *arimos*) e na reedi-«ficação, com que tem o seu collegio augmentado, «*tudo com officiaes que tem dos officios necessarios* e «tudo cá deixam e não levam nada, dando com gran-«de cuidado o pasto espiritual aos seus escravos, e «aggregados, casando-os; *e são só os que n'este reino «vivem em bons costumes, porque, quando alguns os «não tem e se não emendam, os embarcam para o «Brazil e d'este mesmo modo se hão nos seus arimos.*» No transporte dos seus traficos empregavam os jesuitas um navio e dois patachos, propriedade sua propria.

Estes factos explicam o pouco fructo das missões dos jesuitas na Africa. As preoccupações mundanas faziam-lhes esquecer os interesses religiosos. O trafico de escravos destruia os bons resultados do ensino na escola, na officina e no campo.

De males eguaes adoeciam as outras missões. Da dos capuchinhos, que se declararam em hostilidade com o ordinario, dizia, em 1703, o governador de Angola: «He menos mal que os capuchinhos italia-«nos ignorem as linguas dos negros, do que irem vi-«ver entre elles sacerdotes, que lh'as intendam e não «se abstenham de serem reunidos com *mocanos*, de «portas a dentro, fazendo talvez gala do que deviam

«envergonhar-se; e, quando estes taes vam para o «*Congo* ou para outras partes, *não é levados pela «salvação das almas, mas sómente da conveniencia «do resgate dos corpos.*»

Os factos, infelizmente, confirmam as tristes palavras de Lopes de Lima: diz elle: «Não posso dei«xar de lamentar que, á custa de tantas despezas e «riscos de vidas, as missões da Africa não chegas«sem a obter mais que *uma vã e mentirosa apparen«cia de christandade*, a qual, se satisfaz os fins da «sociedade da *Propaganda fide*, não satisfaz por «certo os da civilisação da especie humana, base so«cial sobre a qual indubitavelmente assentam os san«tos dogmas da religião de Jesus Christo.»

As missões, como escrevia o illustre marquez de Sá da Bandeira, tanto em Angola como no Congo, apezar de subsidiadas pelo estado e de existirem durante seculos, deixaram na idolatria a grande massa da população.

Ás numerosas difficuldades,—que podemos chamar africanas propriamente ditas,— que á propaganda das verdades christãs se oppõem, accrescem as que resultam do antagonismo, mal disfarçado ou mesmo patente, entre missionarios protestantes e catholicos, e ainda mais o caracter politico, que tomam uns e outros. O negro difficilmente pode ter confiança e escutar homens que, para elle, pregam as mesmas doutrinas e que uns aos outros se combatem.

Citamos, com verdadeira satisfação, a opinião de tres portuguezes que, nos ultimos annos, estudaram a Africa, com esclarecido espirito, nobres sentimentos e verdadeiro desejo de promover o bem dos africanos.

Citaremos primeiro a auctorisada opinião do sr. A. F. Nogueira, no seu excellente estudo da *Raça Negra*. Diz elle:

«O melhor methodo de ensinar os indigenas da «Africa, mesmo em materia de religião, é dar-lhes «bons exemplos, em vez de grandes definições dog«maticas e convencel-os, mais pelas obras do que pe«las palavras. O argumento dos factos convence a «toda a gente, mesmo aos selvagens. Se nós lhes «mostrarmos, se lhes fizermos sentir que a nossa ci«vilisação tem vantagens claras sobre o estado em «que elles se acham, e que lhes é possivel alcan«çal-as; se, pelo goso da paz, lhes mostrarmos o de«sastroso da guerra; se, pelos beneficios do trabalho «os convencermos dos inconvenientes da ociosidade: «elles acreditarão mais em nós, isto é, n'estes factos «do que na nossa eloquencia, por mais sublime que «seja, e quer seja profana ou sagrada. Ora estes «meios podem ser postos em pratica com ou sem «missionarios: melhor com elles, mas sem que se«jam absolutamente indispensaveis. Se formos bons e «justos com os negros, se formos benevolos para com «a sua ignorancia, se lhes formos uteis em vez de

«prejudiciaes, elles virão a nós sem receio e antes «com confiança e boa vontade. Se lhes dermos bons «exemplos elles os seguirão de bom grado.»

Estas palavras, inspiradas por um alto sentimento moral e pelo perfeito conhecimento do caracter dos negros, são corroboradas pelo estudo e opinião do illustre viajante e meu amigo o sr. Serpa Pinto.

«Eu não creio — diz o ousado explorador com «uma sinceridade que nada assombra — o cerebro «do preto á altura de comprehender um certo nu«mero de questões, comesinhas entre povos de ra«ças evidentemente superiores.

«As questões abstractas são sublimes e incompre«hensiveis a tão inferiores organisações.

«Explicar theologia a um preto equivale a expôr «as sublimidades do calculo differencial a uma as«sembléa de camponios.

«Mas, se o preto não está á altura de poder com«prehender as verdades da religião de Christo, tem «sem duvida o sentimento do bem e do mal, e está «nas condições de comprehender os principios de «moral commum.

«Marchem para entre os povos ignaros da Africa «central os missionarios, sigam sem trepidar o cami«nho que lhes impõe a sua missão evangelica, mas «desvendem os olhos.

«Tomem para si o que ha de abstracto na scien«cia de Deus, e não queiram ensinar aos negros o que

«ha de sublime n'ella para cerebros mais bem orga-
«nisados. Ensinem moral e só moral, com o exem-
«plo e com a palavra; *criem necessidades, que ellas*
«*farão nascer trabalho, e só por elle se regenera um*
«*povo.*

«Quero missionarios, mas quero missionarios do
«christianismo e da civilisação, homens que, compe-
«netrados dos seus deveres para com Deus e para
«com a sociedade, saibam firmar o edificio social em
«solidas bases; ensinando o bem e o trabalho, e tudo
«o que o preto possa comprehender; esperando a oc-
«casião que o tempo, a civilisação, não deixará de
«trazer, se elle bem trabalhar, para ir pouco a pouco
«incutindo nos animos as verdades da theologia e da
«moral.

«Busque primeiro fazer do preto um homem, que
«tempo terá de fazer do homem um christão.»

A esta larga citação juntaremos mais uma dos distinctas exploradores, Capello e Ivens, cuja probidade, sinceridade e clara razão se não podem pôr em duvida. Escrevem os illustres exploradores:

«Obrigar na verdade o preto a conformar-se com
«os habitos e modo de viver do europeu, forçando-o
«n'um dia a semelhante conversão, afigura-se-nos
«seguramente erro.

«É porém lamentavel que a crescente industria
«de muitas nações não permitta a subordinação a um
«plano, e que tratando de introduzir-se na Africa sob

«pretexto de praticar o bem em favor do indigena,
«apenas levem em mira o lucro do individuo e a pro-
«cura de mercados, onde possam diffundir quanto
«produzem, coagindo o preto, que hontem andava
«de pannos e pennas na cabeça, a trazer um cha-
«peu alto e envergar uma ridicula casaca.

«Em materia de religião todo o cuidado é pouco;
«interesses especiaes já hoje começam a manifestar-
«se no religioso fervor com que as missões invadem
«a Africa.

«Do nosso gabinete antevemos, e ousamos apon-
«tar aos governos, que uma situação, embaraçosa
«para o civilisador progresso do indigena, principia
«a crear-se no grande continente.

«De toda a parte as nacionalidades da Europa
«despejam missões, que no interior ensaiam a cathe-
«chese. Por seu lado os arabes, de Koran em punho,
«intentam a conversão, com apreciaveis resultados
«já.

«Cada seita, cada culto, apresentando-se como
«os verdadeiros, á exclusão dos outros, o pobre pre-
«to, opresso pelos chefes, impressionado pelas der-
«radeiras recordações do fetichismo dos paes, con-
«vertido pelos missionarios, que o carregam de Bi-
«blias e de Korans, não saberá em breve onde o que-
«rem conduzir.

«Assim pois afigura-se-nos, para remediar tama-
«nho inconveniente, que é necessario o estabeleci-

«mento de uma associação catholica internacional, «a fim de, em plano geral com bases identicas, ad- «ministrar pela terra negra o pão espiritual ao indi- «gena...

«Ensinar de seguida o indigena a fazer a char- «rua, a extrair o ferro pelo modo mais aproveitavel «e combinal-o com o carbone para produzir aço, le- «var-lhe a primeira noção do moinho, revelando-lhe «o modo de aproveitar a força das aguas e as van- «tagens do amanhado da terra, etc. é, em duas pa- «lavras, o debute serio das missões n'aquellas para- «gens.

«O negro, desde o primeiro dia que avistar o «missionario, deve vêr n'elle, não o feiticeiro de for- «mulas mais ou menos mysteriosas, mas um genio «superior, carinhoso, juiz recto, de cuja acção só «resulte para elle o bem e a felicidade.»

A seriedade d'estas palavras, o amor da humanidade e da verdadeira civilisação que revelam, não podem deixar de impressionar profundamente todos quantos se interessam pelos progressos moraes e materiaes da Africa.

Este brevissimo estudo das missões, que buscamos, comtudo, apoiar em numerosos testemunhos escriptos que poderiamos multiplicar indefinidamente; este estudo mostra o escasso producto das missões e a ephemera duração dos seus resultados.

O sr. major Serpa Pinto observa com razão que,

onde se consegue cathechisar o chefe de um povo, grande ou pequeno, consegue-se fazer christão o povo: mas, logo que a um chefe christão succede outro, que prefere os vicios da idolatria aos preceitos austeros da religião de Christo, tudo cae em ruinas e, onde antes havia muitos não se acha depois um só christão.

VIII

Não se julgue de quanto fica dito, que desconhecemos a importancia da propaganda religiosa na Africa. Julgamos, ao contrario, que a benefica influencia da moral christã deve exercer a mais pura e mais civilisadora acção no espirito d'aquelles povos; que a queda da idolatria e o desapparecimento do fanatismo e das suas praticas barbaras, feroses muitas vezes, necessariamente hão de preceder a completa transformação social dos negros. O que, porém, não julgamos possivel é que, no cerebro por assim dizer incompleto do africano, possam, sem longa pre-

paração, sem um longo e previo trabalho de edu
ção moral e physica, entrar outras idéas, para
ceber as quaes o selvagem não está preparado, e
necessariamente repugnam á sua indole brutal.

Para apreciar justamente as causas do pouco f
cto, que tem dado as missões, não ha que tomar
conta unicamente os defeitos ou mesmo os er
e vicios d'estas, mas ha sobretudo a conside
as condições physiologicas e intellectuaes dos
gros.

«Os negros, diz o viajante Burton, tem a in
«rioridade innata e soffredora de uma raça, que t
«tas occasiões tem tido de adquirir a civilisação, r
«que tem sempre regeitado, de proposito, todos
«progressos.» Skertchly, um naturalista, que lon
mente estudou os povos de Dahomey, chegou á m
ma conclusão.

O povo de Dahomey procede da raça de Allad
mas com essa raça muitas tribus differentes se te
amalgamado; de modo que poucos são os typos F
em que se encontra puro o sangue primitivo. E
conhece-se pela côr mais clara, que ainda se no
bem distincta, na familia reinante. Esta côr é a
cafe pouco escuro. Os Ffons eram uma raça gu
reira, provavelmente, quando emigraram das ter
altas da Africa: mas teem ido rapidamente dege
rando. Skertchly, estudando este povo, formado
diversos elementos africanos, diz: «De todo o co

«ção concordo com Burton nas suas affirmações, que «tendem a mostrar, que do negro se tem formado uma «opinião elevada, de que tem de decahir, quando o «conhecimento verdadeiro da sua raça, tal qual ella «é e não como se suppõe ser, se generalisar.» Segundo o citado viajante, os verdadeiros limites geographicos dos negros, propriamente ditos, estendem-se entre o parallelo das serras de Kong e o do Congo; sem que estes limites sejam de perfeita regularidade.

«O negro—observa elle—é um imitador, prova «evidente da consciencia innata de inferioridade. Ac«ceita voluntariamente o servilismo da sua propria «situação, e, todos sabem, que, antes quer obedecer a «um mulato do que a um individuo da sua propria «raça, e a um branco antes do que aos dois outros.

«Nenhuma illusão maior tem jámais havido, do «que a de prégar aos negros, na supposição de que «eram eguaes aos brancos. Uma raça, que nunca pou«de inventar uma divindade propria, não pode en«tender nunca a theologia do christianismo. Podem «os negros, como papagaios, repetir de cór as ora«ções e saberem os canticos sagrados na ponta da «lingua; mas, quanto a entenderem uma palavra, é «um verdadeiro absurdo imaginal-o...

«Quando os negros são *obrigados* a trabalhar, «ou pela fome ou pela força, melhoram, até certo li«mite, onde param subitamente; e os casos em que

«passam além de taes limites são raros. O melhora-
«mento de uma raça, pela limitada mixtura de me-
«lhor sangue, prova-se bem em Dahomey, onde o
«sangue puro dos Ffons formam uma classe intelle-
«ctualmente elevada: á medida que se caminha para
«a costa e o sangue negro propriamente dito toma
«ascendencia, decresce o poder do pensamento na
«mesma proporção.»

Não se fazendo cargo das conclusões que, Skertchly quer tirar das suas observações, fica fóra de duvida, entretanto, que elle reconheceu a inferioridade intellectual da raça negra, e as differenças notaveis de desenvolvimento intellectual e physico, que existem entre os africanos de diversas origens.

Conforme com a opinião de Skertchly é a de Serpa Pinto, quando diz: «Francamente, não creio o ce-
«rebro do preto á altura de comprehender um certo
«numero de questões, comesinhas entre povos de ra-
«ças evidentemente superiores.»

Segundo as observações auctorisadissimas de W. Reade, que por vezes temos citado, os caracteres physicos do verdadeiro negro são semelhantes aos da creança, com algumas modificações, que tem analogia com os caracteres physicos da velhice. «Medi-
«das, observações microscopicas, analyses, provam,
«que o typo negro é intermedio entre a infancia, a
«velhice e o animal.» Mas Reade prova, a nosso ver, com boas razões, que isto é o resultado da degrada-

ção e da doença e não o verdadeiro typo africano. Esse estado de degradação encontra-se em limitadas regiões geographicas. Os verdadeiros africanos vivem nas montanhas e planaltos da Africa; os typos degenerados, os verdadeiros negros, vivem nos logares pantanosos, entre os terrenos elevados e a costa, principalmente, do Senegal a Benguella, e nos logares analogos a leste.

Reade distingue na Africa tres grandes raças. A que elle denomina raça da Ethiopia, a qual tem uma pelle trigueira, feições caucasicas, longos cabellos negros. A raça intermedia, mais escura, labios grossos, nariz largo na base, cabellos curtos e frisados. Finalmente, o typo de pelle negra, carapinha, e bem caracterisado prognatismo.

O negro é, na Africa, uma raça tão excepcional como a dos homens lividos, que vivem nos logares pantanosos e em que se nota a degradação physica e moral. Como os negros, primeiro conhecidos na Europa, provinham das terras baixas das costas de oeste, por isso persistem as idéas falsas ácerca dos povos africanos; idéas ainda corroboradas pela degradação manifesta dos escravos, mesmo entre os negros propriamente ditos.

D'estes, fórma o sagaz observador tres classes, a saber: Os negros côr de bronze, de fórmas graciosas e afeminadas, pés e mãos pequenos, longos dedos, espiritos intelligentes, maneiras polidas: Os ne-

gros de pelle negra, fórmas athleticas, maneiras rudes, menor intelligencia, beiços mais grossos, narizes mais largos e, muitas vezes, prognatas em summo grau: Os negros typicos; raça excepcional, mesmo entre os negros propriamente ditos, e que é inutil descrever.— Estas tres sub-classes teem dois caracteres externos em commum: cabello mais ou menos lanuginoso, pelle mais ou menos negra.

A observação parece demonstrar, positivamente, que os individuos de pelle avermelhada, degeneram em pretos, quando descem das alturas e se approximam da costa. A degradação intellectual acompanha a degradação physica; e, nada admira, que a civilisação, quasi sempre em contacto com os negros propriamente ditos, tenha encontrado grandes difficuldades para alcançar resultados uteis.

IX

Em Angola, o dominio portuguez e a sua influencia encontram-se em largo contacto com os africanos: incumbe aos dominadores o dever de melho-

rar a situação dos negros, de lhes promover a civilisação em beneficio d'elles, e em proveito e honra dos primeiros descobridores dos vastos territorios da Africa.

Busquemos, pois, formar idéa dos habitantes africanos de Angola, e do que a respeito d'estes pensam escriptores dignos de fé.

W. Reade, que observou particularmente os negros de Angola, compara-os aos Fulus, que caracterisa como tendo o nariz aquilino, sensivelmente largo na base, carapinha abundante, labios grossos, pelle que varia da côr de azeitona ao bronze escuro; —pode dizer-se a côr formada da combinação do vermelho e amarello. As fórmas, nos homens, são notavelmente afeminadas, os pés e as mãos pequenas; o que contrasta com as fórmas espessas e apparencia brutal e repulsiva dos antigos escravos, vindos, principalmente, do Congo.

Da obra sobre Angola de J. John Monteiro e do excellente livro *A raça negra* de Nogueira, facil é concluir, que a população da nossa vasta colonia é constituida por negros de diversas procedencias; os quaes, no fluxo constante das tribus africanas de norte para sul e de leste para oeste, se precipitaram em varias épocas nos territorios da Africa Occidental. D'estas populações,—de origens mais ou menos recentes, mais ou menos variadas,—a de mais importancia, que occupa um logar mais eminente entre

todos, pelos dotes physicos e mentaes, é a que habita o territorio entre os rios Lifuni e Quanza. É a mesma de que falla Reade, acima citado.

Estes negros de Angola, que Cannecatim denomina *Abundos*, o que significa vencedor, fórma uma raça guerreira, que veiu de leste para oeste,—como o instincto parece ensinar aos africanos,—e conseguio dominar pela conquista tudo até ao mar. N'esta invasão remota, parece haverem os povos do Congo, evidentemente inferiores, ficado subjugados pelos abundos vencedores.

São os negros de Angola (os abundos) «especialmente apropriados para a introducção de habitos «de industria, e uzos de civilisação; porque são na«turalmente pacificos, tranquilos e com disposições «para a ordem. A differença, entre elles e os indige«nas da serra Leoa e do resto da costa occidental, é «muito sensivel e agradavel. Não tem nenhuma das «repugnantes imposturas, phantasias ou hypocrisias «dos primeiros, mas são, invariavelmente, civis e ama«veis» affirma J. Monteiro. Foi n'este vasto territorio, que do mar se estende até aos limites da colonia no sertão, que os jesuitas estabeleceram as suas missões, as suas escolas e os seus *arimos* e culturas: aqui recrutavam elles escravos, para trabalharem nas suas fazendas ou para expedirem para a America; aqui faziam as suas, denominadas, conversões, de que resultava formarem densas povoações em volta de

seus *arimos*. No Bango, tinham elles uma das suas mais importantes culturas: no Dande tinham outro arimo: em Cale (no Quissama) outro, apezar de ser a população muito menos sujeita e intelligente do que os abundos. Além d'estes, outros arimos e hortas tinham os frades da companhia na provincia.

A duas coisas foi devida a superioridade dos missionarios jesuitas sobre os de outras religiões: ensinar a ler e escrever «occupar os indigenas em «trabalhos ruraes e ensinar-lhes as boas praticas de «cultura. Foi dos trabalhos d'esta ordem e não da «cathechese religiosa que ficaram fundos vestigios em «Angola.» Milhares de nativos, diz Monteiro, até 200 leguas para o sertão, podem ler e escrever correctamente, apezar de não haver uma unica missão ou escola,—a não ser a pequena distancia de Loanda,—ha muitos annos: mas isto é quanto a civilisação e o exemplo fez entre os negros. Estes vivem todos crentes nos seus feitiços e encantamentos; e, apezar de tratada, geralmente, com muito carinho e equanimidade pelos portuguezes «a raça negra e mesmo «os mulatos nunca passaram d'estes primeiros rudi«mentos de ler e escrever tanto nos officios publicos «como nos particulares.»

Ao norte e ao sul d'esta região central, onde o dominio portuguez é effectivo e reconhecido, estendem-se duas vastas regiões; uma até ao Zaire outra até ao Cunene.

A região do norte não está, em grande parte, sob o dominio portuguez, e comprehende tribus de uma natureza menos pacifica e de organisação menos perfeita—physica e moralmente. Por aqui se estendia o vasto imperio do Congo, hoje inteiramente caído em decomposição. Geralmente, são estes povos do Congo compostos de homens pequenos, fracos de corpo, industriosos, e que fallam uma lingua particular analoga á dos Bundos.

Na parte inferior do rio vivem os Mussurongos, raça pouco favorecida da natureza, e, pela maior parte, ladrões e piratas. Mais para cima, nas margens do Zaire e para oeste do Mangue Grande no Ambriz, vivem os Muchicongos. Estes são, segundo Monteiro, uma tribu de negros superior aos Mussurongos, apezar de terem uma apparencia franzina e debil, de serem pouco aceiados e de andarem quasi nus. Os Muchicongos oppõem-se á passagem dos brancos, do Zaire para S. Salvador do Congo e vice-versa: e servem de intermediarios forçados entre as tribus do interior e os moradores da costa, em tudo que ao commercio se refere, porque fallam correctamente o portuguez. A abolição da escravatura deu grande impulso, n'esta região, ao trabalho productivo dos negros. As modificações favoraveis dos direitos aduaneiros no Ambriz teem tambem, como sempre succede, contribuido poderosamente para o crescimento da producção n'esta região.

, resultados, obtidos em poucos annos pela
) da escravatura e pelas facilidades do com-
demonstram claramente que os negros, mes-
castas menos elevadas, são susceptiveis de
par no trabalho util, de produzir ricas e
ıtes mercadorias, sem serem a isso levados
oz oppressão da escravidão. A voz do inte-
·oprio e licito tambem aos negros se faz ou-
este o meio mais seguro e efficaz de civili-
os, que longos seculos viveram nas trevas
sas da ignorancia, e a quem por vezes, mas
e quiz ensinar os principios abstractos, os
os mysterios da religião, sem lhes indicar os
e se libertarem da escravidão, creada pelos
es dos homens e da não menos pezada es-
), que a natureza selvagem oppõe ao desen-
nto material e intellectual dos povos, que
em dominar-lhe e encaminhar-lhe as forças
ivas.

suitas, força é reconhecel-o, apesar dos gra-
s que uma ambição, uma cubiça insensata
eram commetter muitas vezes, comprehen-
maneira pratica de civilisar selvagens; mis-
ao ensino religioso, que não foi fructifero
; missionarios de certo desejavam, o ensino
al e agricola e o dos rudimentos da leitura
ıta; e d'este ultimo restam ainda vestigios
nas populações de Angola.

Um facto interessante merece ser conhecid
visto tratar-se de averiguar o caracter e disp
dos negros da parte oeste da costa de Africa
exercemos dominio ou devemos vir a exercel-o
nhecimento do negro importa o estudo dos mei
civilisar, e, conseguintemente, dos meios de o
nar: o que pela força se não poderá conseguir
As tribus dos Mussurongos, Muchicongos e A
zes, occupam-se de cultura, mas pouco ou n
trabalho industrial, pois que apenas fazem os i
mentos e utensilios domesticos rudimentare
lhes são indispensaveis para a sua vida sing
ma. A razão d'isto, além das causas geraes
dolencia e inaptidão dos negros, é o haver n
las tribus uma especie de communismo, que
ter por fim manter uma egualdade perfeita
todos os membros da tribu. Se um negro, pe
industria ou commercio, fóra dos usos estal
dos, ganha uma pequena fortuna, superior á
ravel mediania dos outros, logo é accusado
ticeiro, e os seus bens repartidos por todos.
a actividade individual, toda a iniciativa p
todo o esforço para attingir a riqueza, a vida
trial, emfim, morre diante do principio, exag
mente estupido, da egualdade. E é a isto qu
chegar uma escola que ameaça a paz e a feli
da Europa!

Entre Ambriz e Loanda, na distancia de

kilometros, vive a tribu dos Mossulos; nos quaes não exercemos dominio, e que se oppõem, quasi sempre, ás communicações da capital para o Ambriz. Já no fim do seculo passado estes selvagens mantiveram uma longa guerra com as forças de Angola e só ao cabo de cinco annos foram vencidos, para de novo se tornarem independentes.

X

Conforme a opinião de Cannecatim, citado no livro do sr. Nogueira, nasceu a lingua bunda em Cassange, nas denominadas terras do Ginga, e depois se estendeu pelos Libollos, e Giacas, e, mais tarde, pelos districtos de Ambaca, Gollungo, Icolo e Bengo até Loanda. Os logares do sertão, a que Cannecatim se refere, formavam na sua hypothese um unico imperio constituido pelos conquistadores Abundos.

Estes territorios, que ficam na fronteira leste de Angola, tem estado, umas vezes sujeitos á auctoridade portugueza, outras não; são fronteiras fluctuantes, como as de quasi todas ou de todas as colonias

europeas na Africa. Alli, nas terras limitrophes, ardem sempre em guerras uns com outros os potentados negros, e teem logar invasões, que alteram profundamente a natureza das populações. Quando os exploradores, srs. Capello e Ivens, chegaram a Cassange, um dos territorios limitrophes a que nos referimos, estava desde muito tempo vago o jagado de Cassange; o que dava logar a luctas repetidas. Segundo uma nota, que se lê no livro dos illustres exploradores, foi por fins do seculo XVI que os jagas conquistaram Cassange e teve logar a invasão dos Tembos, originarios das terras do Lunda.

Passando ao sul do Quanza encontram-se povos não sujeitos ao nosso dominio. Entre estes povos, merecem particular attenção os chamados Quissamas, que occupam o territorio ao sul, desde a embocadura do rio até á margem em face do Dondo. Já no fim do seculo XVI as armas portuguezas buscaram penetrar em terras dos Quissamas, para chegarem mais seguramente a senhorear-se das suppostas minas de prata de Cambambe; para firmar um tão appetecido dominio se levantou o forte de Muxima, onde se estabeleceram missionarios. Armas e missões, tudo foi inutil. Os Quissamas, com mais ou menos prospero resultado, mas quasi sempre vencidos nos combates e sempre inaccessiveis á civilisação, conservaram a mais selvagem independencia.

Os Quissamas, diz o sr. Monteiro, são uma raça

de côr muito negra, de altura abaixo da mediana, e de uma apparencia notavelmente disforme. Mais do que os outros negros, pelo sr. Monteiro observados, são elles selvagens, e suspeitosos. Quando vem á margem norte do Quanza, nunca se demoram mais do que o necessario para fazer o seu negocio, apezar de se conservarem em bons termos com os negros e mesmo com os brancos, que residem ao norte do rio.

De uma natureza e estado analogos são os Mucoandos, ao sul de Benguella, entre o cabo de Santa Maria e o rio de S. Nicolau. Esta tribu dos Mucoandos é nomada, e de pastores, não de agricultores. Andam quasi nús, apenas cingidos por uma pelle de carneiro; são inofensivos e pacificos. Parece que a tribu tende a extinguir-se, como succede a outras tribus incapazes de melhorar o seu estado physico e moral, e de adoptar as praticas laboriosas da civilisação.

Estes Mucoandos, que parece, pelo que dizem alguns viajantes, ter pontos de analogia se não identidade com os Quissamas, estão, por assim dizer, engastados nos territorios occupados pelos Mondombos. Eis o que o sr. Monteiro diz dos Mondombos. São estes, selvagens, com tendencias ao roubo, e pouco parecidos com os negros das outras tribus, que habitam Angola. Cobrem-se apenas de pelles e couro de carneiro; e esfregam-se, corpo e cabeça,

com oleo ou manteiga rançosa, misturada de carvão; usam sandalias de coiro: teem altura medeana e cara hedionda. As suas cubatas são baixas e redondas: são pouco trabalhadores e independentes. As mulheres cultivam a terra, e os homens são caçadores e pastores. Quando o dono do gado morre, mata-se a manada, toda ás vezes, e convida-se a comer a tribu inteira.

Segundo os documentos officiaes que acompanham uma conferencia, feita pelo sr. Ferreira de Almeida na Sociedade de Geographia de Lisboa, vê-se que a tribu dos Mondombos occupa o logar de Quissongo na margem esquerda do rio Giraul, perto de Mossamedes. É nómada, mudando com frequencia de habitação para ter ondo apascentar os seus rebanhos. Com diligencia obtem-se, com tudo, que trabalhem, ainda que seja grande a resistencia.

O sr. Monteiro termina a exposição ácerca dos Mondombos, dizendo: «são uma raça forte, e ener-«gica, capaz de soffrer cançaso e fome; de caracter «bom e alegre. Não são os Mondombos uma raça má, «mas são selvagens, nomadas, e intrataveis, quan-«do se trata de os ensinar ou civilisar.» Os maus tratos, que dos brancos tem recebido, contribuiram de certo para lhes exagerar estes caracteres. N'uma communicação de Eug. Werhlin lê-se o seguinte, que bem mostra o modo porque são tratados os negros, e o que mais se oppõe á sua futura civilisa-

ção: Esta tribu foi deshumana e cruelmente tratada, por lhe não deixarem «um palmo de terra, de tan-«tos terrenos de que foram desapossados, para cul-«tivar os mantimentos necessarios á sua subsisten-«cia: não quero fallar em terrenos para pastagem «de gado vaccum e ovelhum, de que tinham ha pou-«cos annos grandes manadas, parte roubadas pelo «mesmo gentio dos *Cubaes*, que ha tempo se entre-«gou ao roubo do gado dos habitantes do districto,— «o que tem sempre praticado impunemente,—parte «e resto perderam pela epizootia que n'estes sitios «reinou com intensidade.»

Mais para o sul, e no littoral, encontram-se as tribus dos Ba-Kuisse e Ba-Nhaneca.

Os Ba-Kuisse, como diz o sr. Nogueira, vivem errantes, nutrem-se de peixe, e vivem como os troglodytas, nas cavidades dos rochedos. Estes selvagens da beira-mar, mereceram ao distincto official de marinha, o sr. Amaral, as seguintes palavras: «A ex-«traordinaria tribu dos macuissos (Ba-Kuisse do sr. «Nogueira) é pouco communicativa entre si, vive «isolada das outras tribus, a tal ponto que, se algum «argumento se podesse produzir a favor de insocia-«bilidade do homem, seria de certo o d'esta casta. «Homens e mulheres raras vezes se juntam; estas, «na fórma habitual, cultivam, quando o fazem, um «ou outro arimo. Verdadeira expressão da fome e «da miseria, dão um espectaculo hediondo de sel-

«vageria e de escravidão, não d'aquella que a
«attingiu, mas da que só o missionario pode a
«bar... Esta tribu sombria não tem contacto alg
«com os brancos, que não a escravisam, mas as
«o fazem os seus habitos, a sua repugnancia ao t
«balho, embora retribuido generosamente, a sua
«dole nomada e extraordinaria, etc.»

Outra raça vagueia por estas terras, e se com
de caçadores. São os Ba-Kankala. Estes teem
quena estatura, côr amarello-palida, ossos da f
salientes, nariz chato, olhos obliquos, beiços gr
sos, queixo proeminente, carapinha pouco der
ventre alto. São os caracteres physicos dos Bos
jemans; caracteres, pouco mais ou menos, comm
ás tribus de pygmeus da Africa. O professor Ha
mann indica por este modo esses caracteres: «
«quena estatura, cabeça grossa e alongada, ho
«bros largos, ventre saliente, bacia proemine
«membros delgados, bem proporcionados, mão
«pés pequenos, côr desde o negro carregado at
«negro olivaceo, ou o amarello ou vermelho escu
«face em fórma de pera, nariz curto e achat
«maxilas salientes, labios carnosos e grossos.»

Entre estas raças, que podemos, por comparaç
chamar inferiores, outras existem evidentemente
outra procedencia, de caracter guerreiro, que par
haverem conquistado os territorios que habitam, e q
mostram caracteres e aptidões que faltam ás outr

Já atraz dissémos que, na hypothese plausivel de Cannecattim, o paiz de Libollo, na margem sul do Quanza, fazia parte do grande imperio, onde se estabeleceram os conquistadores Abundos. É o Libollo o limite norte do celebre paiz do Nano, habitado pelos Bin-Bundos. Os povos de Libollo são de uma organisação physica e moral muito superior á dos seus visinhos Quissamas; são mais guerreiros, altos e bemfeitos: são limpos e arranjam os cabellos em tranças em volta da cabeça, ornados com missangas imitando coral.

As tribus do Nano, que nas terras altas occupam uma posição semelhante ás anteriormente indicadas, comprehendem extensas terras, e numerosos povos. Os povos do Nano tem o nariz achatado, os labios grossos, o queixo recuado, os dentes inclinados, cabellos encarapinhados, côr escura e uniforme, aspecto suspeitoso. Os distinctos exploradores Capello e Ivens, que nos dão estas informações, accrescentam no seu livro: «É grande a sua fama, pelas correrias «nos sertões do sul e do sueste, chegando até ao «vale do Dombe Grande... não escapando a Huil-«la, Copangombe, Mossamedes, que com frequencia «visitam... propendem para a rapina... *a anthro-«pophagia pode exercer-se incidentalmente, como, «por exemplo, nas occasiões de geral discordia, em «que os vencidos são de ordinario devorados.*»

Confinando ao sul com os povos do Nano, ficam

os Ba-Nhaneca e Ban-Kumbi, povos especialmente estudados pelo sr. Nogueira. Estes povos, que se dividem em varios grupos occupam o territorio comprehendido entre a serra de Chela e o Cunene, de 15° a 17° de latitude sul. Segundo a propria tradição, vieram estes povos do norte, d'onde parece haverem sido expulsos pelas invasões dos Nanos, assim como, por seu turno, expulsaram os Ba-Ximba dos territorios que hoje occupam. Todos estes povos fallam a lingua *bunda* ou seus dialectos, e possuem gados abundantes: são pastores e agricultores, consomem o leite azedo e fabricam a manteiga, como os povos do norte da Africa, e, como alguns d'estes, professam um certo culto ao boi.

Referindo-se á anthropophagia entre estes povos o sr. Nogueira diz: «nos Gambos (Ban-Gambue) ha «uma ceremonia, em que uma pequena porção de «carne humana, que deve ser de um prisioneiro de «guerra, é ministrada, com outra, a um certo nu«mero de iniciados. Essa ceremonia só se repete «por occasião da subida ao poder de um novo Ham«ba (chefe), e começa a cair em desuso.»

O horrivel vicio do canibalismo, conforme as profundas observações de O. Peschel (As Raças Humanas), não se encontra em grupos inteiros de nações, com excepção dos Papús e Polynesios, mas só apparece, em casos isolados, na Africa e na America. Diversas explicações se tem buscado ao canibalismo:

umas vezes parece ter por fim augmentar a propria coragem, devorando a coragem do inimigo: outras, o canibalismo é filho da paixão da vingança: outras, emfim, é promovido pelo fanatismo. Não é a anthropophagia um indicio certo de inferioridade entre as raças selvagens, pelo contrario: o« detes-«tavel costume encontra-se com mais frequencia, «exactamente entre essas nações e grupos de na-«ções, que se distinguem das nações visinhas pela «sua capacidade e condição social mais amadureci-«da.» Na Africa a tribu dos Fans, os Niam-niam e os Mombutus são canibaes, e ao mesmo tempo distinguem-se dos povos visinhos pelas suas aptidões e qualidades physicas.

As circumstancias apontadas; o facto d'alguns povos, relativamente superiores, da costa de oeste terem, por tradição, a opinião commum de haverem emigrado de longe e do norte, assim como outras razões que se não podem citar aqui, levam-nos a crer, que esses povos teem commum origem n'uma região populosa do centro d'Africa; onde talvez se pratique ainda a anthropophagia.

Do Bihé conta o sr. Serpa Pinto, que os sovas fazem *repetidas vezes* uma festa, a que chamam Quissungo, na qual são imoladas e devoradas cinco pessoas; um homem e quatro mulheres.

Nas terras de Novo-Redondo, encontram-se uns povos, os Sillas ou Celis, que o sr. Monteiro affirma

serem canibaes. Diz elle haver conhecido, como guia, um negro que era por herança chefe da tribu; mas, como tinha de se sujeitar a uma ceremonia, na qual havia de comer a cabeça e coração de um homem para alcancar o elevado posto, não quizera ainda sujeitar-se á horrorosa iguaria. Nas cidades viu o auctor alludido carne humana a vender. As victimas são sempre os indigenas, por feitiços; e são decapitadas com um machado, que se distingue por um buraco na folha em fórma de lonsango. Esta população de canibaes é, segundo o mesmo viajante, de uma raça superior de negros «a mais perfeita raça de «negros, em todos os sentidos, que encontrei na «Africa» diz elle; e a mais respeitadora do alheio, nota depois.

Está isto de accordo com o que diz o *Catalogo dos gavernadores de Angola*, publicado pela Academia. Quando foi da guerra contra o sova Sele em 1772, os selvagens fortificaram-se n'um intrincheiramento «levantado todo de roda com baluartes, «formados de grandissimos troncos de pao a pique, «e outros trincados, mas por outros barriados com «tal cautella e arte, que á roda de todo elle havia «buracos e frestas, destinadas para as suas ponta«rias sem serem sentidas, e lhe haviam juntado uma «estrada coberta, pela qual se serviam para tomar «agua do braço do rio, que ficava visinho á dita «trincheira: defensa que costuma prevenir o genito

«d'este sertão quando espera guerra... Faz duvi-
«da haver semelhante habilidade em gente preta e
«de nenhuma instrucção.»

Este rapido esboço descriptivo das raças negras de Angola basta, para mostrar que se não podem conseguir os mesmos resultados pelo ensino, nem chegar ao mesmo grau de civilisação pelo exemplo, em raças tão diversas na indole e no desenvolvimento physico e intellectual. Ha porém vicios, disposições funestas communs a todas ellas, e faculdades que em todas são differentes. Tudo isto é preciso ter em conta, quando se trata de transformar o modo de ser dos povos africanos.

XI

A extraordinaria variedade dos caracteres physicos e mentaes dos negros, e de que Angola dá, como vimos, uma curiosa e interessante prova, basta para explicar cabalmente a multiplicidade de opiniões que, ácerca dos negros, tem manifestado observadores graves e experimentados.

Já, anteriormente, expozemos algumas opiniões sobre os negros, que mostram bem o seu estado de inferior desenvolvimento, quer physico quer mental: mas não podem as mesmas apreciações applicar-se a todos os negros egualmente, pois que as differenças entre uns e outros são profundas.

Depois de observar muitos dos povos de Angola, o sr. Monteiro chega á conclusão, de que o negro mais se distingue dos brancos «não tanto pela pre-«sença de qualidades más, como pela ausencia de «qualidades boas, e de sentimentos e emoções, que «difficilmente percebemos que faltem na natureza «humana.» Este estado, por assim dizer, negativo, depende de ter o negro «um estado organicamente rudimentar do espirito.» Este estado rudimentar da alma, corresponde a uma insensibilidade physica especial.

Fallando de tribus negras do Nilo superior, as quaes parecem innaccessiveis a toda a acção civilisadora, um missionario austriaco, citado por Haekel, affirma «que estão muito abaixo dos animaes, privados de razão.» Ha, comtudo, que ter em conta as impressões particulares de muitos missionarios, impressões que resultam da natureza das idéas que buscam inculcar aos pretos, antes de nenhuma preparação; idéas, que estes não entendem nem podem entender.

O celebre e illustre Stanley, que conhece como

poucos a Africa,—fallando dos negros de Zanzibar, os quaes «representam no seu caracter muitas «das disposições de grande porção das tribus ne«gras do continente»—diz o seguinte: «Achei-os «amoraveis, capazes de grande affeição, e possuin«do a gratidão e os outros caracteres nobres da na«tureza humana: conheço que podem ser bons, obe«dientes, que muitos são engenhosos, honrados, in«dustriosos, doceis, emprehendedores, bravos e mo«ralisados; em resumo, são eguaes, em todos os «seus attributos de homens, a qualquer outra raça «ou côr que exista no mundo... Teem estes po«vos, não ha duvida, todos os vicios inherentes a «um povo ainda profundamente mergulhado no bar«barismo, mas comprehendem plenamente quanto «é baixo esse estado: o nosso dever, porém, a que «a religião nos obriga, é tiral-os do deploravel es«tado em que se acham. Custe o que custar, antes «de começarmos a ter esperanças de melhorar as «raças ha largo tempo nas trevas, deixemo-nos de «lamentar impotentemente os seus vicios, e busque«mos descobrir algumas das virtudes que teem, por«que será, com o auxilio das suas virtudes e não «dos seus vicios, que a civilisação pode esperar aju«dal-os.»

Estas nobilissimas palavras são aviso e conselho a todos quantos se interessam pela transformação social e civilisação da Africa.

Na difficil empreza de civilisar o negro ha que ter em conta circumstancias, que dizem respeito ao estado, por assim dizer, organico dos negros e a outras que dependem de influeneias externas.

Ácerca do estado physico e mental dos negros temos dito quanto é sufficiente. Os negros são como as creanças, que houvessem parado no seu desenvolvimento mental; tem as paixões, a insensibilidade, o fogo, a falta de madureza, e a preguiça para o trabalho, que nas creanças se observa: mas este estado de desenvolvimento apresenta-se em diversos graos. Como diz Lubbock, de todos os selvagens: «tem o caracter da creança com as paixões e a for-«ça do homem.» O sr. Nogueira, que faz no seu livro esta citação, accrescenta «tem tambem a docili-«dade d'aquella, e tem-n'a no mais eminente grau «o africano.»

O. Peschel. fallando das aptidões dos negros no seu excellente tratado *Das Raças do homem*, formúla a seguinte opinião:

«Depois de tudo quanto fica dito, não seria justo «considerar o negro por incapaz de se elevar a esta-«do mais perfeito, e tambem o attribuir o baixo grau «da civilisação presente apenas á natureza do con-«tinente; seria ignorar de todo a diversidade da in-«telligencia nas diversas raças humanas. A vanta-«gem da Africa consiste no facto de ser de possi-«vel, ainda que de não facil, accesso ao Velho Mun-

«do. D'aqui tem os negros derivado quasi tudo «quanto lhe tem melhorado a condição. Se esta raça «houvesse apparecido na Australia difficilmente se «teria, pela sua propria força, elevado acima do es«tado dos naturaes d'essa região do globo. Por este «motivo, na nossa apreciação dos talentos naturaes, «devemos considerar o negro muito abaixo dos indi«genas da America, que chegaram a grande madu«reza unicamente pelo esforço proprio. Por outro «lado, se a Africa fosse melhor formada e tão ac«cessivel como a Europa, os negros se haveriam mais «cedo civilisado, e gosariam já, proximamente, as «mesmas vantagens sociaes que os Malaio-chinezes.

Se lançarmos os olhos para o continente africano, — tendo em consideração as informações dos viajantes despidos de preconceitos, — notaremos que vastas regiões são occupadas por densas populações, de habitos pacificos e laboriosos, dadas á industria pastoril umas, outras á cultura da terra e a uma cultura bastante activa: acharemos, n'uns sitios ferreiros habeis, n'outros a cultura e tecelagem de algodão; por toda a parte, quasi, a ceramica e até certas manifestações de uma arte rudimentar, mas não inteiramente privada do sentimento plastico.

Se muitas tribus africanas se conservam n'um estado totalmente selvagem, outras ha que manifestam um progresso interno evidente. O canibalismo parece tender rapidamente a acabar, passando por

uma phaze, que podemos denominar de fanatismo brutal. O sentimento religioso, caracteristico do homem, apparece n'umas tribus mais rudimentar do que n'outras. Tudo leva a crer que o homem passou por uma phase primitiva, em que não tinha religião; ainda que os factos pareçam não dar exemplos, que manifestem a ausencia total de crença nos *espiritos*—de um singelo *animismo,* segundo a expressão de E. Tylor. Se esta preposição é exacta, os factos mostram que essa phase passou já ha muito para os africanos. Em toda a parte da Africa ha, mais ou menos definida, a crença em espiritos bons e maus; a crença na alma individual, *alma errante* que conserva as suas relações com o mundo, que tem as paixões e os prazeres dos vivos, *alma-fantasma,* que é acompanhada por as almas das victimas que lhes sacrificam. Adoram alli os idolos; adoram varios animaes, principalmente serpentes, tendo ou não idéa clara da transmigração; creem nos espiritos que dão a chuva, que favorecem as colheitas; e, chegam, n'algumas tribus, a ter uma confusa noção de um ser supremo, creador do universo. É uma religião grosseira, cheia de superstições, eivada de fanatismos ferozes, em que a feitiçaria occupa um logar eminente e o sentimento da individualidade se perde nos terrores da superstição. Comtudo é certo que, por mais de um modo, se mostra a lenta tendencia a um progresso relativo.

Nenhum facto mostra melhor a superioridade do homem sobre os outros animaes do que a linguagem, fallada e escripta. A palavra é um instrumento essencial do pensamento e o meio de os homens se communicarem uns com os outros. A palavra fallada é a origem da superioridade do homem. A palavra escripta é, porém, o meio de conservar as tradições, de deixar de umas para outras gerações o conhecimento das verdades adquiridas, das praticas uteis, dos feitos que podem ser exemplo e lição. A palavra escripta é a origem da superioridade da raça. Os negros da Africa estão privados d'essa superioridade, e isto só bastaria para explicar o seu estado social. E não se diga que este facto, só por si, prova a inaptidão dos negros para todo o progresso. Este facto não serve mais do que para nos mostrar, uma das causas mais poderosas do estacionamento dos negros nos mais baixos graus da vida selvagem.

Os caracteres de um alphabeto especial inventado pelos negros, para uso da lingua Vei, uma derivação da lingua dos Mandingas, mostra claramente, que a invenção da escripta não é impossivel aos negros. O que acontece em Angola e particularmente em Ambaca, e, ainda mais, o que passa entre os negros mahometanos, mostra bem que os negros podem aprender a leitura e a escripta e usar d'estes meios de aprender e communicar o pensamento com facilidade.

O islamismo espalha-se em todas as direcções e vae produzindo uma verdadeira revolução no espirito dos negros: por toda a parte se erguem mesquitas e escolas, onde se falla e escreve o arabe em caracteres arabicos. W. Reade affirma que, do Senegal ao Cairo, e de Lagos a Tripoli, em cada aldeia se acha uma escola; essas escolas frequentadas pelos negros, ao passo que derramam o islamismo, propagam a leitura e a escripta.

Quaes são os motivos que tendem a facilitar mais a acção dos marabús do que a dos missionarios christãos?—Os negros teem um profundo sentimento de egualdade; são vaidosos, como observava já o padre Gavazzi; teem, como todos os homens, amor á propria liberdade; não podem arrancar-se aos seus costumes viciosos, que são para elles uma segunda natureza e talvez uma necessidade do clima; são dotados de espirito commercial. Ora, o marabú é um dos seus, vive com elles, commercia com elles, não lhes combate abruptamente os vicios, e abre-lhes o caminho para um melhor futuro. As palavras de Casabi, citadas pelo sr. Nogueira, tornam patente a falta de conhecimento da indole dos negros, que prejudica muitos missionarios christãos. Diz o missionario citado: «Para se chegar a conhecel-os (os «negros) e a comprehendel-os, é preciso deixar de li«gar uma idéa de miseria á sua cabana e ao seu «manto de chacal, é preciso tornar-se o seu com-

«mensal, estar bem no seio da familia, sympathisar «com elles. Desde que estas relações se estabelecem «tudo se simplifica. O indigena deixa de ter segre- «dos para aquelle que vê sorrir a seus filhos e dor- «mir pacificamente ao seu lado. O missionario, por «sua parte, acha encantos na sociedade dos seus no- «vos amigos. Se até alli os julgou insensiveis é por- «que não conhecia o caminho dos seus corações, se «lhe pareceram estupidos é porque a confiança não «tinha descerrado os seus labios.»

Quantos missionarios comprehendem estes principios e os sabem pôr em pratica?

XII

Ninguem hoje põe em duvida que o homem physico e moral, a sua força e a sua intelligencia, as suas aptidões, as suas invenções, tudo é producto dos *antecedentes*. Um Newton ou um Camões não poderiam desenvolver as suas faculdades entre Cafres, nem a machina de vapor, o telegrapho ele-

ctrico ou o tear maravilhoso, podiam ser inventados na Negricia.

Ha uma derivação logica em todos os actos sociaes, uma successão ininterrompida em todas as transformações do homem. Não ha mais que buscar no passado os factos que na Africa se tem dado; não ha mais que voltar os olhos para o estado da civilisação da primitiva *edade do ferro* — mal conhecida ainda pelos anthropologistas,— para ter a explicação de quanto hoje se observa no continente africano.

As faculdades mentaes, as leis a que estas obedecem, emtanto que manifestações naturaes, são as mesmas no homem civilisado e no selvagens; a differença está na maior ou menor complexidade d'essas faculdades, na sua grandeza relativa, e na extensão dos conhecimentos accumulados e generalisados n'um e n'outro; a differença está nos *antecedentes*. Ora, ainda que as qualidades excepcionaes de alguns individuos não bastem para determinar as qualidades, physicas ou mentaes, de uma sociedade inteira, é comtudo certo, que as propriedades das unidades componentes determinam as propriedades da agregação d'essas unidades. A possibilidade de uma sociedade humana, qualquer que seja o grau do seu desenvolvimento, depende da existencia simultanea de um certo numero de emoções, de idéas, de interesses, nos individuos que a compõe.

A acção exercida sobre alguns individuos com o fim de modificar, pela educação e pelo exemplo, as suas qualidades, não pode produzir senão um resultado lento e facil de se esvaecer n'uma tribu selvagem; a menos que uma tal acção se não exerça immediatamente sobre o potentado, que tem uma acção preponderante sobre a tribu inteira; mas os resultados são, n'este caso, ephemeros, porque dependem da existencia ou da vontade de um só homem. Isto explica muitas das milagrosas conversões feitas, em varias regiões da Africa, pelos missionarios; conversões que desapparecem de um momento para o outro, sem deixar vestigios. Falta a base, falta o solido fundamento da evolução commum de todas as intelligencias, da simultaniedade das emoções em toda a associação.

James Mill definiu a educação a arte «de tornar «os individuos, quanto ser possa, instrumentos de «felicidade, para si proprios primeiro, depois para «os outros.» Esta definição, que tem um certo vago, sobre tudo no que se refere á significação precisa da palavra felicidade, foi ampliada por Mill, filho do auctor e escriptor distincto, do seguinte modo. «A educação inclue tudo quanto por nós mesmos «fizemos, e o que por outros é feito em nosso pro- «veito, com o fim de nos levar á perfeição compati- «vel com a nossa natureza; na sua larga accepção, «comprehende mesmo o effeito indirecto produzido

«no caracter e nas faculdades humanas por coisas «cujo intuito directo é differente; pela leis, pelas fór- «mas de governo, pelas artes industriaes, pelas fór- «mas da vida social, até por causas physicas que não «dependem da vontade humana; pelo clima, solo, e «posição local... a cultura que cada geração dá, de «proposito, aos que devem succeder-lhes, com o fim «de os preparar a conservar, e, sendo possivel, a «aperfeiçoar os progressos a que se tem podido che- «gar.» Estas definições da educação, sem duvida alguma boas, ainda que envolvendo as idéas de «felicidade» e «perfeição» que são mal definidas, mostram comtudo quaes sejam as condições fundamentaes da educação; e mostram, egualmente, quanto as acções indirectas, quer physicas quer moraes, são contrarias á educação dos povos africanos.

Nos negros, como nas creanças, é preciso buscar, successivamente, desenvolver as faculdades da alma. O corpo humano é um agregado de orgãos, que podem ou não guardar entre si a necessaria proporção: no negro é o cerebro que tem menor desenvolvimento, e as suas funcções exercem-se incompletamente; a educação pois tem de pôr em exercicio e de dar vigor a este orgão e ás suas funcções especiaes. Antes de conseguir este resultado pratico, são infecundos todos os esforços para melhorar as condições sociaes do negro.

Um escriptor, que por vezes temos citado, e um

dos que melhor conhecem os negros, sobretudo da costa occidental da Africa, descreve assim, a largos traços, as suas aptidões: «Certa habilidade mecha-«nica, sem o genio da invenção; grande fluencia de «linguagem, sem energia nas idéas; ouvido corre-«cto para a musica, sem capacidade de composição; «n'uma palavra, uma disposição de faculdades imi-«tativas, acompanhada com uma extrema esterilidade «de poder creador, tal é o melhor negro. Isto mesmo «é caso raro, mesmo excepcional, e apresentar «estes animaes ensinados como verdadeiros exem-«plares do negro é fazer uma exposição menti-«rosa.»

Tendo o negro o espirito assim disposto, como se pode actuar sobre elle e civilisal-o? Será ainda W. Reade que nos responda:

«Emquanto a intelligencia do africano se conser-«var no seu estado actual e emquanto a egreja con-«tinuar a misturar as suas mais pequenas leis sociaes «com os mandamentos de Deus, a Africa não se fará «christã.

«Se fosse possivel acordar o enthusiasmo popular «a favor de uma missão secular, para civilisar os ne-«gros, poder-se-ia formar uma sociedade com o fim «de diffundir os conhecimentos praticos. Os negros «ainda não estão aptos para comprehender a doutrina «da Trindade, da Immaculada Conceição e do Cas-

«tigo Eterno; mas teem gosto pela musica, aptidão «para as linguas, um perfeito talento para a mecha- «nica. Penso que é necessario ensinar-lhes o corpo «antes da alma, e que as nossas egrejas na costa de- «veriam ser convertidas em officinas.»

Esta opinião do eminente observador merece ser muito meditada.

Entre os homens, ha grandes disparidades nos caracteres intellectuaes, assim como grande variedade nas inclinações e nos interesses. Tratando-se da educação, na sua accepção mais larga, é da maior transcendencia estudar a maneira de robustecer e augmentar as aptidões predominantes. Assim se pode conseguir acordar o espirito entorpecido do negro, tiral-o do estado de *indifferença*, em que as impressões se tornam completamente indistinctas.

Em geral, ha uma verdadeira antithese entre as actividades intellectuaes e as emoções, que, até certo grau, torna incompativeis umas com outras; pois que as emoções excitadas enfraquecem as energias do intellecto, e é na tranquillidade do espirito que a força intellectual se desenvolve. O negro vive de emoções, mais ou menos rudes, e a vida externa domina n'elle a vida interna. Estes factos estão indicando o caminho seguro, por onde se pode chegar á alma do negro, e nem sempre sem difficuldade. Os exercicios da intelligencia cançam, gastam a pa-

ciencia, quando os não acompanha um resultado attractivo, quando não se combinam com o exercicio physico bem encaminhado; sobretudo, quando a attenção se não pode fixar, e as faculdades intellectuaes se conservam no estado rudimentar ou entorpecidas pela falta de applicação.

Estas rapidas considerações bastam para explicar muitos dos factos deploraveis, que teem posto termo a varias missões, e dão egualmente razão da esterilidade dos seus resultados. Ha que seguir caminho novo, e a religião deve ser um dos meios poderosos de civilisar o negro; mas não pode ser nunca, nem o unico nem o primeiro meio de levar a civilisação á Africa. Muitos condemnam as missões, por lhes attribuirem males que ellas não causaram; outros as louvam em demazia, porque se deixam levar por factos limitados e sobretudo ephemeros. A meu ver, nem uns nem outros teem razão. As missões, as verdadeiras missões, teem feito bem e não mal; apesar de errarem quasi sempre o caminho, querendo dirigir-se a faculdades que os negros, por emquanto, não possuem, e não buscando mostrar-lhes praticamente as vantagens da civilisação, para o bem estar do homem.

A acção progressiva do ensino sobre o espirito é uma das suas condições essenciaes. Não é possivel fazer entender um qualquer assumpto, sem o preceder de outros que o tornem intelligivel. E n'este suc-

cessivo caminhar é indispensavel principiar pelo que é simples, pratico, interessante, util.

Muitas vezes se tem feito a observação de que os negros teem singulares disposições e aptidões feminis; são mais precoces do que os outros homens, e n'elles domina muito o que se pode chamar o instincto. Aproveitar estas especiaes disposições, deve ser o segredo da transformação intellectual dos africanos.

XIII

Quando se principiou a conversão do Congo, foram com os padres alguns pedreiros e carpinteiros; mas esses, pelo seu mau comportamento, só de mau exemplo serviram aos negros. O rei do Congo mandou-lhes fazer umas casas, e depois escreveu a D. Manuel, queixando-se de que «começaram e anda-«ram a fazer os alicerces um anno, e vinham cada «dia e deitavam dentro uma pedra e tornavam-se para «suas casas... estiveram a enfornar a pedra (para «fazer cal) outro anno... Em maneira que, ha cinco

«annos que andam n'esta casa e ainda a não acaba-«ram, nem a acabarão d'aqui a dez annos, e não que-«rem ensinar nenhum moço.»

Referindo-se, na mesma carta, a officiaes de outros officios, escreve o rei do Congo: «a um sapa-«teiro que cá veiu mandámos dar cincoenta pelles, «para que as curtisse e nos fizesse calçado... as «quaes elle nunca soube curtir ou não quiz... o al-«faiate fez-nos uma loba e umas mangas de vellu-«do... o telheiro nunca nos quiz fazer telha nem «tijollo... nossos criados nunca quizeram ensinar, «mas antes, se iam ver para aprender, lhes davam «tanta pancada até que fugiam...» N'outra carta a D. Manuel diz o mesmo rei: «Senhor, peço-vos «que mandeis os pedreiros e carpinteiros das casas, «para fazer uma escola, para ensinar nossos paren-«tes e nossas gentes.» É digno de notar-se o empenho com que o rei negro, cuja conversão ao christianismo era apenas ephemera e interesseira, pedia quem lhes ensinasse a trabalhar os seus parentes e suas gentes, ao mesmo tempo que pedia padres que lhes ensinassem a doutrina christã.

Já anteriormente vimos o fructo que deram as missões dos jesuitas, com as suas escolas de primeiras letras e o seu ensino de agricultura e de alguns officios mechanicos. Esse ensino era muito incompleto e encaminhado exclusivameute — como se vê de documentos contemporaneos insuspeitos — a en-

riquecer os *arimos* da Companhia; mas, não obstante, deixou traços em Angola, que ainda de todo se não apagaram; emquanto que o ensino, puramente religioso dos outros missionarios, mesmo dos celebres capuchinhos, não deixaram signal algum valioso da sua passada existencia; podendo o bispo de Angola dizer d'estas missões, em 1722: «Nas missões dos «padres capuchinhos, assim no sertão d'este reino «de Angola como no Congo geralmente, *só se veri-«fica algum aproveitamento* nos baptismos das crean-«ças morrendo e em tempo conveniente, e que os «mais, que chegam á puberdade e d'ahi para cima, «ficam reincidindo em suas superstições e leis bar-«baras em que vivem os outros.»

Vivamente interessado no nobre empenho de civilisar Angola, o illustrado governador Sousa Coutinho creou muitas escolas primarias, e no *Trem* varias officinas, onde se ensinavam alguns officios mechanicos,—estabelecimento este que aos poucos annos se definhou por falta de mestres e de zelo. A mesma sorte coube egualmente ás aulas de geometria e fortificação, mandadas estabelecer pelo mesmo governador, que, dominado pelas idéas da sua época (1764), mostrou comtudo, ao crear estes estabelecimentos de pouca utilidade real, quanto apreciava o ensino das sciencias e suas applicações. Idéa esta que hoje, muito mais que no tempo de Sousa Coutinho, deve preoccupar quantos se occupam em ge-

ral da instrucção dos povos e da civilisação da Africa, especialmente.

Um escriptor, cuja auctoridade merece ter-se em consideração e que valia muito mais do que esses que, em sua vida, o julgaram mal; Lopes de Lima, diz, na sua hoje classica *Estatistica das Possessões Portuguezas:*

«O ensino fabril é certamente o mais necessario «a todas as nossas possessões d'Africa.—É certo «que, em Loanda, ha maior numero de mechanicos «que em qualquer outra d'essas possessões; mas os «processos da sua industria pouco mais são ainda «hoje (1846) que as toscas rotinas do seculo XVII.»

Na Africa do sul, os inglezes occupam-se, com superior zelo, de educar e civilisar os indigenas. Em 1880 o numero e a natureza dos institutos de instrucção eram, segundo o relatorio do inspector geral, como se segue:

Institutos de instrucção superior e industrial..		4
Escolas publicas:		
Primeira classe.....	52	
Segunda classe.....	78	
Terceira classe.....	86	
		216
Escolas districtaes.....		27
Escolas das missões.....		346
Escolas aborigenas, industriaes e de officios..		185
Escolas normaes.....		2
		780

Estas escolas eram frequentadas por 62:209 alumnos. A população, não contando europeus, era de 314:789 almas. Os europeus subiam a 181:592. Estas indicações bastam, para provar a importancia dos estabelecimentos de instrucção na colonia ingleza e o desenvolvimento dado ao ensino industrial.

Henry Stanley, bom observador e ousado viajante, como todos sabem, falla com interesse das missões que encontrou na costa de leste, e particularmente da denominada *Universities Misson*. Esta missão, depois de uma larga peregrinação e de dolorosas perdas de vida, veiu por fim a estabelecer-se em Zanzibar: reduzida, quasi a extinguir-se. Ahi, a missão, que se havia occupado de evitar, com pouco criterio, os habitos africanos de escravatura e de pré-

gar o evangelho aos negros, passou «a superinten-
«der e ensinar as creanças e rapazes a impressores,
«carpinteiros, ferreiros e outros officios communs.
«O estabelecimento representa quasi todos os tra-
«balhos industriaes, de uso commum na vida, como
«occupação dos seus membros de classe inferior, e
«é, no sentido generico, um estabelecimento indus-
«trial e religioso, para educação moral e material de
«uma classe desgraçada que merece a mais viva
«sympathia e auxilio.» Os resultados teem sido ex-
cellentes.

Depois de se referir a outras missões, Stanley acrescenta estas memoraveis palavras: «É singular «que os philantropistas britannicos, tanto clerigos «como seculares, persistam na illusão, de que os «africanos possam ficar satisfeitos só com um me-«lhoramento espiritual. Devem buscar convencer-se «do innegavel facto, de que o homem, branco, ama-«rello, vermelho ou negro, tem necessidades physi-«cas que precisam ser entendidas e satisfeitas. Um «barbaro é puramente materialista. Está cheio de «desejos de possuir uma coisa que elle proprio não «pode descrever. É como uma creança que ainda «não pode fallar. O missionario encontra o barbaro «ainda estupidificado pela ignorancia, com instin-«ctos de homem, mas vivendo a vida dos bru-«tos. Em vez de desenvolver as qualidades d'este «ser essencialmente pratico, procura logo transfor-

«mal-o, expondo-lhe os dogmas do christianism
«doutrina da transubstanciação e outros assum
«difficeis, antes que o barbaro tenha tido te
«para exprimir as suas necessidades e explicar-
«que é uma fragil creatura, que pede o alimen
«com pão e não com pedras.»

XIV

Profundamente convencido das verdades anter
mente desenvolvidas; persuadido de que era ne
sario acudir promptamente ás necessidades da p
ducção e do commercio das possessões portugu
da Africa; reconhecendo a opportunidade de de
mar luz em povos ha pouco escravos e hoje li
pela lei; avaliando a conveniencia de ensinar os
gros a produzir pelo trabalho e a melhorar a
situação physica e moral; apreciando a importa
de impressionar o espirito dos negros pelas ma
vilhas da civilisação e pela utilidade pratica d'es
maravilhas; o governo portuguez tentou empreh
der, em larga escala, as obras publicas no ultram

deixando-lhe a obrigação de pagar os encargos de tão vastos melhoramentos, aproveitando para este fim um imposto já creado e que, necessariamente, a actividade commercial deveria em poucos annos augmentar.

O pensamento foi, infelizmente, mal apreciado. As obras publicas foram, por assim dizer, totalmente abandonadas. Entrou-se de novo no systema, rotineiro e esteril, por muitos annos usado: e tudo se perdeu e tudo ficou no mesmo abandono. Nem sequer foram justos com os dedicados, laboriosos e muitas vezes heroicos officiaes, que formaram as expedições de obras publicas n'uma e outra Africa!

A triste verdade é, que em Portugal ha muita ambição de territorio; muito melindre phantasista; uma voz sempre disposta a queixar-se dos outros; uma tendencia a accusar usurpações e expoliações.

É bom e justo que assim seja; mas é pouco.

É preciso ter coragem para trabalhar; espirito ousado para melhorar o que é nosso; força para comprehender, que a situação de Portugal lhe impõe o dever de melhorar a sorte dos povos que lhe estão sujeitos, civilisando-os.

Tenhamos menos medo do que é novo, só porque é novo, quando o antigo não presta; mostremos menos disposições para a critica e mais amor sincero á justiça.

A acção civilisadora das obras publicas e do en-

sino technico sobre os povos africanos é apreciada devidamente, em breves palavras, por um engenheiro illustrado e energico, no qual brilham as qualidades do homem novo a par da intelligencia reflexiva do homem experimentado. O director das obras publicas de Moçambique, o sr. major Joaquim José Machado, diz no seu Relatorio de 1877:

«A influencia d'estes trabalhos (as obras publi-«cas) sobre a civilisação dos indigenas é superior a «qualquer outro meio, que se empregue com tal in-«tuito.

«Ao trabalho remunerado affluem populações de «muitas leguas de distancia, que se amoldam facil-«mente á disciplina e ao serviço que d'ellas se «exige.

«Á aprendizagem dos officios de carpinteiro, pe-«dreiro e ferreiro, concorrem bastantes rapazes in-«digenas, que manifestam, pela maior parte, habili-«dade esperançosa.

«A indolencia, tão apregoada, da raça africana pro-«vinha do estado ultra-selvagem das populações, da «falta de contacto com as terras civilisadas, e, prin-«cipalmente, dos habitos deixados pelos antigos co-«lonos, que, em geral, remuneravam o trabalho do «negro com o chicote ou com a grilheta.»

N'outra occasião, o mesmo engenheiro disse:

«É-me finalmente muito agradavel registrar, que «o preto trabalha livremente da melhor vontade «quando tem a certeza de receber e poder applicar «como quizer o fructo do seu trabalho.»

A esta observação ha a acrescentar o facto, tambem affirmado pelo sr. Machado, de que «ha poucos «annos foi em Moçambique creada uma escola de «officios, chegando a ser frequentada por sessenta «e tantas creanças.» Devendo notar-se a triste circumstancia de não haver em Moçambique escola primaria quando ali estava o sr. Machado (*Moçambique*, por J. J. Machado, pag. 35). Em Quilimane havia escola com cento e tantos alumnos, mas sem casa: em Inhambane succedia o mesmo.

Em Angola, como anteriormente notámos, o curto ensaio, feito para organisar um tal ou qual ensino pratico de artes e officios, não chegou a dar resultados effectivos; nascendo d'ahi a falta quasi absoluta de operarios habeis e officiaes mechanicos capazes de executar qualquer obra ainda a mais simples, quando chegou á provincia a commissão de obras publicas. Á falta de escola especial de officios correspondia a mais deploravel falta de escolas primarias em toda a provincia. Os poucos professores que ha em Angola nem se entregam, geralmente, com zelo ao cumprimento dos seus deveres de ensino, nem teem em volta de si e á sua disposição meios

de o fazer. «As escolas — como me informa bene-«volamente o sr. Gorjão, n'uns apontamentos que «me deu sobre obras publicas — estão alojadas em «casas alugadas ou em cabanas de má construcção «e em ruinas.» Para acudir a este mal, assim como á falta, quasi geral, de residencia para as auctoridades administrativas, os parochos, capellas, etc., propoz o zeloso e intelligente director das obras publicas um typo de edificios semelhante ao adoptado na Algeria: melhoramento este que se não pôde realisar, por haverem terminado as fecundas expedições de obras publicas. D'este facto resultou ainda outro mal, que é opportuno lembrar aqui, e que merece attenção.

O impulso dado ás obras publicas de Angola acordou a entorpecida indolencia dos indigenas e mesmo a dos colonos e das corporações municipaes. A principio desorientados pela desusada actividade, acceitaram depois, gostosos, o impulso dado. Factos importantes o provam.

Ao serem interrompidos os trabalhos das commissões de obras publicas, já a camara municipal de Mossamedes havia solicitado e obtido a creação de um imposto especial para melhoramentos locaes; já os proprietarios de Novo Redondo haviam solicitado a construcção de um porto sobre o rio Guengo, contribuindo elles para a obra com seis contos de réis; já a camara municipal do Dondo projectava

uma ponte, orçada em quatro contos, para a ligar com a nova estrada; a camara de Loanda, finalmente, pedia auctorisação para fazer o abastecimento de aguas na cidade, e a obra está orçada em quatrocentos e cincoenta contos. Estes factos fallam por si bem alto e claro; mas, se não bastassem, a representação dos povos de Loanda, quando as obras foram interrompidas em 1880, seria mais que sufficiente para desenganar os mais incredulos e ensinar os menos illustrados e intelligentes.

Deixando de parte o que a obras especiaes se refere na citada representação, julgamos opportuno citar o que diz respeito á commissão de obras publicas e á educação e civilisação dos indigenas. Diz assim a representação, fallando da commissão de obras publicas:

«O espirito publico acha-se bastante impressio-
«nado com a enorme cifra que custaram estudos que,
«a final, se não vêem, e que as pessoas menos illus-
«tradas não sabem apreciar com rigor. Não vendo
«tambem concluidas todas as obras começadas, não
«quer descontar á expedição o tempo empregado na
«installação de tão grande pessoal, na sub-divisão
«das secções, na organisação dos serviços que iam
«ser dirigidos por funccionarios que, embora pela
«maior parte instruidos e habilitados, entravam to-
«dos n'um paiz que lhes era completamente desco-

«nhecido no seu modo de ser, para todos um meio «completamente novo, e que em todas as suas va- «riantes e minuciosidades se não podia abranger em «um simples golpe de vista.

«Parece aos abaixo assignados que era mais util «reformar, convenientemente, o quadro das obras pu- «blicas, aproveitando-se os tres annos de experien- «cia, que mais pode considerar-se de aprendizagem, «que todos os paizes teem pago, do que deixar per- «der completamente os trabalhos começados, os ma- «teriaes em deposito, e, o que é mais, o habito ao «trabalho que se ia inveterando nos indigenas, o que «tudo mais tarde poderia traduzir-se em duas uni- «cas palavras: *Civilisação e riqueza.*

«Estão actualmente creados elementos, cuja ini- «ciação custou cara, em relação a operarios, a tra- «balhadores, a materiaes, a transportes, a organisa- «ção e a empreitadas; interrompidas as obras, per- «der-se-hão esses elementos, sendo depois necessa- «rio fazer novas despezas e soffrer grandes demo- «ras.

. . . . . .

«A interrupção dos trabalhos fará perder egual- «mente quanto n'este sentido se tem ganho; no es- «tado em que grande parte d'elles se acham em toda «a parte, e especialmente aqui, n'um clima tão no- «civo á conservação de construcções, importará em «algumas obras, como nas estradas incompletas,

«nos edificios ainda descobertos, nas machinas e «apparelhos, perdas enormes e, na maioria dos ca- «sos, irreparaveis.»

Referindo-se á acção civilisadora das obras publicas e do ensino industrial, diz a representação:

«Em muitos pontos da provincia, houve difficul- «dade em desenvolver trabalhos, por falta de jorna- «leiros voluntarios. Hoje o preto procura o traba- «lho, aceitando um salario muito reduzido.

«A continuação das obras publicas, radicando «esta tendencia, permittirá o emprego do trabalha- «dor livre, mais util e mais barato, em geral, do que «o serviçal.»

E, mais adiante, diz ainda ácerca das officinas, ensino industrial e seus resultados:

«As officinas de Loanda teem já prestado alguns «serviços, tanto ao governo como a particulares, e «para o futuro podiam prestal-os muito maiores «ainda.

«Ia agora começar a construcção de pontes me- «tallicas, estão a concluir-se dois fornos para fun- «dição de ferro, os primeiros e unicos que ha na «provincia; fechal-os e as officinas é tornar impro- «ductivo o que em tudo se tem gasto — não menos

«talvez que 100 contos de réis. Entregar a um par-
«ticular tão vasto estabelecimento, é inadmissivel,
«porque aconteceria, sem duvida, o que aconteceu
«com o antigo arsenal, que foi perda total para a
«provincia.

. . . . . .

«O ensino profissional de operarios indigenas é
«urgente. Nada se faz com operarios europeus, ca-
«rissimos, e que pouco podem produzir passado al-
«gum tempo depois da sua chegada aqui; as despe-
«zas improductivas com estes operarios elevam se
«a centos de contos, logo que as obras tenham um
«certo desenvolvimento.

«Acabar com esse ensino quando elle começa a
«dar resultado, e quando pode ser perfeitamente or-
«ganisado, é erro gravissimo.»

XV

Antes de concluir este estudo, sobre os processos e as vantagens de civilisar os negros por meio do ensino profissional e do trabalho, não posso fazer coisa mais util do que publicar, textualmente, as no-

tas que teve a bondade de me dar o sr. Gorjão sobre o assumpto.

Eis as informações valiosissimas que dá o distincto director das obras publicas em Angola:

«Se é grande e nociva em Angola a falta de escolas de instrucção primaria, de egrejas e de edificios modestos mas salubres e decorosos para residencia das auctoridades dos concelhos do interior, maior era ainda e mais prejudicial a falta de uma instituição destinada á educação e instrucção dos operarios indigenas.

«Por dois lados deve ser considerada a utilidade de um instituto d'esta ordem na provincia de Angola: pela sua influencia na moralisação e na civilisação dos indigenas, e pelas vantagens directas que d'elle devem tirar o Estado e a industria particular.

«Pelas condições especiaes da Africa, ou ao menos d'esta provincia, em relação ás condições climatericas, á indole e ao atrazo da raça indigena, á falta de incitamentos para o trabalho; pelos obstaculos, muitas vezes insupperaveis, que a cada passo encontra a iniciativa particular, quando não tem o auxilio ou antes a tutela do governo; os principios economicos e de administração, ainda os mais absolutos e incontestados na Europa, não podem ter sempre aqui util applicação.

«É assim que a instrucção primaria, que só p
«si, nos paizes que attingiram um certo grau de
«vilisação e nas raças mais perfeitas, constitue u
«poderoso elemento de progresso e de moralidad
«tem por vezes dado em Angola resultados compl
«tamente oppostos.

«Possuindo apenas algumas noções de instrucç
«primaria, mas carecendo de educação moral e r
«ligiosa, sem o habito do trabalho, sem necessid
«des e sem aspirações, o indigena, por via de r
«gra, fica a um tempo incapaz de se elevar pela pe
«severança no trabalho e pela economia, e de ace
«tar serviços rudes, que, pela vaidade vulgar na s
«raça, julga despresiveis. N'estas circumstancias e
«tregam-se, em geral, ao vicio e á ociosidade, to
«nando-se não só inuteis mas nocivos, pelo s
«exemplo, aos indigenas completamente ignorant
«como ao gentio selvagem, que, muito mais fac
«mente do que era de esperar, se presta ao trab
«lho voluntario.

«Nos trabalhos dos estudos do caminho de ferr
«em quasi todos os das obras publicas, principa
«mente nos da estrada do Dondo a Caculo, tivem
«a occasião, mais propria que por ventura tem h
«vido n'esta provincia, de fazer a comparação.

«Dos pretos ignorantes do interior, do gentio d
«Duque de Bragança, de Malange, de Cassange
«de Libolo — habituado á ociosidade, prestando-s

«só por excepção ao transporte de cargas, exigindo «por desconfiança e por reminiscencia do trabalho «forçado o pagamento diario—a ração—abando- «nando o trabalho logo que recebiam pequenas quan- «tias—conseguimos, em dois annos de trabalhos, fa- «zer bons trabalhadores, sujeitos ao ponto e ao pa- «gamento quinzenal, ás correcções disciplinares de «multas e suspensões, como na Europa.

«A maior parte d'elles; uns crearam numerosas «necessidades; outros desenvolveram certo espirito «de economia. Alguns houve que entregaram a maior «parte do salario aos empregados, recebendo-o de- «pois junto, para com este pequeno capital construi- «rem ou comprarem cubatas e terras cultivadas.

«A affluencia d'elles aos trabalhos publicos au- «gmentou a ponto de se conservarem, mesmo na «época da sementeira em anno de abundancia—só «no primeiro lanço da estrada do Dondo—mais de «600 trabalhadores indigenas, ao passo que no pri- «meiro anno, apesar da escassez de alimentos, o «chefe e todos os negociantes do concelho do Dondo «apenas conseguiram fornecer 25 pretos para trans- «porte de cargas [1].

[1] No primeiro anno os trabalhadores foram fornecidos pelos sobas e chefes de concelho, que os obrigavam a apresentar-se aos empregados das obras publicas, muitas vezes empregando violencias.—As obras publicas nos ultimos tres annos mostraram á evidencia, não só a inferioridade do trabalho forçado

«Dos pretos e mestiços de Loanda e do Dondo, «com pretenções a civilisados,—de vestuario á eu«ropéa, mas andrajoso e repugnante,—sabendo al«guns ler regularmente e tendo, pela maior parte, «boa calligraphia, não conseguimos nada. De tal «modo se entregam ao jogo, á embriaguez, aos vi«cios mais repugnantes, que por inuteis nos traba«lhos e prejudiciaes pelo exemplo foram muitos ex«pulsos dos acampamentos.

«Se na escola, juntamente com a primeira in«strucção, for possivel incutir nas creanças princi«pios de educação e moralidade, desapparecerão em «grande parte estes inconvenientes. Conseguindo-se «habitual-os ao trabalho, creando-lhes necessidades «que os incitem a vencer a natural indolencia, o re«sultado será completo. *É assim e só assim que as «missões religiosas, antigamente as de Ambaca, por «exemplo, e agora as de Londana, no Zaire, conse«guiram e conseguem alguns resultados dos seus uteis*

sobre o voluntario, mas a vantagem dos jornaleiros sobre os serviçaes contractados.

A obra que saíu mais cara foi a do Giraul (estrada), onde se empregaram serviçaes. A mais barata foi a estrada do Dondo, onde o trabalho se fez com jornaleiros livres.—A despeza com um serviçal, incluindo sustento, vestuario, juro e amortisação do capital empregado no resgate, perda por mortes, doenças e fugas, não é inferior a 180 réis, e o jornaleiro ganha em média 120 réis nos dias uteis e produz muito mais trabalho.

«*e louvaveis esforços*. De outra fórma, pelo menos «em grande parte, são completamente perdidos; «succedendo, como nos ultimos tempos em Angola, «onde são poucos os indigenas que teem tirado par«tido da instrucção primaria, e nem um talvez — ex«ceptuando os poucos que podem considerar-se ci«vilisados, ao menos entre os milhares que tenho «empregado nas obras publicas — conserva os mais «simples e rudimentares vestigios de educação reli«giosa e moral.

«Uma escola, pois, onde as creanças, in internato, «recebendo a instrucção primaria e a educação mo«ral e religiosa, adquiram as necessidades do ope«rario civilisado, juntamente com o habito do tra«balho e a instrucção profissional nas officinas das «obras publicas, é sem duvida alguma um dos in«strumentos mais completos e mais efficazes da ci«vilisação e da regeneração da raça indigena.

«Representará, porém, esta instituição um en«cargo tão oneroso que, apesar da sua incontesta«vel utilidade indirecta, não convenha realisal-a nas «condições actuaes do reino e da provincia?

«A experiencia, adquirida durante perto de tres «annos, desde que se deu consideravel desenvolvi«mento ás obras publicas, mostra pelo contrario, de «uma maneira incontestavel, que esta instituição é «de grande vantagem directa, quasi immediata, para «o estado, se não absolutamente indispensavel.

«Quando se organisou a actual commissão das «obras publicas, foram contractados no reino 100 «operarios de differentes officios, com salario, com- «prehendido entre 1$500 e 2$000 réis diarios, «30$000 réis de ajuda de custo, passagens pagas «de ida e volta, 500 réis de salario e tratamento «gratuito durante as doenças, e metade do salario «quando desempregados por falta de trabalho.

«Mais tarde, em 1878, foram contractados pelo «ministerio da marinha operarios com salario com- «prehendido entre 1$500 e 2$500 réis, e 45$000 «réis de ajuda de custo e as outras vantagens con- «cedidas aos primeiros.

«Ultimamente constou-me que alguns ferreiros e «caldeireiros, que requisitei para as officinas, pedi- «ram 3$000 réis de salario. Os operarios estran- «geiros não aceitavam de certo condições mais fa- «voraveis; os inglezes, empregados pela companhia «de navegação do Quanza, vencem 2$250 réis e co- «mida.

«É provavel pois que de futuro sejam mais one- «rosas as condições dos contractos dos operarios «europeus. Supporemos, porém, que é possivel en- «gajal-os nas mesmas condições.

«Nestas circumstancias as despezas de transporte «de Lisboa para Loanda, o vencimento durante a «viagem de ida e regresso e a ajuda de custo im- «portam em 140$000 réis. A maior parte dos ope-

«rarios vem da provincia, tendo o governo de lhes «pagar passagem até Lisboa e sustentando-os até o «dia do embarque; estas despezas não podem, em «média, avaliar-se em menos de 8$000 réis.

«O numero médio dos dias de doença de cada «operario é superior a 40 por anno. Avaliando em «1$500 réis a despeza média diaria de tratamento «de cada operario doente, é de 80$000 réis por «anno a despeza proveniente das doenças. As que «provém das viagens e devidas substituições dos «operarios europeus na provincia, dos dias em que «é preciso abonar-lhes trabalho, etc., não é inferior «em média a 35$000 réis.

«Os operarios são contractados em média por «dois annos.

«Temos pois que, só em despezas puramente im«productivas, gasta o estado a quantia de réis «37:800$000 com os 100 operarios europeus du«rante dois annos, e que, sustentando esse numero «durante seis annos — o que pouco é em relação ao «desenvolvimento e duração que devem ter as obras «publicas na provincia — essa despeza perdida se «elevaria á importante somma de 113:400$000 «réis.

«É muito maior, porém, a perda proveniente dos «elevados salarios e do pouco trabalho util dos euro«peus. Enfraquecidos rapidamente pela acção do «clima, pelo irregular regimen de vida, por se ex-

«porem muito ao sol, trabalhando em pontos insa-
«lubres e em más condições, já nos acampamentos,
«já junto a pontos onde ha movimento de terras,
«não conservam durante muito tempo o seu pri-
«mitivo vigor, chegando a produzir menos de me-
«tade de trabalho médio na Europa. Passados al-
«guns mezes, por via de regra, o trabalho regular
«do europeu pode avaliar-se, quando muito, em dois
«terços do trabalho do indigena, e, em média, não
«pode suppor-se superior a tres quartos. Suppondo
«o salario d'este de 500 réis, vê-se que o trabalho
«diario produzido pelo operario europeu contractado
«custa mais 1$633 réis do que o trabalho do ope-
«rario indigena, o que corresponde a uma diffe-
«rença de 44:417$000 réis por anno de 272 dias
«uteis de trabalho por cada 100 operarios.

«A conservação pois de 100 operarios europeus
«nas obras publicas da provincia de Angola, du-
«rante 6 annos, custará ao estado 103:500$000
«réis de despezas improductivas, e a sua substitui-
«ção por operarios indigenas dará uma diminuição
«de despeza de 266:056$000 réis, ou seja réis
«379:905$000 no mesmo espaço de tempo.

«Vejamos agora quanto custará a aprendizagem
«de 100 operarios indigenas na escola profissional,
«suppondo que dura 6 annos.

«Suppondo que o vencimento do director da es-
«cola é de 80$000 réis mensaes e de 36$000 réis

«o de cada um dos quatro chefes de companhia, e «a despeza com o sustento e vestuario de cada um «dos 100 operarios de 180 réis diarios, a despeza «annual de costeio da escola será a seguinte:

«Director	960$000
«4 chefes de companhia	1:720$000
«100 aprendizes a 180	6:570$000
«Despezas miudas e imprevistas	200$000
«Total	9:450$000

«O trabalho produzido por cada um dos apren- «dizes pode avaliar-se em 100 réis por dia ou réis «3:120$000 nos dois primeiros annos, e em 250 «réis por dia ou 7:800$000 réis nos quatro res- «tantes; de modo que durante o primeiro periodo o «encargo será de 12:660$000 réis e de 6:400$000 «réis apenas no segundo; e portanto a despeza to- «tal com a instrucção dos 100 aprendizes durante «os 6 annos será apenas de 19:060$000 réis, por «meio da qual, como demonstrei, o estado poderá «economisar durante os 6 annos seguintes a impor- «tancia de 379:905$000 réis, suppondo que cada «um d'estes aprendizes trabalha pelo preço médio «actual, avaliado em 500 réis diarios[1].

[1] Na escola profissional devem admittir-se alumnos sustentados pelas camaras municipaes, pelas provincias ultramarinas da Africa occidental e por particulares.—O numero de aprendizes sustentados pelas corporações municipaes de Angola não será de certo inferior a 30.

«Se o estado, porém, em vez de pagar 500 réis «a esses aprendizes, lhes estipular um salario ma«ximo de 400 réis durante os primeiros 3 annos «depois de considerados officiaes,—o que é de ra«zão, porque o salario actual está em demazia ele«vado pelo desenvolvimento repentino dos traba«lhos,—a economia ascenderá a 400 contos de réis «proximamente, isto é, uma economia superior á «despeza effectiva de aprendizagem.

«Acceites estes principios pela commissão no«meada em portaria provincial, em 1878, para pro«por o regulamento do ensino profissional de ope«rarios indigenas, apresentei-lhe, a seu convite, em «sessão de 17 de outubro, o projecto e orçamento «do edificio para o internato, satisfazendo ás se«guintes condições, tambem approvadas pela com«missão:

«1.ª Alojar, em boas condições hygienicas, 80 «operarios, o director, os prefeitos e a repartição «de administração.

2.ª Ter uma aula com capacidade para 100 alum«nos, isto é, para os 80 do internato e para os ope«rarios adultos que porventura queiram frequen«tal-a.

«3.ª Ter, sendo possivel, sem grande despeza, «uma capella onde possam celebrar-se as orações «quotidianas, o baptismo dos gentios, etc.

«4.ª Ter um pateo interior bastante espaçoso para «recreio dos aprendizes.

«5.ª Finalmente, estar disposto por fórma que, «sendo tão economico quanto possivel, satisfaça com- «tudo a todas as condições indispensaveis n'uma «instituição d'esta ordem em relação á disciplina, á «educação e á instrucção.

«Procurando desempenhar-me d'este encargo, co- «mecei pela escolha do local para a construcção. «Preferida, por mais salubre, a cidade alta, apezar «do inconveniente de ficarem as officinas das obras «publicas a alguma distancia do internato, optei pelo «largo do Collegio para poder aproveitar as ruinas «do antigo convento dos jesuitas, o que se fez, com «importantissima economia, transformando em es- «cola e refeitorio o corpo da antiga egreja, em co- «zinha a sacristia, em egreja a capella do bello al- «tar-mór de marmore, ainda ha pouco aproveitada «para cavallaria, separando-a da aula por um cor- «tinado.

«Levantadas as cortinas, a aula transforma-se «n'uma vasta egreja, reunindo-se assim n'esta insti- «tuição civilisadora os tres grandes elementos de re- «generação da raça africana: a officina, a egreja e «a escola.

«As novas construcções consistem em quatro dor- «mitorios para 20 alumnos, cada um com os res-

«pectivos lavatorios, arrecadações e quartos para os
«prefeitos; um pavilhão para secretaria e residen-
«cia do director, officinas para sapateiros, alfaia-
«tes, etc.

«Approvado o projecto, começaram os trabalhos
«em novembro de 1878.»

XVI

O que da escola industrial e officinas pensam o
homens mais importantes de Angola, já o vimos an
teriormente na representação que citámos. Vejamo
ainda, para concluir, o que pensa sobre o assumpt
o sr. Ferreira Maia, director das obras publicas. Di
no seu relatorio de 1881 o sr. Maia:

«Era de 14:000$000 réis a dotação mensal par
«obras publicas, quando tomei posse da direcçã
«que tinha encargos anteriores a satisfazer na im
«portancia de 11:005$369 réis.

«Tão pequena dotação applicada a tão grand
«numero de obras, como as que simultaneament
«teem de se fazer em toda a provincia, tendo d

«manter um pessoal technico e operario convenien-
«temente remunerado, e acrescentando ainda a tudo
«isto o elevado preço por que, em geral, se faz a
«acquisição do material para obras, é o bastante
«para se ver logo que os primeiros cuidados, a que
«tinha de me dar, deviam consistir na escolha dos
«meios mais adequados a realisar toda a economia
«possivel nos diversos serviços.

«São estes serviços bastante numerosos, porque,
«além dos que são proprios da direcção, ainda lhe
«estão annexados: telegraphos, pharoes, observato-
«rio meteorologico e officinas, que não funccionam
«sómente como officinas das obras publicas, mas
«tambem como estabelecimento destinado a produ-
«zir trabalho para os particulares, e cuja adminis-
«tração precisa ser muito cuidada para poder dar
«resultados proficuos.

«Principiava a dedicar-me ao estudo dos meios
«a empregar, para conseguir o equilibrio da receita
«com a despeza das officinas, quando em 9 de abril
«me foi communicado, em officio da secretaria ge-
«ral, que pelo governo de sua magestade era sus-
«pendido, desde aquella data, o subsidio com que até
«ahi concorria para as obras publicas, e que para
«o futuro se devia contar tão sómente com os re-
«cursos da provincia, calculando-se em seis contos
«a dotação de que ella podia dispôr mensalmente
«para obras.

«Perdoe-se-me o usar em um documento d'esta «ordem de uma franqueza, que talvez possa ser jul- «gada inconveniente—mas eu ponho a verdade aci- «ma de todas as considerações e julgo um dever im- «preterivel o dizel-a, mui principalmente quando nos «dirigimos a quem pode remediar os males occa- «sionados pelos factos que os constituem. Não é pos- «sivel, com a pequena dotação de que actualmente «se dispõe, fazer coisa alguma util: seis contos de «réis disseminados por todos os pontos da provin- «cia, que constantemente reclamam melhoramentos, «são como as gotas de uma chuva de estio, que mal «caem no solo se evaporam, deixando-o tão requei- «mado como estava antes.»

Feitas estas considerações geraes sobre a nova phase em que entravam, em virtude de um systema chamado de economia, e que é, na minha opinião e em face das mais simples leis economicas, um notavel desperdicio, segue o relatorio, tratando das officinas, nos termos seguintes:

«O *deficit* mensal médio das officinas regulava «por 810$987 réis, quando tomei posse da direc- «ção.

«Conhecer a razão de ser d'esse *deficit*, se atten- «dermos a que as officinas foram creadas para a «execução de trabalhos importantes, que a direcção

«lhe devia commetter, dispondo dos meios conve-
«nientes, é que esses teem faltado ultimamente; re-
«sultando d'ahi que o seu quadro de pessoal, tanto
«administrativo como de execução, perfeitamente
«determinado para a primeira hypothese, se tornou
«incompativel com as actuaes circumstancias, não
«só em numero como no valor dos jornaes. Parece
«á primeira vista muito facil a resolução d'este
«problema; a simplificação do quadro e a reduc-
«ção dos jornaes deveriam, convenientemente com-
«binados, conduzir ao desejado equilibrio; o que é
«todavia certo é ver-me na necessidade de confes-
«sar que, até hoje, ainda me não foi possivel conse-
«guil-o, apezar de ter empregado até aonde o tenho
«julgado conveniente os meios apontados.

«Ha uma razão que me tem forçado a limitar um
«pouco as reducções: o receio de perder elementos
«que me serão indispensaveis, de um momento para
«o outro, se o governo de sua magestade julgar con-
«veniente dar de novo energico impulso ás obras
«publicas.

«Apresento em seguida o quadro demonstrativo
«do pessoal empregado nas officinas, nos mezes de
«fevereiro e junho, segundo o qual se poderá apre-
«ciar a economia realisada:

CLASSES	FEVEREIRO		JUNH
	Numero de individuos por classes	Vencimento diario médio	Numero de individuos por classes
Apontadores	2	$800	2
Olheiros	1	$300	1
Guardas	1	$350	1
Mestre	1	2$250	1
Relojoeiro	1	1$200	1
Ajudante de relojoeiro	1	$400	1
Caldeireiro	1	1$500	1
Aprendiz de dito	1	$300	–
Torneiro	1	1$300	1
Aprendizes de torneiro	4	$155	1
Serralheiros	8	968,7	7
Aprendizes de serralheiro	10	$065	7
Ferreiros	10	$695	2
Aprendizes de ferreiro	14	$268	3
Fundidores	3	566,6	2
Aprendizes de fundidor	4	$412	3
Carpinteiros	14	$857	6
Aprendizes de carpinteiro	13	$092	1
Funileiros	7	442,8	2
Aprendiz de funileiro	1	$150	–
Fogueiros	2	$400	2
Ajudantes de fogueiro	2	$230	–
Sapateiro	1	$700	1
Canteiro	1	$650	–
Pedreiros	6	$583	1
Marinheiros	2	$300	–
Cozinheiro	1	$200	–
Trabalhadores	34	$199	10
Serventes	7	$090	8
Calafate	–	–$–	1
Serradores	2	$450	1

«Vê-se por este quadro a consideravel reducção, «que se effectuou em o numero de individuos de «cada classe e na média dos jornaes em geral, po- «dendo todavia affiançar, que não sacrifiquei á ques- «tão economica a boa qualidade do pessoal, como «era indispensavel para poder contar com a boa «execução de trabalhos importantes.

«A reducção mais frisante foi feita nos jornaes «dos operarios europeus, que tinham findado os seus «contractos, e entre os quaes havia grande numero, «que não valiam metade do jornal por que foram «contractados.

«*Ha hoje operarios indigenas muito regulares, «que, não trabalhando em companhia de europeus, «se sujeitam a um jornal moderado, como quem se «pode alimentar com a modica quantia de* 60 *réis «diarios;* mas, desde que podem estabelecer o con- «fronto com os europeus, relativamente ao mereci- «mento e remuneração, achando-se lesados, tornam- «se, com verdadeiro fundamento, exigentes.

«Assim, desde que *começa a haver numero suffi- «ciente de operarios indigenas,* não julgo conveniente «o emprego de operarios europeus, *a não ser como «mestres de officio,* e foi isso o que procurei reali- «sar nas officinas.»

Da escola profissional diz o sr. Ferreira Maia o seguinte:

«*Escola profissional.*—Quando tomei posse da «direcção encontrei já interrompida esta obra.

«Estão quasi concluidas tres casernas com as «suas dependencias, faltando, para o completo aca«bamento assentar-lhes a cobertura definitiva, que «está actualmente substituida por uma cobertura «provisoria de feltro, bastante deteriorada. Falta «tambem construir os pavimentos e assentar as «bandeiras de vidraça, etc.

«A parte do edificio, destinada á casa da aula, está «ainda por cobrir. Para esta cobertura foi encommen«dada, por intermedio do ministerio da marinha, a «armação de ferro, em 24 de julho do anno proximo «passado; até hoje nunca foi satisfeita a referida en«commenda. É realmente lamentavel se se não con«clue este edificio, de que a parte já construida é «bastante consideravel.

«Esta obra foi interrompida em 18 de novembro «de 1880.

«Apresento em seguida o mappa analogo ao dos «anteriores:

Classificação	Numero de jornaes	Valor médio do jornal	Importancia de		Despeza total durante o anno economico	Numero de dias uteis
			Jornaes	Materiaes		
Apontadores ..	126	6835				
Ferramenteiros	93	500				
Olheiros.....	137	3699				
Guardas.....	169	500				
Carpinteiros...	8375	5866				
Aprendizes de carpinteiro..	1895	1896				
Pedreiro.....	1586	5195				
Serralheiros...	9	433				
Pintor.....	2975	4037				
Canteiro.....	695	700				
Calceteiro.....	69	4108				
Serrador.....	125	300				
Mas der.....	156	2525				
Trabalhadores..	1377	1493				
Serventes.....	1138	939	2:306$634	1:587$101	3:893$735	115

Como se vê, uma idéa eminentemente civilisadora e fecunda, que a experiencia mostra, em toda a parte, ser o mais seguro e efficaz modo de melhorar a sorte do negro e de crear riqueza; uma idéa, com que pareciam estar de accordo os falsos philanthropos e fingidos liberaes da nossa terra, foi abandonada, com perda total das despezas feitas e ainda perda maior dos futuros resultados, que d'ella se deviam esperar.

Talvez que esses mesmos *liberaes theoricos*, que

applaudiram o abandono total das obras publicas no ultramar e da escola destinada ao ensino profissional dos indigenas, mais de uma vez hajam pensado em restaurar alli os conventos. Como diz o sr. Nogueira, e já antes tinha notado o honrado e esclarecido marquez de Sá da Bandeira: «Ha no nosso «paiz uns certos *liberaes theoricos* e optimistas, para «quem as lições da historia parecem letra morta, e «que, confiando tudo dos principios, sem attende-«rem ás circumstancias, não estariam muito longe «de acceitar os missionarios, *mesmo a troco da in-«troducção das ordens religiosas.*»

Desenganem-se todos; não é proclamando sempre e em vozes descompostas os nossos direitos, sem sequer os comprehender; não é repellindo todos que lealmente nos coadjuvam, e deixando-nos arrastar por movimentos, em que a paixão domina cegamente a razão, que nos podemos tornar fortes e poderosos nas nossas colonias africanas. É preciso crear riqueza; empregar capitaes em preparar os grandes instrumentos da producção; tirar as peias ao commercio; seguir uma politica economica que não seja a de D. Manuel e de D. João III, mas a do seculo em que vivemos: é preciso derramar a luz da civilisação; instruir os negros de accordo com as suas faculdades; apagar n'elles o fanatismo sanguinario sem o substituir por outro fanatismo; encaminhal-os pelos bons principios da moral; e, sobretudo, ensi-

nal-os a trabalhar e produzir riqueza; é preciso isto tudo, se queremos firmar o nosso poder na Africa, consolidar a nossa soberania, e merecer o respeito e a estima do mundo civilisado.

A CIVILISAÇÃO AFRICANA

PARTE III

A CIVILISAÇÃO AFRICANA

I

Temos sido nós, os portuguezes, accusados de contribuir para o atrazo em que se encontra ainda a civilisação da Africa. Tem-se-nos attribuido a origem do odioso trafico de escravos. Teem lançado á conta dos nossos erros a estagnação do commercio, a paralysação da industria, o atrophiamento da agricultura, o embrutecimento dos selvagens, a inefficacia das missões; tudo emfim que envolve em caliginosas trevas o continente africano.

Todo o viajante que penetra nos sertões da Africa julga-se obrigado a dizer mal de nós, a accusar-nos, a calumniar-nos, embora a influencia portugueza lhe permittisse levar a exito feliz a sua arriscada empreza: e, se alguma vez lhe escapa a confissão da verdade, julga-se obrigado a desdizer-se, para alcan-

çar a benevolencia dos especuladores, de varias ordens, que formam o publico buliçoso, simuladamente interessado pelas coisas da Africa, a quem não convém que lhe contrariem preconceitos injustos que datam de longe, e não teem hoje razão de ser. Essas rivalidades entre os povos civilisados, que occupam mais ou menos vastos territorios no vastissimo continente, não teem outro resultado senão difficultar a civilisação dos negros, esterilisar esforços nobres e energicos, impedir o commercio livre e paralysar a acção moral da propaganda civilisadora. Nós temos, mais que ninguem, razão de nos queixarmos d'estas injustiças brutaes e nem sempre desinteressadas. É isto a consequencia de termos chegado primeiro, de termos maior influencia do que os outros, de sabermos melhor penetrar no espirito dos negros e obter a sua sympathia. É a consequencia tambem — força é confessal-o — de um erro economico, de que ainda nos não soubemos libertar, embora as outras nações lhe hajam reconhecido já os inconvenientes e prejuizos: — a confiança nos exclusivos commerciaes e nos embaraços systematicos levantados ao commercio do mundo. Este erro foi-nos e ainda nos está sendo funesto.

Sempre foi entre nós reprovada, por espiritos esclarecidos e almas sinceramente piedosas, a escravidão e o trafico; mas o uso dos escravos negros era muito antigo e muito vulgar no norte da Africa,

onde tinhamos trato constante, em paz ou em guerra. O vicio era da época e não de Portugal. Hollandezes, inglezes e francezes iam á Africa disputar aos portuguezes o mercado de escravos; e não era o escrupulo que detinha os nossos concorrentes.

Em 1570, D. Sebastião prohibiu que, no Brazil, fossem captivados os gentios, salvo os tomados em justa guerra. Esta disposição civilisadora foi ampliada em 1609, n'uma lei que declara livres, conforme ao direito, todos os gentios do Brazil, baptisados ou não. Em 1650, no Regimento para o capitão de Cacheu, recommendava-se-lhe: «O bom «tratamento dos gentios e que se lhes não fizessem «vexações e se guardasse egualmente justiça a to-«dos.»

O Regimento do governador de Angola em 1666 contém muitas disposições, que bem mostram o interesse que o governo de Portugal tinha pelas coisas d'aquella possessão africana, e as idéas humanitarias que dominavam o espirito da administração n'aquelle tempo, em que a Europa tão pouco se importava com a civilisação dos povos selvagens. A conservação da paz entre os sobas e o respeito aos costumes, na eleição d'estes, é especialmente recommendado no Regimento.

Os baptismos, sem a catechese dos novos christãos, são censurados, porque, diz o Regimento, «é de «crer que o muito descuido que n'isto houve foi a

«causa do pouco effeito que se conseguiu, de muito «gasto e cabedal que n'esta empreza, de tanto ser«viço de Deus e Meu, se tem mettido.» Prohibe a ida de homens brancos ao commercio do sertão pelos muitos damnos que causam aos indigenas.

No Regimento para o governador das ilhas de Cabo Verde, de 1676, fazem-se recommendações analogas em relação ao gentio. Prohibe-se a venda das armas e diz-se expressamente ao governador: «Tratareis muito que augmente esse governo, e *que «seus moradores cultivem e povoem* pela terra den«tro tudo o que poder ser.»

O commercio de escravos era por aquelle tempo um commercio licito, e geralmente admittido nas colonias de todas as nações européas; comtudo, entre nós, era esse commercio regulado e o transporte dos escravos sujeito a regras, que tinham por fim evitar os padecimentos e precaver os perigos dos pobres captivos.

Um alvará de 1684, tendo em consideração que na conducção dos negros captivos «obram os carre«gadores e mestres de navios a violencia de os tra«zerem tão apertados e unidos uns com os outros «que, não sómente lhes falta o desafogo necessario «para a vida, cuja conservação é commum e natural «para todos, ou sejam livres ou escravos, mas do «aperto com que vem succede maltratarem-se, de «maneira que, morrendo muitos, chegam impiamente

«lastimosos os que ficam vivos», determina que se não possam carregar alguns negros, em navios e quaesquer outras embarcações, sem que primeiro em todos e cada um d'elles se faça arqueação das toneladas que podem levar, com respeito dos agasalhados e cobertas para a gente, e do porão para as aguadas e mantimentos. Feita a arqueação, ordena o alvará: que nos navios de cobertas com portinholas, por onde os negros possam receber o ar necessario, se lotarão sete cabeças em duas toneladas; e não tendo portinholas, apenas cinco nas mesmas duas toneladas: que os navios levem os mantimentos necessarios para dar tres vezes ao dia de comer aos negros: que se cuide do tratamento dos escravos que adoecerem «com toda a caridade e amor do proximo.» Os mestres e capitães de navios, que carregassem mais negros do que os da sua lotação, ordenava o alvará que pagassem de multa dois mil cruzados e fossem por dez annos degredados para a India: alcançando a mesma pena aos senhores dos barcos e carregadores. Estas medidas, previsoras e humanitarias, mostram bem os principios que dominavam a administração em Portugal ácerca dos escravos.

Um seculo depois (1761) a lei concedia a liberdade a todos os escravos, vindos para Portugal das provincias ultramarinas.

Antes de 1830 a Inglaterra lançava as primeiras

bases para uma timida reforma do regimen dos escravos; preludio da abolição definitiva. Em 1833 era promulgado o Acto do parlamento em que se declaravam «livres todos os escravos que, por con-«sentimento de seus senhores, houvessem sido trans-«portados ao reino unido da Grã-Bretanha e Ir-«landa, anteriormente á promulgação do presente «Acto.» Reconhecia tambem o Acto de 1833 a «ne-«cessidade de deixar passar um certo intervallo de «tempo antes que a emancipação comece a reali-«sar-se.» Sem recordar a resistencia, que se fez á abolição em diversas colonias britannicas, é evidente, e isso queriamos mostrar, não ser ao governo portuguez que cabe o logar mais obscuro na solução do grande problema da abolição da escravidão, e na regularisação do trafico.

Em 1836 um decreto aboliu o trafico nas colonias portuguezas. Em 1838 lançavam-se as bases de um tratado com a Inglaterra para a definitiva suppressão do iniquo trafico; tratado que veiu a assignar-se em 1842.

Em 1869 um decreto aboliu o estado de escravidão até ao termo definitivo de 1878, o qual, felizmente, se realisou antes d'esta ultima época.

Não podemos nós ser justamente accusados de provocar a desmoralisação e a barbarie dos indigenas nas nossas possessões africanas, pela nossa pertinacia em manter a escravidão e promover o trafico.

Fizemos antes o que faziam todos; fomos dos primeiros a abolir em parte a escravidão, em tomar medidas para regular o trafico em beneficio dos negros; não fomos os ultimos em aceitar a abolição total da escravatura e total abolição do trafico.

II

Lançando os olhos para a nossa mais importante colonia africana, Angola, e estudando as suas successivas transformações, desde a conquista até hoje, podemos reconhecer, que o contacto da civilisação não tem sido totalmente inefficaz n'aquellas regiões, e que á influencia portugueza se não pode attribuir o atrazo, em que se acham as populações indigenas, de tão vasto territorio; hoje, relativamente, as mais civilisadas da Africa intra-tropical. Não é absolutamente satisfatorio o resultado obtido; é preciso, porém, recordar o que se sabe das aptidões dos negros, e considerar egualmente a exiguidade da colonisação européa nas provincias da Africa portugueza, para bem se avaliarem os factos.

O fluxo continuado das populações do grande

continente de leste para oeste, ou antes de nordeste para sudoeste, parece hoje demonstrado por numerosos factos, reconhecidos pelos que teem estudado a anthropologia africana. Esse movimento, que uma causa mal conhecida parece provocar, vem morrer nas margens do oceano; onde os territorios baixos, pantanosos e insalubres, parecem causar uma degenerescencia, uma alteração profunda nas raças, mesmo nas robustas raças dos negros que procedem dos sertões do planalto de Africa. As ondas humanas succedem-se umas a outras, misturando-se mais ou menos, ou conservando-se mais ou menos separadas, e chegando as mais avançadas a encontrar o mar e a soffrer a acção insalubre da região do litoral. Em Angola estes factos notaveis parecem achar a sua mais completa realisação. Do Zaire ao Cunene, do litoral á região alpina do sertão, as tribus indigenas dispõem-se em conformidade com os principios anteriormente indicados e conforme os phenomenos caracteristicos da natureza.

No curioso livro sobre *O Rio Congo,* que acaba de publicar o illustre naturalista viajante, o sr. H. Johnston, analysa-se a photographia da Africa tropical a oeste e faz-se d'ella uma interessante descripção. O que n'outra parte d'estes estudos dissemos ácerca d'esta região, deve haver disposto o espirito do leitor para entender e apreciar o que escreve o sr. Johnston:

«Da Serra Leoa ao rio Ogove, ao longo da costa, «dominam bosques que parecem sem fim. Esta é, de «facto, uma parte da região florestal—a facha flo- «restal que tem uma fauna e uma flora caracteris- «ticas, e que se estende para leste, junto do Equa- «dor, a mais do que a meio caminho da Africa occi- «dental ao lago Victoria Nyanza e margens occi- «dentaes do Tanganica. É este o paiz dos macacos «anthropoides, que egualmente se encontram perto «da Serra Leoa, e sobre o Vellé, e junto do alto «Nilo. Mas, passando além da embocadura do Ogo- «ve, começa o bosque a afastar-se da costa e a ser «substituido gradualmente pela campina descoberta, «caracteristica da maior parte da Africa, e tão fe- «lizmente designada pelos antigos viajantes como «similhante a um parque; designação que largas «superficies cobertas de gramineas, onde se levan- «tam espessos grupos de arvores, amplamente jus- «tificam. Tal é o paiz de Loango, Cabinda, e ao longo «do baixo Congo até Stanley Pool. Um pouco ao sul «da barra do Congo, porém, a paizagem similhante «a parque principia a afastar-se do mar, nas pro- «ximidades da Cabeça de Cobra (Mangue Grande), «e d'ahi se segue uma feia região de vegetação pouco «densa e chuva pouco abundante. O paiz em volta «de Loanda é d'esta natureza, e apenas crescem ali «euphorbias, embondeiros e aloes, e não chega a «chuva a durar dois mezes por anno. Este aspero

«paiz continua ao longo da costa, a alguma distan-
«cia, até ao parallelo 13°, onde elle por seu turno
«se afasta para o sertão, e perfeitos desertos o sub-
«stituem e continuam sem interrupção até ao rio
«Orange. N'uma jornada de Mossamedes ao rio Cu-
«nene atravessam-se successivamente estas tres ul-
«timas phases da paizagem, e depois de cruzar a
«zona de absoluto deserto entra-se na região da es-
«cassa vegetação, e chega-se finalmente ao bello e
«onduloso paiz das florestas em grupos e planicies
«de gramineas que só se chegam ao mar muito para
«o norte na embocadura do Congo. Os quatro pai-
«zes que acabo de descrever pode dizer-se que va-
«riam da absoluta esterilidade até á transcendente
«riqueza da vegetação; talvez que a palavra esteri-
«lidade esteja longe de ser verdadeira, visto que o
«solo deserto é capaz de produzir amplas colheitas;
«a chuva é meramente o que falta.»

Este aspecto geral da vegetação assume a mesma disposição quando se observam as zonas successivas, do litoral para o planalto em Angola, a começar pela que domina nas margens do Atlantico.

As condições naturaes determinaram necessariamente a posição e caracteres das populações primitivas que occuparam o litoral, o seu modo de vida e costumes; limitaram as invasões das tribus conquistadoras vindas do sertão, o seu mais ou menos

completo isolamento ou compenetração com as tribus anteriormente existentes; assim como as modificações por que umas e outras teem passado, em virtude da acção do clima, da alimentação e do contacto mais ou menos prolongado com a civilisação.

Lancemos os olhos rapidamente pelo litoral do Congo para o Cunene, para formarmos idéa geral das povoações, tendo em vista o que anteriormente expozemos e o que nos diz, ácerca das condições naturaes, o sr. H. Johnston nas palavras acima citadas.

III

Conforme o sagaz observador, o sr. Johnston, as tribus da região do Zaire, perto da costa, mostram caracteres que evidentemente são o resultado da degradação physica, produzida pelo clima, mas tambem o são da mistura, nas terras baixas, das tribus mais perfeitas vindas do sertão (de raça Bantu, procedente do nordeste) com as tribus originarias ou estabelecidas em épocas remotas n'aquellas terras. Esta hypothese deve considerar-se verdadeira, pois que nas tribus do litoral, taes como as de Cabinda

ou Loango, se encontram dois typos distinctos. Um Bantu, que tem caracteres nobres, composto de homens altos e direitos, com mãos e pés pequenos, bella cara, nariz elevado, barba e bigode e abundantes cabellos. Outro typo mal feito, feio de cara, pernas canejas, barba mettida para dentro, labios grossos, sem barba e de carapinha.

A sul do Zaire, no paiz do Sonho, habitam os Muchicangos, Muchirangos ou Bachicangos, que formam uma tribu degenerada—de pelle negra, corpo infezado, desenvolvimento imperfeito—a qual, pela maior parte, habita um paiz pantanoso. Estes Muchicangos são um ramo degenerado da grande raça Bacongo. Junto do rio, como dissemos anteriormente, existe uma raça de negros piratas, pouco favorecida pela natureza. Esta raça dos Mussurangos é inferior aos Muchicangos. Parecem ser, porém, uns e outros da mesma procedencia.

Na relação de uma viagem de missionarios que D. Maria I, em 1781, mandou ao Congo, encontram-se algumas noticias curiosas das tribus do litoral que pertencem ao reino do Congo, dos seus barbaros costumes, da sua indolencia, da sua ignorancia quasi absoluta e geral da religião christã, assim como dos asperos caminhos e numerosas lagôas, que «exhalavam de si um terrivel cheiro.» A primeira «terra do Congo» em que os missionarios entraram era do denominado Marquezado de Mossul.

N'estas povoações, por estarem proximas do territorio governado pelos portuguezes, ainda era grande o afan por pedirem baptismo, sendo este o acto unico por que se reputavam christãos. As festas que lhes fez o Manibamba (governador do povo), as danças e batuques eram as mesmas que ainda hoje se observam n'aquellas paragens.

Mais para diante, os missionarios soffreram todas essas inclemencias e doenças, que fazem o martyrio dos viajantes quando precisam dos serviços d'aquella «gente pouco amiga de trabalhar» e totalmente boçal e barbara.

O limite entre Angola e Congo era no Libongo e, comparando os territorios atravessados por elles na sua viagem, os missionarios dizem: «Em o districto «do nosso reino até ao Libongo, melhores são (os ca- «minhos) e mais apraziveis e habitados por gente *mais «bem instruida e cultivada*, tendo as suas terras mais «cheias de fructos, como são mandiocas, milho gros- «so, bananeiras, goiabeiros; todo o mais resto dos «caminhos do Mossul são muito agrestes, estreitos, «cheios de mattos, e terras tão solitarias que só ou- «viamos os tristes gemidos das rolas; caminhos e «sertões seccos, cheios de pedras, e mais para feras «que para homens.»

O quadro dá perfeita idéa da benefica influencia portugueza, ha um seculo, sobre as povoações negras.

Mais para o sul e proximo do Bengo e Loanda, descreve-nos em 1846 Castro Francia as povoações de Quinfandongo, dos Muxiluandas e Cuaco, que vivem da pesca exclusivamente e do commercio de peixe fresco e de peixe fumado, ou antes assado á moda africana, como nas margens do Congo.

Em tempo de Cadornega, cuja *Historia das Guerras Angolanas* temos citado, na ilha denominada de Loanda, que defronta com a cidade de S. Paulo, havia uma população, antes sujeita ao rei do Congo, que se chamava Mixiloanda. Eram os homens bons pescadores, que salgavam muito peixe; principalmente peixe de arribação no tempo do cassimbo, em que tambem faziam azeite. As mulheres apanhavam o zimbo, que servia de moeda, principalmente no Congo.

No districto de Loanda, a pouca distancia da cidade, já n'aquelle tempo — apenas um seculo depois da conquista — os indigenas cultivavam muito as terras e colhiam milho miudo e milho grosso ou zaburro. A proposito d'este milho dá-nos Cadornega uma informação interessante: «Milho zaburro, escreve elle, pelo menos este nome lhe dá a nossa «provincia do Alemtejo, onde havia quatro espigas «pelas hortas; hoje se diz que em Ribatejo e campos de Coimbra se lavra muito d'elle.»

Nos campos de Loanda tambem se colhiam le-

gumes, chicharos, feijões, etc., e se creavam ovelhas, cabras, gallinhas, etc. Pelo Coanza, onde se exercia já a influencia civilisadora dos portuguezes, vinham tambem muitas canôas «carregadas de todo «o genero de cousas para sustento da vida humana... «escravos, marfim para negocio e farinha, maça «(milho), porcos salgados, de fumeiro e alguns vi- «vos, carneiros, chibos a que chamam capados pelo «serem, que é da melhor carne que tem estes rei- «nos, quantidade de gallinhas, laranjas assim da «China como das outras, limas ricas. e limões que «é praga na quantidade, etc.» Esta enumeração de productos dá idéa das disposições das tribus, que habitavam aquellas paragens e do benefico influxo do dominio portuguez.

Como vimos, anteriormente, os povos do districto de Loanda, aptos para a civilisação e para o trabalho agricola, são comparados pelo distincto viajante W. Reade aos Fulus, caracterisados pelo nariz aquilino sensivelmente largo na base, carapinha abundante, labios grossos, côr de azeitona ou de bronze escuro, fórmas afeminadas nos homens, que teem as mãos e os pés pequenos. Se nos recordarmos de que os Fulus, que occupam uma vasta área no alto Senegal, parece terem origem na parte oriental da Africa, que teem feições que alguns viajantes comparam ás dos europeus, pelle avermelhada, cabellos pouco encarapinhados, e se assemelham muito

aos Mandingas, com que se acham confundidos — Mandingas que são considerados os judeus da Africa, como os Ambaquistas — não poderemos deixar de concordar com a observação de Reade.

Ao sul do Coanza o territorio do litoral é muito esteril e falto de aguas, sendo preciso fazer dos embondeiros, ôcos pelos annos, depositos para agua no tempo da chuva. N'este pobre paiz vivem os miseraveis Quissamas. Estes, como já n'outro logar dissemos, são uma raça contrafeita, negra e selvagem, onde a influencia civilisadora nunca pôde penetrar. «Esta provincia do Quisama, diz Cadornega, tem «de comprimento algumas sessenta leguas beira rio «Coanza, até á nossa fortaleza de Cambambe, e d'ahi «por diante até á provincia do Libolo; e pela banda «do mar e costa não tem tamanha distancia, por «ajuntar algum tanto a cabeça com a cauda; e terá «de largo até quinze ou vinte leguas, ficando-lhe «pela parte das costas o Dondo.» É aqui que existem as minas de sal, producto de maior valor em que negoceiam os Quissamas, que conservam o monopolio do seu transporte e commercio. São provavelmente os Quissamas restos d'aquellas tribus primitivas que habitavam as terras do litoral, antes das invasões successivas que vieram de leste e nordeste, de cuja existencia não podemos duvidar. Dos Quissamas nos diz Hartmann, que parecem uma mistura de raças como os Balondas, onde se encontram os

caracteres typicos dos Niam-Niam, dos Furas, dos negros de Loango e dos A-Bantus, «São eguaes, «accrescenta, as condições ethnologicas dos Quisa-«mas, entre os quaes se encontram individuos de «nariz esborrachado e cabellos lisos como os Niam-«Niam e os povos do Tanganica e Ogowe, que Le-«vingstone, Cameron e Stanley nos fizeram conhe-«cer; outros com o fino perfil dos Bejas; outros, «emfim, de face grosseira e achatada como a dos «Zulos.» Não se vê aqui a analogia de origem entre os Quissamas e os povos de Cabinda e Loango, descriptos por Johnston? Não são uns e outros formados da mistura de typos, dominando mais nos Quissamas o typo primitivo do litoral? Da mesma natureza e procedencia parecem ser os Mocoandos, que ficam ao sul de Benguella. Esta tribu é nomada e de pastores. Cobrem-se apenas com uma pelle de carneiro, são inoffensivos e parece tenderem a extinguir-se.

Estes povos ao sul de Benguella—segundo informações tiradas dos *Annaes do Municipio de Mossamedes*—formam uma raça de gentios nomada, que vagueia á beira-mar, pelas rochas, «sustentando-se «de mariscos ou de peixe, que industriosamente co-«lhem com pregos, ou qualquer bocado de ferro, á «falta de anzol.»

Estão os Mocoandos cercados pelos Mandombes, os quaes são mais robustos, energicos e fortes, e são

tambem nomadas e pastores. Nas suas interessantes descripções sobre as raças d'esta região, onde se nota «a existencia de tribus de typo especial», os distinctos viajantes Capello e Ivens admittem, para explicar o phenomeno, a mistura de raças do norte com outras raças no litoral.

D'estes mesmos povos os Mandombes se encontram nas proximidades de Mossamedes: villa hoje importante, a qual, ha menos de meio seculo, nasceu de algumas feitorias pouco felizes situadas na denominada Angra do Negro. Os primeiros fundamentos de Mossamedes não foram felizes, por ser mal encaminhada a colonisação e por coincidir com uma época de esterilidade e fome, por falta de chuvas. Os povos indigenas estão atrazados em civilisação, quasi em estado selvagem e com pouco trato com os europeus. Segundo dizem os *Annaes*, a que anteriormente alludimos: «Nas circumferencias da villa todo «o territorio é agreste, montanhoso e falto de aguas, «sendo apenas susceptivel de cultura nas margens «de alguns rios; e com tudo isso não deixa de ser «habitado por algum gentio bravo, o qual se encon«tra muito disseminado junto ás serranias, nos lo«gares onde as torrentes, no tempo de chuvas, se re«unem em grandes buracos ou poços naturaes, que «conservam a agua até á volta da seguinte estação «chuvosa; é ahi que esse gentio se encontra ordi«nariamente, não se dedicando a trabalho algum, e

«apenas os homens são caçadores para se poderem «sustentar e a suas familias... Suas armas são o «arco e a frecha, e seu vestuario consta de duas pel-«les, uma da cintura até aos joelhos e outra do «mesmo logar até ás curvas.»

Ainda mais para o sul existem outras tribus errantes, insociaveis, que vivem nas cavidades dos rochedos, e se alimentam da pesca. São estas tribus a representação actual d'aquelles homens prehistoricos, a quem se devem as celebres accumulações de residuos de mariscos á beira-mar?

Na extremidade austral da provincia encontram-se tribus que, evidentemente, pertencem a uma raça analoga ou talvez á propria raça dos Boschjemans. A existencia d'estas tribus estranhas já havia chamado a attenção dos primeiros conquistadores de Angola.

Cadornega conta no seu livro: «que succedeu no «governo de André Vidal ir um homem pratico a «descobrir esta costa, por nome José da Roza, por «ver se achava alguma noticia de boca de rio que «entrasse para os de Coanza, e chegando, costa a «costa, a dezoito graos para além do cabo Negro, «não achando noticia do que buscava, trazer gentio «d'aquella paragem, que se não entendia nada do «que fallava; e a falla como de estalo, gente como «selvagem, que bem o demonstra assim em come-«rem a carne e peixe e milho crú; e por acenos só se

«entendia d'elles algumas cousas.» Estas indicações mostram talvez que, para além do cabo Negro, viviam povoações de origem hottentote ou boschjemans.

Confirma esta opinião o que, ácerca d'estes povos das visinhanças do Cunene, se lê nos *Annaes do Municipio de Mossamedes.* Dizem os *Annaes* que n'estas terras «existe muito gentio de raça Muchima, «que não tem agricultura alguma e se mantem da «creação de gado. Não ha conhecimento cabal d'esta «gente por ser inteiramente selvagem, sabendo-se «apenas que possuem muito marfim, a que não dão «valor algum, não constando que tenham sido visi«tados por brancos. Não teem negocio algum, e ape«nas aquelles que se acham mais proximos das ou«tras terras é que teem seu pequeno trafico, ás ve«zes; comtudo, não é isto de admirar, porquanto «bem proximo d'esta villa (Mossamedes) se acha o «gentio dos Corocas, *que d'elle se pode dizer o mesmo «que dos Muchimbas,* com os quaes confinam e se «alliam, que apenas alguns que teem vindo para «esta villa se acham mais civilisados.....

«A origem da raça de Corocas foi primitivamente «de Mondombes, que se alliaram com os Muchim«bas, e, com quanto ainda conservem alguns indi«cios de sua origem, teem *uma lingua bastante es«tranha pela abundancia de sons guturaes e nasaes,* «sendo desconhecida, por isso que se ignora a dos «Muchimbas.»

IV

Agora que passámos rapida revista aos povos do litoral, em Angola, busquemos indagar o que de mais importante se conhece das tribus, que occupam as outras regiões do interior. Principiaremos pelo que o sr. H. Johnston nos diz dos povos do Congo, porque nos pode isso servir de guia na nossa digressão do norte ao sul da provincia.

Partindo da foz do Congo, rio acima, a estação das chuvas vae gradualmente crescendo. Perto do mar dura quatro mezes: em Satanley Pool — alargamento do rio, um lago quasi, hoje bem conhecido — ha apenas quatro mezes no anno sem chuva. Mais acima, ao aproximar-se o rio do equador, o clima torna-se verdadeiramente equatorial, e as chuvas quasi que não teem interrupção em todo o anno. A força vegetativa cresce com a quantidade de chuva: e de 3° S. de latitude ao equador, o terreno está coberto de florestas. O solo vae tambem elevando-se acima do nivel do mar; e as raças humanas cada vez vão sendo relativamente mais perfeitas.

As raças que habitam a bacia do Congo, segundo Johnston, pertencem quasi todas á grande familia Bantu; comtudo apresentam estas tribus consideraveis differenças, encontrando-se os puros caracteres da familia só no alto Congo. Acima das tribus do litoral, merecem a attenção os Ba-congo, cujo centro está entre S. Salvador e Pallaballa, proximo do grande rio. Foram os Ba-congo a raça dominante por todo este territorio do Congo e os fundadores do grande imperio d'este nome. Era assim quando os portuguezes descobriram o imperio; quando era maior a sua prosperidade. São os Ba-congo uma raça superior á raça degenerada dos Muchicongos da costa; não são, porém, do typo Bantu puro. A pelle é côr de chocolate ou avermelhada. São cabelludos, tendo abundante barba e bigode. Serram os dois incisivos anteriores da maxilla superior, mas não geralmente. A circumcisão é voto religioso entre elles. Não pintam a pelle nem a lavram com cicatrizes. São os Ba-congo indolentes, inconstantes e sensuaes. Não se mostram sanguinarios; mas sim supersticiosos, e n'esses casos tornam-se crueis. A morte é sempre attribuida a feiticeria de alguem e a feiticeria punida com crueldade.

Aqui por estas paragens observou o sr. Johnston um culto phalico; encontrando-se, pelos bosques, templos rusticos dedicados a este culto, que nada tem de obsceno. A este culto parece pertencer certo

numero de eunucos, que nas luas novas sacrificavam uma victima humana, e hoje apenas uma gallinha branca.

Para reunir informações importantes, que possam esclarecer estas, sempre difficeis, questões das raças africanas e de suas numerosas transmigrações ou invasões, citaremos aqui o que, ácerca das invasões no Congo, escreveram na narrativa interessante da sua notabilissima viagem os srs. Capello e Ivens.

Segundo os distinctos viajantes, podem admittir-se «tres invasões distinctas, podendo denominar-se «a dos Congos, a dos Bondos (os que fallam a lin-«gua *bunda*), vindos talvez de Jacca ou mais de leste, «e a dos Tembos, que comprehenderia ban-gala, «ma-quioco, ma-congo, talvez bin-bundo, *oriundos «da região dos lagos*, os quaes no litoral se desi-«gnam por Nano. E assignando a esta ultima (inva-«são) o seculo XVI, as outras seriam anteriores.»

Como complemento d'este modo de ver e para mostrar como se fez a mistura de raças nas regiões do litoral, acrescentam Capello e Ivens:

«Estabelecidos os bundos como deixamos dito, é «natural que perto do Oceano, dedicando-se á pesca, «se estendessem pelo litoral, ao longo de Benguella «e Mossamedes, a fim de alargar a área das suas «excursões piscatorias.»

É curioso comparar estas conjecturas, bem fundadas em geral, com o que dizia Cadornega ácerca

do Congo. Aqui se distinguem tambem tres invasões de diversas raças, e sobretudo se conhece o derramamento dos Abundas por Angola.

Diz Cadornega: «Os Muxicongos (os Ba-congo?) «—descendo da terra dentro, e se entende vieram de «Congo de Amalaca (alto Congo)—se assenhorea- «ram do poderoso reino do Congo, sendo os naturaes «d'elle Ambundos *de outra casta*. Tambem diziam «os antigos que... o senhor rei D. João o Segundo «havendo mandado soccorrer este reino (Congo)... «a respeito dos Jagas ou Majacas, que os tinham «posto em grande aperto...»

É mais acima no rio, nas margens do Stanley Pool, que se encontram, segundo Johnston, os Batéké, que parece haverem invadido recentemente aquellas terras, deslocando os antigos habitantes para o sertão interior ou absorvendo-os como escravos. Os Ba-téké, que parece procederem do noroeste, dos lados do Ogowe, não são ainda hoje senão os povoadores das margens do rio. Nos Ba-téké a fronte é proeminente; o nariz é geralmente achatado e sempre largo nas ventas: mas, occasionalmente, encontram-se individuos d'esta tribu, que possuem um nariz de cavallete e curvado na ponta.

Os Ba-téké, Wa-buma e Ba-yanzi, que habitam no alto Congo, são tribus differentes umas das outras, sobretudo na lingua; comtudo todas ellas offerecem tantos pontos de semelhança e desemelhança

com os Ba-congo do baixo Congo, que podem descrever-se conjunctamente e conjunctamente distinguir-se das tribus Ba-congo e suas derivadas.

Estes povos do alto Congo quasi não teem mistura de sangue das raças negricias puras. Devem considerar-se puro Bantu, e por isso se parecem muito com outras raças puras da mesma procedencia, taes como os Ovambo, o Bahunda e os povos do Tanganica e Nyassa. Distinguem-se do Ba-congo em ter a pelle côr de chocolate e abundantes cabellos, barba e bigode.

Os Ba-yanzi encontram-se em região mais elevada do Congo. Foi na embocadura do Wabuma, nome do rio que lança no Congo as suas aguas conjunctamente com as do Coango, que Johnston encontrou a primeira povoação fixa da ousada tribu dos Ba-yanzi, que parece procederem do nordeste e defrontar alli com os chamados Ba-ngala do Equador.

São os Ba-yanzi uma formosa raça. «Alguns homens, diz Johnston, são perfeitas estatuas gregas «pelo que respeita ás suas bellas e bem desenvolvi«das fórmas. Teem cara agradavel por causa do bom «humor que lhes anima as feições. É notavel n'elles «o desenvolvimento, comparativamente, grande dos «cabellos; particularmente na cabeça.

«O penteado dos homens, accrescenta, imita cor«nos no alto ou dos dois lados da cabeça, ou cae em «cauda pendente de cada lado da cabeça, ou todos

«os cabellos estão presos no alto da cabeça. As mu-
«lheres, ás vezes, frizam os cabellos em volta da ca-
«beça, ou os alisam e levantam em *bandeaux*, ou os
«dispõem n'uma infinidade de trancinhas como ra-
«bos de rato...»

Usam de uma casca vermelha (*raphia nitida*) para pintar as unhas e mesmo o corpo e os pannos com que se cobrem. Tambem se enfeitam de côres, branca, amarella e negra, formando varios desenhos. Usam largamente, como ornamento, de incisões na pelle. São estes homens agricultores, mas pouco creadores de gado e caçadores pouco diligentes: trabalham o ferro com bastante perfeição.

Teem os Ba-yanzi um caracter amoravel e sensivel ao bello; na côr, na musica e na dança. O casamento é uma mera compra, desacompanhada de qualquer ceremonia especial; e cada homem tem o maior numero de mulheres que pode. Um escravo que morre é deitado, sem mais trabalho, no rio: mas quando alguem de alguma importancia deixa de existir é, em geral, enterrado na casa em que morou e esta abandonada depois; na cova depositam fazendas, missanga, facas, cauris, e outras coisas que ponham o morto em estado de entrar n'outra vida. Louça, facas, etc., são quebradas ou torcidas para que acompanhem «mortas» o espirito do que morreu. Quando é um grande chefe que morre, quatro ou mais escravos são deitados transversalmente na

sepultura e o corpo do chefe á cabeceira. Os escravos não são enterrados vivos, mas enforcados primeiro.

Fazem estas tribus do alto Congo negocio em peixe, preparado ao fumeiro de grandes fogueiras de lenha.

V

Depois de descrever a grande fertilidade das terras dos Dembos, antes sujeitas ao rei do Congo; e em seu tempo, independentes e com insignias regias; diz-nos Cadornega, que os Dembos, já christãos e baptisados, eram sujeitos ao rei de Portugal, sendo muitos d'elles assistidos de capitães-móres, officiaes de milicia e escrivães para os *mocanos* (pleitos), todos postos pelo governo portuguez. Alguns d'estes Dembos tinham grande poder e muitos sobas que lhes estavam sujeitos. O Dembo de Ambuila, por exemplo, tinha sob o seu poder quarenta sobas e podia pôr em campo *cincoenta mil negros!?*

Tinham os Dembos *pedras* (logares fortes) que lhes serviam de fortalezas, a que se recolhiam quando

se viam opprimidos de algum poder grande de guerra. Uma das mais espaçosas, que podia receber todo o sustento necessario para uma longa defeza, era a do Dembo Ambuila.

Um dos mais interessantes presidios do norte de Angola, pela sua situação no sertão, é o de S. José de Encoge, levantado entre os dominios do Dembo de Ambuila e do Dembo de Ambaca em 1758. Segundo uma informação official de ha mais de quarenta annos, que se encontra no segundo volume dos *Annaes Ultramarinos:* «os usos e costumes que «tinha aquella gente eram a maior parte gentilicos, «e os outros seguiam a religião catholica; porém «não deixavam de continuar a fazer as suas pata«ratas, e o commandante (do presidio) não podia «obstar, por ser muitissimo grande o territorio e «muito sangue custaria a domal-os ao uso da razão.» A população era então calculada em perto de vinte e cinco mil pessoas.

A agricultura, conforme a mesma informação, é de mandioca, feijão, milho, e varios outros legumes, tabaco, algodão, café e carrapateiro: é feita pelas mulheres, porque a maior parte dos homens se empregam no commercio d'estes productos agricolas. Aqui não havia bois mansos, sendo o primeiro ensaio, que se fez em 1836, mal succedido, porque as cabeças de gado «morreram todas»: posteriormente outro ensaio foi mais feliz.

Para maior clareza, no que respeita aos povos que occupam o territorio de S. José de Encoge, é interessante conhecer o que conta o honrado almirante Baptista de Andrade de uma viagem, que alli fez em 1858. Depois de narrar a recepção cordeal, que os sobas lhe fizeram por todo o caminho desde a fortaleza do Bembe, conta pelo seguinte modo a recepção em Encoge do potentado Dembo de Ambuila:

«Chegou (o Dembo) pelo meio dia, diz o sr. Ba-
«ptista de Andrade, e foi recebido á porta da for-
«taleza, mandando tocar a charanga e dar uma salva
«á passagem d'elle. Este Dembo terá sessenta an-
«nos, é baixo, reforçado, e tem physionomia agra-
«davel. Veiu de farda azul com silvado na gola, ca-
«nhões e abas. Collete de casimira escarlate aga-
«loado de oiro; por baixo d'este collete, que era
«muito curto, trazia outro muito mais comprido, de
«seda azul, agaloado de prata; chapeu armado á Na-
«poleão, com plumas azues; sapatos chinezes de
«trancelim de oiro; meias de seda preta e pannos
«de seda azul lavrados de branco e agaloados de
«prata. Dragonas de official superior e a espada com
«copos e bainha de prata. Uma cadeia de oiro sus-
«pendia-lhe, na altura do estomago, um relicario do
«mesmo metal, contendo Nossa Senhora, S. José e
«o Menino Jesus. Mais uma cadeia de prata suspen-

«dia uma especie de salva, em que estavam grava-
«dos varios emblemas. No peito da farda trazia a
«commenda de Christo, bordada; nos dedos conta-
«vam-se-lhe seis anneis, uns de oiro e outros de
«prata.

«Na frente vinham quatro musicos tocando e re-
«cuando para não voltarem as costas ao Dembo; ou-
«tros quatro marchavam na rectaguarda, tocando
«instrumentos do paiz, taes como uma especie de
«viola, dois chocalhos de ferro, unidos e afina-
«dos como marimbas, batuques, especie de tam-
«bores estreitos com uma vara de comprido, aca-
«bando de um lado em ponta aguda e o outro co-
«berto com uma pelle de giboia. Os mais instru-
«mentos eram pelo gosto d'estes. Alguns macotas
«iam na frente limpando o caminho, que julgavam
«obstruido com qualquer palhinha. Outros segura-
«vam duas mui pesadas umbellas para cobrir o
«Dembo, que a cada tres ou quatro vagarosos pas-
«sos parava, para receber as homenagens da sua
«gente e dar logar ás pantomimas de dois macotas
«que lhe punham aos pés um arco e zagaia, que
«depois, com meia duzia de pulos e tregeitos, fin-
«giam arremessar para a frente e para os lados, a
«ameaçar qualquer inimigo que podesse apparecer.
«Alguns carregavam com uma grande cadeira de
«braços, estofada, um tapete para pôr debaixo d'ella
«e uma almofada para os pés do Dembo. Se acon-

«tece elle tossir ou dar um pequeno gemido, é isto «repetido por toda a sua gente. O seu cuspo é cui- «dadosamente aproveitado, para immediatamente «com elle se besuntarem os seus vassallos de mais «consideração, pois esta fortuna não chega aos que «d'elle vivem mais afastados.

«Quando algum vassallo tem de fallar-lhe, ou é «chamado para receber alguma ordem, ajoelha pri- «meiro a alguns passos de distancia, beija o chão e «bate palmas; depois chega perto dos pés do Dembo «e torna a ajoelhar, esfrega a bocca na terra, endi- «reita-se, bate palmas e torna a inclinar-se para es- «fregar as mãos no chão, e com ellas suja as faces «de terra e torna a bater as palmas; repete mais «uma ou duas vezes esta esfregação das mãos e da «cara, sendo acompanhado nas palmas por todo o «auditorio. Só depois d'esta incommoda ceremonia, «pode qualquer cidadão ouvir ou ser ouvido do «Dembo.»

A interessante viagem dos honrados exploradores Capello e Ivens chegou até ás terras dos Jaccas, isto é, ás terras proximas da fronteira leste da parte da provincia de Angola por nós occupada, e ainda além para o norte. As regiões pelos illustrados viajantes, n'estas paragens, visitadas iam seguindo a margem oeste do Coango e terminavam ao norte n'um deserto. É esta, sem duvida, a parte menos conhecida

da facha que limita a leste a provincia de Angola.

Pelas informações e observações colhidas pelos viajantes, são os ma-iacca de um aspecto menos distincto do que o dos povos do sul da região por elles percorrida: hoje pacificos, mas muito selvagens e desconfiados; andam quasi nús ou cobertos de um tecido de palha. As habitações são bem construidas e cobertas de capim. São pouco agricultores e pouco pastores; não tendo gado vaccum, cuja posse só o regulo pode auferir: a caça é um dos empregos dos iaccas. O chefe d'estes negros é o Quianvo, cuja residencia é no parallelo de 6° 30′, sendo provavel que o Quianvo esteja sujeito ao Muata de Lunda. Quianvo é homem de estatura regular e reforçado: envolve-se n'um panno, põe manilhas, e traz na cabeça fitas de missanga, onde se prendem pennas vermelhas. O commercio com a costa faz-se ao longo do rio Loge, por intermedio dos ma-sosso, no Ambriz, e consta de borracha e marfim.

Falla-se pelas terras de Jacca n'uma região a nordeste habitada pelos ba-cundi ou ma-cundi, canibaes ferozes; conta-se da existencia de anões e de um grande lago. Na senzala do soba Quitumba haviam os srs. Capello e Ivens encontrado dois habitantes do norte do Lundo, do paiz dos Cachellangues, com o corpo ornado de cicatrizes e pinturas, os quaes lhes disseram que havia um povo de anões

(antioques?) muito ferozes, notaveis pela grandeza e peso das cabeças: tambem os Cachellangues se referiam a um lago interior, que um d'elles atravessára n'um barco á véla no espaço de uma lua.

Postas de parte as exagerações maravilhosas, communs aos pretos, a existencia de anões e de um lago n'aquellas regiões (talvez o Aquibundo dos antigos mappas) parece-nos indubitavel. Stanley e Wisseman encontraram anões entre o alto Congo e o Lualaba; o proprio Johnston diz haver visto dois exemplares do typo anão, que eram escravos dos Ba-yanzi. Estes anões, de que falla o sr. H. Johnston, eram um rapaz e uma velha: o rapaz era de pequena estatura, de cabello amarellado, comprido e frizado, disposto em pequenos montinhos (*floconé*), tendo uma expressão selvagem e disposição de corpo que lembra os Boschjemans: a velha tinha tambem cabellos amarellados e fórma infezada. Esta vaga idéa dos anões, que na Africa se encontram em diversas regiões, conjuntamente com os terrores causados pela existencia de macacos anthropoides que os povos do alto Congo conhecem, haverão provavelmente dado origem á lenda dos anões ferozes.

Aos Jacca seguem-se os Ma-hungo, indo do norte para o sul. Segundo Capello e Ivens, os Ma-hungo distinguem-se pela côr bronzeada da pelle e pela singeleza dos penteados. Usam um panno á cinta, e manilhas de latão. Os incisivos superiores e ás ve-

zes os inferiores são partidos pela raiz; pintam os corpos, são atrevidos e selvagens. Teem habitações immundas e possuem numerosos objectos, productos da industria africana. São pastores e teem gado vaccum. Reconhecem como chefe o rei do Congo.

Conforme Cadornega dizia, no seu tempo «as ter-
«ras e senhorios dos Dembos prolongavam-se pelo
«caudaloso rio Cuango e o sertão até Matamba e
«Quilombo de Ginga, de que é hoje senhor e rei D.
«Francisco Guterres Angola Canini, descendente...
«de suas antigas possuidoras, D. Anna de Sousa
«Ginga e de D. Barbara da Silva... D. Anna de Sousa
«chamada, pelo appellido da terra, Ginga, antes de
«se reduzir á fé catholica fez-se Jaga, ella e todos os
«seus, saída que foi dos reinos de Angola e Dongo;
«e como trouxe em seu serviço, á nossa opposição,
«alguns Quilombos de Jagas, tomou e abraçou seus
«ritos e costumes e com suas manhas e astucias se
«apoderou do Jaga Cosa, e Caiote, e Dongo, que o
«eram de seu nascimento; e com elles e seus pode-
«res fez opposição e guerra viva aos vassallos con-
«quistadores d'estes reinos, e foi tambem guerreando
«pelo sertão dentro, fazendo suas conquistas; e com
«ellas apoderando-se de muitos senhorios e terras,
«e *entre elles do reino de Matamba*, com ardil e es-
«bulho de seus reis, em que haviam entrado pri-
«meiro as conquistas dos nossos portuguezes...
«tendo havido n'aquelle reino e senhorios muitas

«batalhas e tramas de guerra, ficando sempre o va-
«lor portuguez vencedor, e com victoria contra os
«reis d'aquelle reino de Matamba... E como este
«reino de Matamba ficava tão distante pelo sertão
«dentro, se não sujeitou nem assenhoreou das nos-
«sas armas, como devia de ser; que muito havia que
«fazer com uma tão poderosa e astuciosa rainha
«Ginga, que teve logar com seu poder de fazer frente
«e opposição aos exercitos portuguezes, acudindo a
«tudo com denodado valor e disposição; sem em-
«bargo de ser por vezes do braço e bizarria portu-
«gueza desbaratada, se tornava logo a refazer; e se
«foi sempre sustentando e apoderando-se pelo ser-
«tão de tudo o que podia, como o fez do reino de
«Matamba.»

D'aqui se vê que, em tempo da rainha Ginga, Matamba, que era independente e tinha rainha propria, passou ao dominio da celebre conquistadora e ficou fazendo parte do reino da Ginga. Fallando d'esta outr'ora importante região, dizem os srs. Capello e Ivens o seguinte: «Estavamos em pleno rei-
«no da Ginga, hoje verdadeiro reflexo das grande-
«zas de outr'ora, dividido em tres provincias, Jussa,
«Danje e Dongo, a que annexaram *ultimamente* as
«terras de Matamba.»

Este paiz de Ginga é uma das provas da rapidez com que se formam, engrandecem e decaem os imperios africanos. Aqui tudo é movel, imperios e ho-

mens: tudo se transforma rapidamente, os caracteres physicos e as linguas; tudo cede á acção dos agentes externos, e á continua elaboração interna de um mal seguro organismo e de um debil intellecto. Aqui se podem observar as aptidões para a transformação, para a adaptação da especie humana ás circumstancias variaveis da natureza. Os cambiantes são constantes; tudo é vago, tudo é incerto.

A Ginga era, ha dois seculos, um grande imperio, regido por uma mulher energica; hoje é uma região empobrecida, um povo em decadencia. O rei de Ginga «pouco differe de um carregador de typoia» que reside n'uma senzala com o pomposo titulo de côrte e conserva o nome antigo dos reis de Angola. Mantem-se o paiz dividido em feudos, cujo usufructo auferem os individuos, a quem o monarcha os concede vitaliciamente. Estes senhores de feudos teem, uns titulos de duques, outros de condes, etc.

Estes gingas são elegantes e bem conformados, mas franzinos e de côr carregada; usam penteados variados e ornados de penachos e enfeites de metal, missanga, etc.

Possuem os gingas numerosos rebanhos. Usam cobrir-se de pannos tintos em *tacula* (Pterocarpus santolium) misturada com azeite. As habitações tem a fórma de uma calotta elliptica de capim, com a

porta n'uma das extremidades do eixo maior, abrigada por um alpendre. Esta disposição dos alpendres faz lembrar a das casas rectangulares no Congo.

VI

Chegando com a conquista até Massangano, a quarenta leguas da cidade de S. Paulo de Loanda, o conquistador Paulo Dias fortificou este logar pela sua posição, apesar da insalubridade da terra; conforme as informações dadas pelo auctor da *Historia das guerras angolanas*. Segundo o mesmo escriptor, o districto de Massangano era já em seu tempo muito dilatado, de grandes terras de lavoura, situadas pelo rio Lucalla acima até ao Luinha; e muito productivo e abundante.

Em 1597 se elevou a fortaleza de Cambambe, que marca o limite da navegação do rio Coanza. É sitio forte de si e que domina o territorio de muitos sobas poderosos.

Mais além encontra-se o logar importante de Pun-

go N. Dongo, a que Cadornega chama Pedras do Mapungo, e que foi logar forte dos reis de Dongo. Em tempo da rainha Ginga, um rei do Dongo apoderou-se das Pedras do Mapungo e alli se estabeleceu para estar defendido das correrias da Ginga, a qual era herdeira, pelo pae, do reino de Angola e odeiava o rei do Dongo, por este seguir o partido dos invasores portuguezes. O filho, porém, d'aquelle rei do Dongo rebelou-se contra os portuguezes e foi por estes combatido e vencido, ficando as Pedras de Mapungo em poder das nossas armas assim como muitos dos sobas das terras circumvisinhas.

Quando iam proseguindo as guerras do Dongo, em tempo do governo de Luiz Mendes de Vasconcellos, se fundou a fortaleza de Ambaca, ou Embaca, á custa de muitas luctas com o gentio. A pouca distancia d'esta fortaleza era a cidade de Cabaca, onde residiam os reis de Angola.

Está Ambriz situada perto dos dois rios Lucala e Lutete, difficeis de transpor por falta de barcos. Alli havia guarnição; e se reunia muita guerra preta, com as forças do Jaga Cabucu Candonga, o qual tem *muitos milhares de negros, gente toda de Jagas e de guerra,* prompta para servir com os portuguezes. O senhor do *quilombo* Cabucu era ajudado de muitos macotas, «cada um com seu terço de Jagas.» Estes capitães são muito leaes, dizia Cadornega, «causa «por que se fia d'elles as coisas de maior importan-

«cia; pelo que são mui odiados do gentio d'estes «reinos, e faz este corpo de guerra atemorisar esta «Ethiopia.»

Do que nos diz Cadornega se pode concluir, que a invasão dos Jagas havia penetrado até ás margens do Lucala e ahi lançara o terror nos vassallos dos reis de Angola, na conquista dos quaes ajudaram as armas portuguezas.

O presidio tinha *até quinze moradores e o tempo e calamidade do paiz consumia a muitos que alli tinham casas e fazendas com suas familias e muita escravaria e forragem* (gente forra): *mas Angola engole muito.* E accrescenta Cadornega que, em Ambaca e sua comarca, se fazia negocio de escravos e marfim, e que havia alli minas de ferro, de que os negros faziam armas e ferramentas. Comtudo é claro que Ambaca não tinha condições normaes de prosperidade; e que a sua decadencia principiava já a manifestar-se.

Da fertil e interressante região, a que se referem as informações do seculo XVII que foram citadas, temos noticias de uma época que dista de nós, proximamente, quarenta annos. Vejamos o que nos dizem essas noticias.

Fazendo a descripção do districto de Cazengo, que demarca a leste com Ambaca, a norte com Golungo Alto, a oeste com Massangano, e a sul com Cambambe, Pereira Barbosa diz-nos, que é terra mon-

tanhosa e coberta de frondosas mattas; onde as terras são muito ferteis e produzem duas colheitas por anno, de milho e feijão; silvestre o café, a borracha muito abundante. Nas margens do Lucalla as terras baixas são cobertas de capim e pouco ferazes. Existem no districto duas minas de ferro.

O povo, accrescenta Pereira Barbosa, ainda ha poucos annos era bravio, quasi sem industria nem commercio; pois apenas tirava algum partido das minas de ferro, fabricando enchadas e podões para uso proprio e para vender em pouca quantidade; com pequeno trabalho alcançava sustento abundante pela fertilidade da terra e commerciava para alcançar o sal da Quissama, que lhe servia de meio circulante. O povo d'esta região era «bisonho, desconfiado e pouco tratavel, indolente para si e quasi «inutil á sociedade.»

Quatorze annos depois (1847) estavam as cousas mudadas. A cultura tinha crescido e produzia para consumo e para commercio. Havia fabricação de tecidos de algodão. Fabricava-se o ferro em maior quantidade e até o gentio de Quissama vinha alli comprar enchadas. Iam muitos á compra da cera no sertão para commercio; conclue Barbosa «pelo «conhecimento que tenho d'esta gente estou per«suadido, que é injusto quem os julga incapazes de «progresso na civilisação e na industria.»

Já n'aquelle tempo havia muitos «pretos lava-

«dos que fallavam portuguez, andavam vestidos e «calçados e sabiam ler e escrever.» A melhor classe de gente é a dos pretos de tanga; mas o que passar a vestir calças perde-se dizendo-se *branco* e procurando chegar a soldado ou meirinho, o que é ter uma carta de corso. Os que eram baptisados e sabiam alguma doutrina, escrevia ainda Barbosa «não «dão a isto outro valor senão o de se distinguirem «entre os seus, imitando os brancos.» A sua fé é uma estupida idolatria. Teem seus advinhos e os seus *chinguiladores*. Se lhes succede algum damno, morte etc., recorrem ao advinho, que attribue tudo a algum feiticeiro que quasi sempre designa e este é victima da superstição. Tem a polygamia e casamento por compra das noivas. A infidelidade das mulheres é uma origem de renda para os maridos. Empregam tambem o juramento «que é uma «beberagem dada ao accusado.»

Esta curta exposição mostra bem, apesar dos muitos usos gentilicos que persistem, a acção civilisadora que a influencia portugueza tem tido e está exercendo n'este seculo ainda sobre as raças negras e demonstra, egualmente, as aptidões naturaes das tribus que habitam entre os dois rios Cuanza e Bengo; onde as antigas missões religiosas deixaram persistentes signaes da sua existencia.

Quasi da mesma época da informação anterior, temos duas descripções de Ambaca, que esclarecem

sobre alguns pontos. Dizem-nos essas informações que, no tempo da conquista das primeiras terras de Ambaca, se encontraram diversos sobas *de diversas nações*, uns d'alli residentes, e outros que vieram de fóra na occasião da conquista. Uns se aggregaram aos portuguezes—diz a informação que vamos citando (*Annaes ultramarinos*, vol. II) — recebendo terrenos em troca dos seus serviços; outros tomaram as armas para caçar por conta dos portuguezes, estes foram os *empacaceiros*. Os primeiros desappareceram pelo andar dos tempos, como servindo os nossos interesses: os segundos, os empacaceiros, eximiram-se do serviço, offerecendo donativos aos chefes para os livrarem do «jugo heriditario.»

Comparando esta informação com a que nos deixou Cadornega, pode concluir-se, plausivelmente, que na conquista se nos aggregaram os jagas a quem se concederam terras, e aos vencidos impozemos a obrigação da caça e fizemos d'elles «empacaceiros.»

Os usos e costumes d'estes povos são uma mistura de usos e costumes dos Jagas e das tribus que fallam a lingua *n'bunda*.

Quando morre um soba busca-se, na linha materna, um successor; feita a escolha pelos macotas, vão estes de noite a casa do eleito e trazem-n'o preso a uma cubata, onde está por quatro dias, até lhe darem a beber a aguadilha que escorre do cadaver do soba morto. Enterrado o soba defunto, põe-se na

cabeça do eleito um barrete (cuginga), na mão esquerda o sceptro (mussesse), o bastão na mão direita, faz-se-lhe uma cruz na testa e deita-se-lhe *fuba* nas mãos; depois toma este conta das mulheres do antecessor.

Conforme outra informação (*Annaes*, vol. II), os usos d'esta gente são notaveis, sobretudo com relação a *casamentos, enterramentos e obitos*. Os casamentos são acompanhados por uma grande festa, até o noivo se recolher com a noiva. O signal de que encontrou a noiva pura é dar um tiro. A polygamia é geral. Quando um preto adoece recolhe-se á casa dos parentes para o tratarem. Se morre volta para a propria casa e é enterrado, depois de varias cerimonias, em logares privativos, pondo-se-lhe sobre a sepultura varias quinquilherias, e abrigando isto com um alpendre.

As *opandas* tambem aqui se encontram, quando se duvida da fidelidade da mulher; sendo a coisa principal tirar, em expiação do crime, consideraveis multas ao cumplice.

Este districto de Ambaca tem muito gado, especialmente vaccum: ha mattas de arvores resinosas. A alimentação é geralmente vegetal: o vestuario dos homens, calças, jaquetas e chinellas: das mulheres uma simples tanga: as habitações, muito distantes umas das outras, são de pau a pique e paredes de adobe, cobertas de palha; as casas pobres, são porém,

todas de palha. «O povo de Ambaca é talvez o mais «civilisado dos nossos presidios, pois é raro o preto «ambaquista que não sabe ler e escrever.»

De accordo com o que nos diz Cadornega, noticias sobre Pungo-N'dongo — publicadas nos *Annaes ultramarinos* em 1860 — informam-nos que este nome significa *corte da rainha*, e que ainda alli se via um enorme *embondeiro* que, por tradição, se dizia ser do tempo da rainha Ginga. O territorio de Pungo N'dongo era abundante de gado, e dava variadissimos productos vegetaes espontaneos e de cultura. Os indigenas, aptos para aprender mas n'aquella época sem mestre, conservavam os usos gentilicos, criam em feitiços, praticavam a polygamia, commettiam os excessos dos idolatras negros por occasião da morte, executavam o barbaro costume da *undúa* (juramento com bebida da casca venenosa.)

«A religião dos habitantes, diz uma d'essas in«formações (*Annaes,* 1858), com poucas excepções «é apparente ou exterior; a christã é a de que se «servem; a em que mais acreditam é a idolatria.»

Então dizia um informador, que no districto vivera muitos annos: «estou convencido de que se «houvesse quem os aconselhasse, esclarecesse e in«struisse, mudariam de systema.»

Para dar noticias do estado d'esta vasta e fertil região, ha proximamente meio seculo, recolheremos ainda as noticias que se encontram nos citados

Annaes, ácerca do presidio denominado Duque de Bragança. Segundo o commandante do presidio José Duarte em 1837, o duque de Bragança foi fundado em terras occupadas pela gente Ginga. Os povos eram gentilicos, parte sujeitos a Ambaca e parte á Ginga: são supersticiosos, maliciosos e dados á ociosidade: as mulheres trabalham a terra, e fazem todos os lavores necessarios á vida, e isto explica a persistencia da polygamia. Existe alli a *upanda*, para tirar multas como premio da infidelidade das mulheres em proveito dos maridos. A producção agricola em 1848 não progredia por fórma apreciavel, sendo aliás o terreno fertil e abundante em aguas. Os gados são, relativamente, abundantes e vagueiam pelos campos, onde ha bons pastos.

A estas informações — a primeira das quaes data de dois seculos, e a segunda de meio seculo — comparemos o que, sobre a mesma região, nos dizem os exploradores srs. Capello e Ivens.

A rapida noticia que os illustres viajantes nos dão de Ambaca correspondeu ao que se podia prever do que ha duzentos annos dizia Cadornega. Ambaca, terra conquistada, onde se mantiveram duas raças inimigas, sendo essa rivalidade uma das forças dos conquistadores: terra, cuja importancia derivava principalmente da proximidade de Cabaca, residencia dos reis vencidos de Angola; Ambaca, cujo commercio era de escravos e marfim, commer-

cio que acabou ha muito e onde as producções são pouco valiosas, em quanto a cultura se não desenvolver pela acção fecunda do facil transporte para os portos de embarque; Ambaca não podia deixar de decair promptamente, e por isso não admira que os srs. Capello e Ivens digam:

«Não se imagina a decepção que experimentá-«mos á vista da aldiola, que, na sua maior simpli-«cidade, se reduz a uma rua com tres casas e du-«zia e meia de palhoças.....

«Dizem que Ambaca foi outr'ora muito povoada, «tinha opulencia, trabalhava, mexia-se.....

«Ambaca nada vale, porque lhe roubaram quanto tinha.»

Erros de administração e o caracter ardiloso e dado a demandas dos ambaquistas contribuiriam talvez para esta decadencia. O «ambaquista é a al-«ma damnada do sertão.»

Chama-nos a attenção o que dizem do Duque de Bragança os srs. Capello e Ivens.

O estabelecimento d'este presidio data do tempo, em que o governo enviou para alli uma expedição com intuito de reprimir os excessos dos indigenas jingas, que nas suas incursões ameaçavam o districto de Ambaca.»

Apezar de ser quasi nullo o commercio—jinguba, azeite e tacula,—pode dizer-se que «com pe-«queno esforço, talvez se tornasse esta terra n'um

«vasto districto agricola, pois ha ali o algodão, o «tabaco, a jinguba e — mais ao norte no Dinje — a «canna d'assucar colossal, esplendida, e outros ar«tigos.» A natureza do governo militar d'aquelle districto é talvez a causa d'elle se não ter desenvolvido, apezar das terras serem ferteis e o clima salubre.

«Os povoadores são uma mistura de jingas, am«baquistas, e alguns bondistas» dizem os illustres viajantes. Ao que parece, não chega ali a influencia dos Jagas. Um soba, que no Duque de Bragança viram os viajantes, mostrava um estado relativo de civilisação, em nada comparavel á dos sobas onde se não faz sentir a influencia purtugueza. O caracter do negro não é, em geral, mau; e quando ás vezes ha disposição para a perversidade e para o vicio, isso só tarde se revela.

Em Malange, um dos conselhos da provincia mais afastada do littoral, a insalubridade é muito grande, a ponto de dizerem os citados viajantes «as con«dições de habitabilidade por aqui não satisfazem «as exigencias europeas.» Bosques encharcados em tempo das chuvas tornam o transito difficil.

O terreno é montanhoso, — informa-nos o viajante Graça, que esteve em Malange em 1843 —. O soba chama-se *Enibangana* e é tributario de Ambaca; o terreno é fertil, produz milho, feijão e creações: poucas vantagens commerciaes offerece, a não ser

cera e escravos. Os indigenas cobrem-se com coiros de feras, usam de lanças e frechas, são de má indole e ladrões, a sua religião é a idolatria.

VII

Agora que percorremos o vasto trato do territorio comprehendido entre os rios Coanza e Bengo, onde se realisaram as nossas conquistas sobre os reis e os povos da antiga Angola e onde se travaram as lutas com os invasores Jagas vindos de leste, é tempo de indagarmos o que Cadornega conhecia dos usos e ritos *am-bundas,* como elle os designava.

Estes gentios am-bundas teem por costume — os que não são baptisados e vivem entre portuguezes — prestar culto ao diabo (o espirito do mal); invocando aquelle pae das trevas, pedindo-lhe remedio em suas necessidades, trabalhos e doenças, fazendo-lhe sacrificios, bailes e batuques, tendo para isso seus feiticeiros ou *gangas.*

Teem os am-bundas varios idolos, que veneram, a que fazem sacrificios acompanhados de comezainas, bailes e matinadas, com alaridos e apupadas que se ouvem longe «e principalmente fazem este «festejo quando apparece a lua nova» vestindo-se as mulheres de pannos brancos feitos da casca de uma arvore.

Festejam o nascimento dos filhos; mas, se ao pequeno os dentes de cima nascem primeiro que os de baixo, tem-n'o em agouro e tratam de o matar.

Usa o gentio de circumcisão «ainda a gente baptisada.» Os juramentos *(cangi)* são muito vulgares.

Teem grande cuidado com os *zumbi*, que vem a ser o sonharem com algum defunto, porque, «imaginam que lhes veem pedir alguma coisa, ou coatar que é pegar ou buscar para lhes irem fazer «companhia, sobre o que fazem offerendas e sacrificios sobre as suas *embillas*, que são os seus jazigos.»

Diz-nos já Cardonega, que os am-bundas tinham *upandas*, quasi geraes entre as tribus africanas. Upandas, diz o velho auctor, «vem a ser ter a manceba ou concubina de algum d'elles ajuntamento «com outros, o coata ou apanha de upanda e lho «paga com dinheiro, quando não é com seu consentimento e amisade... entre os jagos tem pena de «morte.»

Quando casam, as mulheres enfarinham a cara e assim mesmo suas escravas.

Transpondo os limites da região N'-bunda para leste, entra-se nos territorios do jaga de Casangi.

Pela grandeza de seus estados, dizia Cadornega no fim do seculo XVII, o jaga Casangi pode chamar-se imperador: todo o estado é composto de gentio jaga que vive da guerra. O potentado de Casangi veste «mui ricos pannos de telas ou sedas»: leva quando sae «um fausto immenso, com muitos in-«strumentos de *engomas, marimbas, gonges, pandei-«ros e chocalhos.*» A banza occupa muitas terras, onde agasalha, de muros a dentro, grande quantidade de concubinas. No Quilombo (acampamento) tinha trezentas mil almas, e de guerra mais de cem mil jagas «toda gente feroz e carniceira, com que ate-«morisava muita parte d'esta Ethiopia.» N'este quilombo havia muito commercio de escravos e marfim; até aqui chegavam os negociantes portuguezes, não lhes sendo permittido passar adiante.

Dominava o jaga de Cassange metade dos sobas do Bundo, por conquista; tambem dominava a provincia dos Gangelles, que se estende rio Coanza acima e grande parte da provincia dos Quinbundos, que vae correndo pelo sertão a Benguella. Tinha o titulo de Quiambole «que vale tanto como o Capi-«tão geral do rei de Portugal» que d'isto «se pre-«sou elle sempre» Cadornega diz que a Cassange

vinham uns negros do sertão, a que chamavam Muzuas, dos quaes o jaga *tomava alguns para comer.* Noticía tambem o chronista de Angola que pelas terras de Cassangi corre um rio, o Luninha, talvez o Lu-ito, cuja agua é salgada e de que os negros tiram sal.

Vieram os jagas do sertão «dominando muita «parte d'esta adusta Ethiopia.»

Teem estes barbaros o singular uso de matarem os filhos, que nascem em seus Quilomos (acampamentos); o que, segundo diziam, procedeu de uma rainha mandar pisar um pequeno n'um pilão «e dar «o sangue a bever a seus guerreiros, fazendo com «elles pacto e juramento de não consentirem mais «que nascesse creança em seus Quilombos.»

Os jagas não adoram tanto os idolos como os negros de Angola; mas teem em grande veneração os seus *Quiculos,* que são os ossos dos antepassados, a quem fazem sacrificios de homens e animaes e em honra de quem derramam vinho, cada vez que bebem. Quando saem a suas conquistas levam comsigo os ossos de seus maiores, e um chocalho de ferro a que chamam a Lunga.

Quebram os dentes incisivos de um ou de ambos os queixos, e *comem carne humana sem terem respeito a serem baptisados.*

Eis em resumo as informações principaes que nos dá Cadornega dos costumes dos jagas no seu tempo.

Nos *Annaes* vol. I, encontra-se uma curiosa informação sobre os usos dos jagas, que merece comparar-se com a que nos deixou Cardonega. Diz-nos esta informação, que os jagas vieram do sertão do Lunda, e primeiro se estabeleceram entre Ambaca e Gulongo Alto, d'onde depois foram lançados para Cassange. O primeiro chefe jaga estabelecido em terras portuguezas foi Colaxinga, e os seus descendentes por certo tempo governaram o estado, até que veiu um concorrente do Libollo chamado Gonga e, mais tarde, da Ginga outro concorrente chamado Calunga; e as tres familias ficaram concorrentes alternativamente ao Estado.

Na successão o jaga é eleito por determinados macotas e o eleito é como forçado a passar por certas cerimonias, entre as quaes entram sacrificios humanos praticados pelo eleito,—que para isso usa de uma acha em meia lua—assim como actos de anthropophagia. Esta cerimonia horrivel, que se chamava o Sambamento, foi abolida pela influencia portugueza, desde que se baptisou o jaga D. Fernando.

Por occasião da morte do jaga, os macotas punham fóra de casa toda a gente menos seis escravos «e o enfermo era ordinariamente suffocado.» Morto o jaga fica tres dias no logar em que morreu, e no fim d'esse tempo lhe arrancam um dente que se entrega ao herdeiro, para ser guardado com os dos outros jagas na caixa dos *molungos* (attri-

butos sem os quaes nenhum jaga pode governar). Vestido o morto com os melhores pannos, sepulta-se na propria casa com os seis escravos vivos.

Acompanhemos agora os nossos exploradores Capello e Ivens ás terras de Cassange, para podermos formar idéa o mais completa possivel dos povos que as habitam. Dizem-nos os viajantes que «os habitadores indigenas são os ban-galas» cujo chefe é o *jagga*. É na divisão d'esta região, chamada Quembo, que está situada a celebre feira, decaída da sua antiga importancia desde 1860, pelas guerras entre varios chefes. Os ban-galas continuam a ser os unicos medianeiros entre os negociantes e os sertões longiquos: são elles buliçosos, turbulentos e muito dados a feitiços. Nas guerras buscam os mun-galas matar os adversarios; usam das armas de fogo conhecidas por *lazarinas*.

Praticam a polygamia, as mulheres são obtidas por compra e são como escravas. As mulheres são muito mais activas do que os homens. As cubatas são feitas de pau e cobertas de capim, sendo interiormente divididas em dois compartimentos, um dos quaes serve de alcova.

O jagado de Cassange está vago por causa das lutas com os jagas Bumbu e Malungo.

Ha tres familias que alternam no poder, os Calachingos, os N'gongas e os Calungas: mas para chegarem ao jagado precisam satisfazer a certas con-

dições. Quando morreu o Bumba um sobrinho d'este fugiu com as *ma-numa* (os dentes dos jagas) e não poude eleger-se novo jaga.

Eis como os srs. Capello e Ivens contam as cerimonias, que acompanham a morte de um jaga e a sua substituição por novo jaga. Evidentemente uma parte d'estas horriveis cerimonias, que os viajantes não presenciaram, referem-se a épocas remotas. A quasi paridade das cerimonias aqui usadas com as que atraz dissemos se praticavam em Ambaca, mostra bem que os jagas penetraram n'este territorio, como dissemos.

«Morto o jaga e propalada a noticia pelo Estado, «é immediatamente envolvido em numerosas peças «de fazenda, e, sentando-o n'uma cadeira, collo-«cam-n'o no centro do quarto mais amplo da habi-«tação, ponto em que mais tarde será inhumado.

«Em seguida põem-lhe a *cajinga* na cabeça, «dispersando em redor do defunto, armas, cachim-«bos e todos os pertences que em vida usam, intro-«duzindo-lhe na bocca tres pennas vermelhas da «cauda de um papagaio. Começam então os *batu-«ques* e danças proprias até á chegada do succes-«sor.....

«Os macotas, reunidos, circundam o novo jaga, «transportando-o a um logar escolhido, geralmente «n'um campo, sobre uma arvore, onde se acham,

«de um lado artigos de guerra, do outro enxadas e «objectos empregados na agricultura; symbolos da «guerra e do trabalho... O jaga escolhe o que lhe «apraz... Dividem-se os macotas...

«... emissarios especiaes vão buscar um infeliz «á senzala de Catumbi Catumbo para ser immolado «na cerimonia»...

«Chega emfim o dia do segundo preceito, cuja «descripção faz estremecer de horror.

«O pobre homem, que trazem illudido para jun«to de um riacho, não longe da banza e ahi conser«vam amarrado durante dias, é cruelmente morto «quando chega a comitiva, aos gritos e urros da «horda de barbaros.

«Abrindo-lhe o ventre, do sternum até ao pubis, «collocam-n'o proximo da agua e o novo soba, in«troduzindo os pés nas entranhas ainda fumegantes «da victima, atravessa o rio no meio dos mais he«diondos tripudios, amparado elle e cadaver pelos «maioraes, sendo depois conduzido em triumpho até «á sua residencia.

«Á medonha cerimonia da *barca humana* segue«se o *dicongo* ou banquete do *Quinguri* (espirito «do velho jaga).

«Outro sacrificio humana tem então logar.

«Um segundo miseravel, em geral fornecido pe«las terras do Miungo, do soba Muena N'Dumbje, é «junto do *m'bala* barbaramente assassinado, em

«honra do mamo *Quinguri;* e esquartejando-o ao «mesmo tempo que immolam um boi e uma cabra, «juntam uma perna de cada um dos d'estes animaes «á do homem, a fim de coserem tudo em vasta pa- «nela, da qual o novo soba comerá.....

«As monstruosidades terminam pela circumcisão «e o futuro jaga é conduzido perante o cadaver do «antecessor.....

«Tiram as pennas que o alto personagem finado «tem na bocca e obrigam o outro a chupar o liquido «n'ellas contido, em seguida põem as *ma-numa* ao «novo jaga e proclamam-n'o, tomando desde logo «a direcção suprema do estado.»

Passando ao sul do Coanza n'uma região mais alta do que a habitada pelos Quissamas encontramos o paiz do Libolo, ao qual, segundo Cadornega, chamavam antigamente *Atunda*. É provincia dilatada, com sobas muito poderosos. Os Libolos e Quissamas, segundo o interessante livro de M. Monteiro, tem estreitas analogias, porém os primeiros tem uma organisação superior, o que está de accordo com o que succede por toda a Africa, onde as raças são tanto mais perfeitas quanto mais afastadas estão do litoral. Os Libolos tem sido em geral muito favoraveis ao dominio portuguez.

A 11°35 de lat. S. fica, segundo escrevia Almeida Sandoval em 1837, o sertão de Bailundo:

limitam-n'o, a leste o Bilu e Undulo, a norte as hortas do Quenze, ao sul o Lumbo e Huamba, a oeste as terras do Quipeia. Por este modo indica o citado Sandoval os limites de Bailundo (*Annaes Ultramarinos* vol. I). Tem o Bailundo 180 milhas de comprimento sobre 90 milhas de largura; tem clima temperado, sendo os mezes mais frescos, maio, junho e julho; a terra é fertil, tem boas aguas, e uma abundante vejetação de prados e bosques. É esta parte do sertão muito povoada de homens fortes, sobrios e corajosos na guerra, mas de caracter revoltoso, grosseiro, atrevido, velhaco e ladrão.

Em 1774 foi o paiz dos Bailundos invadido pelas armas portuguezas e destruidas as povoações; o soba preso foi levado para Loanda onde morreu, e um irmão foi posto em seu logar.

O governo d'estes povos pode dizer-se democratico. São os macotas que põem e tiram os sobas.

Conforme um officio do capitão general de Angola, de 1776, o gentio de Bailundo insurreccionou-se, atacou o presidio de Novo Redondo e ameaçou Benguella. Deu este facto logar a uma guerra, que durou dois annos; principalmente com o potentado de Bailundo, que já havia tempo estava rebelado e se arrogava a soberania de todo aquelle gentio.

VIII

Já demos idéa do que são as tribus que vivem no litoral em Benguella. Caminhando para o sertão a leste, encontram-se os Quillengues, de que na sua viagem dão noticia os srs. Capello e Ivens. É uma região, em grande parte, coberta de florestas, habitada por povos mais distinctos do que os do litoral: devido isto ao clima, que é pouco insalubre relativamente e em que as chuvas manteem a fertilidade assim como tambem ás relações com os *ba-nano* do interior.

Ha alli abundancia de milho, massambau (sorgo), feijão, mandioca, batata, canna de assucar e outros fructos. Os gados são numerosos, o que dá logar a continuados roubos, praticados pelos povos do Nano. Tem importancia commercial, mas esta era maior anteriormente, por ser ponto de passagem das caravanas do Bihé.

Os sobas parecem gosar de uma independencia relativa.

Mais longe, para nordeste, encontra-se o presidio de Caconda, onde se fazem «grandes lavras» de mandioca, milho, massambala, ginguba *(Arachis hypogea)* canna saccharina, batata doce e inhame. A caça é abundantissima e variada.

«A sua altura, temperatura moderada, suavida-«de do clima, belleza dos campos, profusão de plan-«tas fructiferas, frescura da agua em regatos trans-«parentes, crearam-lhe fama de superioridade em «relação a outros pontos do sertão, a qual em coisa «alguma é desmentida...

«Sob o ponto de vista commercial, está longe do «que foi em outro tempo, sendo porém ainda o pon-«to de passagem das comitivas de ganguellas, que «vão de leste com marfim e cera para o mercado «de Benguella, dirigindo-se para a costa pelo ca-«minho directo, isto é, pelas terras do Caloqueme «e Dumbe Pequeno...

«Caconda, emfim, tem a esperar um futuro de «riqueza no desenvolvimento da agricultura, desde «o momento em que esteja ligada a Benguella por «uma estrada regular; visto que as ricas produc-«ções, como a canna, o algodão e o arroz ahi se «desenvolvem com facilidade.»

D'esta região de Benguella para o interior temos mais antigas noticias, que podem esclarecer-nos em certos pontos.

O paiz dos Quillengues, como em 1855 dizia a memoria de Brochado (*Annaes Ultr.* vol. I), demarca ao N. com o Dumbe, ao S. com os Munhanecas, a E. com o Nanno, a O. com a Huilla e Cubáes. O povo d'esta terra é da mesma raça dos Cubáes; a este se juntam os diversos herdeiros de outros estados, que, perseguidos, buscam alli refugio e constituem pequenas tribus. O terreno é geralmente plano e arenoso, as chuvas regulares: e d'ahi depende a fertilidade das culturas da mandioca, milho, massambala, massanga e fructos: o clima é quente e insalubre. Os homens mal se cobrem com duas pelles de carneiro, teem uma grande trunfa ornada pelo proprio cabello. As mulheres cobrem-se com as mesmas pelles, presas á cintura por um cinto de missanga e teem na cabeça tres rolos de cabello.

Nos *Annaes* vol II, encontram-se informações sobre Caconda, publicadas pelo sr. Pinto Balsemão, que merecem chamar a attenção. As armas portuguezas, diz o zeloso escriptor, só chegaram a estas paragens em 1620, e 60 annos depois se construiu alli um pequeno forte, que pouco depois foi arrasado pela guerra dos negros, posteriormente por nós derrotados.

Na época em que o sr. Pinto Balsemão publicava as suas informações sobre Caconda (1862) já aquella povoação tinha sensivelmente diminuido,

em consequencia da abolição do trafico dos escravos desde 1830. A extensão do concelho de Caconda foi grande, mas em 1862 era apenas de 44k,5 de comprido e 28k de largo, approximadamente. A abolição do trafico, afastando do concelho os commerciantes e a necessidade «do contracto dos «indigenas com os portuguezes empregados n'esse «modo de vida (o trafico) para lhes venderem seus «proprios irmãos, uns accusados por *feiticeiros* ou«tros aprisionados nos seus incessantes combates, «foram essencialmente as razões que moveram os «sobas, até então (1830) nossos vassallos, a esqui«varem-se do nosso trato e a tornarem-se indepen«dentes...

«É evidente que em muito hade importar a fei«tura de uma estrada, que ligue Benguella a Ca«conda; todavia, urge deitar mãos a ella, prece«dendo este passo por um estudo scientifico feito «por engenheiros. O desenvolvimento d'estes dois «pontos reclama-o altamente...

«O clima de Caconda pode, sem erro, ter-se por «saudavel.... O europeu, em logar de encontrar «alli o calor abrasador filho da zona torrida, como «aliás era de esperar, depara com uma temperatura «em tudo semelhante á das zonas temperadas...

«O solo de Caconda é fertilissimo; porém a se«melhança do clima com o da Europa, inhibe-o de «produzir alguns dos generos dos climas tropicaes,

«taes como café, canna, etc., em compensação cria-
«se alli optimo trigo, etc...

«O commercio presente de Caconda reduz-se á
«exportação de cera, algum marfim e pelles de ani-
«maes ferozes, que se permutam por fazendas,
«aguardente, polvora.»

Comparando esta informação com o que dizem os illustres viajantes que acima citámos, vê-se, que em vinte annos algum progresso se tem feito e que o desenvolvimento agricola e commercial d'aquelle rico districto só espera uma estrada, que uma economia mal entendida e a falta de comprehensão dos verdadeiros interesses coloniaes impediram que se fizesse ha alguns annos.

Fallando do reino de Benguella, sito na provincia chamada dos *Quimbundas*, Cardonega celebrava a muita caça que havia alli e dava logar a importante commercio de pontas e abada, dentes de elephante, dentes de engalla (javali africano), pelles de zebra; assim como celebrava o muito gado vaccum, carneiros de cinco quartos e abundantes pescarias, culturas, etc., accrescentando depois que esta provincia dos Quimbundos confinava com a Huila que «*parece ser provincia dilatada.*»

E mais adiante diz Cardonega:

«Pelo sertão d'esta provincia, atravessa o rio
«Cunene, que quer dizer na lingua da terra Rio

«Grande; não se sabe com certeza em que paragem «da costa se mette em o mar, o que deve ser muito «além do Cabo Negro e da costa descoberta de de«zoito graus; porque d'esta paragem para cá é sa«bido dos que navegam até á costa de Guiné, que «assim lhe chamam; só o que ha noticia é, que indo «o capitão mór Lopo Soares Laço fazendo aquella «conquista do reino de Benguella, muitas jornadas «pelo sertão dentro, chegára a este caudaloso rio «Cunene e que, da outra banda d'elle, tinha suas «terras e senhorio um rei ou potentado por nome «Muzumbo a Calunga, que quer dizer no seu idio«ma a boca ou beiços do mar; e este apelido era «em razão de ter um dilatado senhorio em aquelle «tão espaçoso rio, que tem aquelle gentio para si é «a boca do mar pela grandeza que tem.»

N'uma carta ao governador de Benguella, de 21 de março de 1853, o celebre Ladislau Magyar dava noticia da sua viagem pelo sertão de Benguella, por que sendo «grande o zelo e actividade que o «governo de sua magestade fidellissima tem desen«volvido e continuará a desenvolver para descobrir «o interior d'este vasto continente (d'Africa) etc., «elle julgava não dever ficar mais na obscuridade «e, apezar da sua fraca capacidade, depositar so«bre o altar das sciencias o fructo, ainda que es«casso, das suas descobertas de cinco annos con-

«secutivos no interior da Africa, coadjuvando, em «quanto lhe fosse possivel, o governo de Sua Ma«gestade nas suas emprezas em prol das sciencias «e humanidade.»

Depois de dar noticia das regiões por elle percorridas em diversas excursões, de Benguella a Bailundo e a Bihé, d'aqui a Luchasi e Bunda, de Carionga aos desertos de Quibaque, a mãe das aguas africanas, como lhe chama Magyar, e ainda prolongando a viagem até 4°41′ lat. S. e 25°45′ long. E. em segunda excursão de Benguella a Quilengues, Gambos, Humbe, Cambo e Cunhama até 20°5′ lat. S. e 22°40′ long. E., depois de breve noticia, o illustre viajante conclue dizendo, que de volta aos Gambos fôra muito bem recebido pelo regente Cabral de Mello, cuja grande capacidade e aptidão celebra e accrescenta: «ha pouco tempo o gentio ain«da era selvagem e intratavel, pois elle (o regen«te) sem recurso quasi nenhum de força, que o «apoiasse no exercicio da sua auctoridade, só com «as suas maneiras brandas e afaveis, soube levar «este gentio a tal ponto de docilidade, incutindo«lhe ao mesmo tempo respeito para com o go«verno de Sua Magestade, que agora o gentio «dos Gambos é inteiramente domesticado, o que «serve de grande vantagem, pois o commercio aqui «gira livre e sem constrangimento algum.» (*Annaes* vol. I).

Esta declaração, este louvor dado ao governo portuguez e a um governador subalterno de um sertão selvagem, contrastam com as injustiças que viajantes nos tem feito nos ultimos tempos; e, o que é mais interessante, mostram como nós sabemos, pela brandura, *domesticar* o gentio, o que outras nações não fazem senão pela força, mas incompletamente.

Isto é confirmado pelo que observa, no seu excellente livro sobre o Congo, o sr. H. Johnston. «O negro, diz elle, não pode ser governado senão pela força benevola.» O sr. Monteiro, no seu estudo sobre Angola, nota tambem a cordialidade de relações que existe entre os indigenas e os portuguezes, e mesmo as relações quasi de familia que se davam entre senhores e escravos.

D'estas circumstancias provém um facto, que ainda ultimamente o sr. Johnston reconheceu no Congo. «Cada cabinda conhece mais ou menos o portuguez (lingua).» E, mais adiante, accrescenta «Penso que «a recente tentativa dos portuguezes, para estabelecer-se na costa de Ca-congo, seja qual fôr a maneira de ver das grandes potencias, encontrará a «approvação dos indigenas, que teem servido os «seus novos senhores bastante tempo fóra do seu «paiz para não receberem com agrado o seu domi«nio na propria casa.» A influencia portugueza na lingua do Congo é muito grande, como reconhece o auctor citado, e se fez sobre tudo sentir no territo-

rio do Congo, onde os portuguezes «exerceram du-
«rante quatro seculos uma influencia predominan-
«te, religiosa e politica.»

A proposito da influencia benefica dos portuguezes na Africa, convém lembrar um facto reconhecido ainda pelo illustre viajante que temos citado. Quasi todos os animaes domesticos da Africa são de origem asiatica; as plantas cultivadas vieram em grande parte da America.

«Entre as plantas e arvores mais geralmente cul-
«tivadas, diz o sr. Johnston, deve citar-se os *Caja-*
«*nus indicus,* a mandioca, a batata doce, o milho,
«o amendoim, o tabaco, a canna de assucar, a ba-
«nana e a palmeira do oleo. Entre outras introdu-
«ções portuguezas, que penetraram pela costa occi-
«dental, contam-se o ananaz, a lima, e algumas
«hortaliças degeneradas.

«É difficil imaginar — observa ainda o viajante —
«como o povo podia viver antes do milho, mandio-
«ca, amendoim e batata doce, serem levados á costa
«d'Africa pelos portuguezes e outras nações euro-
«peas desde o decimo sexto seculo. A descoberta
«da America affectou profundamente a historia mo-
«derna do Continente Negro.»

Deixando estas considerações e proseguindo no estudo que iamos fazendo dos indigenas de Angola,

vejamos o que Magyar diz dos Quimbundas, que particularmente estudou.

No Bihé estava situada, no tempo de Magyar, a côrte do soberano dos Quimbundas, que fallam a lingua bunda e pertencem aos Balondas. Quando se acclama novo principe offerecem-se sacrificios humanos e celebram-se banquetes canibaes; sendo as victimas prisioneiros de guerra. Os nobres, se assim se podem chamar, dividem-se em duas classes, os *crombé ya soma* que comprehende os principes, e os *crombe ya secula* que são anciões do povo: a primeira é hereditaria, a segunda eleita. O soba buscou usurpar ao povo o direito eleitoral; e comprehende-se a usurpação, por que os *seculos* são ricos em terras e rebanhos, e defendem o povo contra a tyrannia do principe. Os *seculos* não estão ao abrigo das oppressões, mas gosam de certa independencia. O homem que chega á virilidade é livre senhor de si e do que é seu: e os chefes de familia da mesma aldeia unem-se uns com outros para mutua defeza. Os sacerdotes, medicos e juizes são os *Quimbandas*. Os escravos, os *dongos* são propriedade absoluta dos donos. Os *dongos*, muito numerosos, não são só os prisioneiros de guerra mas tambem os estrangeiros ou mesmo indigenas; por que alli a menor culpa, uma simples palavra contraria aos costumes é um crime, punido por multa ou escravidão: não é pois de admirar que metade

da nação seja escrava da outra metade. A sorte dos escravos não é inteiramente má, por que os senhores exercem auctoridade paternal sobre elles e os tratam com doçura, podendo mesmo casar com mulheres livres ficando livres os filhos.

Os Quimbundos, conforme Magyar, adoram os feitiços e principalmente os animaes, simbolo da divindade. Parecem reconhecer um ente supremo, que denominavam Sucu-Vanange, que pouco se intéressa pelo destino dos homens: tambem creem na existencia de espiritos bons, Quilula-Sandis; e de espiritos maus, Quilula-Yangalo. A alma é immortal e, depois da morte, baixa ao mundo Calungo, onde encontra os prazeres sensuaes. Por vezes fazem-se sacrificios aos espiritos maus: servem de medianeiros os idolos domesticos, cujas imagens se guardam na capella da casa.

Organisam-se procissões, acompanhadas pelos *Quimbundas*, no principio das estações secca e chuvosa, para propiciar os espiritos bons.

Do commercio em Angola e Benguella, diz-nos Magyar:

«As caravanas do Bihé distinguem-se entre gran-
«des e pequenas caravanas, que chegam á costa por
«caminhos diversos, não só pelo numero e força ar-
«mada, como tambem pelo valor das mercadorias
«que são o marfim, cornos de rhinoceronte, e cera.

«Esta caravana vem ordinariamente duas vezes por «anno a Benguella, onde troca os seus productos «pelos da Europa. Consta de 3000 homens, a me- «tade armados: como não ha bestas de carga, todas «as mercadorias, mesmo a de paizes mais longi- «quos, são transportadas pelos homens. A van- «guarda da caravana chega ordinariamente dois ou «tres dias antes, para annunciar aos commerciantes «a chegada da expedição. Então prepara-se tudo «para receber os hospedes, e reunem-se os viveres «necessarios e os objectos para troca. A caravana «vem em pequenos grupos, mais ou menos nume- «rosos; as divisões dirigem-se com as mercadorias «que trazem a casa dos seus conhecidos, para se «aquartelarem. Os que trazem mercadorias para «vender, vestem-se de novo e passam os primeiros «dias a beber e comer. Depois começa o negocio, «que dura seis dias; emfim as mercadorias troca- «das são dispostas nas cargas e repartidas entre os «carregadores.»

Como se vê, o processo é ainda hoje o mesmo, salvo as differenças que resultam do nome marcado em Catumbella.

Uma observação faz Magyar ácerca dos Quimbundas, que nos deve chamar a attenção. Diz elle que os Quimbundas, como outras tribus negras, gostam de demandas: o povo estupido e brigoso é

explorado pelos *olombangos* ou advogados e pelos hypocritas *Quimbundas* ou sacerdotes de Baál, que o devoram como lobos esfaimados. Este espirito demandista encontra-se egualmente nos povos de Ambaca, com quem os Quimbundas teem analogia se não identidade de origem.

Já antes de Magyar tinha dado noticias do Bihé o ousado viajante Rodrigues Graça. O Bihé, observa Graça, está situado no centro de riquissimas provincias «d'onde tem vindo em todo o tempo, marfim, cera, e mais generos de consumo do paiz, que «d'aqui tem saído effectivamente para as duas praças de Loanda e Benguella.»

Cultiva-se no terreno plano do Bihé o milho, feijão, mandioca; produz a canna de assucar, o trigo, o tabaco, a hortaliça; é fria a temperatura e saudavel o clima.

A gente do Bihé é bellicosa e inclinada á industria, gosta de viajar, e é ambiciosa: ha ali carpinteiros e ferreiros. Usam armas de fogo, e preferem morrer na guerra a ficarem prisioneiros e escravos. São inconstantes, dados aos roubo e muito supersticiosos.

Quando morre um filho do soba não se enterra até estarem presentes todos os parentes; então o levam á sepultura pendurado n'um pau, indagando primeiro quem o matou; porque a morte é sempre attribuida a feitiço. Imputada a morte a um, a quem

querem fazer mal, prendem-n'o e á familia, todos ficam escravos. Fallecendo qualquer potentado não é o facto publicado senão ao cabo de um mez; excepto sendo o Jaga Cassange cuja morte se annuncia ao cabo de oito ou dez dias. Quem revela a morte antes de tempo é levado á beira de um rio e ahi degolado pelo algoz que se chama *Samba Golumbole.*

O sova, que tem de exercer o governo, reune todos os subordinados n'uma praça «onde se mata «um boi, um carneiro branco, um pombo dito ou «cinzento, e muitas outras victimas são sacrificadas «pelo *Samba Golumbole,* bem assim um preto de «cada nação por elle dominada, cae sob elle o al«fange do algoz e, levados em triumpho, mostran«do-se ao seu povo ao som de caixas, marimbas, «e outros instrumentos gentilicos, as cabeças dos «desgraçados, manda cosinhar a carne d'elles de «mistura com a dos outros animaes! e depois dis«tribuido por aquelles dos principaes e chefes tão «opiparo banquete!! O soba apodera-se da cabeça «de uma victima e, agarrando-a com os dentes, tam«bem dança ao som da musica.»

Graça observa, que o uso da anthropophagia era commum entre os potentados d'aquella região, oriundos da linhagem de *Quingare,* sendo um dos mais observantes o Jaga de Cassange. As analogias entre estas ceremonias e as que anteriormente dissemos

se passavam nas terras de Cassange, parece confirmar o que diz Cadornega, isto é, que o jaga de Cassange possuia vastos estados, que comprehendiam metade dos sovas do Bundo, a provincia de Ganguella e grande parte da provincia dos Quimbundos.

IX

Prosigamos n'este estudo, acompanhando a expedição portugueza dos exploradores Capello e Ivens.

Passando para além de Caconda os nossos viajantes entraram nas terras do Nano ou Ba-Nano, tribus «que parece comprehenderem todos os povos limitrophes.» A distincção entre Nanos e Quillongos, já descriptos, não é facil estabelecer. Uns e outros tem nariz achatado, labios grossos, queixo recuado, dentes inclinados, cabello encarapinhado; a côr dos Nanos é talvez mais escura, o aspecto mais suspeitoso.

São os nanos afammados pelas suas correrias nos sertões do sul e sudoeste para roubar e devastar:

pela rapina satisfazem as necessidades da vida. «A «anthropophagia pode exercer-se incidentalmente, «como, por exemplo, nas occasiões de geral discor- «dia, em que os vencidos são de ordinario devorados. «Devemos, accrescentam os viajantes, declarar que «nunca encontrámos vestigio algum que o provasse «e, se a praticam durante a guerra nos feridos e nos «mortos, a negativa foi sempre a resposta ás nossas «interrogações.»

Acercando-se do Bihé, os exploradores Capello e Ivens passam as terras habitadas pelos Ganguellas «tribus numerosas, afamadas pelas industrias que «exercem e pelo negocio importante de cera.»

São os Ganguellas notaveis ferreiros, inclinados á musica para que mostram particular aptidão. O porte é elegante, o olhar vivo e penetrante, o aspecto *eminentemente sympathico.*

O bem conhecido Silva Porto dizia ácerca dos Ganguellas, em 1852, o seguinte: «são robustos, de «boa figura e em geral circumcidados; são arrogan- «tes, traiçoeiros, voluveis e perversos, se bem que «fracos.» Dados á embriaguez, vivem sempre em desordem, incendiando povoações, geralmente compostas de quatro a vinte casas.

Mais supersticiosos do que o outro gentio, «são «dados á caça, á pesca, á agricultura e ao trafico «da cera.» Os homens cobrem-se com pelles de animaes bravos, as mulheres com cascas de arvore

preparadas. Usam arco e seta, azagaias e armas de fogo. Possuem extensas lavouras em que cultivam mandioca, feijão, milho e massango: acompanham as lavouras mudando para ali as suas *libatas*. São bons ferreiros e empregam um ferro com qualidades de aço.

Do Bihé, aonde chegaram em seguida, informamnos os viajantes o seguinte. O Bihé, ponto de partida das caravanas que vão ao sertão, é um grande centro de commercio. Apezar d'isso o Bihé é relativamente pouco povoado, como quasi todos os districtos da Africa central, o povo apresenta os traços originaes da vida selvagem. Costumados ás longas viagens os bihenos tem adoptado muitos usos e costumes de povos de sertões distantes.

De ha muito habituados ao contacto do branco, entregam-se á embriaguez e ao roubo.

As terras do Bihé são regadas por muitas aguas, e por isso de grande fertilidade; sendo as suas producções variadissimas; o tabaco, a palma christi, mandioca, inhame, milho, massambala, massando, banana, ananaz, laranjas.

Os habitantes do Bihé não podem considerar-se uma raça pura, de traços caracteristicos; são antes uma mistura complexa de povos diversos, uns vindos por emigração, outros estabelecendo-se por conquista, outros por successivos crusamentos. Na multiplicidade de fluxos de população que tem cami-

nhado para a Africa occidental, o Bihé — côrte dos soberanos de Quimbundo, conforme Magyar — o Bihé tem sido um dos pontos de intercepção das diversas correntes. Dificil deve ser, em tal caso, reconhecer nas tradições confusas de povos selvagens qual seja a origem dos bihenos. As tradições não podem referir-se senão ás raças conquistadoras; e estas, na Africa, parece obedecerem a uma lei que as impelle, geralmente, de leste ou nordeste para oeste ou sudoeste.

«As tradições historicas, conservadas pelos Bihe-«nos, dizem os viajantes citados, tendem a mostrar «que, originarios do norte, vieram d'essas extensas «regiões invadir o sul, não podendo considerar-se «como autochthonos d'aqui.»

Na opinião dos srs. Capello e Ivens, pode concluir-se *com toda a reserva*, que os ba-bihé occupam este sertão de recente data; vindos do norte, descendem naturalmente d'esses invasores tão fallados no interior d'Africa, que, em conquistas successivas, chegaram até ao paiz conhecido na costa pelo nome de Nano. Os ba-bihé ou antes bin-bundo «estariam assim comprehendidos na grande familia dos ba-nano, que parece provir dos ba-lundo.»

O biheno é alto, delgado, secco, de cabeça ampla, fronte espaçosa e não muito deprimida, nariz

achatado, rosto largo, ponteagudo na barba, arcadas zigomaticas pouco proheminentes. As mulheres são mais activas do que os homens; algumas são notaveis pelo seu typo elegante e traços geraes elevados: os penteados são muito cuidados. A mulher é uma verdadeira mercadoria; paga a noiva aos parentes, esta é conduzida a casa do pretendente. A polygamia é geral. A religião é a idolatria; o feitiço é tudo. Todas as idéas de uma religião mais pura não existem; comtudo a palavra *n'zambi* significa Deus; vocabulo este, mais ou menos modificado, que se encontra mesmo entre os pigmeus que habitam perto do equador e que empregam o vocabulo *niambi*. Ligados comtudo á terra, sujeitos ás condições da vida material, os negros não possuem idéas abstractas.

Exercem os bihenos algumas artes, principalmente as de ferreiro e oleiro. A agricultura e creação de gado são as industrias mais importantes.

A capital do Bihé chama-se Cangombe e o chefe Quilemo. Esta libata Cangombe é um recinto quadrado de 1000 metros de largo.

Tambem aqui existe a terrivel superstição de attribuir a morte a feitiços e de buscar reconhecer o auctor d'ella para o punir, ou para o expoliar. As guerras são excursões para roubar os visinhos.

X

Para o sul do Dombe e confrontando com a serra de Chela, a leste do litoral, estão os Mu-cubaes, de que Brochado nos deixou uma descripção em 1850. (*Annaes* vol. I).

A região dos Mu-cubaes tem ao sul os Muximas, ao norte o Dombe, a leste a Chela a oeste o Oceano. São varias as tribus que habitam n'esta região, conservando-se quasi independentes umas das outras; governados por sobas com seus macotas.

O paiz é montanhoso e pouco productivo, salvo onde passam aguas correntes.

O clima é ardentissimo e doentio, e as aguas más e salobras.

Os habitantes são timidos, vingativos, dados ao roubo e á ociosidade. São pastores; sendo a sua unica riqueza as manadas de bois; alimentam-se principalmente de leite. Não teem outras noções religiosas senão a crença nos feitiços. Cobrem-se os homens com duas pelles de carneiro, as mulheres

usam as mesmas pelles presas por um cinto de missanga.

As armas de que usam são a flexa, a azagaia e o porrinho ou massa de arremesso (*kiri* dos Hotentotes).

Os productos naturaes são o sal e algum marfim. Cultivam pouco, nem as condições locaes a isso se prestam.

Transposta a serra de Chela, entra-se na região habitada pelos Munhaneca ou Ba-Nhaneca, como melhor os designa o sr. Nogueira no seu excellente livro *A raça negra*. N'esta região encontram-se diversas tribus. Perto da grande cordilheira fica a Huilla em terreno de montanhas, com largas planicies, ferteis e cortadas de muitos rios de boas aguas, onde se dão as colheitas da Europa, por ser temperado o clima e regulares as estações. Os habitantes, corajosos e aptos para a guerra, usam a cabeça rapada, cobrem-se com o coiro de boi preso por azelhas á cintura e alguns usam pannos. As mulheres usam tambem de um coiro, cortado como uma toalha e segura por cinto de missanga; na cabeça trazem o cabello disposto em quatro rolos que saem do alto da cabeça.

No Jau o terreno é menos cultivavel por ficar grande parte d'elle no alto da serra; o clima é o mesmo da Huilla. Tributaria do Jau é a Umpata, que tem comtudo um sova chefe.

O Hay é um pequeno estado tributario dos Gambos: tem apenas meia legua quadrada de territorio fertil e muito productivo, não só pela actividade agricola dos habitantes como pela riqueza das pastagens. Quipungo e Quihita são dois estados pequenos como o Hay, em parte montanhosas sendo mais quente o clima do que o d'este.

Os Gambos formam um estado, relativamente, muito maior e por isso mesmo mais tyrannicamente governado; pois é facto,—segundo informa Brochado cujas noticias estamos extractando (*Ann. Ultr.* vol. I)—que nas terras dos gentios «quanto maiores mais despotismos e arbitrariedades commettem os sobas, «porque é de sua crença assim fazel-o, para se tornarem temidos e respeitados pelo seu povo, o que «já não succede aos das terras pequenas, que lhes «convém afagar.» O terreno dos Gambos é pouco montanhoso e argiloso em parte, muito irregular e variado; na estação das chuvas a vegetação é forte, mas logo que estas acabam tudo cessa. O clima é mais quente que o de Jau e Huilla, por ter menor altitude; e a insalubridade é consideravel. Menos valentes que os de Huilla os habitantes são bastante energicos e orgulhosos; a população é bastante densa. A cera é abundante, o marfim tambem apparece no mercado por serem os Gambos dados á caça; as minas de ferro são numerosas e ricas.

Os *Annaes do Municipio de Mossamedes* estão de

accordo com as informações de Brochado acima citadas, ácerca das terras dos Ba-Nhaneca, e accrescentam:

«A origem da raça do gentio da Huilla, Humpata e Jau é *mu-nana,* enlaçada posteriormente com a raça de *Muximba,* sendo a mais antiga: de Hay e Hompata; a de Huilla, porém, foi começada em época menos remota, segundo as tradições do paiz, por um bando de *mu-nanos* emigrados, a cuja testa vinha uma mulher e, com o trato que tiveram com os *muximbas* e gente das terras limitrophes, povoaram o Jau; este, ou em consequencia de guerras que o favoreceram, ou por outros quaesquer motivos, augmentou a população, diminuindo a de Huilla; e achando-se por consequencia o Jau mais povoado e poderoso, se tornou independente da Huilla já no tempo do actual soba, sendo hoje o sobado que governa os de Hampata e Macuma.»

Os *Annaes de Mossamedes* mencionam a interessante festa do boi ou *Geloa* que celebra o gentio d'estes sertões. Esta festa é tambem descripta pelo sr. Nogueira, fallando dos Ba-Nhaneca. Eis o que diz o sr. Nogueira:

«Vem aqui a proposito dar noticia de uma ce-

«remonia, que usam os povos Ba-Nhaneca e que «se não é propriamente um culto, para elle se en«caminha.»

«Esta ceremonia, tendo por fim celebrar o estado «de paz e abundancia da terra, tem por symbolo ou «objecto apparente um boi a que dão o nome de *Ge«roa.* O boi Geroa deve ser branco e preto, e acha-se «entregue á guarda de um dos mais considerados «senhores de terra, o qual tem o titulo de *Muene«Hambo*, que quer dizer «o maior pastor» ou «o «pastor por excellencia»; e é ahi acompanhado por «outro boi, que tem o nome de *Xicaca* e por uma «vitella com o nome de *tembo-onjuo*, como «dona «da casa».

«No fim das colheitas, de julho a agosto, que é «quando para elles termina o anno e com o appa«recimento da lua nova, é conduzido processional«mente o boi Geroa e seus companheiros, xicaca e «tembo-onjuo, desde a residencia do Muene-Hambo «até a do Hamba, distancia que em Gambue é de «umas sete leguas, servindo-lhe de cortejo um nu«meroso acompanhamento de donzellas enfeitadas «na cabeça com grandes enfiadas de bagos de va«rias sementes, e de homens com as caras pintadas «de um barro branco, a que dão o nome de *peio* «e que tem uma significação de felicidade. Na re«sidencia do Hamba, primeiro o Muene-Hambo «depois aquelle, chegam á bocca do boi Geroa o

«pó de uma casca de pau, bastante amarga e a «que dão o nome de *bungurullo;* se o boi lambe «aquelle pó é um bom agouro, e o Muene-Hambo «recebe toda a sorte de felicitações e obsequios, «tanto do Hamba como dos principaes da terra, se «o não lambe é um presagio mau e n'esse caso o «Muene-Hambo deve pagar com a vida aquella pre-«dicção funesta. Escusado é dizer que o boi lambe «sempre o pó, ao que facilmente tem sido acostumado.

«Immediatamente a este acto, o Hamba toma a «palavra e profere um discurso, em que relata o «estado das suas relações com os povos visinhos «e diz o que pretende fazer no novo anno. N'estes «discursos dão por vezes provas de uma grande sa-«gacidade.

«Ao discurso segue-se uma dança em honra de «uma mulher do Hamba que tem o titulo de *Kimi* «e outra um nome da *Tembo.*

«Durante os dias da festa a alegria deve ser tão «geral que não é permitido chorar os mortos.»

E conclue a narrativa:

«Tal é a festa de Geroa. Não parece haver em «tudo isto uma vaga reminiscencia do culto do boi «Apis, tambem branco e preto, tambem presagiando «o futuro e acompanhado por uma vacca?

Passando os Gambos, ao longo do rio Caculo-Var,

vae-se, por terras arenosas e por matas de regular grandeza, ao Humbe; a vinte e cinco leguas do limite da terra dos Gambos. O Humbe vae até ao Cunene e terá ao longo d'este rio umas vinte leguas de comprimento. No seguimento do rio vae-se a Camba por um matto muito denso e por areia solta: este caminho é povoado de elephantes e zebras. Camba tambem chega á margem do Cunene: é muito dado a guerras. D'aqui a Mulondo o caminho é parecido ao anterior: é tambem povo dado a guerras, com o que tem perdido da sua antiga importancia. O gentio nas tres terras é o mesmo e tem os mesmos usos e costumes; são os Mahumbes ou Ban kumbi. Estes povos creem no Ente Supremo que chamam *Suco* e creem tambem n'outro poder grande que chamam *Callungo* (mar). Teem a superstição dos feitiços e das almas do outro mundo. A successão passa sempre pelo sexo feminino. O governo é de sovas com o concelho dos macotas. Existe a polygamia; as mulheres usam pannos e missanga no pescoço e coraes variados na cabeça: usam o penteado puxando o cabello da nuca á testa, cobrindo as orelhas com rodas de cabello, que imitam as orelhas da girafa. Os homens trazem a cabeça rapada com dois ou tres rabichos no alto da cabeça, missanga no pescoço e pannos a cobrir adiante e atraz. Untam-se com manteiga mas não se pintam com tacula ou outras substancias.

As suas sementeiras são de massambala, massango, macunda e uma variedade de amendoim: não usam o milho porque não gostam d'elle. Estrumam as terras e por isso manteem estas a fertilidade. São mais pastores do que caçadores e por isso colhem pouco marfim apesar de haver muitos elephantes.

O soba que morre conserva-se na propria casa e a noticia não se divulga até apodrecer e a cabeça se despegar do corpo: então vão buscar o herdeiro.

Quando morre algum d'elles busca descobrir-se qual fôra o feiticeiro que lhe causou a morte e este é punido.

Os homens são circumcisados. Usam como armas a porrinha ou massa de armas com muita dextridade, tambem empregam as armas de fogo com negligencia e pouco cuidado em obter munições.

Estas informações são dadas por Brochado e merecem certa confiança.

O que diz o sr. Nogueira sobre os povos Ba-Nanheca e Ban-kumbi completam este quadro.

«Quem vive na Europa ou em qualquer parte «do mundo civilisado, se pensa alguma vez no que «se passa entre os povos que dizemos barbaros e «selvagens, é para suppor que elles são todos crueis «e ferozes, que não fazem mais do que darem-se caça «mutuamente, que desconhecem todas as regras e

«deveres em que se fundam as sociedades regular-
«mente organisadas, que não respeitam nenhuns
«direitos, ou que só reconhecem o direito do mais
«forte, emfim, que o seu atraso é, ao mesmo tempo
«que a prova da sua grande inferioridade o mais
«brilhante documento de quanto nos temos adian-
«tado.

«Por mais lisongeira que seja para nós seme-
«lhante conclusão e que ella se funde nas ap-
«parencias, a verdade é que nem sempre o es-
«tado social de alguns povos selvagens é tão bar-
«baro como nos parece, nem tão superior é tam-
«bem a alguns respeitos aquelle a que temos che-
«gado.

«Tendo residido entre os Ba-Nanheca e os Ban-
«Kumbi, no interior de Mossamedes, desde 1851
«até 1862 pude observar e mostrarei com os fa-
«ctos, que se os costumes e o estado de civilisação
«de uma sociedade gentilica, por mais adiantada,
«não são para nos servir de modelo, os costumes
«que por cá temos, os erros, os preconceitos e os
«abusos que por ahi imperam, nos estão asseme-
«lhando mais do que geralmente pensamos a esses
«povos primitivos e nos fazem mesmo excedel-os
«ás vezes, em actos de requintada malvadez e per-
«versidade.

«Nos *Gambos* e no *Humbe* (Gámbué e Kumbi)
«nunca se praticou, em quanto alli estive, assassi-

«nato algum, não obstante todos os homens anda-
«rem armados e não haver policia nem força al-
«guma publica encarregada de manter a ordem.
«Só depois da occupação militar d'aquelles pontos
«pelo nosso governo, é que se deram alguns casos
«de assassinatos em soldados por gentios; mas es-
«ses factos, tendo um caracter politico por signifi-
«carem uma reacção contra o nosso dominio e além
«d'isso sendo provocados pelos excessos das nos-
«sas auctoridades, devemos excluil-os dos crimes
«ordinarios. Perguntámos alli se alguma vez um
«filho tinha attentado contra os dias de seu pae ou
«mãe. Nem sequer nos comprehenderam; e depois
«só nos responderam com o espanto. N'aquelles es-
«piritos *inferiores* nem sequer se admitte a possibi-
«lidade de crimes tão espantosos. Não ha alli exem-
«plo algum, proximo ou remoto, de se ter perpe-
«trado um crime semelhante.

«Entre nós e apezar dos meios de força que se
«empregam para prevenir e evitar estes crimes, não
«só os simples assassinatos mas até os parricidios
«e outros crimes d'esta ordem são vulgares.

«Entre aquelles selvagens ha gente mais ou me-
«nos favorecida dos bens da fortuna, ou relativa-
«mente pobre, mas a miseria, como se apresenta
«entre os povos civilisados repugnante e degradada,
«é alli desconhecida Alli o necessitado pede fran-
«camente, naturalmente podemos dizer, sem humi-

«lhação nem baixesa, o que precisa e que não pode «obter de outro modo; aqui a civilisação engendra «a miseria repugnante e feroz, que inventa as ulce- «ras e cega os olhos ás crianças para excitar o sen- «timento da caridade.

«Os bens materiaes, que constituem a riqueza, «consistem, em primeiro logar, nos gados; cada «chefe de familia possue ao menos algumas vaccas, «algumas cabras ou carneiros.

«A terra é do *soba,* o que quer dizer é de to- «dos; cada um cultiva a porção que lhe é necessa- «ria, segundo o numero de pessoas que tem a sus- «tentar. Os fructos, a caça, e tudo o que a natureza «espontaneamente produz são bens de todos.

«A fome entre elles só é conhecida por occasião «das grandes seccas, que, com as guerras, consti- «tuem as suas maiores calamidades. Entre nós mor- «re-se de fome mesmo em tempos normaes...

«A mulher honra-se em ser mãe; entre nós o «sentimento materno nem sempre impede que mui- «tas mães abandonem ou matem os seus filhos.

«Alli ha a liberdade de costumes, que mais é in- «nocencia ou ignorancia do mal do que verdadeiro «vicio, mas não ha a prostituição asquerosa e im- «munda como se acha estabelecida e «organisada» «entre nós.

«A escoria social, a que entre nós se dá o nome «de canalha, tambem alli não existe.

«Não teem hospitaes nem asylos, mas tambem «não teem prisões nem d'ellas carecem.

«O roubo é geralmente praticado com o simples «caracter de furto. São raros os assaltos aos cami«nhos, não obstante estes atravessarem extensas «mattas solitarias e, os que se praticam, são quasi «sempre devidos a represalias entre dois povos ini«migos, sendo muitas vezes respeitadas as fazen«das dos brancos, principalmente se estes se con«servam estranhos e imparciaes a essas dissensões.

«Entre nós, o roubo violento á mão armada pra«tica-se ahi em qualquer estrada, dentro do paiz, «armado e policiado, e ás vezes dentro mesmo de «povoações importantes.

«Aqui estão alguns contrastes entre a nossa ci«vilisação e aquella *selvageria*.

«Mas analysemos ainda: entremos mais pela or«ganisação politica e social d'aquelles povos.

«Ha entre elles uma nobreza, que se divide em «duas classes: uma hereditaria ou dos *hambas*, que «é a dynastica e que se compõe unicamente dos «membros da familia reinante, outra vitalicia e que «é formada pelos chefes, especie de cheiks, encar«regados de administrar a justiça e velar pela or«dem nas diversas circumscripções administrativas «e da qual saem os conselheiros effectivos dos Ham«bas.

«Os poderes do Hamba ou chefe do estado são

«absolutos, mas mais paternaes do que tyrannicos,
«e subordinados ás leis tradicionaes representadas
«nos costumes.

«Os conselheiros do Hamba teem a seu cargo a
«interpretação e applicação d'essas leis nos diffe-
«rentes casos de litigio que se propõem ou sobem
«á decisão d'este.

«O Hamba raras vezes se encontra em desacor-
«do com os seus conselheiros, conformando-se ge-
«ralmente com a opinião d'estes. Dão-se mesmo ca-
«sos de prevalecer a opinião do conselho contra a
«do Hamba. Isto porém depende até certo ponto do
«caracter d'este.

«O conselho effectivo do Hamba compõe-se de
«um certo numero de senhores de terra, parte dos
«quaes residem junto d'este, e ahi exercem funcções
«permanentes, e outros servem temporariamente.

«Cada senhor de terra administra a justiça na
«circumscripção que tem a seu cargo, mas tão só-
«mente em juizo de conciliação; se as partes se não
«conciliam dirige-se com ellas ao Hamba, e este
«ahi decide, com audiencia e consulta do seu con-
«selho, em ultima instancia. Estes processos verbaes
«e summarios são extremamente rapidos, e as sen-
«tenças, são quasi sempre justas. A prova testemu-
«nhal é admittido, e a pena de morte raras vezes
«applicada. Ordinariamente substitue-a, como entre
«todos os povos no mesmo estado de civilisação,

«uma multa, mais ou menos importante conforme «a gravidade do crime.

«Com os defeitos inherentes a uma tal organisa-«ção judicial e administrativa, os abusos ainda as-«sim são raros, bem como as injustiças.

«Todos os cargos publicos são gratuitos. Só o «Hamba cobra uns como emolumentos dos pleitos «que se decidem perante elle, mas relativamente «modicos.

«Tambem não ha impostos, a não se querer consi-«derar como taes os presentes de pouca valia, que os «senhores de terras dão aos Hambas, sem comtudo «os exigirem dos povos que administram, ou os ser-«viços pessoaes, raras vezes exigidos, a que todos «estão subjeitos.

«A unica contribuição que tal nome merece é a «que se acha estabelecida para os caçadores de ele-«phantes, os quaes são obrigados a dar ao Hamba «um dos dentes de cada elephante que matam.

«Os Hambas teem o tratamento de *Táte-culo*, que «se pode traduzir por «meu grande pae», e que é «o epitheto mais respeitoso que elles conhecem.

«Os homens mais importantes, pela sua riqueza «ou posição official, e até o proprio Hamba são ac-«cessiveis a toda a gente. Muitos pretos, simples «subditos ou simples *escravos*, como elles dizem no «sentido politico que tambem tem esta palavra, ou-«sam dizer aos Hambas verdades duras e amargas.

«Os ricos e poderosos quanto mais alto colloca-
«dos, mais benevolos e attenciosos se mostram para
«com os menos favorecidos da fortuna.

«Não teem uma religião definida, com symbolos
«ou quaesquer fórmas externas, mas acreditam na
«existencia de Deus, ou pelo menos de um Deus,
«e chegaram já a um estado de consciencia muito
«elevado. O juramento entre elles tem a seguinte
«formula: *assim eu te injurie*, ou *assim eu injurie*
«*os mais velhos*, ou ainda, e este é o mais forte de
«todos, *assim eu injurie meu pae ou minha mãe,* —
«expressão candida que está a revelar o que ha de
«pureza em taes consciencias.

«A escravidão é uma instituição legal entre elles,
«mas os escravos são tratados como pessoas de fa-
«milia.

«Não ha um preto gentio possuindo escravos, que
«lhes dê publicamente este nome, e sim o de filhos
«ou sobrinhos. E, com effeito, na falta de herdeiro
«legitimo (sobrinho filho de irmã ou irmão filho da
«mesma mãe, que tal é a ordem de successão entre
«elles) é adoptado como tal o escravo mais antigo.

«As mulheres são excluidas da herança, mas po-
«dem possuir o que adquirirem, e estabelecer casa
«propria.

«Os filhos tomam sempre o nome de familia da
«mãe, isto é, da *anda* ou *totem* a que esta pertence.

«Todos os homens são soldados, isto é, servem

«na guerra, e todos andam armados, mesmo em «tempo de paz. As guerras, tendo por pretexto of— «fensas ou injurias a vingar, ou direitos dynasticos «a sustentar, teem por fim verdadeiro a conquista «ou usurpção dos bens alheios, isto é, são sob uma «fórma mais simples o que são ainda entre nós.

«Parecem-nos desnecessarias as demonstrações «a este respeito. Excepções tambem alli as ha.

«Nas guerras não são mais barbaros do que nós «nas nossas, e ás vezes menos. Com effeito seria «impossivel exceder o que ainda ha pouco referiram «os jornaes da recente guerra turco-servia, ou ainda «das barbaridades praticadas na Hespanha pelos fe- «rozes carlistas.

«O duello entre elles tem uma fórma original «e que merece ser aqui mencionada. Quando dois «homens se indispõem a ponto de procurarem ag- «gredir-se, o que todavia é raro, os parentes ou ami- «gos de ambos dão a cada um uma pequena vara, «colhida, no momento, de uma arvore qualquer, ti- «ram-lhes as armas, e convidam-os a baterem-se «d'aquelle modo *para lhes passar a raiva do cora- «ção*. Então os dois campeões fustigam-se mutua- «mente até que um, ou ambos, se deem par *satis- «feitos*, terminando o combate geralmente por uma «mutua reconciliação. Será brutal isto, mas os nos- «sos duellos, principalmente os de morte, estenden- «do as suas fataes consequencias ás pessoas que

«dependem do que succumbe, não nos parece me-
«nos barbaro.

«Sem conhecerem a imprensa, teem comtudo um
«meio de publicidade que merece ser referido.

«Todo o homem que encontra outro conta-lhe
«tudo que sabe do occorrido n'aquelle dia, e recebe
«d'elle uma confidencia egual. D'este modo as no-
«ticias communicam-se aos pontos mais distantes ás
«vezes com uma rapidez prodigiosa.

«N'este estado de civilisação tão inferior, sem
«escolas, sem academias, sem sociedades litterarias
«ou scientificas, sem systemas philosophicos, sem
«religião ou acreditando simplesmente em Deus, sa-
«bendo de algumas cousas apenas o que não po-
«dem ignorar, e entregues á maior liberdade, aquelles
«povos vivem felizes e satisfeitos, sem os requintes
«da civilisação é verdade, mas tambem sem os vicios
«hediondos e a profunda desmoralisação, que são
«o triste apanagio das sociedades mais adiantadas.

«Disse ha pouco um viajante inglez *que do puro*
«*africano ainda não mal tratado pelo europeu podia*
«*fazer-se o que se quizesse*. E disse uma grande
«verdade. Com effeito a aguardente, a polvora e o
«chicote são os unicos instrumentos de civilisação
«que nós os civilisados lhes temos fornecido. O chi-
«cote era-lhes um instrumento tão estranho que se
«viram obrigados a adoptar-lhe o nome: *chócóte*
«dizem elles.

«M. Wallace, citado por Sir J. Lubbok, observa «que os povos civilisados «deixaram atraz de si os «selvagens pelo que diz respeito á intelligencia, mas «que os seus progressos não teem sido tão sensiveis «quanto á moral.»

«Em um estado social perfeito, accrescenta elle, «a organisação intellectual de cada individuo deve«ria ser sufficientemente esclarecida para lhe per«mittir comprehender a lei moral em todos os seus «detalhes, e para que, sem outro motivo, a impul«são da sua propria natureza o levasse a obedecer «a essa lei. Ora ha um facto notavel, é que os po«vos cuja civilisação se acha no estado rudimentar «se approximam de alguma sorte d'este estado per«feito.»

«M. Wallace affirma mesma que «a massa das «nossas populações não tem feito nenhum progresso «sobre o codigo moral dos selvagens, e em muitos «casos tem caido abaixo.»

«De algumas tribus que visitou faz-nos M. Wal«lace o seguinte quadro: «Cada individuo respeita «escrupulosamente os direitos do seu visinho, e es«tes direitos não são nunca ou são raramente in«fringidos. Uma egualdade quasi perfeita reina n'es«tas tribus. Não se encontra alli nenhuma das enor«mes distancias de educação e de ignorancia, de ri«queza e de pobreza, de amo e de servo, que são «o producto da nossa civilisação; alli não ha divi-

«são determinada do trabalho, a qual, se augmenta «a riqueza, tende tambem a produzir interesses con- «trarios.»

«Esta descripção concorda perfeitamente com o «que tambem observamos entre os povos a que nos «referimos do interior de Mossamedes. Sir Lubbock «nega que taes factos provem que esses selvagens «tenham um grande senso moral; a ser assim as «abelhas e os corvos tambem o teriam, e adduz ou- «tras razões e argumentos, que, apezar do grande «respeito que temos por este escriptor, com cuja «opinião concordamos a outros respeitos, não nos «parece serem das mais concludentes para o as- «sumpto.

«Na nossa opinião, e sem pretendermos decidir «na materia, o estado social dos povos a que nos «temos referido não é certamente superior ou pre- «ferivel ao nosso, mas, apezar das imperfeições que «lhe são proprias, assenta em bases naturaes, que «nós deviamos estudar com mais attenção, não para «o seguirmos cegamente abandonando o que de bom «e util temos conquistado mas para emendarmos «muitos erros.

«Aquelle estado não é preferivel ao nosso, tor- «namos a repetir, mas as nossas sociedades civili- «sadas acham-se corruptas até á medula, desvaira- «das por todos os erros e gangrenadas por todos «os vicios, e se quizermos entrar em uma via larga

«de progresso, teremos de nos inspirar a alguns res-
«peitos na pureza e simplicidade dos costumes pri-
«mitivos.»

XI

Esta rapida viagem atravez dos povos que habitam Angola, mostra a diversidade de raças que se encontram n'aquelle extenso territorio, e a variedade de condições climatericas e de solo, que facilitam ou difficultam a vida e tão poderosa acção exercem no melhoramento ou decadencia do typo humano.

Parece-nos que um facto, por muitas vezes indicado pelos escriptores que teem estudado a Africa, fica confirmado pelo que sabemos dos acontecimentos succedidos em Angola, desde que nós penetrámos n'aquelle vasto territorio da Africa occidental. Os povos africanos, nas suas imigrações e conquistas, seguiram e seguem um caminho que os leva, por uma causa desconhecida, de nordeste a sudoeste approximadamente.

Estes movimentos tiveram logar em épocas di-

versas; foram verdadeiras revoluções que se succederam por intervallos mais ou menos afastados; como ondas de tribus, guerreiras pela maior parte, que vieram quebrar-se no litoral ao occidente da Africa. As raças vieram aqui a confundir-se e a trocar-se umas com outras. Movimentos secundarios, alguns em sentido opposto ao movimento geral, contribuiram ainda a tornar mais completa a mistura e accumulação de raças differentes na parte da costa comprehendida entre o Zaire e o Cunene.

No *Conpendium de Stomford*, ampliado por Keith Johnston, depois de uma curta indicação do modo porque actualmente se distribuem as principaes raças na Africa, accrescenta-se:

«Mas é perfeitamente evidente que esta não foi «a distribuição original d'estes povos. Assim os Hot«tentotes, nos quaes alguns anthropologistas incluem «os Boschimans, residiam antes mais para o norte «e se foram, gradualmente lançados pelos Bantus, «para os seus estreitos limites actuaes. Os proprios «Bantus habitavam primeiro ao norte e nordeste, «d'onde foram obrigados a mover-se para o sul pe«las invasões dos Hamites da Africa occidental. As «tradições dos cafres, Bejuanos, Heresos e, prova«velmente, de todas as outras tribus Bantus, indi«cam o norte e nordeste como a sua primitiva resi«dencia. A principal divisão dos Damaras, Omu«Curu, tem o seu throno para o norte, e para o norte

«fica voltada a cara dos mortos quando depositades «na sepultura.

«Os Bantus parece haverem descido primeiro pelo «litoral oriental até aos dominios Hottentotes n'aquel-«la direcção. Este movimento, porém, deve ter sido «seguido por uma segunda migração para o occi-«dente, atravez do continente em direcção ao Atlan-«tico, occasionada sem duvida pela pressão dos So-«mali, os Ormas, ou Gallas e outras tribus Hamiti-«cas fazendo caminho, provavelmente, para o paiz «do Nilo, hoje occupado por elles, entre a Abissinia «e as terras altas do Kilimu-Njara. Uma prova ma-«nifesta d'esta ultima migração dos Bantus para oeste «encontra-se na notavel similhança, que ainda exis-«te, entre os idiomas Ki-Svabili fallados na costa de «leste e os dialectos do Mpongue da Baixa Guiné.»

Este resumo das idéas geralmente acceitas, salvas variantes mais ou menos profundas, está de accordo com os factos especiaes que se conhecem em Angola.

Quando os descobridores portuguezes chegaram ao Zaire, já estava constituido o imperio do Congo, resultado de uma invasão de povos de nordeste, que se misturaram com outros povos de origem mais remota, e sobre elles estabeleceram os seus dominios. Como diz Cadornega a «nação *Mexiconga* fôra sem-«pre reputada por estrangeira avenidiça, que havia «vindo da terra dentro a *dominar* este reino.»

Mais tarde o Congo foi atacado por uma invasão dos *Jagus* ou *Mujacas*, que o poz em grande perigo e foi o valor portuguez, que os livrou «da op-«pressão em que estavam.» Posteriormente, um rei do Congo chamado D. Affonso Affonso pediu auxilio ao governo portuguez contra Jozão *Tamba* que o ameaçava, favorecido pela nação «a que chamam «Majacas, que são tão ferozes como os Jacas.»

A procedencia d'estas raças invasoras do Congo, como as das que agora encontrou alli Mr. H. Johnston, é do nordeste.

Dos Jagas, a quem se deve attribuir uma extensa e temerosa invasão de Angola pela fronteira oriental, já dizia Cadornega que «desceram d'este ser-«tão dentro dominando muita parte d'esta vetusta «Ethiopia.»

Pondo de banda os movimentos secundarios, que tornam obscuro o movimento geral das populações mas não o contrariam essencialmente, reconhece-se, nos factos que se observam do Congo ao Cunene, que o fóco das emigrações e conquistas tem sido ao nordeste d'Africa, e que, por abalos successivos, tem vindo acabar no littoral de oeste ou nas suas proximidades, quando as emigrações anteriores puzeram obstaculo a que o movimento se completasse. Como um dos caracteres quasi geraes das conquistas das tribus africanas e da formação dos imperios é a absorpção e a incorporação das tribus conquistadas

nas tribus conquistadoras, d'ahi resulta a mistura dos caracteres physicos a ponto de tornar difficil a descriminação das feições typicas das raças. Se juntarmos a isto que os povos selvagens da Africa estão, evidentemente, n'um periodo de evolução, accessiveis a todas as influencias, recebendo do clima, do solo, da alimentação uma acção preponderante; se notarmos que não ha historia que nos esclareça e apenas se encontram tradições confusas, em que uma tendencia exagerada ao maravilhoso e uma funesta disposição ao fanatismo obscurecem e desviam a verdade, facil é comprehender as difficuldades que se oppõem á reconstrucção, mesmo mal definida, da historia das emigrações, das conquistas e dos imperios, que teem agitado a existencia rude, singela e feroz do grande continente.

Busquemos, comtudo, interpretar os dados conhecidos do difficil problema na Africa occidental, comprehendida entre os dois rios Coango e Cunene.

Fallando dos habitantes do alto Congo o sr. Johnston diz-nos, que se encontram primeiro os Ba-teki a que se misturam os Ba-yamzi, estes ultimos sendo commerciantes e não colonisadores sedentarios. Mais adiante as duas raças estão singularmente misturadas. Em quanto os Ba-teki parece terem a sua verdadeira origem a N. O. para os lados do Ogove; os Ba-yanzi provêem do alto-rio, defrontando alli com os selvagens Ba-ngala do equador.

Estes Ba-yanzi não são caçadores muito activos, mas vão buscar o marfim como mercadoria ás visinhanças do equador, região de que procedem. Não teem gado mas dão ao bufalo o nome de *ny-ombu*, termo com que a lingua Bantu designa o boi. Diversos costumes d'estes povos recordam os costumes dos Jagas de Angola; sendo para chamar a attenção que as casas tenham, como ornato, craneos humanos.

Este povo dos Ba-yanzi é puro Bantu e por isso se assemelha muito ás outras raças puras da mesma origem, como os Ba-lunda e os povos do Tanganica. Teem a pelle côr de chocolate escuro e largos cabellos. Barba e bigode, que muitas vezes arrancam, desenvolvem-se na cara dos Ba-yanzi.

Temos pois, no Congo, a raça invasora dos Ba-yanzi, representando a grande emigração do N. E., com caracteres physicos que, em geral, distinguem os povos vindos d'esta alta região: temos uma corrente secundaria, vinda do N. O., a dos Ba-teke «estes parecem ser, comparativamente, chegados de «pouco e haverem deslocado os antigos habitantes, «arremeçando-os para o interior ou absorvendo-os «como escravos.»

Estas invasões foram precedidas pelas conquistas dos Ba-Congo, que dominaram todo este districto e fundaram o grande imperio.

Nas margens do grande rio, perto do mar, existem

os Ba-chi-congos «que representam a vanguarda «da invasão Bantu n'esta direcção, misturada com «a população negra anteriormente estabelecida.»

Estes factos, tão claramente indicados nas margens do Congo pelos estudos de Johnston, reproduziram-se, com pequenas variantes, na provincia de Angola até ao Cunene.

Ao passo que se formava o imperio do Congo, cujo poder se estendia para leste, nordeste, sul e sudeste até a limites mal definidos, constituia-se tambem, por meio de emigração e conquista, o reino de Angola.

XII

Quando os portuguezes entraram no Congo, o reino de Angola tinha sua existencia distincta, mas parecia estar sujeito ao dominio do grande imperio. Factos posteriores, em que tivemos não pequena parte, operaram a completa independencia. Era claramente este antigo reino de Angola o resultado de uma conquista. As relações que W. Reade en-

controu entre os povos de Angola e os Fulos pode talvez dar alguma luz sobre a origem d'esta emigração. O que é certo é que os reis de Angola ou Dongo estiveram longo tempo em lucta com o Congo: e, se notarmos a significação da palavra *Congo* na lingua de Angola, isto é, *devedor* ou *tributario* podemos ser levados a crer que os reis de Angola dominaram algum tempo n'esta terra. A organisação do Congo e de Angola apresentam tanta analogia, que bem se pode reconhecer que um e outro reino formaram um mesmo imperio, ou estados tendo entre si as mais estreitas relaçõees.

No Congo havia muitos duques, marquezes e condes «que possuiam muitas terras e vassallos, reco-«nhecendo a el-rei do Congo por senhor, como a «feituras d'aquella corôa» diz Cadornega. O rei, accrescenta o mesmo auctor, dá poder aos duques seus parentes para «apresentarem em suas terras e senhorios» outros senhores com titulo de marquezes. Claro é que estas designações de duques, marquezes e condes, foram dadas áquelles senhores do Congo por analogia com o que se passava em Portugal, porém os factos, que é o que importa, auctorisavam estas designações.

Despojados pelas nossas conquistas angolanas, os antigos monarchas foram-se retirando para o sertão, onde os descendentes d'esses monarchas se estabeleceram na Ginga. Entre estes descendentes con-

ta-se a notavel D. Anna de Sousa, mais conhecida pelo nome da Ginga terra para onde se recolheu «sahi-«da que foi dos reinos de Angola e Dongo que to-«mou, abraçou os ritos e costumes dos Jagas»: re-duzindo-se depois esta rainha Ginga «á nossa re-«ligião christã, metigou parte do seu orgulho». No paiz da Ginga, onde se encontram os ultimos ves-tigios da velha Angola, os srs. Capello e Ivens observaram uma organisação parecida com a do Congo.

Este reino da Ginga ou Jinga divide-se em tres provincias, Sussa, Danje e Dongo a que foi anne-xado Matamba. «Como todas as nações velhas e «caducas, dizem os dois exploradores, deixa-se a «Jinga escorregar pela inclinada senda que a con-«duz á aniquilação, fraca, perdida.»

O chefe da Ginga ainda conserva titulo de rei, com sua côrte e vassallos, tendo titulos «de duques, «condes, marquezes, que elle explora em proveito «proprio.»

«A Ginga está dividida não em feudos, porque «ninguem d'elles é senhor directo, mas em muitas «propriedades, cujo usofructo aufere qualquer vita-«liciamente e que depois o monarcha se reserva o «direito de empregar ou ceder a validos.

«A concessão faz-se, segundo a ordem do valor, «a individuos que, por esse facto, teem importancia «e designações diversas, constituindo assim a escala

«hierarchico-social complicada, a qual passamos a «descrever.»

«Os primeiros são os *vundas* (especie de duques), «depois os *candas* (talvez condes), *quillumjes*, *zun-«dos*, *dambis*, *capelles*, *catecos*, *n'gola-n'boles*, (es-«pecie de secretarios), *matomuzumos*, etc., que nas «terras cedidas, rodeados de escravos, compõem o «sequito real.»

Os gingas teem fórmas elegantes, mas são franzinos: teem grande cuidado nos penteados, ornados com metal, plumas, missanga. São porém dados a viagens; e este facto, conjunctamente com a côr retinta da pelle e outras circumstancias, recorda ainda a sua longa existencia nas baixas terras junto do mar.

O que sabemos dos potentados Dembos, que ostentam a magnificencia de reis, como nota Cardornega, parece confirmar as relações de soberania e de vassallagem que existiram entre Congo e Angola. Os Dembos reconheceram algum tempo o rei do Congo, mas, baptisados e destruido o reino de Angola, recobraram a sua plena independencia, reconhecendo-se comtudo vassallos dos reis de Portugal.

Para o norte dos Gingas ficam os Hungos e os Jaccas de que anteriormente fallámos. Os Jaccas, até onde chegou a interessante exploração portugueza ficam a pouca distancia, relativamente, do rio Congo

e nas margens do Coango. Estes povos teem, sem duvida, relações de origem na Lunda; e apresentam na sua ascendencia semelhança com os ma-quioco, que lhes ficam muito ao sul, como veremos. São muito selvagens e desconfiados; teem penteados muito variados: andam quasi nus: teem pouco gado especialmente o vaccum, que só o regulo pode possuir. Isto merece notar-se porque mostra, que a posse de bois é uma riqueza excepcional e tida como um privilegio real. Entre os povos da raça Bantu o boi *ng-ombu* é muito apreciado e, em mais de um logar, os povos africanos prestam ao boi uma especie de culto: ora, conforme diz Johnston, os Ba-yanzi nas margens do Congo, visinhos dos Jaccas, *não conhecem o boi* e chamam-lhe bufalo, *ng-ombu*.

Os povos ma-hungo, entre Jacca e Ginga, tem um typo especial. São bronzeados e não negros como os de Ginga, usam penteados singelos ou antes a carapinha solta: manilhas de latão; pelle pintada de azeite e argilla; dentes incisivos partidos; são atrevidos e selvagens. As mulheres são mais feias do que os homens; teem porte selvagem; côr fula e manchada; andam nuas; e são tidas, como escravas, de muito menos valor do que as vaccas. As habitações são immundas e apenas usam utensilios de barro e moveis de madeira muito toscos. Reconhecem como chefe o rei do Congo.

Esta circumstancia e a descripção que Johnston faz dos Ba-Congo leva a suppor, que os ma-hungo são parte da mesma raça, separada do corpo principal, cortada pela invasão de Jaccas que se interpoz. Com effeito diz-nos Johnston que os ba-congos não tem o perfeito typo bantu: tem a pelle muitas vezes côr de chocolate ou vermelho escuro e não de um negro fechado como a pelle das tribus da costa. Não fazem escoriações na pelle, como ornato; tem bastos cabellos: quebram os dois incisivos superiores. A circumcisão é um rito semi-religioso. O caracter dos Ba-congo é indolente; são supersticiosos, creem em feitiços. A mulher é uma mercadoria, «a honra da mulher é medida pelo preço que «esta custa.»

Para o sul da Ginga encontram-se os vestigios e até as tradições manifestas de uma ou mais invasões de grande importancia. Os srs. Capello e Ivens dizem-nos, que na margem do Cuango, habitavem os ma-quioco e ma-songo, antes de ahi chegarem os ban-gala. Já em outro logar indicámos vagas relações entre os ma-quioco e jaccas. Talvez uns e outros representem os resultados de uma invasão remota: talvez a dos Jagas ferozes, que invadiram o Congo e a que acudiu D. João II, que conseguiu libertar o imperio. Como os Jaccas, nome que lhes dão os exploradores portuguezes, os ma-quioco são caçadores, pescadores e pouco agricultores: uns e

outros parecem ter vindo da Lunda; andam quasi nus, tem penteados originaes e diversissimos.

Os exploradores, cujas observações interessantes temos tantas vezes citado, notam que, tanto sob o ponto de vista physico como intellectual, os guanguelles e ma-quioco apresentam um typo superior, em relação ás tribus visinhas, sobretudo para o lado do mar: accrescentam mais que os *bienos, ganguelles, quiocos, etc.*, apresentam entre si traços geraes, que se podem resumir no seguinte: «Esqueleto des-«envolvido, ossos proeminentes, musculos fortes, «curvatura pronunciada da columna vertebral logo «acima da bacia, craneo dolichocephalo, chato dos «lados, arqueado no frontal, dentes obliquos exce-«dendo os superiores, a côr da pelle variando do «preto ao bronzeado escuro.» Em vista d'estas observações não pode ficar duvida de termos aqui os vestigios claros de uma emigração do nordeste, que abrangeu em grande extensão a vasta região que estamos estudando.

Parece-nos egualmente claro que uma segunda invasão se deu posteriormente n'esta região, como observam os exploradores Capello e Ivens, onde primeiramente habitavam os ma-quioco e ma-songo e dominam agora os ban-gala: isto foi o resultado de uma invasão.

Os Ban-gala são bellicosos e turbulentos; muito dados a litigios por tudo e, particularmente, por sup-

postas feitiçarias, em que muito creem. São os Bangala indolentes, e as mulheres são as que cuidam da casa e trabalham quasi exclusivamente nos campos: os homens, porém, gostam das viagens e são os intermediarios do commercio do interior. Em quasi tudo e, especialmente, na sua intervenção no commercio interior, se parecem estes povos com os ba-yanzi do alto Congo.

Não dando ás lendas indigenas maior importancia do que ellas na realidade merecem, comtudo não se pode deixar de lhe ligar certo interesse: n'este caso conservam os povos d'esta região vagas noticias, que parecem ligar entre si a historia de toda ella: o que está em harmonia com a analogia dos usos e costumes, que se notam entre esses povos.

N'Dumba Tembo, importante regulo de Quioco, contou aos nossos exploradores, a seguinte lenda:

«Ouvi contar a meus avós, que toda esta terra «que se estende ao longo do Coango, de cá e de lá, «era n'outro tempo pouco povoada. Existia já o po«deroso governo dos lundas e tambem uma mulher «na mesma Lunda, denominada Tembo ou Luco«quessa, que tinha tres filhos chamados N'Dumba «Tembo, Musumbo-Tembo e Cassanje-Tembo, ca«çadores notaveis, possuindo grandes partidas de «gente, com que vagueavam pelo sertão, perseguin«do e matando os animaes que viam no caminho.

«Questões serias, porém, com o chefe do estado,

«deram em resultado a perseguição dos tres caça-
«dores, fugindo elles para oeste, com grandes tro-
«ços de gente, na intenção de ahi se estabelecerem.
«Abandonaram, pois, a Lunda, e, avançando para
«a margem do Cuango, conquistaram os povos que
«por alli se achavam dispersos, dividindo as terras
«entre si pela fórma que vou indicar.

«N'Dumba-Tembo tomou para si o T'chiboco
«(Quioco), tendo por limites ao sul o Cassai, pro-
«ximamente, ao oeste o Jombo, ao norte o Mieji, ao
«poente o Cuansa e o Luce por leste; Musumbo-
«Tembo tomou o Songo, isto é, a terra que fica en-
«tre o Cuando e Tala-Mugongo até ao Cuije; Cas-
«sanje-Tembo escolheu para si as terras que no
«norte se estendem entre o Cu-ango e Tala-Mogon-
«go, sob a denominação de Quembo, Songo e Holo,
«passando a chamar-se *jagga* d'ellas.

«Nas melhores condições com os povos avassal-
«lados, começaram as suas relações, casando com
«os filhos d'estes, e organisando emfim os estados
«que hoje conheceis.

«Continuando as conquistas para o oeste, esta-
«beleceram diversos ramos, como o do Bié, que pa-
«rece ser originario de Muzumbo-Tembo, cuja fi-
«lha ou neta se relacionou com um monarcha do sul,
«dando como resultado os guanguellas, biénos, bai-
«lundos, que assim, naturalmente, pouco a pouco,
«conquistaram as terras em que se acham.

«Avançando ao longo do Cassai, estabelecemo-«nos até Catende, ainda a mim subordinado, e para «o norte até Muene Cantala, a quem ha pouco fiz «guerra.

«Os ma-quiocos de leste são conhecidos por ma-«cosa e cobrem toda a região entre Cu-ango e Cas-«sai.

«Os habitos de caçadores sempre nos ficaram, e «são ainda os ma-quiocos aquelles que até mais «longe perseguem o *n'jamba.*»

Outra tradição, contada aos exploradores por estas regiões, completa a anterior, Cha-N'Ganji, o narrador. disse assim:

«Muzumbo-Tembo, pae de Mutu-N'Zamba e de «Cahandi (mulher) veio do norte e conquistou es-«tas terras, estabelecendo a sua habitação nas mar-«gens do rio Muiji, affluente do Lu-ando.

«Mutu-N'Zamba foi pae de N'Bomba e de Ca-«nôe, constituindo aquelle a linha directa do Songo «até mim, que sou neto de N'Bomba e como tal go-«vernador do Songo e Huamba, e não Canôe e seus «descendentes, apenas usurpadores.

«A senzala de meu avô era em Bingombe, junto «á lagoa Cu-ié. A minha no Lu-ando, junto ao «N'Gando.

«Da nossa familia sairam os ca-jaggas, que go-«vernam o Bihe...

«Cahandi, filha de Muzumbo-Tembo, foi mulher

«de Jambi, e mãe de Cangombe resgatado pelos «portuguezes, estando em Loanda.»

Ao acabar o seculo XVI era muito forte o soba da Cassange, que parecia ser o mais poderoso de todos elles, como conta Cadornega. Havia alli muitos Muatas que reconheciam Cassange como cabeça e senhor; a vida d'aquelle gentio era a guerra e a conquista, era gente «feroz e carniceira.» As terras e senhorios do potentado de Cassange estendiam-se «algumas trezentas leguas pelo sertão den«tro, e comprehendiam as provincias do Umba e «Quitaxida;» possuia, de mais, metade dos sobas do Bombo; tinha tambem a provincia dos Guanguellas e a dos Songos e parte dos Quinbundos. Nota, Cadornega, que «cada um d'estes gentios era de di«versa lingua» o que confirma o facto de successivas conquistas e migrações n'este vasto territorio. As conquistas do potentado de Cassange estenderam-se para além do Cunene, onde sujeitou «o po«tentado de Muzumbo Acalunda.»

Estas lendas e os factos narrados por Cadornega mostram bem a existencia de uma poderosa invasão vinda da Lunda, ou pela Lunda, ás regiões de leste de Angola e talvez do Congo, provavelmente no seculo XVI.

Juntamos a estes mais alguns argumentos, que não deixam de ter valor. O que os srs. Capello e Ivens dizem do Bihe, parte notavel da região dos

Quinbundas descripta por Magyar, chama logo a nossa attenção. Como se devia prever, «os habitan-«tes do Bihe não devem, rigorosamente, considerar-«se como uma raça distincta, de traços caracteris-«ticos, pelos quaes possam desde logo notar-se.» Difficil é tambem a questão da sua origem, accrescentam ainda os exploradores, como acontece, pela falta da historia, em toda a Africa meridional. As tradições dos bihenos «tendem a mostrar que, *ori-«ginarios do norte,* vieram d'essas extensas regiões «invadir o sul... Poderá pois concluir-se, com to-«da a reserva, que os babié occupam este sertão de «recente data: que, vindos do norte, descendem na-«turalmente d'esses invasores, tão fallados no inte-«rior d'Africa, que, em conquistas successivas, che-«garam até ao paiz conhecido na costa pelo nome «de Nano.»

«Os ba-nano, accrescentam, parecem provir dos «ba-lundos e abranger a maior parte dos povos do «sudoeste.»

O biheno é «alto, delgado, secco, de cabeça am-«pla, fronte espaçosa e não muito deprimida, nariz «achatado, rosto largo, ponteagudo na barba, arca-«das zygomaticas pouco proeminentes.... As mu-«lheres são relativamente mais activas... ostentam «fórmas pouco feminis... A mulher é considerada «como verdadeira mercadoria...

«A idolatria brutal, ou melhor o cego fetichismo,

«resumem as idéas religiosas dos povos d'estas re-
«giões...

«Entre os bin-bundo, supersticiosos e ignorantes,
«o *quilulo n'sandi* (espirito mau) é o primeiro repre-
«sentante da grande cohorte, de que ouvimos fallar
«com profundo terror.»

É curioso lembrar que, fallando d'estes mesmos povos (Quimbundos), Magyar dizia que elles creem na existencia dos *Quilulu-Sandis*, que são os bons espiritos.

Os bihenos são, como os outros povos d'estas regiões, os agentes do commercio com os sertões do interior. Como conquistadores chamaram a si todo o commercio, que é a sua industria principal.

O que os srs. Capello e Ivens nos dizem dos povos de Cassange é mais uma confirmação do que fica indicado.

Estes povos, os ban-galas, são em extremo ambiciosos e querem ser, e são «os unicos media-
«neiros entre os negociantes e os sertões longin-
«quos.»

São enthusiastas pelas viagens, andam sempre em movimento, e suppõem-se «o povo mais impor-
«tante do interior.»

O man-gala é bellicoso e demandista, como já dissemos.

Recordaremos ainda — para terminar — o que os exploradores portuguezes dizem dos sertões do inte-

or, dos povos de Lunda; vasto imperio cujo chefe ıpremo é o Muata-Ianvo.

Estes povos tiveram, conforme suppõem com ra-io os exploradores, origem na região lacustre do ɔrte. «Já no seculo XVII existia o imperio Muropôe, que deu origem ao Cazembe.»

«Os indigenas da Lunda são trataveis mas pouco doceis; altos, esbeltos, desenvolvidos, possuindo muitos d'elles alguma barba, o que não é vulgar para o sul, habituados a longas viagens nas suas terras, propensos á caça.»

Esta noticia, parece-nos, dá clara idéa das rela-ɔes que entre si ligam as ultimas migrações, que eram perturbar o equilibrio das povoações na Afri-ı occidental.

Temos que lembrar, por ultimo, as tribus que ıbitam a parte meridional de Angola e que tem, ·identemente pelo que dizem os viajantes, uma ori-ɜm mixta, fructo do cruzamento das raças do norte ɔm as raças do typo hottentote, hoje reunidas no ıl.

«Os ba-cuisso, os ba-cuando, os ba-ximbo, di-ɜem os exploradores Capello e Ivens, teem um as-ɔecto differente, que os approxima do typo hotten-ote.»

XIII

Não pode haver duvida, depois do que fica dito, que o dominio portuguez na Africa occidental está ha largos annos em contacto com povos de muitas raças differentes, e que em todas tem exercido uma acção, mais ou menos profunda, mas em geral benefica.

Em quanto durou o imperio do Congo, as suas relações com o governo portuguez foram as mais estreitas. De Portugal foram para o Congo embaixadas, missionarios, officiaes mechanicos, exercitos, e de lá vieram a Portugal filhos dos reis e dos potentados a educar nas nossas escolas. A propagação do christianismo fez-se alli com muito fructo, a lingua portugueza vulgarisou-se e vulgarisaram-se os nossos usos e costumes. Depois, o imperio entrou em decadencia: as guerras civis multiplicaram-se: os abusos, no seio da desordem, cresceram e tomaram vulto: e com a queda do Congo atenuou-se a influencia portugueza, talvez a maior que uma po-

tencia qualquer européa e christã tem exercido n'um imperio negro. Comtudo ficaram profundos vestigios d'esse poder que exercemos nas regiões do Congo. Ainda hoje os chefes do Congo mandam pedir á colonia portugueza quem lhes consagre os actos mais graves da sua vida politica; o que nem sempre sabemos aproveitar convenientemente. Nos povos de tal região são ainda os portuguezes aquelles cujo dominio é melhor e mais facilmente recebido.

Em fevereiro d'este anno, dizia na Sociedade das Artes o sr. Johnston, referindo se á tomada de Landana pelos portuguezes. «Landana está situa-«da proximo da embocadura do rio Chiloango, im-«portante caminho para o interior. Landana fica a «cem milhas da foz do Congo, mas recebe grande «parte do commercio do Congo, que segue do alto «Chiloango. É um logar rico, com quatro ou cinco «grandes estabelecimentos commerciaes, uma mis-«são catholica florescente, uma egreja e medico. É, «de facto, uma colonia em boas condições, *na posse «da qual os portuguezes entraram sem nenhuma ra-«zão particular a não ser a de os preferirem aos fran-«cezes.*»

O sr. Johnston attribue esta preferencia á influencia do seu governo, mas sem interesse algum.

Quando as conquistas portuguezas começaram em Angola, o desenvolvimento da cultura acompanhou as nossas armas. Cadornega, nos fins do se-

culo XVII, descreve os numerosos animaes, as abundantes e variadas culturas que a nosso presença havia, em poucos annos, feito surgir do arido sertão.

Em poucos annos o povo de Cazengo. antes «bra«vio, quasi sem industria nem commercio» tornou-se um povo cultivador e commerciante; em consequencia da acção benefica e civilisadora que sobre elle exerceu o dominio portuguez.

Nenhuma nação europèa levou mais longe pelo sertão africano a sua influencia civilisadora, nem exerceu efficazmente essa influencia em maior numero de raças e raças mais selvagens.

Pouco depois da invasão dos Jaggas tinhamos feito d'elles nossos alliados, tinhamos minorado, se não de todo extincto, os seus usos barbaros, os seus ritos sanguinarios, os seus ferozes habitos de canibalismo. O jagga de Cassange, no tempo de Cadornega, era *Quiambolo* do rei de Portugal, o que vale o mesmo que ser capitão geral—que d'isto se presou sempre elle, e *seus antepassados*. Tinha junto de si capitão mór, com seus officiaes e capellão.

Por toda a parte aonde levavamos o nosso dominio introduziamos um agente da justiça, para regular os *mocanos* ou pleitos gentilicos, minorando-lhes as crueldades, modificando-lhes as injustiças.

Estes factos importantissimos e que os povos civilisados não teem modernamente excedido, nem sequer egualado, são esquecidos por aquelles que gros-

seiramente injuriam o nome portuguez. A philantropia sentimental julga-se obrigada a injuriar os que lhe não lisongeiam as vaidades: precisam dizer mal dos outros, para se suppor que fizeram alguma coisa util, que os pobres mortaes não são capazes de entender nem sequer sabem admirar. A philantropia sincera, mesmo quando toca as raias do absurdo, é respeitavel: quando porém a philantropia é mera hypocrisia, para esconder sordidos interesses e uma inveja mesquinha, então é desprezivel e deshonra os homens e as nações. A gratidão não é só um dever dos homens honestos; é um dever tambem das nações civilisadas. Portugal tem direito á gratidão das nações civilisadas, pelos seus feitos passados; tem direito á justiça de todos, para que lhe não attribuam erros que não commetteu e que, por indole e tradição, é incapaz de commetter.

Accusaram-nos de manter a escravidão, quando todos os povos da Europa a faziam; accusaram-nos de praticar o trafico, quando os estrangeiros, principalmente, iam com os seus navios ou com os seus capitaes provocal-o clandestinamente nas nossas colonias. Os inimigos do trafico e da escravidão levam-nos a mal, depois da abolição, que estabelecessemos o aprendizado dos negros, systema altamente racional e pratico, cujos resultados o sr. Johnston indica n'uma simples phrase. «O methodo «portuguez, diz este escriptor no livro sobre o Con-

«go muitas vezes citado, do aprendizado estabele-
«cido pelo governo é bastante livre de abusos, e
«poderia dar bons resultados no Congo» onde *existe a escravidão* e não o trafico, *graças á vigilancia dos cruzeiros britannicos.*

Estamos persuadidos de que é necessario crear os habitos e as faculdades de trabalhar nos negros, e n'isso estamos de accordo com um escriptor africano citado por Burton e Cameron na sua ultima obra sobre a costa do Ouro. «As leis do tra-
«balho, dizem esses escriptores, estariam fóra de lo-
«gar em Inglaterra, mas na Serra Leoa haveriam
«salvado a população inteira de se fiar na attracção
«de um negocio pequeno e desmoralisador; ter-nos-
«hiam salvo de ver aldeias em ruinas e um povo
«que se torna de dia para dia menos capaz de su-
«portar o pesado trabalho da industria agricola. Pe-
«gar n'uma enxada é hoje uma desgraça, os homens
«perderam a sua virilidade para se tornarem fidal-
«gos.»

A Serra Leoa foi o campo de experiencia dos philantropistas sentimentaes e o resultado das liberdades excessivas dadas aos negros foi, segundo dizem Burton e Cameron, fazer dos cidadãos d'aquelle paiz «o horror dos Europeus da costa occidental.

Para responder ás accusações, tão infundadas quanto injustas e estupidas, feitas a Portugal pelos que se julgam modelos de philanthropia ou simu-

lam sel-o para occultar os seus sentimentos pouco nobres, citaremos as palavras do sr. Johnston na conferencia da *Sociedade das Artes,* a que anteriormente nos referimos.

«Em primeiro logar, ainda que os portuguezes «não possam offerecer o mesmo espectaculo gran-«dioso de força colonisadora que a Inglaterra, nem «o genio organisador da França e Hollanda, com «tudo, sou grandemente de opinião que a colonisa-«ção portugueza deve preferir-se á condição primi-«tiva de um paiz selvagem, governado por si mes-«mo. A qualquer parte que os portuguezes chegam «elles, por fim, abrem caminhos, dessecam pantanos, «melhoram rios, e levantam cidades. Em suas co-«lonias o viajante pode transitar com sufficiente tran-«quilidade, seguro, de mais, de achar uma hospita-«lidade sem limites nos amaveis lusitanos. Eu vou «mesmo tão longe que supponho, por vezes, que os «portuguezes são mais intelligentes nas suas rela-«ções com as raças indigenas do que os francezes «ou inglezes. Os francezes estão dispostos a ser «crueis e os inglezes sentimentaes: uns brutalisam «os indigenas, os outros tornam-n'os insuportaveis «de orgulho. Por outro lado, na colonia moderna «portugueza, os indigenas consideram o branco com «respeito, e, ao mesmo tempo, com carinhosa bene-«volencia. Um dos mais injustificaveis erros em In-

«glaterra é accusar os portuguezes de crueldade «com os indigenas; elles estão, pelo contrario, dis- «postos a ser quasi sempre demasiado brandos no «tratamento que dão ás raças negras, que reque- «rem para o seu proprio desenvolvimento e gover- «nação regras firmes e vigorosas. Os portuguezes «em contraste com os Boers, «são anjos de luz» e «são tão amados pelos indigenas do sudoeste da «Africa quanto são odiados os hollandezes domina- «dores. A opinião (ingleza) não faz justiça aos por- «tuguezes no que respeita ás suas relações com as «raças africanas. Despresam o excellente e judicioso «systema do aprendisado pelo governo como se fôra «a escravidão.

«Em toda a parte em que os portuguezes real- «mente dominam, a escravidão não é já praticada, «mas um systema regular de aprendizado está em «voga, o que muitos suppõem ser a mesma coisa. «Alguem ha de cultivar a terra e, deixando-o a si «proprio, o negro preferirá não ser esse alguem. «Elle não quer mesmo trabalhar sem ser obrigado. «Nas tribus independentes a escravidão domestica «é universalmente praticada e, quando o paiz vem «a ser governado por uma potencia civilisada, ainda «que a escravidão deva ser justamente, em princi- «pio, abolida, algum systema de trabalho forçado «deve inventar-se e substituil-a. E a idéa portu- «gueza do aprendisado, sob as vistas do governo,

dos menores, com consentimento dos parentes e dos indigentes que pedem soccorros, em todo o caso, satisfaz actualmente, a terrivel falta de trabalho manual.

«De mais, muita gente em Inglaterra accusa os portuguezes de conservarem os seus subditos negros em total ignorancia. Estes criticos, injustos e petulantes, ficariam surprehendidos de encontrar, a 500 milhas da costa, indigenas ensinados nas escolas portuguezas e que podem ler e escrever correctamente em portuguez. É para admirar, o ver quantos negros de puro sangue tem logar na administração da Africa portugueza. *De mais, sob a lei portugueza, todos os homens são eguaes. Os graus de côr não se traduzem em castas sociaes, o sangue negro não é despresado. Se eu fosse negro preferiria infinitamente o ser subdito portuguez a sel-o d'outra qualquer nação.* Que o dominio portuguez é aceitavel aos africanos, mostra-«se pelas quasi nominaes guarnições com as quaes «se conservam vastas possessões; pela ausencia de «revoltas e perturbações; pelo facto do exercito, «que defende estes paizes da desordem, ser auto-«chthono, e composto dos indigenas do proprio «solo.»

Não para defender os nossos direitos nem pugnar pelos nossos interesses, o sr. Johnston, via-

jante illustre, julgou dever combater os preconceitos absurdos e injuriosos dos seus concidadãos; obedecendo assim aos impulsos da probidade e á força da verdade, que se impõe aos que a conhecem e não tem o espirito obscurecido pelo fanatismo, seja qual for a sua natureza e a sua origem.

A CIVILISAÇÃO AFRICANA

PARTE IV

(REFLEXÕES ECONOMICAS E ADMINISTRATIVAS)

A CIVILISAÇÃO AFRICANA

(REFLEXÕES ECONOMICAS E ADMINISTRATIVAS)

I

Tiveram origem n'um pensamento nobre, glorioso, os descobrimentos portuguezes. A navegação moderna era uma arte incipiente, timorata, cercada de difficuldades, privada dos principaes e mais seguros meios de acção, cercada de trevas, sem guia e quasi sem norte. O mundo era desconhecido em grande parte e apenas algumas noticias, desconnexas e incorrectas, contribuiam para tornar mais obscuro o que d'elle se sabia e para tornar mais vivos os desejos de o conhecer. Os mares eram um mysterio *tenebroso,* cheio de terrores, que se perdiam na obscuridade. O problema, o grande problema da geographia da terra, estava inteiramente para resolver, quando o infante D. Henrique, do alto do promontorio Sacro, emprehendeu a navegação ousada

da costa da Africa e sonhou dobrar um fantasiado Cabo da Boa Esperança, para abrir ao mundo o caminho da velha India atravez dos mares.

As navegações portuguezas foram uma empreza nacional, encaminhada por um alto pensamento. Quando os monarchas legavam uns aos outros a corôa, legavam tambem a obrigação de descobrir novas regiões e de levar, com o nome portuguez, a religião catholica aos mais remotos confins da terra.

Mais tarde outras nações seguiram, na vastidão dos mares, os caminhos que lhes haviamos traçado: mas o seu pensamento exclusivo era o commercio e o seu meio de acção as companhias poderosas ou os aventureiros ousados. O espirito do lucro não tardou em generalisar-se; e as conquistas portuguezas assumiram o mesmo caracter. A competencia dos povos estabeleceu-se por toda a parte; a luta travou-se entre os interesses rivaes; e d'ahi veiu a guerra dos exclusivos commerciaes, o embate violento dos monopolios.

Á medida que se descobriam novas terras e novos mares, iam-se creando exclusivos e buscando afugentar, com as mais rigorosas prescripções, as ameaças mais violentas, a concorrencia para assegurar a posse. A principio e por pouco tempo pôde-se isto conseguir, depois foi preciso enviar armadas, recorrer ás reclamações diplomaticas, em-

pregar todos os meios para conseguir afastar os rivaes: tudo inutilmente. O interesse tinha maior poder do que a politica e um supposto direito: o interesse fez-se guerreiro ousado: as companhias de commercio mandaram expedições em todos os mares, armaram navios, levantaram castellos, acharam nos seus respectivos governos apoio e tomaram um caracter de quasi independencia e de livre acção internacional.

A historia do celebre castello de S. Jorge da Mina e dos ataques e reclamações a que deu origem a cubiça do oiro, não é mais do que uma manifestação completa das opiniões que dominavam no espirito da Europa, logo depois da primeira phase dos descobrimentos. As ordenações de D. Manuel traduzem em preceitos legaes as falsas idéas economicas dos seculos passados, que tão caras nos tem custado e que tanto nos prejudicam ainda.

El-rei D. Manuel, de accordo com as ordenações feitas pelos reis D. Affonso e D. João seus predecessores, ordenou que pessoa alguma fosse nem mandasse navios aos mares de Guiné e das outras conquistas portuguezas, nem podesse «tratar, «resgatar, nem guerrear sem licença real» sob pena de morte e perda de bens para os que não obdecessem. Estas mesmas penas seriam applicadas áquelles «que fossem achados nos mares e marcas das «ditas partes, posto que outra coisa não fizessem,

«nem lhe fosse provado, salvo serem nos ditos ma-
«res e marcas d'elles achados.» Multiplicam as Ordenações Manuelinas as prohibições sobre o commercio de mercadorias mandadas ás conquistas por nacionaes ou estrangeiros. Entre outras coisas dizem as ordenações: «Defendemos que toda a pes-
«soa de qualquer qualidade e condição que seja,
«assi estrangeiro, como natural, nom seja tão ou-
«sado, que tenha, ou possua, ou traute n'estes Nos-
«sos Regnos ou de fora pera elles, ou d'elles pera
«fora, conchas, coriis, contas pardas, ou das outras,
«que na Mina valem, ou ao diante valerem, que
«de Guiné vem, ou lambeis, sob pena, de ser pu-
«bricamente açoutado...» N'outro logar, tratando do commercio da India, prohibem as mesmas ordenações o commercio «de especiarias, drogarias ou outra mercadoria de lã... mantimentos...» Ás prohibições commerciaes juntam-se as de servirem os pilotos, mestres, marinheiros, etc., nas armadas estrangeiras «porque teem em nossos reinos em que
«ganhar suas vidas em nossas armadas e navega-
«ções.» O que dito fica mostra bem a natureza da legislação no primeiro tempo dos descobrimentos e difine as idéas economicas dominantes.

Ao passo que se alargaram as conquistas nas terras e nos mares, iam estas sendo consideradas como parte integrante da monarchia, e creando-se monopolios e defendendo-se os exclusivos com todo

o poder das armas portuguezas. Mas, á medida que os dominios se ampliavam, enfraqueciam-se as forças, e tornava-se impossivel uma defeza eficaz contra o interesse universal, que não podia supportar que os monopolios absorvessem o mundo ao nascente e ao poente.

A este absurdo estado do commercio nas novas regiões juntou-se, pela mesma época, outro motivo poderoso que suscitou a Portugal e a Hespanha, primeiro separados e posteriormente reunidos sob o sceptro de Philippe II, rivaes energicos e perigosos: foi esta a reforma religiosa, a que o rei catholico declarou uma guerra de exterminio. N'esta época, os hollandezes haviam monopolisado a maior parte da industria dos transportes maritimos na Europa: no reinado de Carlos II de Inglaterra, calculava-se em dois milhões de toneladas a capacidade de todos os navios mercantes da Europa, e d'estas 800000 toneladas pertenciam ás Provincias Unidas. Esta exuberancia da industria dos transportes na Hollanda assombrava todos os povos navegadores da Europa. A Inglaterra oppoz-lhe mais tarde as celebres leis de navegação de 1651; e obrigou as suas colonias a usarem, para o transporte, de navios inglezes. A Hespanha, levada pelas razões apontadas, suscitou obstaculos ao commercio maritimo dos hollandezes: ao passo que quebrava as suas relações de amisade com a Inglaterra.

A cadeia de ferro, em que buscamos fixar o commercio das nossas provincias do ultramar, não tardou em quebrar-se por toda a parte: e a guerra aos nossos monopolios tornou-se geral, quando as hostilidades politicas e religiosas contra a Hespanha se juntaram ás hostilidades contra os monopolios. Drake ía, em 1577, inquietar os hespanhoes na America: Cavendish levava o pavilhão inglez ás Mulucas, poucos annos depois. Os hollandezes, pelo mesmo tempo, encaminharam as suas navegações em busca da passagem do nordeste para contrapor ao caminho á India pelo Cabo da Boa Esperança, mas sem resultado; em 1596, porém, dobraram o Cabo da Boa Esperança e foram percorrer o archipelago indico. Depois de se formarem varias companhias conseguiram, no principio do seculo XVII, constituir a celebre Companhia Geral das Indias orientaes, com privilegio de celebrar tratados, construir fortes e estabelecer governo. Em 1609 nomeou a Companhia o seu primeiro governador geral, e poucos annos depois fundou Batavia e proseguiu nas suas conquistas sobre as vastas possessões portuguezas, até quasi ao fim do seculo, quando celebrou a paz com Portugal, que havia recobrado a sua independencia em 1640.

As antigas colonias inglezas tiveram, proximamente, a mesma origem. No livro de Merival sobre a *Colonisação* diz-se: «Geralmente fallando as an-

«tigas colonias de Inglaterra foram fundadas por «aventureiros á sua propria custa e risco. O solo «era commummente confiado a proprietarios, quer «dizer, eram vendidas provincias inteiras no conti-«nente, ilhas no oceano, a individuos poderosos ou «a companhias empresarias e por estas arrendadas «a emigrantes, de ordinario por uma pensão.»

A companhia da Indias ingleza foi modelada pela companhia hollandeza: «ainda que, diz Heeren da «companhia hollandeza, opprimida por fim de con-«tas pelos males dos monopolios, conservou-se com-«tudo, menos por causa da sua vastidão do que pela «proheminencia da sua prosperidade, um pheno-«meno sem egual, que só podia existir n'uma nação «que chegando á maior riqueza sabe não sacrificar «ao luxo.» Todos conhecem a historia da companhia ingleza da India e conhecem a sua grandeza, a sua riqueza, o seu poder sem rival: todos porém conhecem egualmente os vicios que a devoraram, as prepotencias que praticou, e as causas que produziram a sua final extincção.

As colonias francezas tiveram origem semelhante, em grande parte, ás colonias de que anteriormente nos occupamos. A colonia do Canada esteve sob a direcção de uma companhia de 1663 até á queda do que se chamou o *negocio do Mississipi*.

Durante este largo periodo, os francezes deram brilhantes provas do seu espirito aventuroso e da

sua energia; das habeis disposições para conciliar os selvagens e para os attrair aos seus usos e costumes, que caracterisam os povos de raça latina e que é eminente entre francezes; mas provaram tambem quanto são nocivas as companhias colonisadoras e quanto é ineficaz o systema dos monopolios. Leroy-Beaulieu diz, fallando do Canada, no seu livro da *Colonisação:*

«O illustre Champlain, que se havia occupado «com alto espirito da colonisação do Canada, não «cessava de protestar contra a acanhada e injusta «politica das companhias. Alguns raros espiritos, «dotados de um senso pratico notavel para a época, «entreviam tambem e proclamavam os defeitos do «systema: «Teve-se bem clara prova do que um «Estado pode esperar dos monopolistas, diz For-«bonnais: em sete annos só quarenta homens ha-«viam passado ao Canada: nenhuma especie de cul-«tura se havia desenvolvido e a companhia conten-«tava-se de commerciar com os selvagens em re-«lação com os seus capitaes, em ter n'um dos seus «fortes uma guarnição tão pequena que não podia «resistir a qualquer ataque.» Vê-se que a compa-«nhia não tinha abusado do direito exorbitante de «transportar á força para o Canada todos os mendi-«gos e vagabundos do reino.»

Ha no espirito publico em França uma causa permanente de grandeza, mas ao mesmo tempo de

ro e de fraqueza: é a facilidade com que deixa rastar-se por uma idéa, com que deixa engodar- por uma novidade e põe n'ella cegamente todos suas esperanças. As prosperidades da companhia llandeza das Indias orientaes exerceram poderosa scinação no espiritó francez, como o haviam feito ı outras nações. A França persuadiu-se, como diz roy-Beaulieu, que a fundação de grandes com- nhias com monopolios era o meio seguro de rea- ar grandes emprezas, e, durante «seculo e meio, seu commercio externo foi encerrado no estreito uadro das corporações privilegiadas.»

As companhias, ao passo que abusavam dos mo- polios que lhes eram concedidos e expoliavam m a acre avidez do interesse os paizes que lhes iam nas mãos, gosavam de uma liberdade de ac- o quasi illimitada, porque não obedeciam aos pre- itos de justiça e de moral, que o di eito interna- onal impõe ás nações constituidas. Por estes mo- vos tivemos nós, os portuguezes, muito que sof- er nas nossas possessões ultramarinas da acção esordenada de companhias poderosas, que empre- avam mais o procedimento de verdadeiros piratas o que o de corporações bem organisadas e sujei- ıs aos grandes principios do direito.

sua energia; das habeis disposições para conciliar os selvagens e para os attrair aos seus usos e costumes, que caracterisam os povos de raça latina e que é eminente entre francezes; mas provaram tambem quanto são nocivas as companhias colonisadoras e quanto é ineficaz o systema dos monopolios. Leroy-Beaulieu diz, fallando do Canada, no seu livro da *Colonisação:*

«O illustre Champlain, que se havia occupado «com alto espirito da colonisação do Canada, não «cessava de protestar contra a acanhada e injusta «politica das companhias. Alguns raros espiritos, «dotados de um senso pratico notavel para a época, «entreviam tambem e proclamavam os defeitos do «systema: «Teve-se bem clara prova do que um «Estado pode esperar dos monopolistas, diz For-«bonnais: em sete annos só quarenta homens ha-«viam passado ao Canada: nenhuma especie de cul-«tura se havia desenvolvido e a companhia conten-«tava-se de commerciar com os selvagens em re-«lação com os seus capitaes, em ter n'um dos seus «fortes uma guarnição tão pequena que não podia «resistir a qualquer ataque.» Vê-se que a compa-«nhia não tinha abusado do direito exorbitante de «transportar á força para o Canada todos os mendi-«gos e vagabundos do reino.»

Ha no espirito publico em França uma causa permanente de grandeza, mas ao mesmo tempo de

erro e de fraqueza: é a facilidade com que deixa arrastar-se por uma idéa, com que deixa engodar-se por uma novidade e põe n'ella cegamente todos as suas esperanças. As prosperidades da companhia hollandeza das Indias orientaes exerceram poderosa fascinação no espiritó francez, como o haviam feito em outras nações. A França persuadiu-se, como diz Leroy-Beaulieu, que a fundação de grandes companhias com monopolios era o meio seguro de realisar grandes emprezas, e, durante «seculo e meio, «o seu commercio externo foi encerrado no estreito «quadro das corporações privilegiadas.»

As companhias, ao passo que abusavam dos monopolios que lhes eram concedidos e expoliavam com a acre avidez do interesse os paizes que lhes caiam nas mãos, gosavam de uma liberdade de acção quasi illimitada, porque não obedeciam aos preceitos de justiça e de moral, que o direito internacional impõe ás nações constituidas. Por estes motivos tivemos nós, os portuguezes, muito que soffrer nas nossas possessões ultramarinas da acção desordenada de companhias poderosas, que empregavam mais o procedimento de verdadeiros piratas do que o de corporações bem organisadas e sujeitas aos grandes principios do direito.

II

Salvo differenças de fórma ou de accidentes, todas as companhias coloniaes tiveram a mesma natureza, passaram pelas mesmas phases, commetteram os mesmos erros. A historia da companhia hollandeza das Indias orientaes pode tomar-se como typo de todas as outras. Nasceu esta companhia da fusão de muitas outras, que não podiam coexistir por causa da concorrencia que umas ás outras faziam: foi-lhes concedido o monopolio do commercio com as Indias, e o seu principal e seu unico interesse era o commercio, a que devia a sua existencia. Para conseguir o lucro, seu natural desideratum, a companhia faz, com os principes indigenas, contractos para conseguir os productos de maior consumo com exclusão de todos os outros commerciantes. D'aqui resultaram complicações, luctas em defeza dos monopolios, guerras com os indigenas, intervenções nas guerras de principes rivaes; do que nasceu ser a companhia obrigada a adquirir a pos-

se de territorios, a constituir verdadeiros estados, e a assumir poderes soberanos. Como porém o fim era sempre o mesmo, o lucro commercial, todos os actos politicos d'esta como das outras companhias, resentem-se d'isso. O interesse dos povos conquistados era tratado com a maxima indifferença: a companhia das Indias não cuidava senão de absorver a maior quantidade de productos pelo mais baixo preço possivel, de afastar a concorrencia, de assegurar para si os melhores mercados.

Quando a companhia se dissolveu, em 1798, a administração publica dos Paizes-Baixos tomou conta das colonias. O systema perdeu, pouco a pouco, o seu caracter puramente mercantil e a administração mostrou interessar-se mais pelos povos indigenas, cujos chefes ou principes passaram, por assim dizer, de vassallos a verdadeiros funccionarios. De 1811 a 1816, época em que as colonias hollandezas da India oriental estiveram na posse dos inglezes, a transformação tornou-se mais acentuada e, em vez de obrigados á entrega de productos, os indigenas ficaram sujeitos ao pagamento de uma ligeira taxa. Posteriormente, feita a restauração do governo hollandez, os commissarios d'este governo hesitam no systema a seguir; ora favorecendo as industrias européas, novamente estabelecidas, com detrimento da agricultura indigena; ora seguindo caminho inteiramente opposto; ora dando força á ac-

ção da propria administração, com perigo d'um e d'outro dos systemas anteriores.

Este ultimo modo de ver, que era, por assim dizer, uma nova phase do velho principio dos exclusivos em favor dos possuidores das colonias, deu origem ao estabelecimento do singular *systema das culturas*. Era este fundado na obrigação imposta aos indigenas de reservarem parte das suas terras, a fim de cultivarem certos productos destinados aos mercados da Europa, devendo entregar esses productos ao governo mediante uma pequena compensação pecuniaria. Este systema esteve em exercicio conjunctamente com o pagamento do imposto estabelecido anteriormente.

Desde 1833, quasi todos os productos para commercio e, durante algum tempo todos esses productos, foram enviados para a Hollanda, consignados ao ministerio das colonias, e vendidos por intermedio da Sociedade Neerlandeza.

Até 1850 este processo reinou absolutamente com sacrificio de toda a iniciativa particular. De 1860 em diante foram acabando successivamente as culturas obrigatorias, algumas das quaes davam perda, até que ficaram só duas — o café e o assucar: uma das quaes, a do assucar, deve acabar dentro de seis annos.

O café é ainda, pela maior parte, remettido para os Paizes-Baixos onde é vendido: sendo o produ-

cto applicado aos serviços da India, cujo orçamento ha muitos annos não dá excesso de receita para a metropole, principalmente pelo desenvolvimento que tem tido as obras publicas.

Esta rapida historia da Companhia Hollandeza das Indias Orientaes, uma das mais poderosas e mais duradouras, mostra-nos bem claramente os defeitos de instituição d'esta natureza, e as phases porque passa a sua transformação até ao definitivo estabelecimento do governo. Este hoje não pode ter um caracter de especulação, de exclusivo, de egoismo; tem de occupar-se das povoações indigenas, tem de lhes levar a liberdade, a civilisação, o sentimento e o uso da iniciativa e da independencia individual. São estas as consequencias necessarias da transformação por que tem passado o espirito politico e a civilisação nas sociedades modernas. Antigamente a unica ambição dos governos era regular o commercio das colonias, directa ou indirectamente: e com esse fim cercavam-no de restricções e guardavam-no com a vigilancia a mais ciosa. Hoje as idéas mudaram, e a maneira de comprehender os verdadeiros interesses do estado é outra. As barreiras vão successivamente caindo e algumas já de todo cairam, nos estados que teem melhor comprehensão dos seus interesses: os povos indigenas nas colonias são a preoccupação dos governos, que buscam trazel-os ao convivio da civilisação, não por

uma philantrophia sentimental e ridicula, em que se esconde um orgulho de raça tão estupido como offensivo, mas pelo convivio intimo de homens com homens, pelo sentimento civilisador da egualdade das raças diante das leis eternas da natureza, que permittem e preparam a sua transformação e successivo aperfeiçoamento.

Com mais ephemera duração e vida menos prospera as companhias francezas tiveram uma existencia, mais ou menos, semelhante á da companhia hollandeza que tomamos como typo. A partir de 1635, as colonias francezas foram entregues a companhias e administradas por governadores geraes nomeados pelo rei, que não podiam entremetter-se nas questões de commercio e em distribuições de terrenos. Como se devia esperar, os conflictos entre as companhias e os governadores levaram, no fim do seculo XVII, ao estabelecimento de um governo puramente real. Ao lado de cada governador foi creado um *intendente*, para se occupar da administração e, mais tarde, foram instituidas assembléas coloniaes, que podiam promulgar decretos que careciam da sancção do governador.

Com varias alterações, chegaram as colonias a 1830, época em que, por uma lei (de 1833), lhes foram concedidas maiores liberdades e, principalmente, as liberdades municipaes.

O anno de 1848 viu a abolição da escravidão e

deu ás colonias o direito de se fazerem representar no parlamento. Em 1866 foi modificado o systema commercial, que até alli reservava á França o direito exclusivo de abastecer as colonias das mercadorias de que necessitavam e obrigava estas a vender á metropole os seus productos. Os transportes entre uma e outras eram reservados aos navios francezes. Lançando os olhos para as differentes colonias de França, achamos os direitos das alfandegas supprimidos; tirando-se aos productos francezes o favor de que gosavam no mercado colonial; substituindo-se aos direitos aduaneiros os direitos de barreira de mar, que recae sobre todas as mercadorias indistinctamente, e cujo producto é applicavel aos municipios e constitue uma das suas receitas. Os principios de perfeita liberdade commercial, pode dizer-se que estão estabelecidos em todas as colonias francezas desde 1866.

Estas colonias dividem-se em dois grupos, sob o ponto de vista administrativo.

Umas que teem instituições representativas, as quaes regulam os impostos: outras em que estas questões são reguladas pelo governador e o conselho administrativo. N'algumas d'estas, o commando e alta administração estão confiados a um governador; e funccionarios dirigem os diversos ramos da administração. Um inspector dos serviços administrativos vela pelo cumprimento das leis e regulamentos.

Um conselho privado, junto do governador, é destinado a esclarecer este com seus conselhos e a partilhar a sua responsabilidade. Conselhos geraes tem, proximamente, as mesmas attribuições dos conselhos geraes em França, e são compostos de membros eleitos. Estes conselhos geraes resolvem as questões, que interessam especialmente á colonia, votam as taxas e contribuições; deliberam nos assumptos, que interessam as relações das colonias com a metropole. Votam o orçamento. As suas sessões são publicas. Ha, além d'isto, uma commissão colonial, que corresponde ás commissões departamentaes da França, e é cada anno eleita.

N'outras colonias a administração é organisada da mesma maneira, mas sem os conselhos geraes; havendo, n'algumas d'estas, instituições municipaes, cujos delegados tomam parte nas deliberações dos conselhos de administração, quando se trata do orçamento ou de questões geraes.

A isto devemos accrescentar, que as despezas se dividem, em geral, em despezas de soberania, de administração e de protecção, pagas pelo estado; e despezas locaes, pagas pelas colonias.

Vê-se d'aqui qual tem sido, em globo, a transformação porque tem passado a administração, desde o tempo das companhias até hoje; e pode notar-se, como as liberdades de todo o genero teem ido fazendo conquistas successivas, de anno para anno.

É comtudo para notar que n'este momento o governo francez parece querer recuar na senda das liberdades commerciaes. O estabelecimento das taxas de consumo de mar *(octroi de mer)* nas colonias recaia egualmente sobre todas as mercadorias, francezas ou estrangeiras. Esta taxa era votada pelos conselhos geraes: ora o conselho geral da Guadalupa, a pedido do ministerio da marinha, acaba de votar direitos, sobrecarregando os productos de fabricação estrangeira.

III

As colonias inglezas, que a principio tiveram origem analoga ás de que anteriormente fallámos, teem soffrido successivas transformações, tendentes a ampliar as suas liberdades, a fortificar a sua independencia municipal, a crear instituições representativas, e a desembaraçar de todas as peias a sua actividade commercial. A organisação colonial ingleza não foi sempre livre de defeitos, e aquillo que a Inglaterra aconselhou aos outros não o soube ella sem-

pre seguir e explicar: preconceitos e erros de varias ordens, politicos e economicos, dominaram o espirito britannico e, antes de chegarem á verdade, passaram os inglezes por muitas das phases que elles julgam impossivel que os outros hoje atravessem.

Verdade é que a Inglaterra tem, melhor que nenhum outro paiz, aperfeiçoado as regras da boa administração colonial e estabelecido os principios, que devem presidir á organisação economica e politica dos estabelecimentos d'esta ordem: mas não se deve olvidar que o esquecimento ou desconhecimento d'essas regras e principios foi a occasião proxima da Inglaterra perder as suas colonias da America do norte. Desde os Actos de Navegação a Inglaterra quiz monopolisar o transporte das mercadorias das suas colonias: o resultado immediato d'estas medidas, a que outras da mesma natureza deram maior força, foi restringir o mercado. «Posteriormente, diz «Merival, a Inglaterra impoz altos direitos prote«ctores; chegando, em certos casos, á exclusão abso«luta dos productos estrangeiros em favor dos na«cionaes, alguns dos quaes eram tambem fornecí«dos por meio de premios. Ultimamente, para com«pletar o seu systema colonial, a Inglaterra prohi«biu ás colonias de emprehender varios ramos de «manufacturas, e sujeitaram os productos manufa«cturados estrangeiros importados nas colonias aos «mesmos direitos a que estavam sujeitos no paiz

«de procedencia... Foi assim, pouco a pouco, que «as colonias foram levadas, em relação ao seu com- «mercio e a seus negocios internos, a um governo «regular e á subordinação, em que continuaram; até «que a tentativa de reduzir a America do Norte a «uma sujeição mais completa, lançando-lhe impos- «tos sem consentimento seu, produziu a sua sepa- «ração.» Esta lição ensinou a Inglaterra a contar com as suas colonias e a dar-lhes as liberdades possiveis, conforme a sua situação.

A experiencia já havia mostrado aos inglezes que o contrabando é o grande nivelador do commercio e o adversario poderoso de todas as restricções exageradas.

Para tornar isto mais evidente citaremos ainda as palavras de Merival: «O commercio de contraban- «do, diz elle, nas colonias hespanholas tornou-se, «na primeira parte do seculo passado, o systema «mais regular e organisado d'esta natureza que o «mundo viu. A Inglaterra ensinou o caminho e os «seus progressos foram facilitados, por haver obtido, «na paz de Utrecht, o que se chamava o contracto «de *Assiento*; isto é o privilegio de fornecer de um «numero limitado de negros escravos a America «Hespanhola; porque os navios que tinham licença «para o trafico davam ainda mais proveito empre- «gados no contrabando. Os hollandezes, francezes, «e outras nações, tomaram o seu quinhão na presa.

«Jamaica e S. Domingos foram verdadeiros arma-
«zens de contrabando, d'onde era facilmente trans-
«portado para o continente; exactamente como as
«ilhas da Dinamarca e Suecia, nos ultimos tempos,
«serviram para o mesmo fim em relação á propria
«Jamaica. Buenos-Ayres elevou-se de uma estação
«insignificante a uma cidade consideravel, só por
«ser o centro do contrabando entre a Europa e o
«Peru. Os hespanhoes guardaram as suas costas com
«uma força maritima dispendiosa, e até chegaram a
«considerar o contrabando como uma offensa pu-
«nivel pela Inquisição. Mas todos esses esforços fo-
«ram sem fructo, para vencer o que sir J. Child com
«tanta razão chamava «a força e violencia do curso
«ordinario do commercio.» As frotas e galleões tor-
«naram-se insignificantes e seus possuidores gosta-
«ram de fazer com que estes navios, que tinham li-
«cença de navegar, servissem para passar o contra-
«bando que as outras nações lhes levavam. A guerra
«de 1737, a que sir Robert Walpole foi levado pe-
«los clamores do povo inglez, não era outra cousa
«senão uma guerra para a protecção dos contraban-
«distas.»

Os inglezes puzeram em pratica todos os processos destinados a encaminhar e restringir os movimentos do commercio das suas colonias, processos de que Leroy Beaulieu fórma cinco classes;

1.ª Restricção á exportação de productos das co-

lonias, a não ser para a metropole. Esta é a primeira e mais geral restricção; e explicava-se como sendo uma compensação dos sacrificios feitos, para fundar e defender as colonias. D'aqui resulta a vantagem de terem os povos, que gozem d'esse commercio, com exclusão dos outros, superioridade sobre estes em relação ao preço dos productos. Smith já observou ha muito, que esta restricção tinha por effeito diminuir a producção nas colonias, pela falta de concorrencia ao mercado, e conseguintemente elevar o preço das mercadorias produzidas; assim, as restricções da liberdade de commercio, em vez de tornarem mais baratos os productos coloniaes, para a metropole mesmo, tem como consequencia elevar-lhes o preço; e, ao mesmo tempo, paralisam o desenvolvimento da cultura, e tornam os colonos menos aptos a comprarem os productos fabricados.— Este genero de restricções, pode dizer-se, não se mantém hoje senão muito excepcionalmente em nações civilisadas.

2.ª Restricção á importação de artigos de fabricação estrangeira nas colonias, com o fim de conservar aos negociantes nacionaes o privilegio do mercado colonial. Mas as consequencias d'estas restricções são, como o prova a sciencia e a experiencia, tão fallazes com as das restricções da primeira classe. Os colonos, pagando mais caros os productos que lhes são uteis e mesmo os instrumentos de tra-

balho, necessariamente sentem paralisar-se-lhes todo o progresso, ao passo que os fabricantes da metropole pouco aproveitam do privilegio que a lei pretende assegurar-lhes. O contrabando é quem aproveita: os contrabandistas tem um premio seguro para a sua industria illegal.—Estas restricções tendem rapidamente a desapparecer. A legislação ingleza e franceza deixam ás colonias a faculdade de fixarem os seus direitos aduaneiros; e os resultados são beneficos.

3.ª Restricções á importação de productos provenientes de colonias estrangeiras na metropole. Estas restricções não são mais do que uma compensação dada ás colonias pelas restricções de que anteriormente tratámos. É evidente que n'esta classe terceira é mais facil evitar o contrabando, por ser grande o volume e peso dos productos coloniaes em relação ao seu valor, e por ser mais facil a fiscalisação na metropole do que nas colonias. Os resultados sobre a elevação de preço dos productos sujeitos a um commercio restricto e mesmo a sua inferioridade são constantes; a ponto dos paizes da Europa, sem colonias, terem os productos coloniaes mais baratos e melhores do que os paizes senhores de grandes colonias tropicaes. Tudo o que prende o commercio diminue o consumo, sobretudo de productos de grande utilidade universal, taes como o assucar, etc. É difficil imaginar a expansibilidade

que pode ter o consumo do assucar com o abaixamento do preço.

A combinação irracional das compensações, entre as colonias e a metropole, de reciprocos exclusivos, não tem quasi limites, mas leva aos mais extravagantes absurdos. Entre estes chama a attenção a celebre guerra dos assucares entre a França e as suas colonias, entre a beterraba e a canna. Durante as grandes guerras do principio d'este seculo foi o assucar das colonias excluido dos mercados da França e então começou a industria do assucar da beterraba. Feita a paz e admittido de novo o assucar colonial, aquella industria ficou reduzida á miseria; para lhe acudir vieram os direitos sobre o assucar de canna das colonias francezas em soccorro da beterraba. Queixas acerbas dos colonos produziram então uma reacção, e foram lançados direitos sobre o assucar de beterraba, mas differenciaes em favor d'este. Então foram as duas partes a queixar-se; e por fim tomaram-se medidas para egualar com equidade os direitos sobre os assucares inimigos, então descubriu-se que, no meio dos seus queixumes, a producção do assucar de beterraba tinha crescido em vinte annos de 39 a 151 milhões de kilogrammas. Esta singular guerra dos assucares mostra as illusões e os erros a que podem ser levados os homens, que querem artificialmente regular o commercio, o qual tem leis naturaes que sempre acabam por vencer.

4.ª Originadas em considerações de natureza politica, com o fim de elevar a marinha ingleza acima da marinha hollandeza que a assombrava, foram creadas as restricções que não permittiam o transporte de mercadorias, provenientes das colonias ou destinadas para ellas, senão em navios nacionaes. Estas restricções, tão erroneas e tão inefficazes como as outras, tiveram o dom de serem bem recebidas pela opinião publica em Inglaterra e n'outros paizes. Com o tempo, ás intenções politicas uniram-se as razões economicas, as quaes, apezar de falsas, deram maior vigor ás leis restrictivas da navegação.

Apezar da sua pertinacia em manter-se, a experiencia e a observação tornaram em breve evidente, que o primeiro resultado d'esta prohibição de empregar nos transportes a marinha estrangeira foi tornar maiores os fretes, o que fazia subir o preço das mercadorias nos logares de consumo e conseguintemente diminuir este; sendo o resultado final a diminuição da producção. Assim o resultado permanente das restricções na navegação é, tornar mais caros os productos no mercado das colonias e tornar mais caros os productos coloniaes na metropole.

Uma das melhores provas do mal que as restricções, sobre o commercio do transporte, fazem á metropole e ás colonias, são as voltas que dão muitas vezes as mercadorias para escapar aos direitos differenciaes. Os exemplos são numerosos. O eximio

patriota e esclarecido marinheiro o sr. Carlos Testa escrevia ultimamente n'um excellente folheto sobre a *Navegação Nacional* o seguinte:

«Pode um barril de vinho portuguez ser expor-«tado para Inglaterra, em navio inglez, e ser de lá «conduzido tambem em navio inglez para uma pos-«sessão portugueza. Não pode porém o mesmo bar-«ril de vinho ser, no porto de Lisboa, embarcado para «a mesma possessão, a bordo do mesmo navio in-«glez, que aliás o poderia receber em Inglaterra, e «depois leval-o áquelle destino, mas já sobrecarre-«gado com as despezas de maiores fretes, seguros, «commissões!

«Pode o chá, preparado em Macau, seguir em na-«vio inglez pera Inglaterra, e d'aqui ser conduzido «pelo mesmo ou outro navio inglez para Lisboa. «Não pode porém a mesma caixa de chá desembar-«car em Lisboa, quando, ao passar em frente da foz «do Tejo, o navio que a conduzia, a este aportasse «para tal effeito!

Outro exemplo notavel cita Marival. «Não é raro, «diz elle, que a farinha dos Estados-Unidos com des-«tino ás Antilhas, em logar de embarcar em No-«va-York, tome a direcção de Monreal ou de Que-«bec para ser transportada de uma d'estas cida-«des sob bandeira ingleza. Assim se eleva o preço «d'este artigo de necessidade; e, para metter alguns «centos de libras na algibeira dos armadores, obri-

«gam-se as colonias a gastar muitos milhares de li-
«bras.»

A 5.ª classe de restricções é a que prohibe ás colonias fabricar os seus productos brutos. Geralmente estas prohibições podem considerar-se inuteis na maior parte dos casos, porque o proprio interesse dos colonos é consagrar-se á agricultura, á pesca, á caça, ao commercio, e não á industria; e porque, sendo as terras em abundancia, o juro dos capitaes elevado, a mão d'obra pouca e cara, a grande industria não tem razão de se estabelecer nem probabilidade de prosperar. As prohibições importantes são as que se referem a productos brutos muito volumosos e de facil preparação, sendo um dos melhores exemplos a industria da refinação do assucar. Estas prohibições não tiveram em resultado senão desanimar todo o progresso na fabricação primeira; elevar o preço do assucar, diminuir o consumo, e dar perdas ao thesouro.

As cinco classes de restricções indicadas constituem um systema adoptado pela Inglaterra, assim como por todas as nações da Europa, com mais ou menos rigor, e praticado durante tres seculos; pode dizer-se que hoje quasi todas as nações reconheceram o absurdo do systema restrictivo e o aboliram. Estes regulamentos eram inuteis ou contrarios ao fim que tinham em vista, sem deixarem de ser injustos e vexatorios. Todas as restricções e prohi-

bições que pesam sobre o commercio entre a metropele e as colonias, como mostra a experiencia e escrevem os economistas, embaraçam o progresso das colonias, paralisam o movimento das transacções, prejudicam simultaneamente os productores coloniaes, os fabricantes metropolitanos, e os consumidores dos dois paizes, e, em definitivo, o thesouro publico.

Se lançarmos os olhos para o nosso movimento commercial, facil nos será reconhecer que o Brasil, desde que se tornou independente e que nenhumas leis restrictivas pesam sobre o seu commercio com Portugal, é um dos paizes que tem comnosco mais activas relações, dá melhor emprego á nossa marinha e maior consumo aos nossos productos.

Em 1876, por exemplo, a nossa importação para o Brasil foi de 1.934 contos, sendo em navios portuguezes 1.873 contos. No mesmo anno, a exportação de mercadorias portuguezas foi de 3.500 contos; sendo 1.880 contos em navios portuguezes.

Com as nossas possessões da Africa, a importação foi de 741,5 contos, e a exportação de mercadorias nacionaes de 948 contos e nacionalisadas 27,5.

A importação das nossas possessões da Asia foi de 59 contos; a exportação para estas possessões foi de 49 contos, sendo apenas algumas dezenas de mil réis de mercadorias nacionalisadas.

IV

O espirito britannico, methodico e pratico, tem buscado formular os principios essenciaes de colonisação.

Depois de uma longa experiencia, os economistas inglezes chegaram á racional conclusão, de que as principaes vantagens economicas da colonisação, em relação á mãe patria, são duas: abrir novas fontes de producção, d'onde, artigos de primeira necessidade, uteis ou de luxo, se podem obter mais baratos ou em maior abundancia do que antes se alcançavam, em consequencia das condições de fertilidade de um solo virgem: abrir novos mercados para a venda dos productos da mãe patria, mais lucrativos e mais expansivos do que os mercados anteriormente existentes, em consequencia do rapido crescimento da riqueza em paizes novos. «Mencionei, accrescenta Merival, estas duas vantagens «como distinctas, para seguir, quanto possivel, a

guagem popular: comtudo, de facto, a importa-
› e não a exportação, é o grande interesse de
ı paiz; não o dispôr dos proprios productos,
s alcançar outros productos em troca. A pri-
ira coisa serve só para se alcançar a segunda
omtudo é singular o observar quanto o ultimo
ecto, o da importação, é desconsiderado no
do commum do raciocinar n'este assumpto, como
a unica vantagem das colonias fosse para os
ssos productores, negociantes e fabricantes; e
› para os nossos consumidores, isto é, para a
ınde massa de povo... Para seguir as nossas
as antigas de ganho economico para um paiz
particular, esse ganho deve ser uma coisa ex-
siva e monopolisada. Comtudo o plano de mo-
›olisar as *producções* das colonias, ou as suas
›ortações, ainda que parte essencial do antigo
tema colonial, é de tão difficil execução que
l se pode dizer, que fôra jámais posto em vigor
iamente, excepto na ruinosa politica de Hespa-
ı e de Portugal em relação aos metaes precio-
, e ao negocio das especiarias pelos hollande-
... Por outro lado, desde que se descobriu
: era praticavel até certo ponto, por meio de
ulamentos fiscaes, obrigar os colonos ao con-
no dos productos da mãe patria; e desde que,
toda a historia commercial, achamos que os
›ductores foram sempre capazes de dar ao seu

«proprio interesse a apparencia do interesse nacio-
«nal e simular que o seu proprio ganho, não o
«bem estar dos consumidores, era o grande fim da
«legislação economica; a attenção publica tem es-
«tado quasi exclusivamente fixada n'esta parte do
«asssumpto. Nada mais commum do que ouvir,
«ainda agora, as colonias fallarem, como se ellas
«fossem outros tantos emporios, onde certas quanti-
«dades de algodão e materias brutas se podem ob-
«ter para os fabricantes e armadores. Que os pobres
«consumam mais alimentos, mais roupa, e tenham
«mais algum bem estar, que seus pais não conhe-
«ciam; que membros da classe rica e média, em troca
«do dispendio de uma parte egual dos seus haveres,
«obtenham muitos beneficios, que antes não podiam
«alcançar, e se possam cercar de um luxo e elegan-
«cia antes desconhecido; são, no fim de tudo, os
«principaes beneficios que o descobrimento da Ame-
«rica e o desenvolvimento da colonisação nos asse-
«guraram: e é para um tal crescimento do nosso
«bem estar physico que devemos olhar, como para
«a principal vantagem economica que se deriva
«para nós d'estes factos.»

Estas idéas, as mais justas e mais democraticas da economia politica moderna, necessariamente transformaram as leis economicas, que regem as colonias. As velhas tradições e ainda mais os velhos erros não podem resistir ao poder que hoje domina a socie-

dade e tudo transforma. A terra é para a humanidade. Os productos do solo foram creados para beneficio de todos; e, embora a justiça determine que se remunere a cada um pelos seus trabalhos e serviços, nada auctorisa o monopolio de qualquer dos dons da natureza e as leis economicas punem com a miseria os que lhe contrariam as leis.

Para pôr em actividade a producção nas colonias ha elementos essenciaes, como se sabe: a terra, o trabalho, o capital, evidentemente em proporções variaveis. O agente *terra* existe em abundancia e em boas condições nas colonias; mas não succede o mesmo, em geral, ao trabalho, e, ainda menos, ao capital. Quando as colonias tomam um certo incremento, quando o commercio as frequenta e alimenta, quando o espirito publico as busca com segurança de lucro, então a emigração expontanea facilmente se estabelece e com a emigração os capitaes necessarios; mas emquanto isto não succede é preciso empregar os meios que convidem a emigração, o que não é facil.

Um dos assumptos mais importantes, um dos problemas mais complexos da colonisação é, sem duvida, o modo de apropriação da terra.

O systema que primeiro se offerece, como mais proprio para desenvolver a cultura e attrahir a emigração, é o das concessões gratuitas, e é esse ainda hoje seguido nas colonias portuguezas. Geralmente

consideram-se as terras desoccupadas nas colonias como extensos baldios, em que o excesso da população da metropole, consistindo principalmente em indigentes sem capital, pode ser lançado em multidão, para buscar a subsistencia como podér. Esta maneira de ver é completamente falsa. Vencidas mesmo as difficuldades de obter a terra, é impossivel que pequenos proprietarios, não dispondo de capital, possam aproveitar a terra cultivando esses productos exportaveis, que tornam as colonias ricas. Tratando d'esta questão, Marival diz o seguinte: «Temos que considerar agora o modo porque o go-«verno pode empregar melhor as terras incultas, de «que dispõe nas novas colonias, para o progresso «d'estes dois objectos: primeiro, dar guarida aos emi-«grantes; segundo,—e devo accrescentar, com risco «de qualquer má interpretação, como sendo o mais «importante dos dois,—tornar a colonia attractiva «para a classe de colonos, que mais rapidamente po-«dem desenvolver a riqueza do paiz, e assim fazer «progredir a prosperidade de todos... Com o fim «de promover a riqueza e o commercio e, com es-«tes, crear emprego para as classes pobres, é para «desejar que a distribuição das terras se regule de «modo, que assegure a introducção de capital e tra-«balho nas proporções mais convenientes.»

Busquemos esclarecer pelos exemplos este grave assumpto da apropriação das terras. No Canadá,

por exemplo, esta questão teve a principio solução, que contribuiu para demorar os progressos da cultura e, por conseguinte, da população e da riqueza. Fizeram-se concessões gratuitas em tal quantidade que, em poucos annos, se dispoz de todos os terrenos ferteis, entregando-os a pessoas, que nem os arroteavam, nem os vendiam, nem mesmo faziam as despezas preparatorias para lhes dar valor. Por fim, em vista dos inconvenientes, que cada dia se tornavam mais patentes, e attendendo aos reiterados pedidos dos colonos, teve de se abandonar o systema de disperdicio, e de seguir, exaggerando-o, um systema opposto. Adoptou-se o principio da venda das terras, sem abandonar o das concessões gratuitas condicionaes, e as vendas fizeram-se a 10, 15 e mesmo 20 schellings o *acre;* o que era um preço excessivo. Uma emigração de 150000 colonos do Canada para os Estados-Unidos foi a consequencia d'isto. As causas d'esta enorme emigração foram, conforme um relatorio official «o preço elevado das terras, as vastas concessões feitas «a senhores e companhias ou individuos, que nem «cultivavam nem vendiam; a apathia ou má conduc«ta dos agentes officiaes, conjunctamente com os «pesados encargos a que os colonos estavam sujei«tos; o direito de aproveitamento dos bosques se«para-lo do direito de cultivar o solo; emfim a in«suficiencia d'organisação colonisadora.» Mais uma

vez se mudou de systema, para tornar as terras accessiveis ao maior numero; baixou o praso; accrescentou-se a extensão do territorio da colonia, para leste, com a expropriação á companhia da bahia d'Hudson de parte das vastas regiões por ella occupadas.

Na colonia ingleza do Cabo da Boa Esperança o accrescimo de cultura, população e riqueza não tem sido tão grande como no Luando, como observa Leroy-Beaulieu, apezar das suas excellentes qualidades de producção e de clima. As leis hollandezas eram extremamente pesadas; mas, com o dominio inglez, as circumstancias modificaram-se; as liberdades desenvolveram-se, a ordem e o progresso ficaram assegurados, uma corrente de emigração se estabeleceu.

Erros consideraveis, porém, impediram os bons effeitos das medidas adoptadas; e a emigração dos Boers teve um resultado funesto. O regimen das terras n'esta colonia esteve sujeito a numerosas fluctuações e regulamentos contradictorios. Primitivamente, concediam-se terras aos cultivadores, arrendadas: depois estabeleceu-se o systema de venda a 2 francos o *acre*. Em 1853 voltou-se ao systema dos arrendamentos, ligeiramente modificado. Fizeram-se tambem largas concessões a particulares e companhias. A agiotagem tomou vastas proporções: e em 1857 tornou-se ao systema das vendas, a ra-

zão de 4 shillings o *acre*. Por fim chegou-se á conclusão que se deve seguir um regimen unico e simples, e que não o ha melhor do que a venda a preço fixo.

Na Australia achamos o mais brilhante exemplo das maravilhas da colonisação moderna. Terra distante, que parecia inaccessivel ao trabalho humano e á cultura, aquelle enorme continente, onde falta agua, encerrando no seu seio um vasto deserto, impenetravel quasi á navegação, com um clima secco, a Australia, em menos de um seculo, transformou-se n'um paiz de uma extraordinaria riqueza; onde se erguem esplendidas cidades; aonde existem e prosperam sociedades regulares e productivas; e que parece caminhar para um futuro de uma prosperidade indefinida. Verdade é que a descoberta das minas de oiro apressou muito este progresso; «mas, mesmo antes d'este feliz acontecimento, as colonias da Australia estavam prosperas e cresciam rapidamente.»

Segundo um relatorio official de 1838. «Os pro-«gressos extraordinarios d'estes estabelecimentos «foram occasionados pela offerta regular e constante «do trabalho dos degredados: eram entregues aos «colonos quasi como escravos: forçados a traba-«lhos, produziam mais do que consumiam; o go-«verno offerecia um mercado a este excesso de pro-«ductos para a manutenção de seus estabelecimen-

«tos militares e penaes, que custavam á metropole «mais de 7 milhões sterlinos. Assim o governo co- «meçava por prover os colonos da mão de obra e de- «pois comprava-lhes os productos: este foi para os «colonos um commercio muito vantajoso, emquanto «o pedido excedeu a offerta, e este excesso durou «muito tempo.»

N'esta primeira phase da Australia, a principal solução da questão do trabalho foi a do emprego dos degredados. Este, que tantas questões subleva, e que não se deve aproveitar systematicamente em colonias que tenham uma sociedade já organisada, não parece haver causado grandes transtornos na Australia, pois n'um relatorio official se lê: «Ha «agora 3000 degredados dispersos pela colonia e «affirmo que a vida e a propriedade estão aqui tão «seguras como em qualquer outra parte do imperio «britanico.»

A necessidade de braços na Australia tornava-se cada vez mais evidente á medida que a colonia progredia; as terras abundavam, mas faltava quem as cultivasse e d'aqui nasceu uma escola celebre, que intimamente se liga com o systema de apropriação do solo. A *escola de colonisação systematica* de Wakefield adopta, como principio fundamental, a vantagem do systema de venda do solo, em pequenas parcellas bem medidas, sobre o systema de concessões gratuitas: estas vendas deviam fazer-se por

preço relativamente elevado. Para alcançar trabalhadores em proporção com o territorio occupado, coisa tão necessaria nas colonias, Wakefield propunha, que todo o producto da venda fosse inteiramente empregado no transporte de colonos. O preço da terra deveria ser, conforme esta escola, uniforme, fosse qual fosse a qualidade do solo, e bastante elevado, como já dissemos, para evitar que os novos colonos se tornassem promptamente proprietarios. D'aqui resultava, segundo os sectarios d'esta escola, que o preço do terreno, sufficiente para occupar um trabalhador, deveria ser egual ao custo do transporte d'esse trabalhador para a colonia. Estes principios, salvas ligeiras modificações, foram applicados na Australia com bons resultados.

É porém certo que o producto da venda das terras, ou o imposto lançado sobre ellas, quer estejam quer não cultivadas conforme o principio adoptado nos Estados-Unidos, não deve servir unicamente para obter colonos trabalhadores mas deve tambem servir para os trabalhos geraes, que se podem chamar de preparação. Estes trabalhos são essenciaes; sem elles não pode haver colonisação. É preciso que o estado os execute, embora mais tarde venha a reembolçar-se á custa da colonia.

Os trabalhos preparatorios indispensaveis são de diversas naturezas. Os mais importantes de todos

são os trabalhos de viação. Sem meios faceis, promptos, seguros e economicos de transporte, os primordios da colonisação são penosos e lentos; a cultura só vagarosamente se pode estender; o augmento e diminuição da povoação estão paralisadas. Não se pode esperar a creação de povoações para abrir estradas, pois que são justamente as estradas que dão origem ás aldeias ou cidades, que promovem a cultura, que excitam o commercio. Uma boa rede de estradas é o interesse maior de qualquer colonia e condição sem a qual a colonisação quasi se não pode realisar. Aproveitar as vias fluviaes navegaveis é crear estradas em condições especiaes e com vantagens excepcionaes para o commercio, pela economia dos transportes e sua facilidade: isto é, principalmente, attendivel na Africa,onde ha escassez de forças motrizes, onde faltam os animaes de carga e de tracção.

Por isso que a apropriação do solo tem tanta importancia nas colonias, como anteriormente vimos, não pode a divisão das terras em lotes, bem medidos, bem limitados e bem dispostos, deixar de ter uma importancia de primeira ordem entre os trabalhos preparatorios da colonisação. Da maneira mais util de proceder á medição das terras, dá-nos exemplo, digno de imitar-se, a America.

Facilitar o accesso ás colonias é egualmente importante para a prosperidade d'estas e para facilitar

o seu commercio, de que depende a sua riqueza, e, que por isso mesmo, não deve encontrar embaraços nem physicos nem fiscaes.

Estes tres serviços preliminares são tão importantes que um Estado, que deseja ter colonias prosperas, se não pode dispensar de os executar, empregando qualquer meio financeiro, racional e fundado na futura prosperidade das mesmas colonias. Eis o que a tal respeito diz Leroy-Beaulieu. «Parece-nos incontestavel que uma colonia não pode «pagar á sua custa os trabalhos preparatorios de «primeiro estabelecimento: a garantia das suas ren«das futuras é uma quimera: o que os Wakefiel«dianos chamavam o *self supporting principle* é uma «utopia. Parece-nos indispensavel que a nação co«lonisadora faça, ella propria, o sacrificio d'estas des«pezas preparatorias, sem esperar rehavêl-os nunca «ao menos de maneira directa.

«É necessario que a mãe patria pague por si as «despezas de primeira installação da sua colonia: «ao cabo de certo tempo tirará vantagens impor«tantes, que compensarão o sacrificio inicial que hou«ver feito: estas vantagens consistirão, principal«mente, no desenvolvimento da sua industria e com«mercio, graças ao novo mercado que se lhes abre «na colonia.»

Estas reflexões e os resultados praticos dos principios economicos seguidos nas colonias, cuja pros-

peridade está melhor assegurada e mais rapidamente se desenvolveu, devem servir de proveitosa lição ás nações que possuem, como nós, vastas colonias e deixam desaproveitadas as riquezas, que n'ellas abundam e que podem e devem engrandecel-as.

V

No primitivo sentido, a colonia era uma fracção de povo, que se ia estabelecer fixamente n'um paiz estranho, mais ou menos distante. Modernamente, o sentido da palavra colonia modificou-se, chamando-se tambem colonias aos paizes mais geralmente situados entre os tropicos, habitados por menos energicas raças do que os europeus a que estas sujeitaram o seu dominio, para proveito do commercio e da industria. Aqui formam-se, na verdade, estabelecimentos europeus, mas estes são compostos de militares, funccionarios, negociantes e cultivadores, mas em numero pequeno relativamente á população indigena; os europeus vivem alli transitoriamente, não se fixam nem constituem familia.

A Inglaterra é o paiz que mais colonias, propriamente ditas, tem organisado. Os inglezes transportam para as suas *colonias* as coïndições economicas e politicas da mãe patria. A liberdade, a organisação municipal, as instituições representativas acompanham o inglez, que vae constituir uma colonia.

A colonia ingleza é uma parte da mãe patria, que se destacou do centro da nação mas não perdeu nenhuma das suas qualidades essenciaes. D'este genero de colonias nada temos a dizer, além do que fica anteriormente indicado. Das colonias, que podemos considerar do segundo grau, pelo menos em grande parte, convém ao nosso estudo que digamos alguma coisa, principalmente do Cabo e Natal, que ficam visinhas das colonias da Africa portugueza, e tem com estas muitos pontos de analogia.

Estas duas colonias, que fazem parte do Imperio britannico, occupam a região sul do grande continente africano. A colonia do Cabo, ha uns sessenta annos, antes de chegarem os colonos inglezes em 1820, tinha uma população total avaliada em 110000 almas, sendo 48000 de origem europea, 27000 hottentotes, 23000 escravos. O commercio era apenas de 454000 libras de importação, sendo a exportação de 151000 libras. As rendas publicas não excediam 110000 libras, e as despezas 13000 libras. Em 1820 começou a imigração ingleza, auxiliada pela metropole; e, apezar de tudo, os emigrantes pa-

thony Trollope n'uma sessão do Instituto colonial inglez:

«Tenho visitado, disse este respeitado viajante, «todos os grandes paizes onde se falla inglez e sem «duvida a difficuldade, em relação a todos estes pai- «zes, que me encheu de horror, foi o facto que, le- «vando nós por diante os nossos instinctos de civi- «lisar e utilisar os paizes que Deus nos deu, nunca «fomos, apezar dos nossos esforços e boas intenções, «capazes de tratar os indigenas por um modo sa- «tisfatorio. Fizeram-se esforços de accordo com os «mais elevados principios de philantropia na Nova «Zelandia. Quando tomamos por nossa conta a Nova «Zelandia annulamos contractos feitos por inglezes «e por companhias inglezas, a fim de que os indi- «genas se mantivessem no solo, que era d'elles e «podessem dizer—de modo que nós podessemos «dizer tambem—que nada se lhes tinha roubado «e de nada os haviamos privado. Comtudo sabemos «quão terrivel foi a sorte d'esses indigenas. Como «disse Mr. Froude, estão morrendo. Na Australia «estão morrendo tambem: na Tasmania não ficou «nem um. Na Nova Zelandia vão morrendo tão de- «pressa que, em muitos districtos populosos apenas «se encontra um. Sabemos qual foi a sorte dos «desgraçados indios nos territorios que nos perten- «cem e dos quaes a parte mais populosa foi occu- «pada pelos nossos grandes colonisadores—os ci-

linas: mas logo os colonos cuidaram de alargar as receitas e augmentar as despezas. As communicações faltavam e os habitantes do sertão estavam quasi isolados do resto do mundo. O parlamento aprovou logo numerosas leis de obras publicas: fez-se uma nova divisão de districtos, a fim de que em toda a colonia se gozassem as vantagens, que antes estavam limitadas ás visinhanças da capital. Numerosas cidades e povoações se levantaram por toda a parte. Escolas publicas numerosas se abriram. A emigração cresceu. Começou-se a construcção dos caminhos de ferro; cortou-se o solo de linhas telegraphicas. Melhoraram-se os portos, levantaram-se faroes, construiram-se docas. As rendas publicas tem augmentado, a materia collectavel tem-se desenvolvido; a divida publica tem acompanhado todo este movimento progressivo e passa muito de 10 milhões sterlinos.

Apezar de todos estes esforços prodigiosos do espirito inglez, o problema principal, o das relações com os indigenas, está para resolver. O orgulho britanico não sabe coadunar-se com as exigencias e as susceptibilidades dos selvagens. Não lhes capta as sympathias infantis; excita-os e afasta-os de si, o que é um mal, sobretudo na Africa onde todo o tra balho, todo o progresso profundo e real depende do elemento negro. Para que se não julgue que exageramos, citaremos as palavras do sr. An-

thony Trollope n'uma sessão do Instituto colonia
inglez:

«Tenho visitado, disse este respeitado viajante
«todos os grandes paizes onde se falla inglez e sen
«duvida a difficuldade, em relação a todos estes pai
«zes, que me encheu de horror, foi o facto que. le
«vando nós por diante os nossos instinctos de civi
«lisar e utilisar os paizes que Deus nos deu, nunc
«fomos, apezar dos nossos esforços e boas intenções
«capazes de tratar os indigenas por um modo sa
«tisfatorio. Fizeram-se esforços de accordo com o
«mais elevados principios de philantropia na Nov
«Zelandia. Quando tomamos por nossa conta a Nov
«Zelandia annulamos contractos feitos por ingleze
«e por companhias inglezas, a fim de que os indi
«genas se mantivessem no solo, que era d'elles
«podessem dizer—de modo que nós podessem
«dizer tambem—que nada se lhes tinha rouba
«e de nada os haviamos privado. Comtudo saber
«quão terrivel foi a sorte d'esses indigenas. Co
«disse Mr. Froude, estão morrendo. Na Aust
«estão morrendo tambem: na Tasmania não
«nem um. Na Nova Zelandia vão morrendo tã
«pressa que, em muitos districtos populosos a
«se encontra um. Sabemos qual foi a sor
«desgraçados indios nos territorios que nos
«cem e dos quaes a parte mais populosa fo
«pada pelos nossos grandes colonisadores-

«dadãos dos Estados Unidos. Desappareceram ou «estão a desapparecer. Ha porém uma raça que es- «peramos que não desappareça. O que podemos as- «segurar é que esta raça não poderia achar maior «probabilidade de viver em prosperidade e confor- «to e de gosar a graça de Deus do que pela ane- «xação.»

O illustre Mr. de Tocqueville, nos seus estudos, observou o seguinte, que confirma o que anteriormente fica dito:

«Observei sempre que, em toda a parte onde se «introduziam, não chefes europeos, mas uma popu- «lação europea, no seio das populações imperfeita- «mente civilisadas do resto do mundo, a superiori- «dade real e supposta da primeira se fazia sentir «por modo tão offensivo para os interesses indivi- «duaes, e tão irritante para o amor proprio dos in- «genas, que d'aqui resultava maior colera do que «da oppressão politica.»

E depois Tocqueville acrescenta:

«Se isto é verdade em relação a todas as raças «da Europa, com mais forte razão é isto verdade «com referencia á raça ingleza, a mais habil em ex- «plorar em proveito proprio as vantagens de cada «paiz, a menos atractiva, a mais disposta a man- «ter-se á parte, e (pode dizer-se porque este defeito «se une intimamente a grandes qualidades) a mais «altiva de todas.»

VI

O grande pensamento do infante D. Henrique não tardou em transformar-se n'um pensamento de lucro, n'um sonho absurdo de ambição desregrada. D. Manuel sonhou que podia tornar-se o arbitro e senhor do commercio do mundo; o herdeiro das grandezas de Veneza, das ostentações faustuosas da Italia; do poder da Europa: a este pensamento, puramente mundano, juntou o desejo tradicional de guerrear os infieis mahometanos; e, como este desejo auxiliava em vez de contrariar as cobiças do monarcha, como podia desapossar os infieis dos seus dominios da Africa occidental, da India, do commercio do oriente, do mar Vermelho e do golfo Persico; D. Manuel persistiu no seu intento, captando assim as bençãos do Papa e a benevolencia dos principes christãos.

Os rigores de D. João II contra os que ousavam commerciar na costa da Mina, as leis de D. Manuel ácerca do commercio da India, dão clara idéa do que

mbicionavam os cobiçosos monarchas. Nas cartas o celebre Affonso de Albuquerque, ultimamente pulicadas pela Academia, podem bem apreciar-se os ndamentos d'aquella politica, ciosa e cobiçosa, que aracterisa o seculo XVI assim como as consequenias desastrozas de tal politica. É facil ver, logo nos rimeiros annos do esplendor das nossas conquistas a Asia, os symptomas pavorosos de uma rapida e nesta decadencia. Quando a flor desabrochava já fructo estava podre.

Em 1512 dizia Albuquerque ao rei, que lhe nandara á India algumas armas e gente: «juro-vos pola verdade que sum obrygado a dizer a vos alteza, que na india haveria, antes da chegada destas armadas, mil e dusentos homens, delles em Malaca, delles em Goa e em outras fortalezas, e entre elles não havia tresentos homens armados e metade d'elles sem lanças, e na nossa armada nem nas vossas fortalezas somente uma arma, nem lança, nem pique; e esta é a verdade. É certo senhor, o que nos esperava na resposta do moço da armada de Dom Garcia... porque via Malaca em vosso poder, que é fonte das especiarias e riquezas d'estas partes e chave da navegação do estreito; e Goa, que é freio de toda a India e segurança de toda a navegação das náos de vossa carga... e não ver gente nem armas para as segurar e conservar, para tomarem asento, e *ver-vos*

«*mandar armadas à India sem gente e sem armas,* «*tirando vossa alteza um milhão d'ouro, parecia pe-* «*cados meus que ordenavam darem algum açoute* «*na minha honra*». Não é possivel pôr mais patente a cubiça de D. Manuel.

Em carta de novembro de 1513, Albuquerque expunha ao rei o estado de sujeição e de paz em que estava a India inteira, e concluia:

«As vossas gentes andam seguras por toda a «terra da India, assim pelo mar como pelo sertão; «em toda a terra de Cambaya lho não perguntam «para onde vae, e em todo o reino de Daquem e em «toda a terra de Malaca compram e vendem em «toda a terra e andam tão seguros como nesses «reynos.»

No mesmo anno de 1513, em dezembro, o grande capitão e o grande politico, expoz ao rei os principios que a este convinha seguir no commercio do oriente; e isto mostra quaes eram as preoccupações do rei commerciante a quem Albuquerque escrevia:

«A vos convem fornecer a India de mercadorias «d'aqui avante, porque a boca do estreito, prasen- «do a Nosso Senhor, cerrada está... portanto, «senhor, mandai muitas mercadorias das sortes que «vos aqui aviso.» A isto segue-se uma longa lista de mercadorias com indicação dos logares onde melhor consumo encontram. A carta termina pela in-

dicação das armas que melhor convem na guerra da India; e, n'esta parte, o heroico guerreiro falla como quem conhecia melhor os negocios da guerra que os da paz.

Esta politica de cobiça, esta politica de um rei onzeneiro, avarento e desconfiado, não podia deixar de ter as deploraveis e abjectas consequencias, que o grande Affonso de Albuquerque pinta ao vivo n'uma carta de dezembro de 1513. Começa assim a carta:

«Vossa alteza me culpa, me culpa, me culpa em «algumas cousas de cá da India feitas contra vosso «regimento, e creo que será por má informação que «vos de mim darão algumas pessoas, que, com in«veja e dor de meus feitos e meus serviços, vos ser«vem agora cá, como meus competidores, damnan«do as cousas de vosso serviço e de todo bem da «India, cuidando que damnificam a mim; e crede«me, senhor, porque esta é a maior praga que agora «cá ha na India... prouvesse a nosso senhor, que «este engano e damno tocasse sómente ás partes a «quem querem fazer mal e não *trouxessem vossa al«teza em tanta duvida das cousas da India, e tão «revolto, que vos não deixam tomar verdadeiro as«sento nas cousas de vosso serviço, nem vos acabar«des de determinar o caminho que quereis que leve «o negocio da India.* Digo-vos, senhor, isto, porque

«se bem olhar dos *vossos regimentos e determina-*
«*ções, cada anno vem um contrario a outro, e cada*
«*anno fazeis uma mudança e haveis novo conselho;*
«e a India não é o castello da Mina, para cada an-
«no bulirdes com ella.»

Não é possivel fazer mais severa critica da politica de D. Manuel, do espirito mesquinho, desconfiado e ingrato d'aquelle rei venturoso, do que a fez, no seu estylo singelo, o famoso Albuquerque.

Aquellas maravilhosas conquistas da India passaram como uma evolução, e não bastaram a salval-a

Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros èm quem poder não teve a morte.

A decadencia rapida do commercio da India levou a pensar na Africa, em tempo de D. Sebastião: como, mais tarde, as desilusões na Africa levaram a fixar a attenção publica no Brasil. A inquietação do espirito portuguez, em busca de riquezas e de imperios que nunca conseguiu, trocando o que tem pelo que sonha, faz lembrar uma fabula do celebre La Fontaine.

Em 1569 mandava D. Sebastião á Africa oriental a expedição de Francisco Barreto, nomeado capitão-mór da *empresa do senhorio de Monomotapa*, em busca do oiro como n'outro logar contámos. Pelo mesmo tempo foi a Angola o conquistador

Paulo Dias de Novaes, por mandado da rainha D. Catharina avó d'el-rei D. Sebastião e regente, durante a menoridade de seu neto. Em geral, por toda a parte o dominio portuguez encontrou a alliança dos indigenas para completar as suas conquistas. As guerras da rainha Ginga, as lutas com os jagas são d'isto boa prova; e ainda nação alguma europea levou tão longe, pelo sertão dentro, a sua influencia como os portuguezes em Angola. Sem perturbar os usos e costumes dos povos africanos, que fomos sujeitando, fizemos dos chefes d'esses povos agentes da nossa auctoridade. O jaga de Cassangi presava-se de ser *Quiambolo* do rei de Portugal «que vale tanto, diz Cardonega, como ser capitão geral.» Ao pé dos potentados indigenas punhamos um capitão-mór e um juiz dos *mocanos*, para irem pouco a pouco infiltrando o espirito portuguez nas povoações selvagens, e, quando podiamos, levavanos ao sertão a religião catholica pelo missionario.

O espirito de assimilação dos portuguezes na Africa prova-se, no que diz Cardonega: «d'elles (os «mulatos) se fazem grandes hommens; e no prin«cipio da conquista d'estes reinos (Angola, Ben«guella) todos ou dos mais auctorisados, que vie«ram a conquistar, excepto alguns casados, todos «os demais se acommodaram com mulatos, filhos «de homens de bem, conquistadores, havidos em «suas escravas e outros em negras forras; e ainda

«hoje ha descendencia muito honrada e nobre, que «em seu trato se pode comparar com a India e es- «tado do Brasil, quando o grande Affonso de Albu- «querque fez aquelles casamentos em a cidade de «Goa.»

N'uma reunião do Instituto Colonial de Londres, Mr. Ardrer fazia notar, que havia no sul d'Africa um conflicto de raças: «Onde brancos e negros, di- «zia, se encontram, parece haver sempre um prin- «cipio de desaccordo entre elles. Um, pela sua civi- «lisação superior, olha o outro como inferior e este, «que pela sua ignorancia não pode competir com o «mais intelligente, tem de abandonar o campo.» Esta opinião de um homem illustrado é fundada sobre os factos de origem ingleza. Este sentimento exagerado de orgulhosa superioridade não existe nos portuguezes; e por isso os negros,—que teem uma vaidade infantil organica, como ha seculos fazia notar o padre Gavazzi,—facilmente acceitam o nosso dominio. É esta uma das causas da nossa superioridade incontestavel, quando se trata de alargar as nossas relações politicas e commerciaes na Africa.

N'um estudo apresentado pelo dr. Holub,—que já temos citado,—ao *Instituto colonial de Londres*, ácerca do commercio europeu na Africa austral e central, lê-se o seguinte, a respeito do commercio portuguez, n'estas paragens:

«Se considerarmos agora o trafico dos portugue-

:es, vemos que os caminhos por elles seguidos ao ul d'Africa partem de Lourenço Marques e de ouras partes da costa oriental mais para o norte, e ara o alto rio, pelo valle do Zambeze, até 300 a 50 milhas da foz. Mas da costa occidental negoeiam elles até aos grandes lagos. Fiquei na reaidade espantado quando cheguei a estas partes da Africa central, para ver todas essas regiões que eem sido consideradas pelo vulgo na Europa como *erra incognita,* e achei, com grande admiração, que muitas d'estas regiões entre a costa de oeste e s grandes lagos e o rio Congo são bem conhecilas pelos commerciantes portuguezes. Fiquei admiado quando encontrei negociantes portuguezes, que oltavam de uma viagem de 150 milhas a leste das Cataractas Victoria de Zambeze, e soube que viham dos grandes lagos, atravessando o continente, partir de Loanda, Benguella e Mossamedes, e hegavam até a visinhança de Shesheke. Estes honens conhecem cada tribu e cada rio, e as partiularidades das diversas tribus, n'estas regiões, tão em que poderiam escrever um livro sobre esta arte d'Africa. Um commercio muito activo se faz lo interior para a costa occidental. A nacionalilade d'estes commerciantes é, até certo ponto, porugueza, uns setenta por cento se chamam Mambari, que são uma raça mixta. Teem todo o negocio na sua mão.»

Isto mostra claramente a influencia, que os portuguezes teem na Africa central, e quanto nos é a nós mais facil do que aos outros manter estreitas relações com os povos barbaros d'aquelles immensos sertões. Temos por dever aproveitar estas felizes circumstancias para alargar, cada vez mais, o nosso commercio, e promover efficazmente a civilisação da Africa; agora, sobretudo, que o trafico de escravos está, felizmente, extincto nas possessões portuguezas.

Os que desejam sinceramente a transformação dos povos africanos, pela cultura e pelo commercio, deveriam auxiliar, em vez de contrariar, a acção dos ousados viajantes portuguezes, e associar-se a elles, em proveito de todos.

VII

Aos males causados pela cega politica creada por D. João II e D. Manuel,—que os outros povos (hollandezes, inglezes, etc.) imitaram, sem hesitação, por muitos annos,—juntaram-se os funestos effeitos do inhumano trafico da escravatura; e tudo isto contri-

buiu para a paralysação e mesmo decadencia das nossas colonias.

O trafico e a escravidão acabaram em terra portugueza, para honra nossa. Algumas das tradições da velha politica commercial persistem ainda, e comprimem, de um modo desastroso, a natural expansão de regiões ricas, ás quaes só falta o incentivo de um commercio activo com o mundo inteiro.

Não cremos que a absoluta liberdade de commercio, como a conhecem alguns economistas e poucas nações praticam, seja o que convém á prosperidade do nosso dominio ultramarino; mas julgamos urgente o estabelecimento de direitos moderados, que não afugentem o commercio; sem direitos differenciaes, a não serem minimos, relativos a productos de origem nacional; julgamos urgentissima a abolição do privilegio de bandeira e do absurdo principio denominado de grande cabotagem, entre a metropole e as provincias ultramarinas.

Se lançarmos os olhos para o movimento commercial de Angola, notaremos a sua tendencia a crescer; mas facil é reconhecer, que tambem ha alli uma força oppressora, que impede elle tome as proporções que correspondem á grandeza da provincia e ás suas multiplices riquezas naturaes, pela maior parte desaproveitadas.

Nos tres annos de 1871-1872 a 1873-1874 o movimento commercial foi:

1871-1872.....	4:290 contos
1872-1873.....	4:076 »
1873-1874.....	5:084 »

Seis annos depois, com relação a annos civis, achamos o seguinte:

1879.....	2:769 contos
1880.....	4:287 »
1881.....	3:137 »
1882.....	3:939 »
1883.....	4:248 »

Em relação aos rendimentos das alfandegas, os factos mostram ainda quanto é natural a paralysação do commercio, produzida pelas leis actuaes.

Nos tres primeiros annos acima indicados os rendimentos foram, respectivamente, 320, 356 e 390 contos; nos ultimos quatro annos, de 1877 a 1882 foram os direitos, respectivamente, 260, 398, 502 e 480 contos.

Entre as alfandegas de Angola deve chamar detidamente a nossa attenção a do Ambriz. Esta alfandega, creada em 1856, com direitos muito moderados e permissão absoluta do commercio para navios nacionaes e estrangeiros, apresenta o seguinte movimento commercial:

Annos	Importação em navios		Exportação em navios		Movimento commercial
	Estr.	Nac.	Estr.	Nac.	
	contos	contos	contos	contos	contos
1879	181	51	208	75	515
1880	353	44	494	162	1053
1881	341	46	352	54	793
1882	223	60	302	38	623
1883	212	100	393	25	730

Isto deixa ver a percentagem consideravel que, ıo movimento das alfandegas de Angola, representa . de Ambriz, e sobre tudo a que coube á navegaão estrangeira.

Se compararmos com o movimento commercial o Ambriz, o movimento commercial de Mossameıes,—região esta destinada a tomar grande increıento agricola e commercial, uma vez libertada dos esos que a opprimem,—ainda a lição é mais eviente do que pela comparação do commercio da rovincia com a do Ambriz.

Annos	Importação — contos	Exportação — contos	Movimento commercial — contos
1879	121	60	181
1880	114	86	200
1881	119	77	196
1882	116	94	210
1883	120	82	202

Estes numeros dispensam commentarios.

Tem-se dito, como argumento supremo, á semelhança do que se affirmou em outras nações, quando se quiz conservar á navegação nacional o monopolio dos transportes commerciaes nas colonias, que os privilegios de bandeira e a grande cabotagem tinham por fim animar e promover o desenvolvimento da marinha nacional: os factos, porém, não tem dado, entre nós, razão a estas previsões, como o não deram nas colonias das outras nações; e por isso esse privilegio está hoje abolido em toda a parte, com vantagem do commercio e do desenvolvimento das colonias.

Sem fallar da Inglaterra, onde o denominado Acto de Navegação do tempo de Cromwell foi abolido ha muitos annos (em 1854), vemos que a França, por um *senatus-consultus* de 1866, concedeu largos direitos aos conselhos geraes nas suas colonias, e, ao

ıo tempo, modificou o seu systema commercial.
ança, que, até áquella época, se reservava o di-
exclusivo de abastecer as suas colonias de tudo
que necessitassem, e obrigava estas a vender
us productos á metropole, reservando aos na-
francezes o transporte das mercadorias entre a
›pole e as colonias (grande cabotagem), aboliu
esta legislação restrictiva, e deixou aos conce-
geraes o estabelecerem os direitos de alfandega
de consumo maritimo
ıs Indias Orientaes Neerlandezas, os principios
dos da liberdade encontraram, como sempre,
encias, mais ou menos interesseiras. A pro-
ação das leis de navegação em 1850 tiveram,
consequencia, a egualdade de bandeiras nas
s e a abertura de numerosos portos ao com-
io. Em 1855 principiou a discussão sobre di-
ɜ differenciaes, accentuando-se a opinião em fa-
a abolição gradual das leis protectoras do com-
io nacional. Em 1865 promulgou-se uma lei
ɜntido liberal: em 1872 estabeleceu-se a egual-
completa na exportação e na importação
ıtre nós persistem as leis restrictivas, e onde
se acham modificadas, o commercio tende a
ıvolver-se.
e uma informação estatistica do ministerio do
mar podemos ver o seguinte, em relação ao nu-
› de navios mercantes e sua tonelagem, entrados

em Angola nos quatro annos a que se referem os dados acima citados:

NAVIOS MERCANTES ENTRADOS EM ANGOLA

Annos	Vapor		Véla		Tonelagem
	Nac.	Estr.	Nac.	Estr.	
1879	143	55	57	19	166:263
1880	160	59	53	22	175:324
1881	166	47	65	25	179:903
1882	154	59	75	32	191:573

Não devemos esquecer que grande parte dos navios a vapor, considerados como nacionaes, devem ser os da carreira ordinaria de paquetes, que teem bandeira portugueza, mas são estrangeiros. Vejamos agora qual foi a parte dos navios entrados, que representa a navegação do porto do Ambriz, que tem, como dissemos, condições especiaes:

NAVIOS MERCANTES ENTRADOS NO AMBRIZ

Annos	Vapor		Véla		Tonelagem
	Nac.	Estr.	Nac.	Estr.	
1879	32	29	4	6	55:202
1880	25	38	1	6	61:231
1881	31	28	0	9	62:991
1882	25	34	1	8	68:491

Assim o numero total de toneladas dos navios mercantes entrados em todos os portos de Angola, durante os quatro annos de 1879-1882, foi de 713:063, sendo as dos navios entrados no Ambriz 247:916, isto é, mais de 34 por cento.

Os resultados alcançados pelo exclusivo da navegação, e pelas restricções do commercio, ficam bem patentes por estes factos. A navegação nacional não cresce, o commercio mantem-se paralysado, onde as restricções e exclusivos persistem, e, o que é mais grave, o movimento productivo e commercial do sertão fica paralysado, o que importa muito á riqueza nacional e ainda mais ao progresso da civilisação dos negros.

Citaremos a este proposito as palavras de um distincto official de marinha, o meu amigo o sr. Carlos Testa.

«É ainda para notar—diz o sr. Testa, n'um opus-
«culo sobre a *navegação nacional*—que apezar d'este
«exclusivo em favor da bandeira, a marinha mercan-
«til nacional não se aproveita muito d'elle, resul-
«tando d'ahi ser quasi nullo o commercio, onde e
«para onde elle poderia ser activo e importante. O
«que, porém, se torna ainda mais notavel é que, ao
«passo que de tal modo se impede a livre concor-
«rencia, e que, por assim dizer, se afugenta o tra-
«fico maritimo que espontaneamente procurasse am-
«pliar-se, e que daria logar a um grande movimento
«nos nossos portos tanto do continente como nas
«possessões, e de onde resultariam novos elementos
«de riqueza movel, por outra parte, e caindo em
«contradicção palpavel, concedem-se subvenções pe-
«cuniarias a uma ou outra empreza, aliás já favo-
«recida com a concessão de explorar um trafico que
«a outros fica prohibido!

«É assim que a uma linha de vapores inglezes,
«que de Inglaterra mensalmente se dirigem ao Cabo
«da Boa Esperança e Natal, é concedida uma avul-
«tada subvenção a fim de fazerem escala por Lis-
«boa e navegarem, *transportando carga*, entre este
«porto e os da provincia de Moçambique. Não é,
«porém, permittido egual trafico maritimo a qual-
«quer outro navio ou linha de navegação estrangeira,
«tal como a ingleza, que, cursando analoga derrota,
«toca mensalmente na ilha da Madeira, e que, em-

«bora sem receber subvenção, pretendesse trans-
«portar qualquer volume de carga entre aquelle
«porto e outro qualquer dominio portuguez.

«É prohibida a derrota e trafico aos que nada
«exigem de retribuição official; deixa de existir tal
«prohibição para aquelle que, a par do favor do
«privilegio, ainda por cima se sujeita a... receber
«subvenção!

«É isto restringir a área de acção e de explora-
«ção, impedindo a livre concorrencia, em vantagem
«sómente do privilegiado e remunerado. A simples
«logica aconselharia o contrario, pois nada mais
«evidente do que a contradicção que se dá n'esta
«accumulação de favor e de retribuição.»

Para tornar mais claros os inconvenientes do systema restrictivo da navegação, creados pelo denominado principio da grande cabotagem, accrescenta o illustrado official de marinha:

«Para avaliar por comparação o resultado de um
«tal systema com o da livre concorrencia, bastaria
«notar qual seja o trafico que se effectua hoje em
«dia entre Portugal e os portos do Brazil. A par
«das linhas postaes, e como tal retribuidas, *mas sem*
«*exclusivo*, outras linhas de navegação de differen-
«tes bandeiras tocam em Lisboa, navegando livre-
«mente com destino áquelle imperio. Podem nave-

«gar e commerciar entre Portugal e Brazil, por isso «que o Brazil é estado independente e fóra da acção «do artigo 1:315.º, pois se fosse ainda dominio por«tuguez e se, portanto, lhe fosse applicado o theor «e os effeitos d'aquelle artigo, o que aconteceria? «Todo esse movimento ficaria restringido desde que «a navegação, por ser considerada de cabotagem, «ficasse reservada só á bandeira nacional. O exem«plo pode por contraposição applicar-se ao que ainda «acontece ao commercio entre Portugal e suas pos«sessões. Mas os exemplos não se aproveitam como «lição para a pratica. Ainda assim é para notar que, «apezar d'aquelle livre commercio para os portos «do Brazil e para os Estados-Unidos, não deixou «ainda a marinha nacional de explorar aquella na«vegação de preferencia á que poderia entreter com «outros portos de nossas possessões, aliás sujeitas «ás restricções d'aquelle artigo 1:315.º»

Se alterarmos profundamente o nosso regimen commercial, pondo-o de accordo com os principios modernos e com as lições da experiencia, teremos dado um grande passo no caminho do progresso, e assegurado ás nossas colonias um futuro prospero e uma alta posição entre os grandes centros do commercio do mundo.

Este progresso urgente, alcançado pela applicação racional e prudente do regimen da liberdade, deve ser acompanhado de largas medidas adminis-

trativas, que tendam a dar vida, movimento, actividade productiva ás nossas vastas colonias africanas.

Não temos que insistir sobre a necessidade de emprehender obras de viação, efficazes e promptas, para preparar campo fecundo a novas emprezas agricolas e commerciaes. Isto não precisa demonstrado: basta lembrar o que anteriormente dissemos, e os resultados, incompletos mas incontestaveis, dos ensaios feitos em virtude da lei de 1876, ensaios irracionalmente interrompidos pouco depois em nome das economias, que vieram a dar n'um grande desperdicio. Acordou o espirito nas colonias: as obras publicas provaram a sua acção fecunda, onde foram bem dirigidas; e, é de esperar, que não tarde o momento em que o pensamento da lei de 1876, tristemente abortado, tome de novo vigor para levar a bom termo a transformação das nossas provincias africanas.

As nossas possessões africanas não se parecem com as colonias inglezas, n'um ponto essencial e que se deve ter sempre em vista, quando se trata de organisar a sua administração. As colonias inglezas são verdadeiras colonias no sentido primitivo d'esta palavra, isto é, fracções de povo que vão estabelecer-se e fixar-se em regiões longiquas. A acção d'esses estabelecimentos é afugentar os indigenas ou mesmo provocar a sua anniquilação não podendo ou não sabendo persistir em frente da civilisação, re-

presentada por povos que lhes não comprehendem a indole e as necessidades, que os querem converter subitamente ás idéas e aos costumes da civilisação, e que lhes fazem pezar, como um crime e como uma humilhação, a sua inferioridade.

As Provincias Ultramarinas portuguezas são colonias de outra natureza, e assemelham-se mais ás colonias hollandezas da India. A população indigena é muito mais numerosa do que a população colonisadora, n'ella reside a principal força que anima a agricultura e a industria, é indispensavel contar com ella como auxiliar poderoso na administração.

Nas Indias Neerlandezas, a população européa era, em 1881, de 41:676 almas e a indigena de 25.904:371 almas, contando mais ainda uns 400:000 orientaes de diversas procedencias. D'esta circumstancia resultou uma consequencia muito racional e perfeitamente justificada. Desde os tempos primitivos, um dos principios do governo neerlandez nas Indias foi deixar, quanto possivel, a população indigena sob a immediata administração dos seus chefes naturaes.

Este systema foi interrompido, durante o curto dominio inglez, para tornar de novo a restabelecer-se quando voltaram os hollandezes. Um regulamento governamental determinou, que a população se conserve sob a direcção immediata dos seus chefes na-

turaes, reconhecidos ou nomeados pelo governo e sujeitos á vigilancia suprema dos governadores.

Em quanto á administração superior das Indias, está esta confiada a um governador geral, auxiliado por um conselho de governo; que, em certos casos, deve consultar, e de que em outros carece de obter voto affirmativo. Este chefe supremo da administração tem poderes legislativos e executivos, que pode exercer em conformidade com as leis. Empregados de fazenda, de administração, de instrucção publica, de obras publicas, de justiça etc., e um secretario geral, ajudam o governador no exercicio das suas funcções.

Por tudo isto se vê a estreita analogia que existe entre a organisação colonial hollandeza nas Indias Orientaes, e a organisação colonial portugueza nas provincias africanas.

Desde os primeiros tempos que nos servimos dos chefes indigenas para assentar o nosso dominio na Africa; já unindo ás nossas as forças d'elles, para sujeitar os rebeldes; já usando da sua influencia, para facilitar a administração dos povos sujeitos. Anteriormente dissemos, qual foi a posição official, podemos dizer assim, do jagga de Cassanga e dos potentados Dembos, desde os tempos das guerras da rainha Ginga.

A nossa alliança com os chefes indigenas é a força principal do nosso dominio. Este precisa ser sym-

pathico aos negros, interessal-os; fallar-lhe á vaidade e á cubiça. Os chefes negros devem receber do governo uma invistidura, e de mais uma pensão modica, que se lhes suspenda quando elles prejudiquem os nossos interesses, suscitem guerras inuteis aos visinhos, embaracem por qualquer fórma o commercio.

A conveniencia de accentuar cada vez mais este systema de governar nas colonias é evidente. N'outro tempo fizemos dos potentados negros nossos alliados. Hoje, o convivio constante; o sentimento caracteristico da egualdade, que domina no espirito dos portuguezes e é uma força incontestavel para attrair os negros; o accordo de interesses e o influxo lento mas seguro da civilisação sobre a barbaria, quando o não perturbam as paixões hostís; hoje, que a escravidão não existe, e que foi abolido o trabalho forçado dos carregadores, o nosso dominio moral sobre os povos africanos ha de crescer e alargar-se cada vez mais. Não é pela força que podemos nem temos interesse em firmar o nosso dominio: a experiencia tem-nos ensinado e está provando esta verdade.

Para obter este resultado carecemos, acima de tudo, de auctoridades que comprehendam e sigam invariavelmente uma politica de accordo com estes principios; auctoridades que deixem aos *sobas* o seu poder, com os caracteres que lhe são peculiares, exercendo-se em tudo que não vae de encontro aos

principios essenciaes da civilisação e até onde taes principios podem ser seguidos pelos negros.

Ensinar os negros a serem uteis, a comprehenderem as vantagens do trabalho, e os beneficios do commercio: crear nos negros as necessidades, que representam melhoramento na vida material, desenvolvimento na vida moral: abrir aos negros horisontes, por onde se possam expandir as suas limitadas aptidões, a fim de lhes transformar a natural indolencia em actividade productiva: ensinar os negros pelo exemplo, atrail-os pelá benevolencia, domar-lhes as ruins paixões pela justiça, impressional-os pelas maravilhas da civilisação, ministrar-lhes, na escola e na officina, um ensinamento que os persuada de que elles podem seguir as praticas dos brancos, com vantagem propria: eis o que temos a fazer na Africa portugueza. É proseguir, aprefeiçoando-o, no systema, ha seculos iniciado pelos portuguezes n'aquellas regiões.

A politica do governo, com referencia a raças indigenas, não pode ser outra senão a que fica indicada n'estas breves palavras. É a mais segura, a mais efficaz; a que está mais de accordo com os nossos meios e o nosso caracter; é a que nos dá decidida superioridade sobre todos os povos europeos, estabelecidos na Africa; é, sobretudo, a politica que melhor pode contribuir para a civilisação dos negros, tornando n'elles vivo o sentimento da pro-

pria dignidade de homens; sentimento, que elles não possuem hoje e que o orgulho irreflectido dos homens civilisados não tende, de certo, a despertar.

Nas relações entre a metropole e as colonias estabeleceram a constituição e as tradições um principio, que deve ser mantido em toda a sua plenitude e desenvolvido em toda a sua fecundidade. Em vez de se considerarem as possessões ultramarinas como colonias propriamente ditas, foram ellas sempre consideradas como parte integrante da monarchia. A constituição considera-as, pela mesma fórma, como parte integrante da monarchia, attribue-lhes o direito eleitoral, e da-lhes representação em cortes.

Esta attracção exercida sobre as provincias ultramarinas, chamando-as á vida politica da monarchia portugueza, interessando-as n'essa vida, continuará a ser uma inutilidade como até hoje, uma mephantasia, mais prejudicial do que util, se não fr robustecida pela vida municipal e provincial. N relatorios dos governadores encontram-se repetid as queixas da falta de gente para constituir nas loc alidades o corpo municipal, mas isso não deve fazer descrer do futuro dos municipios no ultramar. Todas as tribus africanas tem um *soba*, todo o *soba* tem os seus *macotas;* este facto está nos ensinando o que deve ser o corpo municipal no sertão. *Soba* e *macotas* formam um corpo municipal. É preciso não querer fazer camaras municipaes á Européa. Lem-

bremo-nos que na metropole ha corpos municipaes, que não fazem grande differença dos conselhos dos *sobas* que dirigem os negocios das tribus selvagens.

O exercicio das liberdades municipaes ensinará os povos,—onde ha europeus em maior ou menor numero—a exercer os seus direitos politicos, a governar-se, a comprehender a sua responsabilidade, a contribuir para o governo e o progresso da provincia, e a buscar no parlamento da nação uma representação que satisfaça as suas aspirações e cuide dos seus interesses. O ensino da civilisação deve progredir com os habitos da liberdade. É preciso não esquecer, que os negros teem espirito e habitos essencialmente democraticos, e estão por isso habilitados a entrar na vida politica de hoje, com a condição de os encaminharmos convenientemente: só assim podemos fazer d'elles cidadãos. Toda a precipitação é um erro; e houve precipitação em fazer eleitores de homens, que não sabiam ser cidadãos. O mal porém, não se corrige senão educando; não cerceando direitos ha largos annos concedidos.

Com o desejo de attrair colonos e capitaes para o ultramar, adoptou-se o principio da concessão gratuita de terras a particulares e a companhias, sem inquerir se os meios dos concessionarios correspondiam á grandeza e natureza das concessões. Já n'outro logar notamos os inconvenientes das concessões gratuitas, e os resultados praticos dos principios se-

guidos nas colonias inglezas. Entre nós é preciso pôr termo a um systema, cuja esterilidade estão provando milhares de exemplos, seguidos durante meio seculo. A distribuição de terras e de riquezas naturaes, gratuitamente, não leva a nada, nem attrae emigração, nem chama capitaes. Os concessionarios, não residem na colonia, guardam a concessão que lhes não custou nada, e esperam no futuro, ao acaso. Como não ha um estudo minucioso das provincias, como os terrenos não estão medidos nem demarcados, em grandes ou em pequenos lotes, as concessões são feitas ao acaso, vagamente, com risco muitas vezes de concedermos o que é propriedade dos negros, com risco de os afugentar e de os hostilisar por uma injustiça, que os offende nos seus direitos. Factos d'estes teem-se repetido mais de uma vez, e nós devemos ter em mente que os negros são os unicos trabalhadores com que devemos contar na Africa; que é preciso attrail-os e não afugental-os. —ensinar-lhes que o branco é a justiça e não a violencia e o roubo.

Tudo que pode activar e facilitar o commercio nos convem.—Estradas; meios de transporte, sobretudo linhas de caminho de ferro construidas com a maior economia, com a maxima parcimonia, e só nas regiões apropriadas, do litoral para o sertão: do paiz insalubre para o salubre e productivo. Abaixamento de direitos; liberdade absoluta de navega-

ção para todas as bandeiras, porque esta nos não vae tirar coisa alguma, mas levar e trazer mercadorias e activar o commercio.

Tudo que pode activar o trabalho, robustecer as forças productivas nas provincias ultramarinas, tenderá a dar maior riqueza a essas possessões; tornará mais estreita a união de todas as partes da monarchia; influirá poderosamente sobre a civilisação e assimilação dos negros, e firmará a nossa influencia na Africa.—Abrir vastos mercados aos productos africanos, supprimindo todos os intermediarios embaraçosos, que desviam os consumidores, monopolisam o commercio, e augmentam os fretes: ensinar o trabalho aos negros, por meio das escoas rudimentares de artes e officios, sobretudo pelo exemplo de bons methodos agricolas e pela cultura das plantas tropicaes;—cultura esta que augmenta a riqueza publica, attrae os capitaes, e se pode agora, que a escravidão acabou em toda a parte, empreender melhor em regiões nas quaes abunda a população negra do que em outras menos bem dotadas.

O negro é susceptivel de melhorar os seus costumes, de aperfeiçoar os seus methodos de trabalho: ha d'isto numerosas provas. Onde o arado vem substituir a enxada, a agricultura passa das mãos das mulheres para as dos homens, e dá um largo passo no caminho do progresso. A este passo corresponde

um grande melhoramento na sorte da mulher, a formação de mais estreitos laços de familia, o aperfeiçoamento da vida domestica e a primeira evolução de idéas moraes.

Portugal tem um grande problema social a resolver.

Cabe-lhe grande quinhão na conquista civilisadora da Africa; e essa será a sua maior gloria. Não deve hesitar no cumprimento de um dever: não pode addiar a sua acção fecunda nas terras africanas; tem que reconhecer e acceitar a sua enorme responsabilidade.

O caminho está traçado, é preciso seguil-o energicamente, como cumpre a uma nação séria, sobre que pesam as tradições de uma grande historia.

FIM DO VOLUME III

INDICE DO VOLUME III

A

PAG.

ıs em Angola..... 126
ıia..... 11
ı as missões na Abyssinia..... 80
rdente desmoralisa..... 88
a com os chefes indigenas na Africa..... 387
ɜa..... 235
mo nas raças africanas..... 34
..... 227
nismo dos phenomenos da emoção e da elabora-
o intellectual..... 65
lentes promovem o progresso..... 150
ophagia no Congo e Angola..... 104
ophagia dos negros e antropophagia dos germanos
ɜeltas..... 16
lizado, methodo portuguez..... 313
iação da terra..... 351
.do contra a vida do rei do Congo na egreja..... 103

B

PAG.
Ba-congo..... 216
Ba-cundi (canibaes)..... 226
Ba-kankala..... 136
Ba-kuisse e Ba-Nhaneca..... 135
Ban-kumbi..... 277
Ba-teké..... 218
Ba-Ximba..... 138
Baptisados em Angola, etc..... 68
Baptismos de carregação..... 141
Barca humana..... 249
Ba-yanzi..... 249
Bailundo..... 151
Bihè..... 262
Ba-Nhaneca..... 272
Bam-gala..... 302
Boi Geloa..... 274

C

Cabo e Natal, seus progressos..... 361
Cachellangues..... 226
Caconda..... 253
Camba..... 277
Cambamba (minas de prata)..... 132
Canibalismo..... 138
Capuchinhos em luta com o clero portuguez..... 108

PAG.
ırocas 214
ıssange 306
ızengo 233, 312
ıristianismo na Africa 87
ɜremonias pela morte de um jaga 248
ıa-N'Gangi 305
vilisação actual de africanos corresponde á civilisação prehistorica 14
ɔlonias portuguezas na Africa comparadas com as colonias inglezas 386
ɔlonias, parte integrante da monarchia 390
ɔlonisação systematica de Wakefild 356
ɔmmercio com o Brasil e com a Africa 347
ɔmmunismo entre negros 130
ɔmpanhias francezas 334
ɔmpanhia hollandeza das Indias orientaes 330
ɔncessão gratuita de terras 391
ɔngo e Angolà em lucta 297
ɔntrabando é o nivelador do commercio 339
raneo humano muda com a civilisação 26
renças dos negros sobre os mortos 91
ɜrenças religiosas dos negros 91
ʃubaes 271
ʃubiça dos reis portuguezes 366
ʃolonias inglezas 337
ʃultura dos campos de Loanda 208

D

Dembos 221
Desenvolvem-se as sociedades por evolução e não por transformação 67

PAG.

Diabos tiram o telhado da egreja no Congo para levarem um chefe de revolta 75
Duque de Bragança 239

E

Egualdade entre os negros 44
Elogio dos portuguezes 345
Embondeiro da rainha Ginga 238
Emigrações africanas 291
Emoções e actividade intellectual 154
Escolas mahometanas 30
Escravidão em Angola 58
Escravidão e os frades 54
Escripta entre os negros 148
Estrangeiros no Congo 107
Expulsão das Companhias do Congo 67

F

Facilidade no commercio 393
Fortalezas dos Dembos 221
Francisco Barreto em Monomotapa 370
Funcções physicas dominam as intellectuaes nos negros. 64

G

Gambos 273
Guanguellas 267

PAG.
Ginga 227
Guerra aos monopolios 326
Guerra dos assucares 343

H

Hambas 283
Hay 273
Humbe 277

I

Imperios (tres) na Africa quando os portuguezes alli chegaram 8
Inimigos de Hespanha prejudicam as colonias portuguezas 325
Injurias dos missionarios da propaganda contra os portuguezes 76
Institutos de ensino na colonia do Cabo 160
Insalubridade dos terrenos da costa e movimento das populações africanas do nordeste para sudoeste, causas das alterações dos typos negros 21
Inferiorídade dos negros 121
Invasão dos Jagas no Congo 75
Instrucção dos missionarios no Congo 76
Instrucção de operarios em Angola 171
Invasões no Congo 217
Islamismo na Africa 28

J

PAG.
Jaccas..... 299
Jaga Casangi..... 244
Jagado de Casangi está vago..... 247
Jau..... 272

L

Libolo..... 250
Lingua portugueza no Congo..... 260
Luctas dos governadores de Angola com os missionarios. 85

M

Magyar (Ladislan) carta ao governador de Benguella... 257
Ma-hungo..... 227, 300
Machado (Joaquim José), influencia das obras publicas . 164
Ma-iacca..... 226
Malange..... 241
Mandombes..... 211
Mani-Congo..... 9
Ma-quioco..... 301
Marabus e missionarios..... 148
Marquezado de Mosoul..... 206
Massangano..... 231

PAG.
mba 229
idas portuguezas a favor dos escravos 197
s de civilisar a Africa 12
ão allemã na Costa do Oiro, etc. 92
ionarios christãos; idéas sobre a escravidão 45
ões na Abyssinia 78
ões no Congo e em Angola 93
loanda 208
bandos 211
lombos 133
omotapa 10
opolios 323
ndes 131
mento commercial de Angola 375
hicongos 128, 206
himbos 214
nandos 133
surongos 128

N

o 137, 266
mba Tembo 303
os de Angola 125
neira (A. F.), livro sobre os negros 27

O

s publicas em Angola, idéas da população 166
s publicas nas colonias portuguezas 162

PAG.
Officiaes mechanicos no Congo..... 156
Opinião de Herder applicavel sobretudo á Africa.... 7, 8
Opiniões de W. Reade e G. Schweinfurth sobre o islanismo na Africa..... 38
Organisação da Ginga..... 298
Organisação das colonias hollandezas..... 387
Origem das colonias inglezas..... 326

P

Phalico, culto no alto Congo..... 216
Phytographia da Africa de oeste por Johnston..... 202
Portuguezes na Africa..... 371
Povos de Loanda são Fulus..... 207
Povos negros, descriptos por Leão Africano..... 18
Preparação das colonias para promover a emigração.... 57
Privilegio de bandeira..... 378
Procissões quimbundas..... 262
Problemas de navegação e geographia resolvidos pelos portuguezes..... 321
Progressos na Africa..... 17, 145
Protestantes e catholicos, missionarios inimigos..... 113

Q

Qualidades da propaganda christã na Africa..... 84
Quiambole..... 244
Quianvo..... 226
Quiculos dos jagas..... 245
Quihita..... 273

PAG.
Quillengues..... 252
Quimbundas..... 261
Quissamas 132, 210
Quissungo do Bihé..... 139

R

Raphia-nitida para a pintura..... 220
Reade classifica os povos da Africa em tres grandes divisões 20
Refutação das accusações contra os portuguezes 201
Relações de Portugal e Congo..... .. 310
Relações dos inglezes com os negros..... 363
Religião e trafico de escravos..... 112
Representação dos povos de Loanda sobre obras publicas 167
Restricções ao commercio..... 340
Ritos e usos *am-bundas*..... 242

S

Salvação das almas, preoccupação dos primeiros exploradores da Africa 73
Sambamento 246
São José de Engoge..... 223
Superioridade das missões de jesuitas 127
Sousa Coutinho, escolas que estabeleceu em Angola.... 158
Stanley, opiniões sobre a civilisação dos negros..... 160
Systema das culturas..... 332

T

PAG.
Terra e capital..... 352
Trabalho dos degredados na Australia..... 355
Trabalhos de preparação..... 357
Trafico da escravatura..... 87, 274
Transformação dos negros..... 389
Tribus boschjemans na extremidade austral de Angola.. 213
Tribus das terras baixas da embocadura do Zaire..... 205

U

Umpata..... 272

V

Vantagens economicas da colonisação..... 318
Venda das terras a preço fixo..... 355
Vida municipal..... 390

Z

Zanzibar (negros do)..... 143
Zimbos..... 10

ESTUDOS

SOBRE

AS PROVINCIAS ULTRAMARINAS

POR

JOÃO DE ANDRADE CORVO

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa

Volume IV

LISBOA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1887

ESTUDOS

SOBRE

AS PROVINCIAS ULTRAMARINAS

ESTUDOS

SOBRE

AS PROVINCIAS ULTRAMARINAS

POR

JOÃO DE ANDRADE CORVO
Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa

Volume IV

LISBOA
POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
1887

COLONIAS ASIATICAS

A INDIA

As viagens de descobrimento pela costa oriental da Africa, tinham chegado até ao rio do Infante; estava dobrado o Cabo da Boa Esperança por Bartholomeu Dias, mas não era conhecido o caminho da India e o rei de Portugal queria esse caminho, para que viessem por elle a Lisboa as especiarias que faziam a riqueza do Mediterraneo.

O rei de Benin, da costa occidental da Africa, informou el-rei D. João II que, para os lados do oriente, havia um rei christão, chamado o Preste João: concluindo, d'estas e d'outras informações, que o Preste João era rei da India, D. João II mandou commissarios para irem informar-se e trazerem-lhe a noticia, e ao mesmo tempo fallou com Janinfante, um estrangeiro tratante que muitas vezes vinha a Lisboa e muito sabia da arte de navegação, para ir em quatro caravellas pela costa de Benin e proseguir a

viagem para dobrar o Cabo da Boa Esperança. O mar não permittiu a Janinfante proseguir a viagem, porque as caravellas eram pequenas e, quando se acabaram os mantimentos, voltou para Lisboa e disse a el-rei o que lhe succedera e que eram precisos navios grandes que permittissem navegar pelo mar largo, para descobrir o rumo d'aquellas terras que parecia serem mui grandes. El-rei encarregou Janinfante de fazer á sua vontade os navios, e mandou cortar boas madeiras que foram trazidas a Lisboa. Andando n'esta labutação de construir os navios Janinfante adoeceu e morreu. El-rei tambem por este tempo morreu.

D. Manuel, o seu herdeiro, tomou o mesmo empenho de descobrir o caminho da India, e encarregou d'isto Vasco da Gama, que partiu para a India n'uma armada de tres naus: S. Raphael, S. Gabriel, e S. Miguel. Cada nau levava oitenta homens.

A armada, depois de varia fortuna, dobrou o Cabo da Boa Esperança e por fim chegou a Moçambique, onde o Xeque lhe mandou dois pilotos para os conduzir á India. Os pilotos porém eram traiçoeiros ou ruins; e só em Melinde Vasco da Gama achou amisade e recebeu bons pilotos que o conduziram a Calecut.

O caminho da India pelo Cabo da Boa Esperança estava descoberto; e os portuguezes buscaram encetar relações commerciaes e destruir o com-

mercio que estava estabelecido com a Europa, por meio dos mouros e venezianos. Os mouros, sentindo o perigo que os ameaçava, tramaram em toda a India varias insidias contra os portuguezes; e isto durou assim até que um grande capitão, Affonso de Albuquerque, por toda a parte os guerreou e estendeu as conquistas portuguezas pela costa da India.

O tempo das conquistas e grandeza do dominio portuguez foi este. Malaca e as ilhas de Moluco caíram sob a espada de Affonso de Albuquerque e egualmente Ormuz, cuja posição maravilhosa domina o Golfo Persico. Na bocca do estreito do mar Vermelho a ilha de Sacotoro foi conquistada. Assentou em Goa o governo portuguez e deu-lhe assim uma solida existencia.

O dominio portuguez estendia-se pela costa da Asia, mas não penetrava além da costa. O commercio era a exclusiva preoccupação dos conquistadores, e bastavam-lhe as praças e feitorias que se estendiam á beira mar. Malaca, Moluco, Passem, Coilão, Calecut, Cananôr, Codogun, Chaul, Dabul, Ormuz, etc., eram pontos em que as feitorias se achavam estabelecidas e preparavam as cargas para as naus que do reino a iam todos os annos buscar.

Affonso de Albuquerque, voltando de Ormuz onde levantara fortaleza, adoeceu e morreu. A sua morte foi signal de rapida decadencia do nosso do-

minio da India. A cubiça e o exemplo dos reis commerciantes, monopolisadores, especulando com as prezas no mar, desmoralisaram os fidalgos, que se armavam por conta propria para tomarem e roubarem os navios dos mouros. Os capitães dos presidios perderam a subordinação e tornaram-se mais ou menos independentes. E tudo entrou em decadencia, apenas minorada pelo rigido governo do celebre D. João de Castro.

No reinado dos Filippes as invasões dos hollandezes fizeram-nos perder grande parte das nossas feitorias, e esses logares importantes para o commercio foram disputados por diversos navegadores, principalmente pelos inglezes, e passaram a ser de quem os conquistava, ficando-nos na mão apenas Goa, Damão, Diu, Macau na China, Solor e Timor na Oceania. Da immensa região onde o nosso monopolio commercial se exercia ficamos só com os pontos designados aqui.

Além do mais, os habitos do commercio mudaram, os monopolios desappareceram, e foi o commercio livre quem dominou no mundo. O nosso systema antigo não podia persistir contra a opinião e os usos de toda a gente. O nosso dominio desappareceu, porque tinha realmente que desapparecer. Não foram unicamente as desgraças que produziram a nossa decadencia, foi uma lei economica a que não soubemos e não quizemos obedecer.

GOA

I

No fim do seculo XVII o estado dos nossos negocios na India era deploravel. Em 1745 faziam-se numerosas consultas para saber o modo de regular a receita com a despeza, já pelo augmento das rendas publicas, já pela suppressão de tribunaes. A receita era inferior ás despezas em 700:000 xerafins, orçando ainda, apezar da diminuição do commercio e da falta de praças e feitorias perdidas, em perto de 600:000 xerafins a receita arrecadada. A principal razão de não chegar a receita para a despeza era a pessima administração da fazenda, e os numerosos e desnecessarios tribunaes que persistiam na India Portugueza. A egreja tambem absorvia muitos rendimentos e contribuia para o empobrecimento da India, que por este tempo havia perdido as provincias do norte pela invasão dos maratas.

Já em 1704 o estado tinha recorrido aos dizimos para acudir á falta de receita, mas as queixas dos clerigos, que suppunham este imposto pertencente á egreja e os escrupulos do monarcha, haviam posto cobro a este recurso. Em 1745 resurgiu a mesma idéa, mas inutilmente.

Desde 1685 quiz D. Pedro II salvar o commercio da Asia por meio de uma companhia, á imitação das companhias inglezas, hollandezas e francezas: mas esqueceu diffinir bem os exclusivos concedidos á companhia, não se designou o capital, as obrigações dos directores, a sua escolha, etc.

Fizeram-se depois ensaios sobre a instituição de outras companhias, mas o tempo das companhias era passado e todos os ensaios portuguezes foram desastrados e estereis.

Nos primeiros annos do presente seculo a decadencia não parou, apezar de algumas victorias ganhas aos mouros. O movimento liberal de 1820 deu, na India, origem á anarchia desordenada. Uma triste quadra de revoltas, foi apenas minorada por algumas obras de utilidade publica. Uma estrada que rompeu os Gates, uma ponte em Ribandar, a villa de Pangim, melhoramentos na justiça e na administração economica, dão lustre aos governadores da India.

II

A nossa actual colonia indiana fórma um todo composto da ilha de Goa, de Salsete e Bardez, e das denominadas Novas Conquistas, separada do resto do continente da India pela elevada cordilheira dos Gates; pelo occidente o mar banha todo este territorio.

Além d'este territorio ficam as praças de Damão e Diu, sobre a mesma costa, isoladas, porém, e formando corpos á parte e separados de Goa.

Os rios e esteiros navegaveis em Goa são em numero consideravel e põem em communicação, nas marés cheias, as diversas porções de territorio.

O territorio, comprehendido entre a linha dos Gates e o mar, é, geralmente, fertil, dando abundantemente varios fructos.

Nas Velhas Conquistas, isto é em Bardez, Sal-

sete e Ilhas, situadas á beira mar, existe uma população aproximada de 251:000 moradores.

É aqui que se encontra uma das mais antigas e curiosas instituições de propriedade que fixam a nossa attenção. As *communidades agrarias* são, mais ou menos, vastas propriedades possuidas em commum por uma associação exploradora. A origem das communidades foi a de tribus ou grupos de familias que atravessaram os Gates para vir estabelecer-se n'aquelles territorios á beira mar. Cada grupo tomou posse de terrenos e os explorou em commum; sob a direcção de chefes de familia (*chefes de vangor*) a que depois deram o nome de *gancares*, ou senhores de aldea. Estes *gancares* constituem uma aristocracia; eram elles que governavam a cultura em commum, cujos productos eram repartidos por todos os associados. Para sustento do culto religioso foram destinados certos terrenos. Aos servidores da communidade, concedeu-se o usofructo de predios e campos que se chamavam *namoxins*.

Posteriormente, novos adherentes vieram solicitar dos *gancares* admissão na associação. Não podendo ser admittidos ao que pediam, concedeu-se-lhes a cada um algumas varas de terra, mediante uma retribuição em *fôro perpetuo:* como os braços não eram sufficientes para a cultura dos vastos terrenos possuidos pelos *gancares*, chamaram-se novos colonos estranhos, chamados *culacharins*, a quem

se confiou a funcção de colonos cultivadores. As terras da communidade dividem-se em tres lotes: um para o culto; outro para beneficio dos *gancares;* e o terceiro para sustentação e salarios dos *culacharins*. Do segundo lote é que se destinaram terras para aforamento *in perpetuum*, e outros para foros temporarios com arrendamentos a curto praso. Os *gancares* tiveram um patriciado, que se não podia perder, e a quem pertencia exclusivamente a gerencia dos negocios communs.

Um soberano, cobrando das *gancarias* um tributo, dado por livre vontade, tomou a protecção dos interesses politicos d'aquelle territorio, nomeou os *tanadares* ou magistrados administrativos com funcções judiciaes e as camaras geraes, nas diversas provincias, que taxavam os seus interesses e julgavam certas causas crimes. Seguiu-se a isto uma época de numerosas invasões de musulmanos, nas quaes foi preciso gastar sommas consideraveis, que as *gancarias* obtiveram por emprestimos feitos pelos foreiros e rendeiros. Os titulos emittidos garantiam o direito de participar dos interesses sociaes, mas com responsabilidade nos lucros e prejuizos. A gerencia dos bens continuou comtudo a cargo dos *gancares*. Por fim a victoria ficou aos invasores musulmanos, e estes apenas pediram um ligeiro augmento nos tributos, deixando livre a administração da propriedade communal. O principio de equi-

dade proclamado no alcorão contradizia o principio de desegualdade que a doutrina brahamanica proclamava nas *contas;* e d'ahi resultou a lucta entre *calacharins* e *gancares* na gerencia dos negocios da administração dos bens communs.

O imperio musulmano durou pouco tempo e succedeu-lhe o dominio portuguez pela conquista de Affonso de Albuquerque. O dominio conquistado pela espada foi firmado pela politica; Affonso de Albuquerque buscou crear alliados nos povos hindús. O regimen das communidades foi mantido, uma terça dos impostos existentes foi abolida, e os bens que pertenciam aos musulmanos foram sequestrados e, em seguida, dados aos portuguezes que contrairam matrimonio com mulheres hindús.

Poucos annos depois um foral, promulgado em 1526, resumindo o fundamento das associações communaes, affirmava ao governo o direito de intervir na gerencia d'estas associações e de regular as suas relações com a auctoridade; o que cerceava a liberdade e independencia dos *gancares.*

A esta seguiram-se muitas medidas que modificavam profundamente a natureza das communidades, cerceando-lhes os seus direitos primitivos e restringindo-lhes as suas liberdades. Os *gancares,* tendo só voz nas arrematações de arrendamentos dos haveres da communidade, conseguiam por conluio tomar de arrendamento as terras por preço insigni-

ficante para depois de sua mão as subarrendar com beneficio proprio. As queixas multiplicaram-se, os abusos cresceram, e por fim um regimento de 1735 auctorisou os *cuntocares* a licitar, mas pela voz de um *gancar*.

Um decreto, hoje revogado, publicado em 1882, determina que a gerencia das communidades agricolas seja confiada a uma junta administrativa não retribuida, nomeada, quasi sempre, pelo governo, sob proposta do tanadar-mór a que chama administrador. As propriedades da communidade são arrendadas em praça, licitando *gancares* e interessados, mas estes por voz de um *gancar*. Os pleitos entre as communidades e qualquer dos seus membros pertence ao governo resolvel-os, etc. O recebedor é responsavel *in totum* pelo pagamento da renda. A propriedade territoreal da communa é inalienavel e as rendas repartem-se segundo a velha pratica.

As communidades são uma das formulas mais curiosas das associações. São associações cooperativas, que a lei tem transtornado, alterando a sua natureza primitiva, mas que ainda conservam muitos dos seus caracteres fundamentaes e se devem conservar com modificações que afastem os abusos, que lhe alteram a organisação primitiva e afastem as suas naturaes consequencias. A divisão da propriedade em pequenos lotes, arrendados pelo praso ma-

ximo de tres annos, afasta a boa cultura que produz melhoramentos no solo, e é assim prejudicial ao estado e aos interesses das communidades. A este systema conviria antes substituir outro que mudasse o systema de exploração. N'este sentido propoz o sr. Teixeira Guimarães um projecto que merece seria attenção, mas que foi ultimamente desattendido pelas corporações chamadas a dar sobre elle o seu parecer. No projecto do sr. Teixeira Guimarães propõe-se a fusão das communidades contiguas a fim de constituirem associações bastante ricas, para, com o auxilio do credito, realisarem a sua transformação industrial. As propriedades deviam ser exploradas por conta directa das associações, empregando-se na cultura os processos mais aperfeiçoados que a sciencia conhece. Isto, porém, não poderia realisar-se senão por uma transformação relativamente lenta.

Abolir de golpe o systema actual produziria uma crise, em uma classe de intermediarios, que arrematam as rendas para depois procederem, de sua mão, a sub-arrendamentos. Para evitar a crise para estes intermediarios, o projecto propõe que, das terras a arrendar, se separe um terço da area total para a communidade n'elle fazer a cultura por propria conta. Por esta fórma no fim de nove annos todas as terras seriam exploradas pelas communidades. A creação de uma boa escola agricola e a larga re-

muneração dos agentes technicos completa o projecto.

Salvo modificações, que a experiencia iria ensinando, o projecto do sr. Teixeira Guimarães satisfaz ás condições essenciaes para assegurar a transformação racional das communidades; e essa transformação é essencial, para tirar do fatal entorpecimento, em que se definha, a agricultura indiana.

III

As communidades são uma das fórmas mais curiosas da propriedade territorial, e que tem maior extensão nas Velhas Conquistas. No seu estado actual, as communidades são uma causa do atrazo agricola, impedem todo o malhoramento e, só alterando-lhe as bazes, se poderá conseguir a necessaria transformação do solo e das culturas. E, sem essa transformação, não se conseguirá o natural enriquecimento da India. Ha, porém, interesses poderosos que trabalham para a manutenção do que está com todos os seus erros e abusos, uns porque lucram com esses abusos, outros por temerem bulir no que está e que tem por si a tradição.

O atrazo da agricultura nas Velhas Conquistas mantém o atrazo da agricultura nas Novas Conquistas, menos habitadas e mais atrazadas do que

as Velhas Conquistas: d'aqui resulta a paralisação total da agricultura em toda a India portugueza.

A industria está por toda a parte morta; a agricultura, como acabamos de ver, entorpecida. Nada restava á velha India para a despertar da sua caduca letargia.

O commercio, na época da conquista, era monopolio do estado e se apoiava na espada. Este monopolio matava todo o commercio livre, e afugentava os indigenas da idéa de tentarem transacções de qualquer ordem. Quando, porém, o commercio official acabou, não ficaram na India nem habitos nem tradições de commercio, e este estabeleceu-se por meio das companhias estrangeiras que tomaram o logar de dominadores, que nós occupámos por dois seculos. A India portugueza faz notaveis importações para o proprio consummo, inclusivamente productos agricolas, que as suas terras naturalmente podiam produzir em abundancia. As medidas mais severas se empregaram no seculo passado para promover a agricultura; mas tudo foi inutil. Nem mesmo o arroz, que se produz naturalmente e em grande abundancia nas terras de Goa, se conseguiu produzir em quantidade necessaria para satisfazer ao consummo.

A industria fabril quasi não existe, pois não vale a pena mencionar alguns ensaios infructiferos que se tem feito em diversos sitios. Os habitos não es-

tão creados nem os mercados estabelecidos, apezar dos esforços por varias vezes empregados.

As receitas publicas mostram uma tendencia a diminuir, como se vê da tabella seguinte:

1868-69.....	884:807$475
1869-70.....	884:998$225
1870-71.....	997:522$210
1871-72.....	1.197:123$089
1872-73.....	974:722$580
1873-74.....	881:458$659
1874-75.....	874:808$609
1875-76.....	872:470$387
1876-77.....	838:325$624
1877-78.....	850:490$747

Nos ultimos annos, de 1871-72 a 1877-78, a diminuição é evidente. As causas d'essas differenças são principalmente;

A consideravel e progressiva diminuição da renda dos dizimos, que, havendo no anno de 1867-68 attingido a somma de 313:417$780 réis, se foi reduzindo á cifra de 195:089$037, totalidade do rendimento no anno de 1875-76;

A cessação dos rendimentos da grande porção de predios nacionaes que foram vendidos, empregando-se o seu producto, por força das circumstancias, no pagamento das despezas ordinarias e obrigatorias;

A cessação dos rendimentos dos foros dos prasos da corôa remidos em virtude da carta de lei de 10 de junho de 1867, que por egual motivo não foram convertidos em inscripções de divida publica;

A escassez dos cereaes, devida a continuadas e variadas alterações meteorologicas, que tem produzido, ha alguns annos, a falta ou deficiencia das aguas em tempo opportuno;

As excitações que tem abalado, por mais de uma vez, a praça e o commercio na cidade de Bombaim e na India Ingleza;

Finalmente o contrabando a que difficilmente se poderá oppor obstaculos na extensa raia.

Este estado decadente dos rendimentos publicos fazia-se sentir e tornou difficil a vida publica e a gerencia da fazenda.

IV

ɔ seu relatorio de 1879 o governador apresenta esumo da producção agricola do estado da In- e por este vê-se que faltam até alguns produ- que podiam ali prosperar e outros são em pe- a quantidade. Esse resumo é o seguinte:

	Cumbos	Candis	Mãos
.....	227	19	17

	Cumbos	Candis	Curós
arroz com casca)	30:985	15	2
.....	276	15	8
ıha de cajú.....	548	17	5

	Cumbos	Candis	Curós
Caroço de undám	16	10	2
Caroço de costám	13	15	1
Feijão	–	0	10
Gergelim	20	9	–
Legumes diversos	802	4	12
Mugo	–	7	10
Nachinim	1:305	15	–
Noz de galha	–	2	4
Orió	119	9	5
Pacollo	992	16	15
Pimenta longa	648	14	17
Pimenta redonda	19	6	3
Savóm	33	6	5
Semente de puna	–	1	–
Solam (cascas) de brindão	133	12	1
Solam (cascas) de ottomba	14	3	14
Sal	7:483	2	–
Semente de linho	5	5	–
Tori	16	7	–
Urida	10	7	7

	Candis	Mãos	Arrateis
Açafrão	110	4	–
Cebola	148	8	–
Gengibre	9	22	16
Jagra de canas	745	21	–
Jagra de palmeira	–	16	–

	Candis	Mãos	Arrateis
ıa	44	15	–
ente de ricino	1	5	–
arindo	2:862	–	5

	Candis	Mãos	Calões
ıo de cajú	814	6	–

	Arrobas	Arrateis	Onças
ıdão	3	24	–
ta	312	–	–
	324	17	–
o	147	30	–
	–	4	10
oca bruta	3	24	–

	Numero
ınazes	10:685
ınas	360
ıanas	3.945:490
nbús	2.339:549
:os	39.913:440
ıas	239:660
onas	6:900

	Numero
Folhas de betbe	116:300
Jacas	3.552:017
Jambos	1:660
Limões	2:350
Laranjas	2:564
Lenha (arrobas)	62:930
Mangas	26.041:975
Mathombas	10:000
Patecas	600
Pepinos	1:350
Pomos de adem	3:000
Toranjas	6:933
Tangerinas	100

Em vista d'este resumo dos productos agricolos de Goa é facil reconhecer que alguns productos que acham facil consummo não são cultivados ou o são em pequena quantidade. Citaremos os principaes.

A falta de arroz é grande e por isso falta a alimentação do povo e ha necessidade da importação consideravel e de enorme dispendio que empobrece o estado, já de si tão miseravel. A cultura dos trigos resolveria este negocio augmentando a quantidade de productos alimentares. Todos sabem que hoje o trigo se cultiva abundantemente na India e que os seus productos são em tal quantidade que se receia a sua concorrencia nos mercados da Eu-

ropa. Já em 1746 um homem estudioso da India portugueza escrevia sobre este assumpto o seguinte:

«A experiencia, que repetidas vezes tenho feito e fizeram outros por minha persuasão, tem mostrado que estas nossas terras são capacissimas de produzirem trigo: e segundo as noticias que tenho alcançado, antigamente o recusavam a naturaes da ilha de Bardez, que deixaram de continuar com esta sementeira, porque os que lhe pediam o trigo com o titulo de vendido, lh'o não pagavam e ficavam os miseraveis fazendo as despezas e pondo de casa o trabalho sem utilidade alguma sua».

Assim pois a experiencia na India portugueza, os factos hoje geraes na India ingleza, estão provando a possibilidade de cultivar com vantagem o trigo, não só para augmentar os productos alimentares na India, mas para promover a exportação.

O trigo que se dá bem na India é o que chamamos tremez, isto é, que se semêa, nasce, cresce e colhe no periodo de tres mezes. Esta sementeira pode fazer-se nos primeiros dias de agosto, evitando que a agua das chuvas fique empapada na terra em que o trigo está semeado; e semeando n'este tempo pode a colheita fazer-se em outubro.

A segunda sementeira de trigo se deve fazer n'aquellas varzeas, em que se costuma semear o bate de serodio, que dão uma só novidade. Estas varzeas se devem lavrar logo que se colher o bate

e semeando-lhe logo o trigo, que se creará com a humidade da terra e com o orvalho do céo.

Nas varzeas que forem de vangana, pode haver duas novidades de trigos, semeando este depois de colher a novidade do serodio, deixando enxugar um pouco a terra e desfazendo os valados para que a agua se escoe e a terra seque mais depressa.

O milho deve semear-se logo nas primeiras chuvas pelos outeiros e suas faldas, cavando as terras e tirando as hervas para que o não afoguem. O seu producto é abundante porque de cada grão de semente nascem quinhentos em boa terra.

O milho chamado zaburra é tambem uma sementeira muito proficua nas mesmas terras que a das castas de milho ordinario; d'esta qualidade de milho se poderia na India tirar grande utilidade.

O bazury é outra casta de cereal que pode, com proveito, semear-se na India. É pouco maior que o milho miudo de Portugal, e é um mantimento substancial e confortativo. Cada grão de semente de bazury dá quinhentos ou mil em boa terra.

A estes podiam acrescentar-se a cevada e o tury que tambem se dão bem na India nas mesmas terras e com identicos cuidados do que as sementeiras anteriores.

As sementeiras de algodão desenvolvem-se com facilidade na India e podem dar consideravel vantagem em todas as terras que hoje se conservam in-

cultas, nas Novas e nas Velhas Conquistas. Ha duas castas de algodão, uma que se semea todos os annos em chão fundo e rico, outra que vem em terrenos mais seccos e mais pobres: esta dura muitos annos e em todos dá casulos abundantes: é o algodão arboreo. Uma e outra casta se pode cultivar na India e dar abundante producto.

A pimenta negra é uma planta cuja sementeira podia ser de muita utilidade na India portugueza, e se cultiva nas terras visinhas com grande proveito. Foi a pimenta um dos productos que excitou a cubiça dos conquistadores que d'ella fizeram a base do seu monopolio commercial: arrancar esse monopolio aos mouros e aos venezianos foi o grande resultado dos descobrimentos da India pelos portuguezes. É pois de admirar que se não tratasse de introduzir essa cultura no territorio de Goa, como effectivamente succedeu. O estudioso, a que acima citei, na experiencia ácerca do trigo, dizia ha mais de um seculo o seguinte:

«No que respeita á pimenta, tambem tenho visto o mesmo em muitos logares dentro da ilha de Goa: v. g. na horta do collegio de S. Paulo, na do Seminario de Santa Fé, na quinta de Santa Rosalia e na aldeia de Bambolym em um bairro chamado Velho Mollo; e em todas estas partes era a pimenta tão excellente, que na fortidão excedia a de Sunda».

A experiencia prova que a cultura da pimenta

preta se pode fazer em Goa com vantagem e com notavel utilidade. Esta cultura é facil e economica; enterrando junto das arvores uns pedaços de ramos de pimenteira de palmo ou palmo e meio de comprimento ou semeando a pimenta, esta, quando rebenta, deita ramos novos que se vão pegando pelas arvores e subindo por ellas. Estas plantações nos sitios não regados devem fazer-se no principio do inverno: nos logares, porém, que se podem regar, em todo o tempo se podem fazer, e só ha o trabalho de fazer a colheita da pimenta quando esta muda de côr. Esta mesma plantação se pode fazer junto de paredes altas porque a pimenta se pega a ellas.

O producto em madeira das arvores de teca e jambuleira é tão consideravel e precioso que vale muito a pena de se plantarem na India que é a sua terra propria, e hoje faltam onde antes abundavam. A teca planta-se em pés de dois ou tres annos, ou por meio de estacas deitadas com dois a tres dedos de terra cobrindo-as. O jambuleiro pode semear-se em qualquer terra e sem risco, porque o gado lhe não toca. Estas madeiras não teem hoje o valor que tiveram antes do ferro entrar na construcção de cascos dos navios, mas nem por isso deixam de ser madeiras de alto valor para as construcções e para marceneria.

O café de que se produzem actualmente 3:000 arrobas, pode multiplicar-se muito e obter muito

consummo nos mercados do mundo, o que seria facil logo que se tivesse cuidado de fazer d'elle plantações. O chá, de que os inglezes teem feito importantes plantações nas serras da India, tambem se poderia plantar vantajosamente nos Gates, terras hoje incultas e que é preciso aproveitar promptamente, agora que esses montes são atravessados por um caminho de ferro, que os torna accessiveis e facilita os transportes que antes eram impossiveis.

V

O estado a que estava reduzida a India portugueza, encravada em vastas possessões inglezas de que vivia isolada, sem participar da actividade agricola e industrial d'aquelles immensos territorios, levou a promover a união dos dois paizes; fazendo commum um e outro commercio, e ligando-os por um caminho de ferro. Esta fusão, necessariamente, ia de produzir um grande abalo na Goa, velha e cadaverica, mas d'esse abalo deve resultar a vida e com ella a actividade.

Para se entender a intenção do tratado resumiemos aqui os seus fundamentos. Possuiamos havia longos annos privilegios concedidos pelo Mogol; o uso d'esses privilegios foi-nos respeitado pela Inglaterra sem contestação, até que d'elles se abusou, e então, depois de reclamações inglezas e esforços que não produziram resultado, a Inglaterra suspendeu-os.

Estabeleceu-se uma discussão entre os governos portuguez e inglez: o governo portuguez pedia indemnisações que a Inglaterra contestava e não admittia. Antes da suspensão dos privilegios, por abusos praticados por negociantes inglezes de Bombaim, estes produziam 90 libras por anno: o estado da questão pedia uma solução que lhe désse um prompto termo. Attendendo ao intorpecimento de que padecia Goa, que estava quasi expirando por falta de commercio e de industria e pelo abatimento da agricultura, o governo portuguez entendeu que era occasião opportuna para formular um tratado de commercio, que estabelecesse, entre a India portugueza e a Ingleza, uma mesma pauta. Isto daria um impulso á India portugueza e a levaria a trabalhar, esquecendo as velhas tradições e buscando em novas instituições bases novas para a actividade industrial, agricola e commercial. Goa soffria do isolamento em que as suas circumstancias geographicas a collocavam: era um povo atrophiado, que só o commercio com os territorios visinhos podia despertar, e esse estabeleceu-se pelo tratado. É certo que o remedio era violento, mas a uma situação difficil e excepcionalmente embaraçosa são precisos remedios d'estes; os quaes estavam experimentados em outras nações com resultados efficazes.

Goa tem menos de meio milhão de habitantes e a população da India Ingleza são 200 milhões, e a

vida em commum d'estas duas populações é necessariamente util á primeira. Os direitos da alfandega, reduzidos a 5 % *ad valorem*, em logar dos direitos que subiam a 15 e 20 por cento dá vantagens enormes aos consummidores.

O menor preço porque as coisas se podem obter dá mais facilidade de vida e impelle ao mesmo tempo á producção e á exportação. A união aduaneira estabelece uma pauta commum e uma alfandega commum, mas necessariamente obriga á união dos impostos lançados sobre os productos fabricados no paiz. Na India ingleza havia impostos que se cobravam do sal e do alcool, e era preciso assegurar esse rendimento, sem obrigar os habitantes de Goa a sacrificios inuteis. Para assegurar o rendimento do sal estabeleceu-se um systema de fabricação em Goa, fiscalisado por empregados inglezes, que exploravam as marinhas ou fiscalisavam as exploradas pelos proprietarios ou rendeiros, dando o governo inglez indemnisações aos proprietarios de marinhas, avaliadas por uma commissão mixta. Esta influencia, exercida pelo governo inglez sobre a producção do sal n'uma colonia estrangeira já tinha precedente.

Em 1815 a Grã Bretanha celebrou uma convenção com a França ácerca da producção do sal em Pondichery, a qual foi modificada por outra convenção em 1818. Na primeira, o governo francez

obrigava-se a dar de arrendamento ao governo inglez o direito exclusivo de comprar por preço rasoavel o sal fabricado nas suas possessões, reservando a quantidade que os agentes francezes julgassem necessaria para consummo domestico dos habitantes; obrigando-se o governo francez a vender esse sal pelo preço que o governo inglez adoptasse nas suas possessões proximas.

Como a experiencia não deu os resultados que se esperavam, modificou-se a convenção por outra, em 1818, e n'esta se estipula que a manufactura do sal seria prohibida e que o governo inglez pagaria todos os annos uma somma para indemnisar os proprietarios das salinas.

Estas convenções franco-inglezas eram um precedente, e sob a sua influencia o governo inglez propoz-nos a suppressão total da fabricação do sal, o que nós regeitamos por ser a extincção de uma industria que mais prosperava em Goa. D'aqui resultou o tratado de commercio na sua fórma actual.

D'esta negociação, o governo portuguez queria, como resultado, essencial para acordar a actividade da India, a construcção de um caminho de ferro que ligasse o centro do continente indiano com um porto na India portugueza e facilitasse as communicações de toda a India. O caminho de ferro que se projectava era contrariado por fortes interesses inglezes, que tinham delineado e estudado um ca-

ıho de ferro em territorio inglez, que fosse ter-
ıar em Corwar ao sul de Goa. Antes de se tra-
da construcção de um caminho de ferro em Goa,
ısava-se na construcção ou de uma linha para o
·te, ligando com a linha de Madrasta a Bombaim,
para o sul, pondo Goa em communicação com
rwar: nenhuma d'estas linhas compensava a des-
:a. A linha mais util, mais necessaria era a de
te a leste, de Murmugão para o oriente, ligando
n as linhas inglezas em Bellary. Esta linha, que
ı o centro do Industão com um porto de mar, na
lia portugueza, é muito necessaria ao commer-
da India e põe Madrasta em communicação com
en.

O governo britanico hesitou em tomar compro-
sso algum n'este sentido. Por fim cedeu ás im-
·tunações portuguezas, e prometteu auxiliar uma
npanhia particular que emprehendesse a con-
ıcção da linha com todas as facilidades, essen-
lmente concedidas ás linhas garantidas na India
;leza.

O caminho de ferro está em construcção adian-
la, e bem depressa Goa terá a desejada com-
ınicação com as linhas ferreas da India ingleza.
Foi em 18 de abril de 1881 que se assignou o
ıtracto para a construcção do caminho de ferro e
rto de Murmugão, apezar da vigorosa opposição
corpo commercial de Bombaim.

VI

Em 1877 a população da India portugueza contava 392:234 individuos; hoje essa população é de 481:467 individuos e tende a crescer. A tendencia ao crescimento é evidente.

O gado em 1882 era o seguinte: cavallar 304, asinino 160, vaccum 140:723, caprino 8:569, ovehum 448, suino 60:035.

Esta população espalhada pela superficie do estado é diminutissima; mas é de esperar que a construcção do caminho de ferro dê prompto um resultado inesperado. As chamadas Novas Conquistas são um paiz meio selvagem, com uma população pobre e limitada, carecendo de tudo, mas o solo fertil pode transformar tudo promptamente, quando o mercado esteja em communicação com a India ingleza e isso succederá em pouco tempo.

Os consummidores indianos estão n'uma situação prospera em relação ao preço das mercadorias; o que é preciso é transformar a sua producção; o que é facil, attendendo á fertilidade do seu solo, e á aptidão dos habitantes para numerosas industrias, que vão hoje exercer na India ingleza.

O tratado do commercio levantou difficuldades, suscitou opposição violenta não só na propria India mas na Europa. A India estava perdida, tinha irremessivelmente caido nas mãos avidas dos inglezes; os donos de marinhas eram sacrificados aos impostos inglezes. Esse terror já passou. A India portugueza é hoje mais portugueza do que nunca: os proprietarios de marinhas teem sido amplamente indemnisados de todas as perdas, e produzem mais sal do que nunca: o publico consummidor consomme mais e mais barato, e, em breve, um caminho de ferro virá pôr Goa em communicação com os centros de producção. O ministro condemnado por fazer o tratado: abandonado por adversarios e amigos está perto dos louvores de todos e será tão louvado como foi vituperado; ambas as coisas valem o mesmo em face dos factos: são processos da politica. O que é preciso é que os factos justifiquem as intenções: o resto pouco importa.

Os rendimentos da fazenda da India foram, nos dez annos anteriores ao anno de 1877 e 1878, os seguintes:

69.....	884:803$475
70.....	884:998$225
71.....	997:522$216
72.....	1.197:123$083
73.....	994:722$580
74.....	881:450$659
75.....	874:808$609
76.....	872:470$387
77.....	838:325$624
78.....	850:490$793

·atado diminuiu os rendimentos, extinguindo
)ostos das alfandegas. Em 1882-83 os ren-
tos foram de 695:937$675 rs. e em 1884-85
de 718:253$200 réis. O alivio que os povos
n nos direitos da alfandega deram em resul-
maior possibilidade de pagarem outros im·
e a expansibilidade financeira da India. Hoje
ostos egualam quasi os rendimentos de 1877-
abendo lentamente aproveitar as circumstan-
·eve os excederão.

overno inglez paga á India portugueza 4 la-
rupias que são destinadas ao subsidio do ca-
de ferro que se está construindo.

ndia portugueza, depois de passar largos an-
n alteração na sua legislação, passou ha pou-
nos por uma crise grave. Em 1871 uma agi-
no que então constituia o exercito da India,

deu logar á extincção d'esse exercito e á creação de uma companhia de policia e ao destacamento de um batalhão do regimento do ultramar. A estas mudanças succederam outras, para tirar o espirito militar que paralisava em Goa as forças productivas e dava ao povo um caracter de preguiça invencivel. Existia uma escola militar na Nova Goa, e a lei creou, em vez d'ella, um Instituto profissional para preparar para diversas industrias.

Estas mudanças profundas no modo de ser de Goa, produziram vigoroso abalo, mas hoje esse abalo desappareceu e a opinião publica recebe o estado actual sem grande repugnancia, e mesmo já chega a comprehender-lhe as vantagens.

VII

A execução do tratado foi origem das maiores esistencias em Goa. Todos lhe levantavam embaaços e lhe oppunham resistencias. Á prudencia e om juizo do sr. conselheiro Aguiar, que foi noeado pelo governo de Portugal para pôr em exeução o tratado, e aos esforços do governador o r. conselheiro Caetano de Albuquerque, se deve solução pacifica das difficuldades que o tratado evantou na India.

Quando o sr. Aguiar foi nomeado pelo governo ommissario regio já estava nomeado o sr. Cawford or parte do governo inglez. A nomeação dos dois ommissarios, cujo caracter era conhecido e respeido pela população de Goa, acalmou um pouco a gitação.

Passados poucos dias a agitação começou de novo, e os dois commissarios acarretaram sobre si os insultos dos que tinham interesse, ou soppunham tel-o em impedir a execução do tratado luso-britannico. Os commissarios porém não se perturbaram, e trataram pacificamente os negocios de que estavam encarregados. Concluidas as conferencias sobre a execução do tratado, os commissarios convidaram a uma reunião geral os proprietarios de marinhas, para que manufacturassem o sal por sua conta, ou as arrendassem aos agentes inglezes. N'esta reunião mostrou-se a descoberto a má fé dos proprietarios, que hoje ajustavam uma coisa para no dia seguinte pedirem outra.

O governador geral teve tambem uma conferencia com os proprietarios das marinhas, mas esta foi tão esteril como a dos commissarios. O governador, em virtude da sua posição official, mandou prohibir a fabricação do sal em todas as marinhas não contractadas, e entregar aos agentes britannicos as outras, pagas largas indemnisações avaliadas por uma commissão mixta.

Depois de resolvidas as questões relativas ao sal estabeleceu-se tudo regularmente.

O sal antes não tinha preço, cultivavam-no para ser introduzido, por contrabando, no territorio inglez, e o povo ia ás marinhas roubar o sal de que carecia para consummo, sem encontrar resistencia

alguma. Pelo territorio de Goa atravessavam carregações de sal, que iam ser introduzidas no territorio inglez. É claro que o sal se vendia por um preço muito differente d'aquelle porque, antes do tratado, se obtinha para consummo; mas foi isto largamente compensado pela abolição dos direitos da alfandega, o que tornou mais baratos muitos dos productos do consummo usual.

As salinas existentes nos concelhos das ilhas, Salsete, Bardez, e Pernem são 488, cuja superficie attinge 4.220:898 metros. Além d'estas havia mais duas marinhas, não medidas, que produziram no primeiro anno 451 mãos indianas.

O sal vendido, para consummo domestico dos habitantes da India portugueza, foi egual a 1.543:897 ceiras, ou egual a 38:597 mãos e 17 ceiras; o producto da venda ao governo portuguez foi de 1 anná e 8 pias por mão ou 75 réis fracos, e foi vendida pelo governo portuguez a razão de 30 réis a ceira ou a 1200 réis a mão.

O estado recebeu d'esta proveniencia 40:316$780 réis fracos.

O governo inglez obrigou-se, pelo tratado, a entregar ao governo da India portugueza uma quantidade de sal, livre de direitos e pelo preço da fabricação, correspondente a 14 libras por cabeça e por anno. O governo portuguez abriu estancos para a distribuição do sal, vendendo-o pelo preço que

julgasse conveniente. Estes estancos foram adjudicados em praça.

Não tardaram muito, porém, a mostrar-se os prejuizos d'este systema, sendo necessario rescindir os contractos.

O governo tomou então conta dos estancos, e deu-lhes o pessoal necessario; assim ficou a questão da venda do sal resolvida com grande vantagem para todos, para o governo e para os consummidores.

Com o tratado mudou o systema da fabricação e venda dos espiritos na India portugueza. Os espiritos já antes do abkari pagavam em Goa: o methodo de impôr essas contribuições, e de cobrar a receita é que variou com o abkari. Antes todo o individuo que queria vender a retalho os licores espirituosos, quer fabricados no paiz quer importados, tinha necessidade de uma licença prévia e pagava ao arrematante do imposto 900 réis fracos por mez, além do sello. Além d'isso o thesouro cobrava duas tangas por cada palmeira lavrada e os dizimos por cada palmeira a razão de 90 réis.

No anno anterior ao tratado, o rendimento para o thesouro, proveniente dos espiritos e da sura, etc., foi de 47:314$264 réis.

O systema mudou, porém. O numero de tavernas em cada povoação é limitado, e estas são arrematadas a quem mais dá. Nenhuma palmeira de

qualquer especie pode ser lavrada á sura sem prévio pagamento da taxa: e esta concessão é feita por talhas de dez palmeiras, productivas ou não productivas. A venda de vinhos ou de espiritos não indianos é prohibida nas tavernas de espiritos nativos.

No primeiro anno do tratado o rendimento para a fazenda foi, pelas licenças, de 47:336$880 réis.

No destricto de Goa o numero de tabernas de vinhos e de espiritos nativos foi 414 e o rendimento de 76:668$840 réis fracos.

O rendimento das lojas de venda de espiritos e vinhos não indianos foi de 1:395$000 réis.

Com as licenças para lojas de venda a retalho e outras, foi o rendimento total de 126:963$120 rs. O que dá para o rendimento do abkari a mais que o rendimento anterior ao tratado 72:648$853 réis.

Nos annos seguintes o rendimento tem augmentado.

VIII

O effeito do tratado no movimento das alfandegas logo no primeiro anno se provou, ainda que não tão cabalmente como depois. A importação e a exportação augmentou apezar do entorpecimento em que jazia o commercio de Goa.

Na importação o movimento accentuou-se no arroz que cresceu 77:201 cut. no valor de 165:590 rupias; nos estofos de algodão em que a importação cresceu no valor de 130:389 rupias. As loiças e porcellanas cresceram no valor de 55:960 rupias; o assucar no valor de 46:380 rupias; os estofos de lã no valor de 27:085 rupias; os legumes em 17:700 rupias; o vinho augmentou no valor de 15:742 rupias; o petroleo no valor de 14:322 rupias. Na exportação tambem as differenças são sensiveis.

N'um relatorio em que se expõem estas coisas, o administrador geral das alfandegas diz o seguinte:

«Acham-se cabalmente respondidos os quesitos que v. ex.ª se dignou formular, e parece-me que a resposta mostra que o tratado é favoravel sob o ponto de vista aduaneiro. Os rendimentos publicos provenientes d'esta fonte de receita é claro que haviam de diminuir muitissimo. Era coisa bem facil de prever correndo os olhos pela nossa antiga pauta, e pela pauta anglo-indiana hoje em vigor, e attendendo a que todos os productos e manufacturas indianas haviam de entrar livres de qualquer imposição. Os resultados favoraveis foram o augmento do movimento commercial e a barateza de muitos dos productos mais necessarios á vida».

Para esclarecer a questão das vantagens e inconvenientes do tratado, o governador geral dirigiu aos presidentes das camaras municipaes e administradores dos concelhos uma circular com quatro quesitos sobre o assumpto, e estes ao responderem mostraram não ter havido nem miseria nem fome depois do tratado estar em execução, e que os preços dos generos de consummo geral teem diminuido, uns 25 por cento, outros 30 por cento, outros 50 por cento.

Geralmente todos reconhecem as vantagens da quasi supressão ou abaixamento de direitos para os consummidores da India portugueza e o natural accrescimo de importação e exportação de productos.

Terminados os primeiros tres annos do tratado, o mesmo tratado dava direito a cada uma das altas partes contratantes de convidar a outra a reconsiderar as estipulações contidas no art. XII (o do sal) para serem alteradas, ou melhoradas. N'essa época foi o governo inglez quem apresentou algumas difficuldades. O vice-rei da India ingleza escreveu um officio ao governador de Goa para lhe dizer que não julgava o seu governo haver necessidade de propor qualquer alteração ao art. XII; mas que o delegado britannico estava prevenido para notar certos abusos, a fim de chamar para elles a attenção do governador de Goa.

O commissario britannico, dirigindo-se ao governador, disse-lhe que estava resolvido a entregar-lhe as marinhas de Diu, com a condição do sal não ser exportado, que, reconhecendo que as marinhas de Damão eram de difficil superintendencia e vigia e não podiam ser lavradas com proveito, pedia a sua suppressão; finalmente, com relação ás marinhas de Goa, declara que certos contractos feitos em janeiro de 1880 com certos proprietarios, com o fim de fabricarem sal para os agentes britannicos não podiam renovar-se, e com respeito ás marinhas já supprimidas (assim designa as que não fizeram contracto) não serão estas exploradas nos nove annos seguintes. É preciso, accrescenta, reunir uma nova commissão mixta para fazer novos arrenda-

mentos, pois os feitos eram só para os primeiros tres annos.

Na sua resposta a este officio o governador geral oppõe difficuldades e objecções, que depois deram logar á resposta do commissario britannico; mas o que é mais digno de attenção é a declaração do governador de que não tem que propor nenhuma alteração ao art. XII, que era a pedra de escandalo do tratado.

Depois de uma curta discussão escripta, entre o delegado britannico e o governador de Goa, este declarou que ia submetter a questão ao seu governo.

A questão foi resolvida em Lisboa por um accordo entre os dois governos.

Reuniu-se depois em Goa uma commissão mixta que, fazendo o calculo minucioso do rendimento das marinhas, propoz novas indemnisações, que foram geralmente acceites pelos proprietarios.

Além d'estas resoluções outras foram tomadas, para melhorar a fazenda publica no estado da India. Um decreto de 15 de setembro de 1880 auctorisou e regulou a desamortisação e venda dos bens da fazenda e corporações de mão morta: e estabeleceu-se o processo para as denuncias de descaminho de bens livres e vinculados da fazenda publica e sua reivindicação e incorporação na mesma fazenda. Creou-se o imposto de tonelagem por decreto de 21 de outubro de 1880, supprimiram-se

de todo os direitos que era de uso cobrar sobre a navegação nacional ou estrangeira com diversas denominações.

Este imposto rendeu nos dois mezes de dezembro e janeiro 2:062$891 réis.

IX

No tratado luso-britannico de 1878 estabeleceu-se, que o governador geral de Goa e o vice-rei da India ingleza regulassem, por uma convenção monetaria geral, a recunhagem da moeda de Goa em uniformidade com a rupia ingleza.

Effectivamente o valor da moeda de Goa era mui differente do da India ingleza: o seu peso, tanto da moeda de prata como da de cobre era mui incommodo e soffria um agio consideravel nas transacções: as moedas de Goa não teem curso nem nos proprios districtos de Damão e Diu, e as inglezas eram acceites por toda a parte. Na recunhagem e alteração da nossa moeda não podia deixar de haver inconvenientes, mas pela convenção esses inconvenientes eram sensivelmente minorados.

A emissão do papel moeda, até ao limite de 4

por cento do valor da moeda em circulação, foi auctorisada pela convenção monetaria, e a requisição d'esse papel fabricado em Inglaterra por intervenção benevola do sr. Conwford, commissario com o sr. Aguiar na commissão que se reuniu em Goa para tratar da execução do tratado.

Outro melhoramento importante se estabeleceu em março de 1880, foi o da navegação a vapor nos rios de Goa. Este melhoramento de uma extraordinaria vantagem para as communicações internas foi emprehendido á custa do thesouro, que comprou cinco lanchas apropriadas, com movimento accelerado, pelo preço de 37:591$020 réis provinciaes, fabricadas em Bombaim.

As cinco lanchas entraram em exercicio: a primeira desde 22 de março entre Pangim e Rachol tocando em Durbate, Cortalim, Cundaim e Combarjua: a segunda na mesma linha de Nova Goa para Salsete, com egual escala: a terceira a principiar no dia 14 de junho, entre Nova Goa, Verem e Betim: a quarta em 12 de janeiro de 1881 na carreira diaria entre o embarcadouro de Peligão na provincia de Bicholin e a capital de Nova Goa, tocando nos pontos de Toltó, Dangin, Velha Goa, Piedade, S. Pedro de Ribandar: a quinta é de reserva para as substituições e qualquer occorrencia urgente.

A conta das lanchas a vapor salda-se no deficit

para o thesouro, mas a sua utilidade é tão grande que a conta se não pode fazer por esta fórma. Com effeito a receita foi de 5:548$591 réis e a despeza de 8:031$784 réis, mas ha a attender a questão sob o ponto de vista dos serviços que esta navegação faz ao estado, que só por observações estatisticas, que o tempo deve fornecer, se pode bem avaliar.

Os melhoramentos resultantes das obras publicas chamaram a attenção do governador geral de Goa, como de todos os governadores das nossas colonias. Um governador distincto, o sr. almirante Almeida e Albuquerque, entendeu esta obrigação e procurou dar-lhe cumprimento. O distincto governador encontrou grandes difficuldades a vencer. Com o novo tratado o rendimento de 3 por cento destinado para obras publicas cessou, e a junta de fazenda teve de solicitar do ministro que auctorizasse o emprego de outros fundos para este fim.

Nas colonias portuguezas, á excepção de Macau, as cidades, as villas, os centros de população, não tinham as condições hygienicas que a sciencia aconselha. Falta de edificios publicos para funccionarem decentemente as repartições do estado; sem faceis communicações entre os pontos mais importantes das provincias; sem egrejas, sem escolas, sem hospitaes que satisfaçam as exigencias da administração, lançavam o desanimo no espirito dos governa-

dores que de novo chegavam. As idéas loucas da economia, que levam a preferir viver na abjecção e na miseria a contribuir para as despezas publicas, dominam o espirito publico, e é um obstaculo para emprehender qualquer melhoramento.

Quando o governador, o sr. Albuquerque, chegou a Goa tinham tido logar muitas calamidades, e entre estas a morte de dois governadores, por causa da insalubridade da capital. A necessidade de obras hygienicas era por todos reconhecida pelo terror que causavam tão sinistros acontecimentos, Ao chegar a Goa o sr. Albuquerque consultou o corpo medico e os engenheiros, para lhe indicarem o que havia a fazer para melhorar hygienicamente a capital. O corpo medico respondeu fazendo notar as numerosas causas de insalubridade que se accumulavam na capital e em Mapuça. As ruas cortadas de palhoças; casas pequenas, de tectos baixos, sem ventilação; a população condensada; o lixo e immundicia pelas ruas; os cemiterios pequenos, obrigando á exhumação os cadaveres subterrados depois de um anno; tudo torna insaluberrimas as povoações. Bosques de palmeiras dentro das povoações impedem a circulação do ar e augmentam a insalubridade.

O governador reuniu as informações sobre o estado hygienico de Goa, e essas informações foram deploraveis. O chefe do serviço de saude, o sr. Ferrer, informando ácerca de Pangim disse n'um officio:

«Pangim é uma cidade onde faltam todas as condições hygienicas naturaes e onde os preceitos da hygiene publica se acham completamente desattendidos, não se podendo de nenhum modo increpar a junta de saude d'este desleixo, porque não cessa ella de reclamar, ha annos, em favor de melhoramentos que deviam merecer a principal attenção do governo.

«Dois foram os governadores que dedicaram a maxima attenção a esta ordem de melhoramentos, não podendo um, por circumstancias imprevistas, realisar os seus planos, e outro por succumbir victima das pessimas condições endemicas em que existe a India portugueza, e que elle, de certo, arrancaria, se a morte o não colhesse prematuramente.

«Pangim foi primitivamente um pantano, tendo por esqueleto o outeiro que corre de NE. para SO., as formações de aterro silicioso, que o mar tem opposto pelo lado N. e S., taes são os elementos geologicos que com a laterite detritica do outeiro formam o solo da cidade.

«O nivel de toda a parte plana do terreno está inferior ao nivel médio do rio, circumstancia das mais adversas para o esgoto das aguas pluviaes e quaesquer liquidos que seja necessario remover.

«Ao poente de Pangim existe o esteiro de Santa Ignez, que, por obstruido, se pode considerar um

verdadeiro pantano; a mesma denominação merecem as duas varzeas, que existem proximo da egreja de Santa Ignez e do hospital militar.

«O rio Mandovi que banha a cidade, descobre uma extensa e immunda vasa em toda a sua margem esquerda.

«Ao S. existe o paludissimo esteiro de Santa Cruz e, na mesma direcção abundam extensos tractos de terra não cultos e alagados, outros reduzidos a arrozaes e marinhas.

«A brisa do mar, que, por sua frescura e oxygenio, tanto podia beneficiar os habitantes, encontra na sua passagem um obstaculo, quasi invencivel, nos palmares que ao O. abundam.

«A limpeza da cidade é nominal; o lixo que por muito tempo serviu para aterro de algumas partes da cidade, deposita-se agora ao S., a 100 metros da povoação. Não existem latrinas, nem urinoes publicos. As casas particulares são pessimamente construidas, havendo 1:966 que são terreas, e cujo pavimento está ao nivel do da rua ou inferior, muitas não tem latrinas, n'outras existem em pessimas condições, e em algumas os escrementos caem directamente sobre o solo.

«É rara a casa que não tem porcos ou vaccas, e todavia não ha um unico curral que mereça este nome.

«Os canos foram pessimamente construidos; a

pedra empregada foi a laterite, que, por ser muito permeavel, é impropria; não ha o declive necessario, communicam directamente com as casas, recebem lixo, agua de chuva, aguas sujas e materias fecaes.

«O palacio do governo é uma construcção antiga; é mal ventilado, está exposto ás emanações da vasa, que todos os annos adquire maior extensão. Tem nas suas proximidades a extensa horta dos camotins, de notoria immundicia».

Esta descripção repugnante de Pangin dá bem idéa do deploravel estado de porcaria e das suas condições de insalubridade. O governador mandou fazer egual estudo em Mapuça, cabeça do concelho de Bardez, e o resultado da inspecção deu egual resultado. O vogal da junta de saude na sua informação diz o seguinte:

«Foi-nos penoso reconhecer que Mapuça de villa só tem o nome, e que campeiam ahi impunemente todas as condições anti-hygienicas e de desasseio extremo. Um desmazelo vulgar dos habitantes, pela maior parte gentios, alliado á imperdoavel incuria dos zeladores constituidos, conseguiu demonstrar que a humanidade podia viver respirando esterqueiras, que innumeras abundam lá, modeladas pelas que existem no quintal da propria casa sanitaria, onde é a séde da maior parte das repartições publicas.

. . . . . .

«A villa possue pelo lado occidental uma rua estreita, cuja bifurcação dá mais adiante outras secundarias; uma, continuação da primeira, segue a E. e outra ao N.

«Não ha mais ruas.

«No angulo da bifurcação um predio de casas embarga muito a ventilação da villa.

«Nas ruas não falta lixo e detritos animaes.

«As casas são mediocres, de tecto baixo, janellas acanhadas, sem asseio algum, intercaladas de casebres desmoronados, outras em rebouco.

«De distancia a distancia estão situados os bairros, que não passam de uns montões a esmo de casebres e choupanas, fraternalmente intermeadas com sargentas e sangrias entulhadas de asquerosas immundicies.

«A sua povoação é condensada.

«A E. avista-se uma varzea sujeita a alagação salina: depois encontra-se a egreja, cuja capella mór é adornada de um formoso arrendado de teias de aranha; o resto do templo guarda harmonia; depois deparam-se, quaes sentinelas avançadas da morte, dois cemiterios; um do lado esquerdo, fusão de podridões, denominado bairros dos *farares*, serve para consummir paulatinamente os vivos; o que fica do outro lado, sendo destinado á consumpção dos mortos, serve mais para consummir os vi-

›or mal situado e acanhadissimo, havendo ne-
ade de exhumação antes de cinco annos!!
cadeia não dista muito do cemiterio.
situada no centro da villa; a sua capacidade,
sufficiente apenas para 50 presos, tem com-
empilhados 143; no meio do saguão abre-se
›. A cosinha e outras serventias são humidas,
rcadas e immundas, porque não se fazem os
jos e desaguamentos convenientemente.
ondições hygienicas pessimas; a capacidade é
›porcionada ao numero dos presos; não exis-
eso nenhum doente; os presos compram dia-
nte os generos alimenticios necessarios; não
ncho propriamente dito, e a ração fornecida
azenda aos presos é sufficiente, attendendo á
ıtação habitual do povo; finalmente, não ha
›io necessario, cuja falta se deve attribuir mais
sleixo dos individuos a quem cumpre velar
elo.
uem quer, sabedor de que Mapuçá fôra esco-
para villa unicamente pela sua situação favo-
ao commercio da comarca, tem direito a es-
um mercado zelosamente cuidado; nada po-
tão desprezado e mal disposto. O mercado não
ı do sol nem das chuvas; é desprovido d'agua,
ivre espaço aos feirantes e quasi em ruinas.
ercadorias são expostas sem ordem; encon-
se espalhados por todo elle os fornos de assar

o grão; o peixe teimosamente exposto pelas ruas, abandonado no basar dispendioso *ad hoc* construido; tal é o prestigio auctoritario.

«Cresce a admiração quando se certifica que os commerciantes promptificam-se boamente para quaesquer melhoramentos, e que contribuem com uma cifra avultada do imposto de mercado.

«As lojas são uns cubiculos, onde as medidas e vasos de cobre, que conteem oleos, encontram-se barrados de camadas de varios oxydos.

«Nas casas de pasto e outros estabelecimentos, encontra-se grande quantidade de carnes resequidas e alteradas, cervejas e conservas, etc., completamente podres. Fiscalisação nulla.

«As aulas publicas foram outr'ora casernas dos quarteis militares; baixas, sem ar, luz nem asseio. A entrada, sem escadas, dá para um terreno escavado, ora entulhado de lixo, ora inundado na estação chuvosa.

«A matança era ao ar livre; não ha muito que levantaram uma palhoça, com fóros de açougue, onde os processos seguidos e os instrumentos usados são anachronicos, como em toda a Goa. O gado é o melhor do nosso mercado».

Margão, capital de Salsete, está nas mesmas circumstancias, quanto a asseio e condições de existencia da população. O exemplo d'estas tres povoações, os mais importantes centros de população, dão

o modelo do estado geral da India portugueza. Á vista d'esta terrivel descripção o governador tomou medidas urgentes para melhorar as condições hygienicas das povoações.

Além das ordens de administração proprias para melhorar o estado medico, mandou-se pela repartição de obras publicas fazer o aterro marginal ao longo da cidade de Pangin, para evitar a area de lodo que ficava a descoberto; talharam-se largos e ruas n'um palmar que abafava Pangin: abriram-se novas ruas para dar passagem ao ar, aterraram-se praças e ruas que offereciam maiores depressões; cortou-se um outeiro que corria pelo centro da cidade tapando o ar a um bairro; limpou-se e deu-se nova direcção a um esteiro a que se attribuiam causas de insalubridade; abriram-se casas para despejo publico, etc.

A despeza nas obras de sanidade e viação publica importaram nos primeiros mezes em 3:773$623 réis. A limpeza e desobstruimento do esteiro de Santa Ignez e o aterro das suas margens com o muro de supporte, custou 3:763$529 réis. O corte do outeiro da Conceição e o transporte das terras montou a 10:948$274 réis: a obra foi orçada em 49:980$000 réis. A muralha marginal do Mandovi na extensão de 68 metros importou em 3:318$017 réis: a obra toda está orçada em 72:000$000 réis. A expropriação para abertura das ruas importa em

18:904$550 réis. A somma dos dispendios em todas as referidas obras importou em 22:067$238 réis.

Além d'isso a rede de estradas reaes tem 970 kilometros. O desenvolvimento das obras de estradas tem sido lento e está longe de attingir as exigencias do paiz. Os edificios publicos na capital são limitadissimos: faltam, uma cadeia, tribunaes de justiça, escolas primarias e direcção de obras publicas.

O palacio do governador geral é antigo. Tem-se feito ali varias obras destinadas a melhoral-o, e ultimamente fizeram-se ali obras para lhe melhorar os sobrados, os tectos, as paredes, na importancia de 4:868$283 réis. No palacio do governo no Cabo tambem se fizeram obras que importaram em réis 5:787$314. O palacio do arcebispo, na Velha Goa, tambem se concertou, importando as obras feitas até ao fim do anno economico de 1878-79 em réis 1:070$700.

A secretaria geral exigiu um predio novo, e só n'elle se dispenderam no mesmo anno economico 131:792$829 réis. Outras obras tambem foram executadas em egrejas, quarteis, etc., na capital e n'outras partes do Estado.

Até ao fim de 1880 as obras do aterro do Mandovi proseguiram, assim como o corte do outeiro da Conceição. Ruas numerosas se abriram no palmar junto de Goa, e canos de esgoto indispensaveis para

a salubridade da cidade. O esteiro de Santa Ignez continuou a melhorar-se. Estradas novas se construiram ou melhoraram. Canaes para a navegação se abriram; melhoraram-se os edificios publicos na cidade e fóra d'ella.

As obras de melhoramentos na capital, as de viação publica e de arranjos nos edificios publicos tem continuado até hoje com mais ou menos actividade; e a linha ferrea está quasi concluida, e em parte aberta á exploração.

X

Na época em que o nosso dominio nos mares da Índia era vasto, e em que dominavamos o mar e era preciso ter ali uma esquadra sempre prompta para impedir o commercio dos mulsumanos por o mar Vermelho, constituiu-se em Goa um arsenal de marinha para reparar navios e construir outros; um trem militar e uma fabrica de polvora. Os tempos mudaram e estes estabelecimentos constituidos em vasta escala tornaram-se um peso para as finanças do estado, sem compensação. Levou muitos annos para o governo tomar uma resolução a tal respeito, até que em 1869 o governo extinguiu o arsenal e a fabrica da polvora, mandando vender em hasta publica o edificio da fabrica da polvora e todos os objectos a cargo do arsenal e da mesma fabrica, que não podessem ser aproveitados para

serviço do estado, tomando o governo do estado as providencias para a arrecadação dos objectos depositados n'aquelles estabelecimentos.

Em cumprimento da ordem do governo, o governador, reconhecendo o inconveniente de levar a effeito logo a extincção d'aquelles dois estabelecimentos, mandou conserval-os até o acabamento dos objectos em construcção, e nomeou uma commissão para fiscalisar os trabalhos indicados e formular um relatorio a respeito dos objectos a conservar, tendo em vista as necessidades do serviço no mar. O governador constituiu os pequenos trens militar e de marinha que deviam ficar.

Por outra portaria mandou o governador que, á fabrica da polvora, devendo ser concedida á industria particular por um limitado tempo e sob a vigilancia official, se desse de arrendamento temporario, por cinco annos, a fabricação de polvora; em consequencia d'esta ordem fez-se o contracto com as condições necessarias.

Depois, outra portaria extinguiu os arsenaes de Damão e Diu, por a experiencia ter mostrado a sua inutilidade, devendo os respectivos empregados continuar a ser abonados dos seus vencimentos e apresentar-se ao serviço para que fossem nomeados nas mesmas praças, e os mais despedidos do respectivo quadro.

O governo não approvou a creação dos trens mi-

e de marinha, e o governador, para arrecadar terial de construcção, os instrumentos de tra-, os artigos de armamento e munições de in-ia e artilheria, ordenou que no edificio deno-lo casa da polvora se estabelecesse um depo-eral, recolhendo para ali todos os artigos do ial acima designados.

XI

A instrucção publica no Estado da India é diminutissima, como se pode ver pelos dados seguintes:

As escolas primarias são frequentadas por 2:448 alumnos, o que, para o geral da população, que pode ser aproximadamente 421:429 habitantes, dá 1:172 individuos. Nas Velhas Conquistas ha uma escola por 16 kilometros quadrados e 5:000 habitantes. No concelho das Ilhas ha uma escola por 15 kilometros quadrados e 4:900 habitantes; em Bardez uma escola por 13 kilometres quadrados e 5:900 habitantes; em Salsete uma por 17 kilometros quadrados e 5:000 habitantes.

Nas Novas Conquistas ha 13 escolas por uma superficie de 2:664 kilometros quadrados, ou uma escola para cada 204 kilometros e 8:615 habitantes. Em Pernem ha uma escola para cada 80 kilome-

tros quadrados e 11:500 habitantes. Em Bicholim e Satary ha uma escola por 164 kilometros e para 6:250 habitantes. Em Pondá e Embarbacem ha uma escola para 160 kilometros quadrados e 6:598 habitantes. Em Cacora, Chondraviadi, Balli, Astagrar e Canacona ha uma escolapor 968 kilometros quadrados e 12:000 habitantes.

Em Damão ha uma escola para 3:421 habitantes e em Diu para 5:500 habitantes.

Vê-se pois a insufficiencia no numero de escolas, e a causa da sua diminuta frequencia.

O ensino secundario é professado no lyceu de Nova Goa e em varias cadeiras isoladas. No seminario de Rachol tambem ha cadeiras de instrucção secundaria. Estas cadeiras isoladas estão fóra da prescripção da lei, do que resulta que a instrucção não é egual. O numero de estudantes de instrucção secundaria tem ido crescendo nos ultimos annos. No ultimo anno o numero dos matriculados foi de 602 e no anno anterior de 333. O numero dos examinados das escolas publicas foi de 309, e das particulares de 300, sendo approvados 478. O numero total dos individuos que no ultimo anno de que temos estatistica (excluindo as escolas de ensino clerical, e de inglez de Damão) foi de 1:545.

O Instituto profissional de Goa tem matriculados 210 alumnos; sendo 90 o dos examinados e 69 o dos approvados. O curso do Instituto não habilita

para o funccionalismo, mas habilita para muitas profissões. Os que frequentam o Instituto não levam em mira uma habilitação para um logar determinado, e isso é causa do numero diminuto de alumnos que o frequentam. O conselho escolar busca por todos os modos desenvolver o ensino e tem melhorado os estabelecimentos, e o modo de ensino.

Sendo de grande utilidade os conhecimentos praticos da sciencia agricola, sente-se a falta de uma quinta experimental, como complemento da escola de agricultura. A falta de exercicios praticos tornam tambem difficiente o ensino industrial e artistico.

O estudo das sciencias economicas é muito importante aos funccionarios, sendo para desejar que se exija a approvação d'estas disciplinas aos candidatos aos cargos publicos. Isto daria maior frequencia no Instituto.

Parece-nos este estabelecimento n'um estado progressivo, e não deve assustar a diminuta frequencia que tem. Quando a utilidade for geralmente reconhecida, então será maior a affluencia de alumnos e a sua acção na transformação social porque a India está actualmente passando.

No anno de 1885 já esse augmento era notavel. O numero de alumnos matriculados era de 335, sendo d'estes approvades 114.

A escola medico-cirurgica de Goa, acha-se mais

que incompletamente organisada, e falta-lhe tudo para o ensino. Não tem hospital; o corpo docente varia a cada instante, é inconvenientemente remunerado: os alumnos saem da escola não habilitados para exercer a clinica nas colonias para que são mais necessarios. Na escola actual o numero de alumnos anda por 60 a 70. São estas as noticias sobre instrucção publica no Estado da India, e, como diziamos, mostram o estado incompleto em que ainda se encontra este ramo de serviço publico.

XII

Na antiga India a justiça era administrada por tribunaes, o primeiro dos quaes era a relação com dez desembargadores, um chanceler, um ouvidor das causas civeis, outro do crime, um juiz dos feitos da corôa, um procurador dos feitos da corôa, um promotor da justiça, um procurador dos defuntos: mais quatro desembargadores extravagantes.

Em 1628 reduziu-se o numero de desembargadores a cinco, numero sufficiente para tratar os negocios da India.

Com o andar do tempo se foi o tribunal simplificando e reduzindo o seu poder, até que chegou a 1833 extincta a relação de Goa. Em 1836 um decreto restituiu a relação composta de tres juizes; e dividiu o territorio em tres comarcas, cada uma com o seu juiz de direito. Creou tambem um procurador da corôa, e em cada comarca um delegado.

Um decreto de 14 de novembro de 1878 augmentou o numero de comarcas, elevando-as a seis, e extinguiu os julgados independentes de Diu e Damão, e os antigos julgados ordinarios em que se dividiam as antigas comarcas, mandando crear nas novas comarcas pequenos julgados pela fórma estabelecida na lei de 16 de abril de 1874, e cria dois julgados ordinarios, um em Diu, outro em Praganá.

As novas comarcas de Sanquelim e Quepem foram instaladas em 17 de junho e a de Damão em 4 de agosto. O novo julgado de Diu ainda em 1879 se não constituiu, ou d'isso não havia noticia em Goa, e o de Praganá não era possivel instalal-o por faltar para isso edificio apropriado.

As condições especiaes das Novas Conquistas não permittiram a instalação de muitos dos novos julgados, e, nos que foram instalados o pessoal tem andado sempre em movimento, por ser difficil encontrar individuos habilitados entre os habitantes, e de fóra ninguem se sugeita a occupar logares sem ordenado.

Isto mostra que é uma reforma não apropriada para as Novas Conquistas.

A creação das conservatorias foi decretada em 17 de outubro de 1865. O registo e publicidade dos direitos e encargos que modificam ou oneram a propriedade, é a segura garantia para o direito de propriedade e a salvaguarda das transacções so-

bre bens immobiliarios; mas é preciso para isto que o registo predial esteja bem regulado e em dia, sem isso é um embaraço para outras acções.

A grande extensão das comarcas da India, a cada uma das quaes corresponde uma conservatoria, a grande divisão da propriedade, a deficiencia de pessoal das conservatorias e o systema de escripturação estabelecida pelo regulamento, são as causas principaes do atrazo do serviço.

Segundo os relatorios das ultimas visitas ás conservatorias, o atrazo do serviço era de quatorze mezes e quatro dias na conservatoria das ilhas, de quatro annos e vinte e nove dias na de Salsete, e de vinte e dois mezes na de Bardez. Isto referido a 1879.

A creação de duas novas conservatorias nas comarcas de Sanquelim e Quepem não bastou para acabar pouco a pouco o atrazo do registo; porque a conservatoria de Sanquelim comprehende a provincia de Satary, de Bicholin e Pernem, e na conservatoria de Bardez os registos effectuados em dez annos representam apenas dois quintos dos registos; procedendo-se á separação dos titulos apresentados e não registados, reconheceu-se que para a conservatoria de Sanquelim passaram 238 titulos, ficando para a de Bardez 651; procedendo-se ao mesmo na conservatoria de Salsete, foram separados para Quepem 355 titulos e ficaram em Sal-

sete 2:690 titulos para registar. Estes numeros mostram evidentemente que é urgente modificar o serviço das conservatorias, para poderem satisfazer as suas importantes funcções.

Este mal precisa remediado e propõem-se varios processos para o conseguir, sendo um d'elles o augmento de pessoal de cada conservatoria.

São estas as indicações que se apresentam em relação ás necessidades judiciaes.

XIII

Havia na India uma grave questão resultante da nossa conquista, e que profundamente abalava o espirito publico sempre que se levantava e se debatia entre Portugal e Roma. A questão religiosa na India foi sempre embaraçosa para o governo d'sste estado. Quando definitivamente se estabeleceu o nosso dominio em Goa, affluiram os frades quo erigiram conventos e promoveram missões por aquellas regiões orientaes. Eram de diversas ordens esses frades, e estavam sempre em guerra uns com outros.

Quando perdemos Ceylão, Malaca, Cochim e outras cidades, existiam nas cidades restantes quarenta mosteiros com poucos frades cada um, e procurou-se reduzil-os, mas inutilmente.

Em 1759, quando se extinguiram os jesuitas, fo-

ram presos aquelles que ali existiam; foi cedida a sua casa professa do Bom Jesus, o noviciado do Charão e a casa conventual de Rachol, aos missionarios italianos de S. Vicente de Paulo, para o estabelecimento de seminarios. Estes padres italianos, poucos annos depois foram expulsos da India, e substituidos por frades portuguezes da mesma ordem e por clerigos da congregação do Oratorio.

As ordens monasticas eram um grande trabalho para os governadores. Já em 1691 os governadores da India escreviam ao rei:

«Não dá tanto cuidado a quem governa este estado e no que elle se acha, como dão as continuas perturbações dos religiosos que existem n'estas partes, e é insoffrivel a inquietação que causam, pois apenas se socegaram os religiosos de Santo Agostinho, quando começaram a contender os capuchos, franciscanos e carmelitas; o que fazemos presente a V. M. para que seja servido ordenar o como nos havemos de haver nas bulhas d'estes religiosos, que em vez de gastar o tempo na conversão dos infieis, o consommem e passam todos em pendencias particulares, parecendo os claustros mais quarteis de soldados que habitações de monges».

A principio a India estava na parte espiritual sugeita ao prior mór da ordem de Christo. Foi no anno de 1534 que Paulo III constituiu o bispado de Goa. A instancias de el-rei D. Sebastião, Goa foi

elevada a arcebispado, e em 1606 o arcebispo de Goa teve o titulo de *primaz do oriente.*

O arcebispo e o cabido de Goa pelas suas desordens perturbaram a paz no estado, e os governadores obtiveram um breve apostolico e ordem regia para impedirem esses excessos.

Na India os christãos espalhados por todo o oriente, andavam tresmalhados e perdidos, em lucta perpetua com os vigarios apostolicos. Em 1857 ajustou-se uma concordata com Roma, a qual foi ractificada pelo governo portuguez em 1860. Esta concordata restringiu o antigo direito de padroado no oriente á egreja de Goa, de Cangranor, de Cochim, Maliapor e Muluca, a Macau e á China.

O governo portuguez comprometteu-se a contribuir, quanto n'elle coubesse, para a creação de um novo bispado no territorio do arcebispado de Goa, de accordo com a Santa Sé.

Proceder-se-ha á circumscripção dos bispados, e separou-se a jurisdição do bispado de Macau, continuando a pertencer-lhe a ilha de Singapura.

Poderão erigir-se novos bispados das partes do territorio que ficavam fóra dos limites das dioceses.

Á medida que se estabelecer a circumscripção de cada bispado, remover-se-ha successivamente do territorio da diocese o vigario apostolico que n'ella existir.

Esta concordata passou muitos annos sem ser

cumprida, e as questões com a Santa Sé multiplicaram-se e tomaram muitas vezes um tom azedo em que nada havia de cordeal. Ultimamente quando o novo embaixador foi para Roma é que as coisas tomaram um aspecto mais rasoavel, e parece que se chegou a uma solução mais pacifica, entrando debaixo do dominio do padroado muitos mil catholicos que d'elle estavam afastados.

Em 1560 foi creada a inquisição de Goa, e foi mais uma causa de intrigas e crueldades provocadas pelas idéas religiosas que dominavam no seculo XVI. A inquisição de Goa tinha uma bella casa ao lado da cathedral; os autos de fé faziam-se com tanta grandeza e fria crueldade como nas outras casas da mesma ordem que existiam em Portugal. A inquisição servia na India, não para attrair gente para a fé christã, mas para d'ella afastar os povos mais barbaros d'aquella região. Como não tinham tantos judeus, ou falsos judeus, a perseguir, empregavam-se em flagelar os gentios e mahometanos, e afastal-os do baptismo. N'aquelle estado longiquo servia ella muitas vezes para saciar a inveja e a intriga de um povo de si dado a estas paixões ignobeis. Os governadores serviam-se da inquisição para as suas vinganças muitas vezes, outras para satisfazerem as suas ruins paixões.

XIV

A maior e melhor parte dos portos e enseadas, desde o Cabo das Correntes até ao Japão, estava em poder dos portuguezes, ou era por elles visitada e frequentada. A posse dos mares da Arabia, Persia, India, China e Moluca era de Portugal, e para ali navegar era preciso auctorisação d'elle. Mas esse grande poder acabou e pouco resta d'elle. As nossas possessões na India estão hoje arruinadas, sem habitantes, sem cultura e sem industria.

Pela entrada dos portuguezes na Asia o commercio mudou de caminhos, e os arabes, que eram então senhores d'esse commercio, foram d'elle despojados. Lisboa passou a ser o emporio do commercio do oriente, como antes o eram Veneza, Genova e Florença no Mediterraneo. Nos meados do seculo dezeseis, o Egypto, que era o interposto para

o commercio das tres partes do mundo, estava abandonado e esquecido.

O islamismo, que ameaçava a Europa inteira, pelo dominio do commercio, perdeu o poder, porque os portuguezes lh'o tiraram, apossando-se do caminho da India e desviando-lhe o commercio.

O poder immenso que os portuguezes alcançaram na Asia, muitas causas lh'o fizeram perder. As causas principaes foram as seguintes:

—A pequena população de Portugal e a extensão desproporcionada dos nossos dominios, que elle buscava estender sempre, levou a nação a um extenuamento que facilitou a invasão hespanhola e a perda da independencia. Na Asia as numerosas praças e feitorias, que não tinhamos povoação para defender, foram perdidas por se encontrarem em face dos inimigos da Hespanha que se tornaram nossos inimigos.

—Os hollandezes atacavam-nos e, apezar de uma defeza heroica muitas vezes, apossaram-se de grande parte dos nossos dominios.

—Os portuguezes quizeram, ao tempo que eram conquistadores ser commerciantes. Aonde chegou a espada portugueza, estabeleceu-se o commercio a ferro e fogo. Os commandantes dos navios eram os negociantes, que em nome do rei exerciam o commercio e arbitravam o preço ás mercadorias. As guerras incessantes devastavam no mar e na terra,

ɔor toda a parte, o commercio livre que fugia espa-
ʔorido, deixando as terras nas mãos dos vencedo-
ʿes, que não sabiam fazer commercio, e deixavam
ɔs povos ao desamparo, tremendo de pavor e es-
ɔondendo as mercadorias.

—Onde os portuguezes iam levavam o fanatis-
no religioso e com elle um odio implacavel a todos
ɔs cultos que não fosse o catholico. Os pagodes fo-
ɜam derrubados, e em vez d'elles levantaram-se
ɜgrejas e capellas; individuos de alta gerarchia eram
ɜrrancados á força da casa paterna e baptisados;
ɔor fim levantou-se a inquisição que destruiu e en-
ɜheu de terror a India.

—Nos primeiros tempos do descobrimento da In-
lia não se pensava em fazer conquistas, nem elevar
astellos, mas unicamente apoderar-se do commer-
io maritimo e conserval-o pela força. Mas esta opi-
ião, que era a do vice-rei D. Francisco de Almei-
a, não foi adoptada por Affonso de Albuquerque.
ı distancia da India a Portugal era tão grande
ue se necessitavam portos de abrigo e estabeleci-
ıentos favoraveis para as naus se repararem, e se
oder acudir a qualquer desgraça que no mar nos
uccedesse. Por isso Albuquerque se apossou de
ɔoa, e de Malaca, e de Ormuz, etc. Goa como que
ɔi considerada a capital das colonias da Asia; essa
ircumstancia tornou-se um grave inconveniente,
orque a sua posição não era central, e o paiz

era aberto por todos os lados e infestado de epidemias.

—Uma das causas mais graves da decadencia portugueza na India foram os monopolios com que se fechou o commercio aos estrangeiros. O rei de Portugal fez-se commerciante e tomou para si o monopolio do commercio. As naus partiam de Lisboa para a India mal equipadas e fóra de monção; os naufragios eram frequentes, e mettiam-se clandestinamente mercadorias que saíam e entravam furtadas aos direitos.

—A navegação no principio do seculo XVI já não dominava, nem os particulares queriam emprehender o commercio. Annos depois creou-se uma companhia para negociar na India, mas nada aproveitou, porque, demais, a sugeição de Castella soffocara toda a actividade na nação portugueza.

—A má politica do governo e a administração da justiça na India, contribuiu muito para a decadencia dos portuguezes. O luxo do oriente levou á infedilidade e mais vicios orientaes, deixando proseguir as prevaricações nos funccionarios publicos e a falta de justiça com que eram tratados pelo rei. A successão rapida dos governadores impedia que tivessem noticia do Estado que governavam, antes de chegar um successor que buscasse, primeiro que tudo, desmanchar o que o predecessor havia emprehendido.

—A historia do governo de Affonso de Albuquerque é a prova mais cabal d'esta verdade. Depois de um governo glorioso, Albuquerque, que adquirira o direito de governar a India, foi abandonado por D. Manuel e morreu já demittido. Os successores trataram de desmanchar o que elle tinha feito, em quanto que os indigenas o adoravam como um ser sobrenatural e iam sobre a sua sepultura levar as suas queixas e maguas.

—Estes erros de administração tornaram odioso o nome portuguez, e quando chegaram os hollandezes e inglezes, foram recebidos pelos indios, sem quererem saber se eram mais tyranicos e mais injustos os novos senhores.

—O ultimo remate da nossa decadencia na Asia, foi a entrada de Filippe II em Portugal. A politica de Castella tinha por fim enfraquecer Portugal, tirando-lhe as armas na terra e no mar. O resultado d'este erro politico foi a revolução que sacudiu o jugo hespanhol. Mas durante o dominio de sessenta annos, os portuguezes, espalhados pelo mundo, foram perdendo as virtudes que engrandeceram os seus maiores. Uns se fizeram piratas, outros se uniram aos estrangeiros, e quando os portuguezes sacudiram o jugo estrangeiro estava a nação extenuada, tinha perdido grande parte das conquistas asiaticas tomadas pelos hollandezes, e tinha quasi perdido o Brasil onde os hollandezes dominavam egual-

mente. Na impossibilidade de tomarem os portos da Asia e de reconquistarem a America, os portuguezes trataram de negociar um tratado com os Estados Geraes, o qual se assignou em 1661 por intervenção da Inglaterra. Por esse tratado os portuguezes accediam a todas as pretenções que os hollandezes podessem ter ás conquistas da Asia, e estes reconheciam o direito dos portuguezes no Brasil.

Foram estas as causas principaes da decadencia do dominio portuguez nas terras orientaes. Ao dominio de Portugal seguiu-se o dominio dos hollandezes, a que se seguiu a conquista ingleza que se estendeu por toda a India, ficando das nossas conquistas só o estado de Goa, Damão e Diu.

DAMÃO

DAMÃO

I

não é um governo subordinado ao governo ge-
India. Este governo, segundo se lê no *Oriente*
istado, entrou no dominio portuguez em 1569,
reduziu e o encorporou n'esse anno nas pos-
s portuguezas.
erritorio de Damão confina pelo sul com o rio
, na margem do qual está uma aldeia que per-
aos inglezes. O rio é estreito e vadiavel. Pelo
confronta com outro rio mais largo e profun-
e se denomina Coileca; na sua margem uma
tambem assim chamada, pertence ao regulo
ndoim. Pelo occidente confina com o mar, e
ste co[illegible] inglezes e a estrada ferrea que
[illegible] ritorio tem de ex-
[illegible]; e outro tanto de

Em 1780, os vassalos do regulo de Parnem tomaram um navio portuguez e, como indemnisação cederam ao governo portuguez o pergannah de Nagar Avely, o que augmentou o nosso dominio em mais do duplo em extensão territorial, pois a nova acquisição tem de sul a norte duas leguas, e de leste a oeste tres leguas. Este novo districto é destacado do antigo, e a povoação, composta de maratas e mouros, está distribuida por 72 aldeias.

O porto de Damão é formado pelo rio que divide o territorio e desemboca no mar. A sul fica Damão grande, onde está situada a praça e cidade junto á foz; a norte, fronteiro á praça, Damão pequeno, com o forte de S. Jeronymo. Este porto seria dos melhores da India se não tivesse um banco que obstrue a foz e embaraça a entrada e saida ce embarcações de mais de 250 toneladas.

A praça é um decagono regular, abaluartado, com duas portas, a do mar e a da terra, em soffrivel estado, exceptuando o baluarte da barra que ameaça ruina. O forte de S. Jeronymo tambem está em bom estado. O material de artilheria compõe-se de vinte e nove peças de bronze, um obuz, dois gráes, trinta e uma peças de ferro e cinco de campanha. A maior parte d'estas peças está apeiada, e é indispensavel encommendar carretas para algumas.

O territorio de Nagar Avely é, como disse já, se-

parado do territorio antigo de Damão, por um vasto territorio com aldeias britannicas. A distancia entre a aldeia mais proxima e a praça de Damão será de 20 kilometros. O seu rendimento é o melhor de Damão; em 1878 foi de 19:242$900 réis fortes. Divide-o em duas porções o rio Sandalcallo; a divisão do norte comprehende cincoenta aldeias e a do sul vinte e duas. A população total anda por 23:766 almas e indica augmento successivo e rapido. Divide-se em castas principaes que se denominam rajaputras, doriás, dublás e valrys. O numero de colonos que figuram como rendeiros é apenas de 1:430.

As aldeias são administradas pela fazenda publica. A séde da administração é em Dudrá, aldeia separada das outras por territorio britannico. Determinou-se que a administração se transferisse para Pardy, aldeia que fica central ao territorio do pergannah, e que tem agua potavel; mas para esta ordem se cumprir com vantagem é preciso construir uma ponte sobre o rio Sandalcallo.

As terras de Nagar Avely são muito favoraveis a diversas culturas, mas os ensaios são por ora limitados. Os arrendamentos fazem-se sem medições exactas, e, por isso, cada colono cultiva cinco ou seis vezes mais terra do que aquella por que paga renda. Apezar d'isso a população está reduzida á maior miseria, por duas causas: uma pela sua na-

tural indolencia, outra pela despotica influencia dos agiotas.

As culturas duram de junho a outubro, e, terminadas ellas, os colonos entregam-se á ociosidade e á embriaguez. Pagas as rendas e os juros exorbitantes aos agiotas, ficam os colonos reduzidos á penuria, vivendo de raizes sylvestres que apanham para comer. Quando chega a nova época da cultura entregam-se de novo aos agiotas, a quem pedem o dinheiro para semente com um juro de 50 por cento, pagando depois na época da colheita juro e capital em generos, com preço inferior ao do mercado e por medida de capacidade superior á legal.

Em Nagar Avely estão arrolados poucos cajurys *(sagus vinifera)*. arvore d'onde se extrae a *sura*, bebida de que se faz aguardente.

Nas aldeias de Nagar Avely ha mattas em que a arvore *teca* predomina. Tem-se fallado d'estas florestas com exageração, avaliando-as em 8.000:000 de rupias chirinas; o certo é que estão mal tratadas, sem cortes apropriados, sem estradas, sem desbastes, sem repovoamento.

Esta desordem mereceria o estudo de um silvicultor intelligente e zeloso.

II

No anno de 1800 a 1820 construiram-se em Damão trinta grandes embarcações. Entre estas encontravam-se fragatas de guerra e navios de 800 toneladas. Para isto contribuiu a bondade das madeiras, e a existencia ali de constructores, carpinteiros, calafates e outros officiaes que trabalhavam bem.

Hoje que a construcção de ferro predomina, tem diminuido muito aquella industria em Damão.

As fabricas de Damão, onde se manufacturavam muitos tecidos brancos e pintados, que se chamavam *fazenda de negro*, arruinaram-se. Hoje ainda ha aldeias em que se fabricam fazendas de algodão, canequins, chitas, etc., em teares do systema primitivo e com linhos vindos da Europa ou dos terrenos britannicos visinhos.

Além d'esta industria moribunda ha ainda a pes-

caria, e a industria do sal. As pescarias occupam uma grande quantidade de *machins*, que salgam o peixe e o exportam para Paroly, Balsar e Surrate.

Existem ainda varios officiaes de marceneiro, carpinteiro, ferreiro, ourives, e d'outros officios em que se occupa a população.

A instrucção publica está pouco desenvolvida em Damão. Comtudo no Damão grande ha tres escolas, uma de ensino promiscuo, outra de guzarate, e a terceira de musica, sendo as duas ultimas sustentadas pela municipalidade.

Em Damão pequeno, na sala de D. Luiz I, excellente edificio construido e offerecido ao governo por um cidadão benemerito, o fallecido parsa Rustangy, existem cinco escolas; uma de ensino primario, uma de guzarate, mantidas pela camara, e os colegios de ensino primario, de inglez, e de meninas.

Além d'estas ha algumas escolas particulares de guzarate e de lingua moura.

É indispensavel augmentar as escolas.

Em Damão grande carece-se de uma escola de meninas, porque as pequenas não podem todos os dias atravessar o rio. Em Nagar Avely ha que crear escolas primarias nas aldeias mais distantes, a fim das creanças encontrarem ao alcance de suas casas o ensino com facilidade.

O commercio de Damão está em grande decaden-

cia. Antigamente estava elle na mão de estrangeiros, os quaes deixavam em Damão as commissões de saida e entrada.

O opio exportado clandestinamente de Malaca ou das margens do Indo, augmentou o commercio em Damão. Em 1817 a exportação para Macau foi de 640 caixas, cada uma no valor de 700 rupias. Em 1819 foram para Macau 1554 caixas e para Cantão 678 no valor de 850 a 900 rupias cada uma. Em 1820 foram 1133 caixas de 1400 a 1500 rupias. Em 1821 a 1829 foram, um anno por outro, 1000 caixas, das quaes o maior preço subiu a 2000 rupias.

O valor do que se exportava pertencia a negociantes de fóra, e pagava em Damão commissões, fretes e direitos.

Segundo diz na sua Memoria o desembargador Teixeira Basto, para desenvolver o commercio, é fazer-se ali a compra e a venda de fazendas para os navios europeus, *e extinguir-se a feitoria de Surrate*. A primeira coisa não se pode decretar, a segunda está realisada.

DIU

DIU

Diu é, como Damão, um governo subalterno pertencente ao governo geral da India.

Diu é uma praça de guerra n'uma pequena ilha que tem de circuito tres leguas, situada ao sul de Guzarate, de que fórma a ponta meridional. Além da praça possuimos toda a ilha, e além d'isso um territorio do outro lado do rio.

A posição de Diu e o vasto e seguro porto que tinha, fazia os portuguezes ambicionar a sua posse. Era um porto indispensavel a quem queria lançar mão do commercio da Arabia, Persia e Guzarate; já Affonso de Albuquerque tencionou alcançar licença do rei de Cambaya para ali levantar uma fortaleza. Depois de Albuquerque os seguintes governadores da India continuaram a cubiçar Diu. Em

1519 Diogo Lopes de Sequeira preparou uma grande frota para a conquistar, mas nada conseguiu. Henrique de Menezes teve o mesmo intento, mas a morte não lh'o deixou verificar. Lopo Vaz de Sampaio dispendeu para o mesmo effeito sommas enormes em uma das mais poderosas esquadras que a India viu. No governo de Nuno da Cunha se principiou emfim, o levantamento de uma fortaleza por licença do rei de Guzarate Bahadur.

Depois do cerco a que Diu esteve sugeito, e da victoria de D. João de Castro, a fortificação se adiantou a ponto de ser por muitos annos aquella praça considerada a primeira da India.

A ilha de Diu é de constituição vulcanica, formada de rochas na sua maior extensão, sendo o restante d'ella, parte terras de aluvião inundadas pelas aguas, e parte terras araveis. No limite oriental elevam-se moles enormes de fragoas alterosas, cuja média elevação acima do nivel do mar é, proximamente de 26 a 27 metros. Sobre essas rochas ergue-se a potente praça; antes, no espaço por ella occupado, existia o castello dos mouros que occupava proximamente ametade da area da actual fortaleza.

A fortaleza tem a configuração de um hexagono irregular, formado por cinco baluartes e um forte a cavalleiro, dominando os outros, cuja elevação acima do nivel do mar é de 66 metros. A fortaleza

tem uma dupla muralha, que a cinge pelo lado mais fraco, isto é do lado da terra; e egualmente um duplo fosso, o exterior aquatico, e o interior secco, com escarpas e contra escarpas cortadas a pique.

A ilha de Diu tem na maxima extensão 15 kilometros e de largura tres e meio, sendo a sua area de 52 kilometros. A sua fórma modificada é de um parallelogrammo: a sua temperatura maxima varia entre 30° e 36° do thermometro centigrado, e a minima anda por 10° a 12°: as aguas pluviaes são na quantidade maxima de 22 pollegadas. O clima de Diu é excellente; saudavel e pouco atacado de doenças epidemicas.

A população em 1830 era de 6:680 almas, incluindo os soldados e funccionarios civis e ecclesiasticos: d'estes eram christãos 256 e ecclesiasticos 10. Hoje calcula-se a população em 12:000 almas, sendo apenas 150 christãos, e o numero de ecclesiasticos dois. Tem crescido a população mas tem diminuido o numero de christãos e o numero de padres.

A agricultura é quasi nulla, por que os habitantes não tem propensão para ella nem o terreno se presta, por ser arenoso e em parte ser falto de agua. Ha abundancia de braços, mas estes são indolentes e desajudados de capital e de intelligencia. O capital é minguadissimo e não busca a agricultura, e falta a intelligencia; não ha uma sucursal

do banco ultramarino, nem agronomos que auxiliem a cultura da terra. Ao abatimento da agricultura corresponde o da industria.

Em Diu havia fabricas de tecidos pintados da India. N'aquella ilha havia muitos tecelões e estampadores, tornando desnecessario o estabelecimeto de Madrasta, que depois subiram, quando Diu abateu. Em 1830 os operarios de Diu eram em numero de 300 tecelões e 50 estampadores. O brilho e duração das pinturas nos tecidos de Diu, ainda que n'elles se encontre muita avaria, é ainda notavel. A importação e exportação, o commercio total de Diu, anda por 25:000$000 réis. O rendimento da alfandega dá idéa do commercio, e foi em 1875 a 1878:

Exportação.....	3:441$996
Importação.....	7:137$322

Nos annos de 1878 a 1879:

Exportação.....	5:830$927
Importação.....	11:867$690

Em vista d'estes dados estatisticos, fica evidente o abatimento actual do commercio.

O commercio de Diu consiste, quanto á importação, em generos de primeira necessidade e co-

stiveis, que vem do continente; pannos de algo-
› e seda de Cambaya; sedas e atalás de Sur-
:, linha e tintas, etc., marfim de Moçambique. A
›ortação é principalmente para Moçambique, e
sta de alguns fardos de roupa. Para Macau ha-
antes commercio de opio, mas esse acabou.

MACAU

MACAU

I

El-rei D. Manuel animado pelo descobrimento da India, e excitado pelas narrativas de Marco Paolo sobre o celeste imperio, mandou em 1513 aos seus carregadores que fossem a Liampá, ponto muito frequentado pelos commerciantes europeus. O nome portuguez n'aquelle tempo fez com que fosse bem recebido na China, sendo admittido a estabelecer-se o commercio.

Logo que D. Manuel foi informado do bom exito da expedição commercial na China, mandou lá uma frota de sete navios e um embaixador, Thomaz Pereira, para negociar um tratado de commercio e amisade com o imperador. Os navios fundearam em Cantão, não tendo permissão de subir, e o em-

baixador foi por terra a Nankin, onde estava o imperador, cuja affeição o embaixador captou.

Na volta do embaixador da China, foi mandado a Cantão Simão de Andrade, com cinco navios. Este, porém, portou-se com imprudencia e leviandade, e suscitou as queixas dos povos, que se revoltaram contra o embaixador; Simão de Andrade foi atacado pelo almirante chinez, e apenas poude escapar a favor de uma tempestade.

Em 1518 nova expedição vae á China, e encontra resistencia, mas o commercio interrompido de novo se estabeleceu, quando os portuguezes aportaram a Liampá. Em 1544 os portuguezes praticaram uma violencia, e os chinas sublevados, baniram os portuguezes, roubaram-os e mataram muita gente.

Por este tempo estabeleceram-se as relações commerciaes entre portuguezes e o Japão, e então foram perseguidos os navios chinas, a ponto dos habitantes de Chincheu, por onde o commercio particularmente se fazia, para livrar-se de tantas perdas, offereceram aos portuguezes um estabelecimento n'aquelle porto, e o seu offerecimento foi acceite em 1546. Novas desordens vieram ainda obrigar os portuguezes a estabelecerem-se n'outra parte.

«No tempo do seu explendor e prosperidade, Liampá fez-se um logar seguro para os povos da

China, Sião, Barneu, Sewhew, etc., contra os numerosos piratas que percorriam os mares. A cidade, ha muito florescente, tornou-se extremamente rica a partir de 1542, pelo seu commercio com o Japão. Possuia duas egrejas, uma casa da camara, dois hospitaes, e mais mil edificios particulares. Ainda que bastante submettida á China, era administrada por uma municipalidade.»

Assim se exprime Ljungstedt sobre o Liampó antes da sublevação china que baniu os portuguezes. A Liampó seguiu-se, como vimos, Chincheu, que foi perdida por outra revolução; e então o estabelecimento portuguez transportou-se para Lampacáo, seis leguas ao norte do estabelecimento anterior.

Em 1556 appareceu n'aquelles mares um pirata china que devastou os mencionados portos. Os chinas não podendo resistir-lhe, recorreram ao auxilio dos portuguezes, que o derrotaram e o aprisionaram em Macau, ilha deserta para onde elle se refugiara.

Em recompensa d'este grande serviço prestado pelos portuguezes, o imperador cedeu-lhes Macau, e elles edificaram ali uma cidade, e separaram por uma muralha, em que se abre uma unica porta, o seu territorio do territorio da China.

A cidade governou-se independente, segundo as leis e costumes portuguezes, por muitos annos, sem que os mandarins chinas buscassem intervir em coisa alguma no governo da nova cidade.

Este estado de coisas durou até que, em 1622, os hollandezes, então inimigos da Hespanha, e por isso nossos inimigos, atacassem Macau com numerosas forças e chegassem a desembarcar 8:000 homens. O povo levantou-se e resistiu ao inimigo. Em 1623 foi mandado um governador para Macau e este cercou de muros a cidade.

No Japão haviam-se suscitado as perseguições religiosas, e por fim os portuguezes, suspeitados e vigiados, foram banidos d'este paiz em 1623; concorrendo para isso as intrigas dos hollandezes que já navegavam n'aquelles mares e tinham grande poder.

Aquelles acontecimentos tiraram a Macau parte do seu poder, abateram a sua riqueza e commercio; os chinas tornaram-se menos respeitosos e ameaçaram os portuguezes de terem a mesma sorte na China que tinham tido no Japão. A revolução de 1640 que quebrou os grilhões de ferro que pesavam sobre Portugal, deram vigor aos macaistas e aquelle projecto, porem, não se executou.

Os navios portuguezes que gosavam do privilegio de ir a Cantão sem o registo das suas carregações, perderam esse privilegio, e era preciso darem dinheiro para continuar a ser exemptos. Apezar d'isto, em 1612, os mandarins pretenderam que os galeões reaes pagassem tambem direitos, porque eram navios de carga e não navios de guerra. O

commandante dos galeões recusou-se a pagar; e os mandarins empregaram contra Macau a arma terrivel da fome, recusando-lhe os viveres que eram fornecidos pelos chinas. Para se livrarem d'esta triste situação, os habitantes de Macau apoderaram-se dos capitaes. O senado em assembléa, a que foram convocados o capitão geral, o bispo, os prelados das ordens religiosas, tratou de resolver se devia pagar uma quantia avultada para livrar Macau das exigencias dos mandarins. A assembléa resolveu que a cidade pagasse a somma exigida para conseguir a liberdade de commercio.

O seculo XVIII foi fatal aos portuguezes. Em 1720 perderam as terras de que estavam senhores fóra de Macau; muitos previlegios foram-lhe tirados, e estipulou-se que pagassem como feudo ou presente 125 taeis.

A origem d'este feudo é obscura. Os portuguezes estabeleceram-se em Macau livremente por concessão do imperador, e ali edificaram a cidade e se governaram por muitos annos. Segundo as tradicções e os documentos existentes nos archivos portuguezes, o feudo foi, em sua origem, uma simples peita dada a Aitão, mandarim de Cantão, para tornar segura a sua benevolencia. Os portuguezes, além dos direitos de ancoragem, pagavam uma certa somma que era recebida e dispendida por Aitão, a que chamavam o peitado. Durou isto de dez o doze an-

nos, até que os portuguezes indo á feira, onde os mandarins tinham a receber os direitos que elles traziam, o chamado Pedro Gonçalves, que servia de interprete, disse a Aitão que trazia as 500 taeis que a cidade pagava por feudo. Aitão, como isto foi dito diante dos outros mandarins, vendo a sua critica posição, respondeu: «Sim, pois entreguem-as ao thesoureiro d'el-rei»; e é d'esta occasião que o feudo se paga ao imperador.

Seja como for, os portuguezes nunca perderam o seu dominio soberano sobre Macau, apezar das innumeras questões que os mandarins lhes suscitaram em varias occasiões.

Em 1725 o numero dos navios portuguezes foi fixado em 25, porque o vice rei de Cantão fez sentir ao imperador de Yam-chim que a marinha já constava de 25 navios, e que, multiplicando-se, tornar-se-ia perigosa para o imperio.

Em 1740 as questões levantadas pelos mandarins e provocadas pelos portuguezes, tomaram certa gravidade, por quererem as auctoridades de Macau condemnar os chinas moradores da cidade que usavam pesos falsos; em consequencia d'esta questão foi um mandarim, por ordem do imperador, introduzido em Macau.

Pelos tratados de paz de 1842 e 1843, as portas de bronze do celeste imperio abriram-se ao commercio europeu e cederam á Grã-Bretanha a ilha de

Hong-Kong, a pequena distancia de Macau. No tratado supplementar de 1843, o imperador da China declarava que havia querido ceder graciosamente a todas as nações estrangeiras, cujos subditos ou cidadãos até então haviam commerciado em Cantão, o privilegio de commerciarem nos quatro portos de Fu-tchu, Anony, Ningepó e Chunglvi, com as mesmas condições que aos inglezes.

Por este tempo a situação dos portuguezes estava mudada; o seu commercio de Macau estava profundamente modificado, e o governo portuguez em 1845 declarou os portos de Macau portos francos para o commercio de todas as nações.

Conforme o relatorio que precede o decreto que declara porto franco Macau, os motivos foram os seguintes: que pela abertura de alguns portos da China ao commercio de todas as nações, as circumstancias que favoreciam o commercio de Macau haviam cessado, e se tornava necessario, por causa da mudança de situação que produzia este acontecimento, adoptar medidas, pelas quaes, modificando o systema restrictivo que até então tinha dominado e garantido a posição geographica da dita cidade, o seu commercio podesse ser favorecido e augmentar.

O governador, Ferreira do Amaral, foi encarregado de dar execução ao decreto que fez franco o porto de Macau. As alfandegas chinezas tinham uma

delegação em Macau, e os abusos que ali se praticaram tornavam-se intoleraveis. Ferreira do Amaral mandou demolir um posto fiscal na Praia Grande onde se comettiam abusos, exigindo dos pobres pescadores pesados impostos,

O arrematante d'este posto foi queixar-se a Cantão, e o vice-rei mandou um officio ao governador de Macau estranhando-lhe o comportamento, a que o governador respondeu que o posto fiscal fôra illegal e abusivamente estabelecido e tornando evidentes os maus procedimentos empregados pelo arrematante d'esse posto fiscal.

Este posto era apenas de pequena importancia: a delegação verdadeira das alfandegas chinas era na Praia-Pequena. Ferreira do Amaral declarou abolido o Ho-pu da Praia-Grande attendendo a que uma tal instituição china em territorio portuguez era inutil e, de mais, contraria aos principios do direito das gentes e incompativel com as nossas leis que regiam em Macau e com a transformação das relações commerciaes entre a Europa e a China. O mandarim que servia de chefe da delegação da alfandega oppoz uma resistencia passiva ás determinações do governador de Macau, mas Amaral mandou-o intimar para sair logo e fez executar a intimação com energia.

O mandarins n'esta conjunctura buscavam empregar a sua arma de predilecção contra Macau, mas

inutilmente. Ameaçavam de fome. Um dia as lojas do bazar fecharam-se todas para privar a população dos meios de subsistencia: o governador, porém, fez communicar que se em vinte e quatro horas as lojas se não abrissem, o bazar seria destruido pela artilheria do forte do Monte. No dia seguinte pela manhã todas as lojas, sem excepção, estavam abertas. O caracter firme de Amaral tornava inutil o uso dos antigos meios empregados pelos mandarins contra Macau.

Em 2 de agosto de 1849, passeava Ferreira do Amaral, desarmado, junto do *posto do Cerco*, quando um bando de assassinos o atacou e o trucidou cruelmente, cortando-lhe a cabeça. Uma guarda de soldados chinas que estava ali perto em vez de defender o governador mostrou que estava ali para auxiliar o assassinato; ao mesmo tempo uma força militar portugueza que foi occupar o posto do Cerco recebia o fogo do forte de Passalem, que os portuguezes atacaram e tomaram de assalto. Envergonhados de tomarem a responsabilidade de acto tão covarde, os mandarins reconheceram o direito que assistia aos portuguezes de se queixarem e de se reputarem offendidos.

Desde esta época a independencia de Macau tornou-se inviolavel. O mandarim que residia em Macau e que, por vezes tinha exercido funcções que offendiam os direitos soberanos portuguezes, aban-

donou o seu posto e nunca mais foi substituido. As Alfandegas chinas nunca mais estabeleceram delegações no territorio portuguez.

A soberania portugueza foi confirmada pelo sangue do heroico governador Ferreira do Amaral.

II

Em 1557, vencido e morto o pirata que devastava a costa da China, os portuguezes estabeleceram-se na ilha deserta de Macau, que lhes foi cedida pelo imperador da China em remuneração dos seus heroicos serviços. Com armas n'uma das mãos e a enchada na outra, como diz Faria e Sousa, os portuguezes fundaram a cidade do nome de Deus, onde se estabeleceram uns poucos de marinheiros valentes e abriram o commercio com o celeste imperio.

A população, a principio diminuta, rapidamente cresceu. Fernão Mendes Pinto, que escreveu poucos annos depois do estabelecimento da cidade, diz-nos que Macau, que antes era uma ilha deserta, se fizera uma cidade nobre com casas de tres a qua-

tro mil cruzados, egreja matriz, com vigario, beneficiados, capellão, auditor e officiaes de justiça, tão confiados e seguros com a certeza de que era nossa como se estivesse situada no porto mais seguro de Portugal.

Á população portugueza veiu juntar-se uma numerosa população china, e esta subiu ao numero seguinte nos annos abaixo designados:

Bairros	1867	1871	1878
Bazar	14:572	19:877	14:343
Patane	8:481	7:215	6:524
Mong-há	8:182	5:576	2:328
S. Lazaro	2:590	2:598	3:111
Sé, S. Lourenço, Santo Antonio e Barra	22:426	20:941	20:313
Total da população terrestre	56:252	56:202	46:619
População maritima	15:590	10:060	8:831
Total da população	71:844	66:267	55:450

A população total de Macau sem tomar em conta a população do Taipu e Colowan, china e não china, em 1871 e 1878 é a seguinte:

	Freguezias e Bairros	1871	1878	Differença	
				para mais	para menos
Macau	Sé	11:467	8:700	—	2:767
	S. Lourenço	9:889	12:078	2:189	—
	Santo Antonio	5:048	3:587	—	1:461
	S. Lazaro	2:598	3:464	866	—
	Bazar	19:877	14:343	—	5:334
	Patane, San-kiu. Sa-kong, Santi	7:215	6:524	—	691
	Mong-há, Lung-tin-chin e Lung-uan-chin. Tap-siac, Seac-lu-tao, Ma-cau-seac	5:576	2:328	—	3:248
	Total da população terrestre	61:670	51:024	—	—
Porto de Macau		10:060	8:935	—	1:125
	Total da população	71:730	59:959	3:055	14:826

De 1871 a 1878 houve uma diminuição de população, e devemos ver se isso indica symptoma de decadencia ou não.

Na população do concelho de Macau, os 11:771 individuos, que representam a diminuição da população, decompõe-se do modo seguinte:

População do concelho de Macau

	China	Não china
1871	66:267	5:463
1878	55:450	4:509
Total para menos....	10:817	954

A diminuição da população não china, ou quasi exclusivamente portugueza, é devida ás constantes mudanças que teem logar em virtude das substituições de tropa e de empregados, com e sem familias, que constantemente teem logar.

Na diminuição da população china as cifras indicam circumstancias que attenuam a sua significação. As mulheres diminuiram em numero de 1:159: ora comparando as profissões em 1878 com as de 1867 vê-se que as meretrizes eram n'esta época em numero de 1867. Em 1871, época em que não ha estatistica por profissões, o numero devia ser

maior, porque era o tempo em que a emigração estava no seu auge; suppondo porém que o numero era egual temos que

Em 1871 havia meretrizes.....	1:867
Em 1878 »	436
Para menos em 1878.....	1:457

No total das mulheres chinas por annos, em 1878, temos 1:159: sendo o numero de meretrizes que abandonaram a colonia a mais d'este numero 242: assim pois deixaram Macau 1:459 meretrizes e entraram na população 292 mulheres a mais que constituiram familia.

Nos 9658 homens que se acharam de menos na população chineza ha alguma coisa importante a notar.

Na estatistica das profissões em 1867 encontram-se os factos seguintes:

Estabelecimentos de emigração chineza.....	17
Colonos.....	134
Corretores de colonos	319
Empregados nos estabelecimentos	163
Total.....	633

Em 1871 a emigração cresceu ainda por Macau

23:882 colonos contratados e 458 livres: o numero de estabelecimentos era 24, dos quaes um só contava 1:754 corretores a seu serviço.

Assim não será errado o calculo que o numero de individuos pertencentes á emigração, principalmente colonos, fosse superior a todo o desfalque da população. Todo ou quasi todo o pessoal estrangeiro, envolvido na emigração saiu de Macau, quando esta foi extincta.

Os constructores de embarcações desceram na razão de 162 em 1878 para 67 que eram em 1867: o que mostra que a população productiva estavel cresceu.

A mudança que se tem dado no commercio, pelo uso de embarcações a vapor de carreiras regulares, deu logar a uma natural diminuição da população maritima china: um barco a vapor transporta hoje mercadorias que 100 navios chinas não chegariam a transportar. A diminuição da população maritima fica inteiramente explicada por este facto.

A população tambem diminuiu n'uma parte que se liga ao luxo, o qual diminuiu com a extincção da emigração. Notando as profissões de 1867, comparadas com as de 1878 vemos o seguinte:

Profissões	1867	1878	Para menos
Criados de servir.....	3:835	2:385	1:448
Culis.....	1:171	851	320
			Total... 1:768

Por estas reflexões sobre o recenceamento da população de Macau em 1878, feitas n'um trabalho bem elaborado pelo sr. José Alberto Côrte Real, secretario geral do governo, vê-se bem que a diminuição da população não significa diminuição na intensidade productiva de Macau, mas é um symptoma da alteração no seu modo de ser, alteração que é uma natural consequencia da abolição da emigração.

III

Acabamos de nos referir anteriormente á emigração china por Macau. Este facto merece fixar a nossa attenção, e por isso vamos expor, resumidamente, a historia do denominado «trafico de culis».

A emigração de chinas contratados para serviços ruraes, principalmente, tomou em poucos annos em Macau um grande desenvolvimento. O governo da colonia tolerou e buscou minorar-lhe os inconvenientes, promulgando para esse fim successivos e cada vez mais apertados regulamentos, e adoptando medidas severas, organisando activa vigilancia, creando funccionarios, abrindo estabelecimentos destinados a dar cumprimento a rigorosos preceitos de policia e vigilancia para garantir os chinas emigrantes dos abusos a que estavam sujeitos.

Foram baldados os esforços e o zelo dos gover-

nadores. A emigração cresceu, e com ella os abusos e crimes contra os emigrantes, que eram enganados e levados dolosamente a emigrar, accumulados em navios, quasi sem comer, sem ar, sem luz, e sem espaço para repousar, para a America do Sul.

As catastrophes multiplicaram-se; as violencias odiosas e repetidas, os abusos repugnantes fixaram sobre este novo trafico dos culis a attenção da Europa. Os governos que haviam, não só tolerado mas promovido a emigração china, pozeram-lhe mais tarde peias e acabaram com ella, e a opinião por fim exerceu a sua natural e justa influencia.

Os crimes praticados na emigração china não foram desattendidos pelo governo portuguez, mas apezar d'isso fomos injustamente tratados por uma opinião exaltada. Logo que a emigração de culis por Macau se estabeleceu, o governo da colonia promulgou regulamentos; o rigor dos regulamentos cresceu com o augmento dos abusos commettidos pelos agentes da emigração, até que por fim, reconhecida a impossibilidade de pôr cobro aos abusos e reprimir fóra de Macau as violencias, que parece inevitavelmente acompanham este trafico, o governo portuguez resolveu ordenar que terminasse definitivamente a emigração contratada por Macau.

As leis chinas não auctorisam a expatriação; comtudo é antiga a emigração n'aquelle imperio, e as

auctoridades, se a não consentem ostensivamente, toleram-n'a pelo menos, ou mesmo parecem consideral-a como um meio de acudir aos males que resultam da superabundancia da população.

A raça china é naturalmente expansiva; e a despeito de todas as leis repressivas da emigração, os chinas proseguem a sua providencial missão de povoarem a Asia, a America, e talvez, em não remota época, a Africa tambem.

Em 1845 o governo inglez, abolida a escravatura e sentindo-se falta de braços nas colonias, provocou a emigração dos culis. Um especulador transportou de Amoy para a ilha Bourbon os primeiros carregamentos de chinas contratados; esta emigração principiou em 1845 por 180 e foi crescendo de anno para anno, chegando em 1851 a 2:069 culis. De Coulão tambem se estabeleceu egualmente emigração contratada, e durante os primeiros seis mezes de 1852 embarcaram 15:000 chinas nos portos acima indicados.

Os agentes officiaes britannicos buscaram promover a emigração e ao mesmo tempo minorar-lhe os inconvenientes. Duas difficuldades encontrou a administração ingleza para o conseguir. Uma foi a impossibilidade de promover a emigração de mulheres, por ser grande a repugnancia das mulheres honestas da China para a expatriação; esta difficuldade deu sompre á emigração dos culis um cara-

cter nada conforme com os sentimentos, costumes e opinião da nação ingleza.

A outra difficuldade, que obstou a que a emigração se fizesse em condições regulares, e perfeitamente expontaneas, foi a imprescindibilidade de corretores ou alliciadores que fossem ao interior do imperio engajar os emigrantes. Para minorar estes inconvenientes determinou o governo inglez que para ser corretor era preciso obter licença pela qual se pagava uma somma consideravel de 5:000 duros, e a terem os corretores sugeitos a multas e prisão pelas transgressões.

Disposições analogas foram adoptadas em Macau, com o fim de conseguir resultados identicos, mas os factos repetiram-se sem que os meios empregados surtissem effeito.

Já então se repetiam os actos criminosos, empregados pelos corretores para alcançarem numerosos emigrantes. Os conflictos a bordo dos navios de culis, as tentativas de revolta e de incendio, que só pela força se reprimiam, a mortalidade successiva a bordo, tudo tornava a emigração mais odiosa.

A emigração de colonos engajados por Macau, começou alguns annos depois de se haver estabelecido a corrente da emigração dos outros portos da China para varios paizes tropicaes, promovida pelas sugestões dos agentes interessados em levar braços para os paizes tropicaes onde os trabalhadores

faltavam. Dois francezes primeiro e um negociante macaista logo depois abriram o exemplo em 1851. Foram 250 os primeiros culis que sairam da colonia em navio portuguez e por conta de um portuguez, destinados a Calhao de Lima. Os contractos d'estes culis eram por oito annos de engajamento e pela soldada de 4 patacas por mez.

O visconde da Praia Grande, então governador de Macau, publicou um regulamento para tornar conhecidos do governo os depositos de colonos e tornar regulares as inspecções sanitarias. Reconheceu-se depois que era necessario regular o comportamento dos corretores a fim de assegurar a expontaneidade da emigração. Um regulamento estabeleceu tambem preceitos sobre os navios de transporte.

Isto, comparado com as datas dos regulamentos inglezes sobre taes assumptos, mostra quanto em Macau o governo era solicito em cohibir os abusos contra os culis e em minorar o soffrimento d'estes desgraçados.

Quando, por occasião das offensas feitas na China á Inglaterra e á França, estas duas potencias mandaram ali uma expedição que se apoderou, em 1857, da cidade de Cantão, trataram ellas das medidas sobre emigração, com o fim de, evitando alguns dos graves inconvenientes reconhecidos pela experiencia, a tornar mais regular. Era preciso, segundo os regulamentos promulgados em Cantão, licença para

abrir casa de emigrantes; os regulamentos d'estas deviam ser approvados, e estar claramente escriptos á porta dos depositos; os inspectores da emigração tinham direito de visitar os depositos para reconhecer se cada emigrante estava bem instruido da natureza dos engajamentos que tomava e para velar pela saude e condições hygienicas dos emigrantes; a assignatura dos contractos só se podia fazer em dois dias por semana; dos emigrantes embarcados em cada navio se devia fazer uma lista; os engajadores de emigrantes deviam ser registados, etc.

Em 1860 promulgou-se em Macau um regulamento, creando uma superintendencia da emigração, responsavel pela execução dos preceitos da emigração, e deu-se-lhe como auxiliar um interprete da lingua china. Ao superintendente cumpria assistir aos exames feitos na procuratoria e assignar os contractos conjunctamente com o procurador; ter um livro de matricula dos emigrantes; dar a estes copia dos contractos e os esclarecimentos necessarios até se assignarem seis dias depois da matricula. Os colonos, assignados os contractos, deviam receber os adiantamentos estipulados e ser transferidos para bordo dos navios que os deviam transportar. Só com permissão dos paes os menores de vinte e cinco annos se podiam contractar. Estabelecia depois o regulamento as condições do contracto. Os regulamentos dos depositos e dos navios emigrantes careciam da

approvação do governo. Os portuguezes não podiam ir ao territorio china fazer engajamentos, nem a navios portuguezes era permittido transportar emigrantes para Macau, nem para outra parte na China.

Á medida que a emigração tomava desenvolvimento, os seus inconvenientes tomavam maior gravidade.

Em principio de 1862 os Estados-Unidos promulgavam uma lei prohibindo o trafico dos culis aos cidadãos americanos ou estrangeiros ali residentes. Os navios encontrados em contravenção ficavam sujeitos á confiscação, perseguidos e julgados em qualquer tribunal.

Em 1868 o governador de Macau formulou um novo regulamento, que augmentou a responsabilidade do governo, creando um deposito de emigrantes na superintendencia, e occupando-se com demasiados cuidados dos interesses dos agentes de emigração.

Por este tempo o ministro inglez junto do governo chinez empregou suggestões e intrigas para impedir a emigração por Macau. Em virtude d'estas intrigas o governo chinez dirigiu ao vice-rei de Cantão uma communicação para se oppor á emigração por Macau. O vice-rei dirigiu uma communicação ao governador da colonia portugueza, em que dizia que mr. Wade havia feito conhecer a irregularidade dos engajamentos que se faziam «sem a devida permissão

das auctoridades chinezas e estrangeiras e sem garantia de que as condições do contracto sejam cumpridas», o que era mal visto pelos negociantes estrangeiros; que em vista d'estas ponderações do governo inglez, o governo de Pekin recordara n'um officio a elle vice-rei que a emigração era prohibida pelas leis chinezas, mas, por se não poder impedir em todos os pontos a emigração, se fizera um regulamento em 1866, que dava todas as garantias aos emigrantes. Em vista d'este officio, o vice-rei de Cantão dizia ao governador de Macau na sua communicação que de 1863 a 1865 alguns negociantes inglezes e francezes tinham aberto estabelecimentos de emigração em Cantão e em Suatá, sob a fiscalisação dos commissarios chinezes e estrangeiros, mas que o engajamento de colonos não fôra permittido ás outras nações que não tinham tratado; que em 1866 se tinha feito, em virtude dos tratados, um regulamento de accordo com os governos francez e inglez, o qual tinha a approvação do imperador, e se haviam então avisado as outras nações de que desde logo seria posto em vigor o dito regulamento, sendo para notar que desde então nenhum negociante estrangeiro viesse a Cantão abrir estabelecimento de emigração; que em 1867 lhe fôra observado pelo ministerio dos negocios estrangeiros que, por não haver em Macau nenhuma auctoridade chineza, os negociantes estrangeiros iam ali fazer en-

gajamentos clandestinos; e, finalmente, o governo chinez acabava de publicar a todos os embaixadores estrangeiros que aos negociantes das nações que não tinham tratado não era permittido abrir estabelecimentos para engajar colonos, quer em Macau quer em Cantão, e que aos navios das ditas nações não seria tambem permittido transportar colonos, ficando livre aos negociantes das nações com tratado não só engajar colonos, segundo o regulamento, mas abrir estabelecimentos de emigração em Macau. Concluia o vice-rei, dizendo que dera as mais rigorosas ordens para punir os contraventores das ordens do governo chinez, e esperava que o governador de Macau désse as ordens mais estrictas aos seus subordinados para vigiarem, a fim de que logo que descobrissem qualquer negociante que em Macau estabeleça casa de emigração, ou qualquer malfeitor indigena que abra estabelecimento para comprar homens roubados para os vender como emigrantes, procedam rigorosamente contra elles.

O governador repelliu com dignidade o que no officio do vice-rei havia de attentatorio contra a independencia de Macau. Este officio do vice-rei não teve consequencias immediatas, mas tornou patente a hostilidade do governo de Pekin á emigração por Macau. Mezes depois o vice-rei de Cantão officiou de novo ao governador de Macau, insistindo em querer que o governador attendesse ás suas anteriores

observações, e referindo-se á convenção de 1866. Esta convenção a que o vice-rei se referia estava nulla por não ter sido ratificada pelos governos francez e inglez.

Apezar das repetidas e rigorosas medidas tomadas pelo governo de Macau contra os abusos da emigração, continuaram estes a repetir-se, e entre elles havia a notar que os navios que transportavam culis levavam bandeira de um paiz a que não pertenciam. O governador de Macau estabeleceu que os culis só fossem transportados em navios de nações que tivessem tratado com a China, ou d'aquellas para onde os colonos se destinassem.

Os factos estavam provando que os emigrantes se deixavam illudir, e que os crimes de incendio e revolta a bordo levavam a suspeitar que entre os emigrantes se introduziam piratas e malfeitores com o fim de occupar os navios no alto mar.

Em 1871 foi nomeada uma commissão para investigar a maneira por que era regulada a emigração e propor as providencias a adoptar para assegurar a liberdade dos culis e o seu bom tratamento a bordo.

Em consequencia dos trabalhos d'esta commissão o governador adoptou algumas medidas que tinham por fim: fiscalisar a capacidade moral dos encarregados dos estabelecimentos; evitar o contacto dos corretores com os emigrantes recolhidos nos estabe-

lecimentos ou na superintendencia; conhecer e registar os culis chegados a Macau nas embarcações chinas; inspeccionar os emigrantes a bordo, exigindo dos capitães a declaração de que não lhes constava levarem em seus navios emigrantes suspeitos de piratas ou enganados; finalmente, melhorar a inspecção dos estabelecimentos de culis.

As medidas tomadas successivamente sobre a emigração por Macau chamam a attenção por não se occuparem effectivamente senão da fiscalisação dos colonos emquanto se conservam nos estabelecimentos e na superintendencia, mas não previnem ou castigam os abusos dos corretores no acto da alliciação no territorio chinez, nem alteram as suas condições fundamentaes nos contractos dos emigrantes. A administração buscava não perturbar um commercio que considerava como origem da prosperidade de Macau.

Novo regulamento em 1872 foi publicado pelo visconde de S. Januario, que era então governador. Este regulamento reproduz as prescripções dos antecedentes, modificando-as ou ampliando-as n'alguns pontos. O regulamento começa por affirmar a liberdade dos chinas emigrarem pelo porto de Macau, devendo ser repatriados os que declararem a resolução de não querer emigrar.

Os agentes auctorisados com licença para contractar emigrantes para os portos permittidos devem

participar o numero de depositos que teem e o numero de emigrantes que n'elles pretendem receber, assim como o numero dos encarregados assistentes e dos chinas: a fim de se conhecerem as circumstancias hygienicas dos depositos e a capacidade dos encarregados. Estes prestam uma fiança de 1:000 patacas; estes são todos responsaveis e a sua exclusão pode ser exigida pelas auctoridades.

Os depositos devem estar abertos quatro horas por dia para serem inspeccionados e os colonos receberem conselhos sobre os contractos. Os culis não são admittidos na superintendencia senão depois de inspeccionados pelos medicos, da leitura e explicação dos contractos, e do exame do superintendente. Recolhidos os que querem emigrar, não teem na superintendencia communicação com os empregados dos depositos; os corretores, mesmo querendo emigrar, estão separados dos emigrantes. Os contractos são assignados no segundo dia, em presença de uma commissão. Os culis que não querem emigrar são remettidos ás terras da sua naturalidade.

Este regulamento conservou as clausulas dos contractos, com pequenas alterações.

A falta de assentimento explicito e mesmo de coadjuvação das auctoridades chinezas foi uma das causas principaes de se manterem sem correcção os abusos praticados pelos corretores. A não ratifica-

ção do nosso tratado com a China, a falta de accordo sobre emigração e a falta de representante chinez em Macau, aggravaram aquelles males, por tornarem impossivel uma efficaz e rigorosa fiscalisação sobre os actos dos corretores.

Sendo um facto provado que os abusos dos corretores eram dos mais odiosos e tornavam a emigração mais repugnante, não pode deixar de notar-se que no regulamento de 1872 nada se estipulava ácerca d'ella.

O sr. visconde de S. Januario, a quem se não podiam occultar os defeitos do regulamento por elle publicado, foi-o modificando por medidas subsequentes, sempre no sentido de melhorar a sorte dos emigrantes e pôr a honra da colonia portugueza a salvo das violentas accusações com que uma opinião apaixonada a estava infamando.

Em 1873 o governador de Macau estabeleceu que nos contractos da locação de serviços se incluisse a clausula da passagem de regresso findos os respectivos contractos. N'outra ordem reduziu a 6 annos a duração dos contractos.

A historia das providencias repetidas, variadas e sempre infructiferas, tomadas pelo governo de Macau contra os abusos da emigração contractada, basta a provar o quanto aquella emigração estava profundamente inquinada de vicios que se não podiam extirpar. Antes de chegarem a Macau, e en-

trarem debaixo da acção das auctoridades ali destinadas a fiscalisar a emigração, e mesmo durante o tempo que se conservavam nos depositos e na superintendencia, os culis, illudidos, enganados, fascinados, opprimidos, subjugados por promessas ou por ameaças, dominados pela esperança de melhorar de sorte ou pelo terror de voltar á miseria, nem comprehendiam os seus interesses, nem descobriam a verdade, nem sabiam resistir aos que especulavam com elles como se foram mercadoria vil, nem comprehendiam muitas vezes os engajamentos que tomavam, nem se preoccupavam de um futuro que vagamente se lhes representava como prospero e sem perigos.

Além dos abusos que precediam o engajamento dos culis em Macau, havia faltas subsequentes que tornavam este trafico odioso.

As condições hygienicas, o espaço, o ar, a luz, a limpeza, a alimentação a bordo dos navios de emigrantes foram coisas sempre cuidadas nos regulamentos de Macau; é, porém, certo que a falta de acção sobre os navios, uma vez no alto mar, fizeram com que o effeito d'aquellas disposições, tomadas n'um intuito humanitario, não correspondessem ao que se esperava alcançar. A mortalidade a bordo dos navios de culis que faziam largas viagens para a America era tão consideravel que se não pode deixar de affirmar que os preceitos da mais indispen-

savel hygiene não eram cumpridas, nem se cuidava da saude e vida dos desgraçados emigrantes.

Em documentos apresentados ao parlamento inglez em 1855 encontra-se uma estatistica da emigração para o Perú, nos annos de 1843 a 1855, onde se vê que de 7:356 emigrantes embarcados só 4:754 chegaram ao seu destino, sendo os mortos a bordo 549. A relação dos mortos aos transportados nos navios que levaram os culis ao seu destino foi de 10 por cento, proximamente.

N'outro documento de 1858 encontra-se uma estatistica de trabalhadores chinas em Cuba desde 1 de janeiro de 1847 até 31 de dezembro de 1857, e por ella se vê que foi de 23:928 o numero de emigrantes partidos da China, de 20:586 o numero dos que chegaram ao seu destino, e de 9:342 o dos que morreram na viagem. A relação dos mortos para os embarcados foi de 14 por cento.

As informações dos nossos consules confirmam esta excessiva mortalidade. Não é só, porém, esta mortalidade que torna odioso o trafico dos culis; infamam-a tambem actos de violencia, incendio, roubo e massacres praticados a bordo de alguns navios.

No relatorio que precede o ultimo regulamento de 1872 diz-se que «desde 1856 partiram de Macau 414 navios com colonos, *e só* 5 *deixaram de chegar ao seu destino por terem sido saqueados pelos*

emigrantes». Esta proporção, considerada como diminuta, de cinco catastrophes por pouco mais de quatrocentos navios, é, quando se considera com a devida ponderação, tão extraordinaria como pavorosa. As violencias e revoltas de culis foram quasi sempre provocadas, ou pelo tratamento barbaro que nos navios recebiam, ou pela introducção a bordo de criminosos a titulo de emigrantes; cada uma d'aquellas catastrophes descobre as angustias, as miserias, a oppressão, a fome, a tyrannia, que padeceram centos de homens, ou revela o vicio profundo de uma emigração em que se occultam facinoras dispostos a commetter os crimes mais atrozes.

Estas razões multiplicadas e variadas levaram-me em 1873, eu era então ministro da marinha e ultramar, a prohibir a emigração contractada por Macau; esta resolução do governo foi por telegramma communicada ao governador em 20 de dezembro. Em 23 o visconde de S. Januario publicou uma portaria fixando em 27 de março de 1874 o termo definitivo d'aquella emigração.

Além d'estas razões humanitarias, tomei em consideração outras que me confirmaram na minha opinião. Vou expol-as para concluir.

A estatistica da emigração dos culis por Macau, desde que sobre ella se fixou a attenção do governo, foi a seguinte:

Annos	HAVANA	PERÚ	DIVERSOS LOGARES	TOTAL
1856.....	2:253	—	240	2:493
1857.....	6:753	450	880	7:383
1858.....	8:913	300	821	10:034
1859.....	7:695	321	953	8:969
1860.....	5:773	2:098	248	8:119
1861.....	—	—	—	—
1862.....	752	1:459	325	2:536
1863.....	2:922	3:739	325	6:660
1864.....	4:489	6:243	325	10:712
1865.....	—	—	—	—
1866.....	—	—	—	—
1867.....	—	—	—	—
1868.....	8:835	3:371	—	12:206
1869.....	4:124	4:876	—	9:000
1870.....	1:064	12:343	—	13:407
1871.....	5:706	11:377	—	17:083
1872.....	8:045	13:809	—	21:851
1873.....	6:307	6:709	—	13:016

A emigração dos culis, apezar das alternativas demonstradas pelos dados estatisticos, sempre tendeu a crescer. Aos males por tal emigração occasionados, em vão buscaram oppor-se regulamentos rigorosos; o interesse de alguns homens, a immoralidade dos corretores, o pedido de braços para onde se estabeleceu a emigração, não cessaram de influir no desenvolvimento do trafico. Os verdadeiros interesses de Macau eram sacrificados a uma illusoria prosperidade, a qual, ao passo que quebrava a energia da população, infamava a colonia e desdourava o bom nome portuguez. As nossas relações com a China tornavam-se todos os dias menos cordeaes, e chegariam a aberta hostilidade se não acabasse o trafico dos culis. O credito de Macau e os seus interesses e prosperidades perdiam com se não tomar uma resolução prompta e energica sobre este grave assumpto.

O numero de repatriações .que se fizeram desde que a fiscalisação de emigração se fez com zelo e conforme os regulamentos mostra por um lado que a administração de Macau se empenhou em cumprir os seus deveres, por outro lado prova a falta de escrupulos, a improbidade e immoralidade, não só dos corretores, que traziam a Macau os emigrantes por meios fraudulentos, senão dos agentes da emigração, que os recebiam e os mantinham enganados nos depositos. A repatriação subiu a um

quinto dos chinas conhecidos em Macau como emigrantes.

Á emigração se deve attribuir o abandono de numerosos cadaveres nas ruas de Macau. O governador em 1872 mandava recommendar ao superintendente da emigração que communicasse aos encarregados dos culis que esses taes estabelecimentos seriam fechados logo que se provasse que abandonavam os emigrantes invalidos em logar de effectuarem a sua repatriação.

A emigração teve como resultado immediato e apparente o crescimento da riqueza de Macau, mas o resultado real foi diverso.

A população de Macau em 1822 compunha-se de 4:315 christãos, incluindo 537 escravos, e de 8:000 chinas.

Segundo uma estatistica de 1849 a população de Macau era de 4:587 christãos e de 25:000 chinas. A população christã comprehendia 490 escravos. N'esta época não havia emigração por Macau.

Em 1860 constava a população christã, incluindo os militares, de 5:219 individuos, sendo 790 chinas christãos.

N'um recenseamento da população chineza do anno de 1867 vê-se que esta população era em Macau de 52:252 individuos.

A população chineza teve um augmento extraordinario de 1849 a 1863, mas este crescimento

não mostra senão que a população tem um caracter essencialmente fluctuante e por isso muito variavel. Para o provar basta ver que a população chineza por naturalidades é a seguinte:—originaria de Macau eram 5:723 individuos, de Cantão 48:617, de Fokim 1:797, de outras procedencias 115. O numero de chinas naturaes de Macau era devido a acharem-se muitos ausentes em Cantão, nas colonias britannicas de Hong-Kong e Singapura e ilhas da Mahore.

No censo da população de 1871 acha-se a população christã de 5:375 individuos, accusando um augmento insignificante em relação a 1860. A população chineza era de 64:029, sendo a que residia em terra 53:761 e no mar 10:268.

As difficuldades resultantes da acção dos postos fiscaes chinas que cercavam Macau eram de certo a causa da diminuição da população maritima. Dividida por naturalidades, a população chineza de Macau apresentava: naturaes de Macau 16:925, naturaes de Cantão 43:078, naturaes de Fokim 4:035.

A população total chineza habitando no mar e na terra diminuiu consideravelmente:

Designação	1867	1871
População chineza em Macau habitando em terra.....	15:590	10:268
População chineza em Macau habitando no mar.....	56:252	53:761
	71:842	64:029

É facil notar tres factos no que fica exposto:— 1.° Que a população christã cresce muito lentamente, e, se attendermos ás causas que a fazem variar, pode dizer-se talvez que fica estacionaria; 2.° Que a população chineza é, na sua maior parte, fluctuante, e nada representa com relação á prosperidade da colonia; 3.° Que a população chineza tinha diminuido nos ultimos annos, apezar da emigração crescer.

Vejamos agora o que nos diz a estatistica commercial.

O commercio faz-se em Macau por navios de alto bordo, que transportam as mercadorias para portos mais ou menos distantes, e por embarcações chinas de pequena lotação, que as transportam por cabotagem entre portos visinhos.

Segundo os dados estatisticos, vê-se que nos periodos de maior incremento da emigração o commercio ficou estacionario, ou antes tendeu a diminuir.

Commercio de importação e exportação em Macau nos annos de 1864, 1865, 1866 e 1871

Designação		1864	1865	1866	1871
Navios de alto bordo	Importação	5.378:783$000	5.814:223$550	6.796:271$900	5.429:618$100
	Exportação	4.041:105$700	3.965:097$850	3.255:243$300	2.708:334$600
Embarcações chinezas	Importação	695:706$300	729:047$550	706:922$050	1.538:308$750
	Exportação	436:816$700	436:394$250	391:799$000	1.212:758$750
Movimento geral do commercio		10.552:411$700	10.944:763$200	11.150:236$250	10.889:020$200

Avulta muito no movimento commercial de Macau o opio: como este seja destinado para um uso vicioso, que contribue para deprimir a energia do povo que o consome, pode melhor avaliar-se o commercio em relação aos interesses reaes da colonia, separando o valor do opio dos outros valores que representam o movimento commercial.

Por esta fórma obteremos um resultado interessante, que é o seguinte:

Commercio em navios de alto bordo

ANNOS	IMPORTAÇÃO			EXPORTAÇÃO		
	Opio	Outras mercadorias	Total	Opio	Outras mercadorias	Total
1864....	6.323:407$350	2 055:375$650	8.378:783$000	46:096$350	3.995:005$350	4.041:105$700
1865....	3.113:481$150	2.700:742$400	5.814:223$550	83:935$800	3.881:162$050	3.965:097$850
1866....	4.614:737$550	2.181:534$350	6.796:271$900	1:0[illegible]2$500	3.254:180$800	3.255:243$300
1871....	4.462:952$200	966:665$900	5.429:618$100	7:565$000	2.700:769$600	2.708:334$600
	18.514:578$250	7.904:318$300	26.418:896$550	138:659$650	13.831:117$800	13.969:781$450

ANNOS	IMPORTAÇÃO			EXPORTAÇÃO		
	Opio	Outras mercadorias	Total	Opio	Outras mercadorias	Total
1864....	—	695:706$300	695:706$355	188:792$650	248:024$050	436:816$700
1865....	—	729:047$550	729:047$550	251:575$350	184:818$900	436:394$250
1866....	—	706:922$050	706:922$050	251:358$600	140:440$400	391:799$000
1871....	—	1.538:308$750	1.538:308$750	763:932$400	448:826$350	1.212:758$750
	—	3.669:984$650	3.669:984$705	1.455:659$000	1.022:109$700	2.477:768$700

Movimento geral do commercio

Annos	Opio	Outras mercadorias
1864.....	3.558:296$350	6.994:115$350
1865.....	3.448:992$300	7.495:770$900
1866.....	4.867:158$650	6.283:077$600
1871.....	5.234:449$600	5.654:570$600

No primeiro periodo de 1864 a 1866 a importação do opio representa 61 por cento; no segundo periodo, 1870, o opio representa 92 por cento. A média annual da importação total em navios de alto bordo baixou nos dois periodos antecedentes de réis 5.996:426$150 a 5.429:618$100 réis: considerando a importação com excepção do opio, a diminuição foi mais consideravel, pois que a importação baixou de 2.312:850$833 a 966:665$900 réis.

Na exportação em navios de alto bordo, em que o opio tem um logar insignificante, do primeiro para o segundo periodo a diminuição tambem manifestou as mesmas tendencias. No primeiro periodo a ex-

portação foi de 3.753:813$616 réis e no segundo foi de 2.708:334$600 réis.

O commercio em embarcações chinezas, muito mais limitado no seu valor do que o dos navios de alto bordo, apresenta nos dois periodos tendencia a crescer.

Considerando o movimento geral commercial achase que a média do primeiro periodo foi da quantia de 10.849:470$316 réis, e em 1871 foi o movimento commercial de 10.889:020$200 réis.

A emigração de Macau não promoveu o desenvolvimento commercial, antes parece haver absorvido toda a actividade da colonia, mudando as suas fontes naturaes de riqueza.

Se considerarmos por ultimo os rendimentos publicos e a sua marcha encontraremos tambem evidentes provas de que a prosperidade de Macau era apparente e encobria uma profunda depressão moral, uma paralysação das forças productivas.

Em dezeseis annos os rendimentos cresceram na razão de 365 por cento; os rendimentos provenientes das licenças para loterias, jogos e venda de opio esses cresceram na razão de 909 por cento.

O seguinte mappa dá d'isto testemunho:

Rendimentos publicos em Macau

Designação		1856–57	1860–61	1867–68	1872–73
Impostos directos	Impostos pagos por christãos	11:147$550	21:147$150	20:820$347	19:529$031
	Impostos pagos por chinas	12:484$800	18:618$400	22:682$544	23:514$087
	Loteria chineza	9:116$250	27:200$000	40:335$333	49:566$333
	Licenças de casas de jogo	9:823$450	75:536$750	107:797$000	127:500$000
	Licenças para venda de opio	4:547$500	18:942$250	32:453$000	35:700$000
	Outros	12:416$500	26:409$500	38:907$446	54:293$614
Impostos indirectos		5:508$850	8:477$900	13:684$314	17:254$587
Diversos e eventuaes	Diversos	32:975$750	9:129$850	12:995$982	47:655$096
	Eventuaes	6:620$650	2:867$900	13:756$448	5:000$000
Somma		104:641$300	208:329$700	303:432$414	380:012$748

As necessidades de força publica, de policia, de vigilancia e actividade administrativa e judicial para manter a ordem n'uma população fluctuante, e a abundancia de recursos, fizeram com que as despezas crescessem quasi na mesma proporção de que as receitas.

Para se avaliarem os augmentos de despeza durante os annos em que a emigração se desenvolveu, assim como as modificações que essa despeza deverá soffrer quando as circumstancias actuaes hajam passado, é bom ver o quadro das despezas publicas em Macau.

Deve notar-se que na administração geral se comprehende a policia.

Despeza publica em Macau

Designação	1856–57	1860–61	1867–68	1871–72
Governo e administração geral	13:013$500	28:962$000	40:786$765	94:183$015
Administração de fazenda	4:030$700	4:941$000	5:878$131	6:196$552
Administração de justiça	3:139$000	3:965$200	4:601$807	14:001$771
Administração ecclesiastica	2:754$000	3:061$700	3:835$982	4:122$110
Administração militar	27:155$800	38:194$700	64:094$707	62:550$812
Administração de marinha	485$350	5:412$800	31:016$155	39:027$059
Encargos geraes	—	—	76:308$806	46:263$617
Diversas despezas	18:997$500	30:910$200	22:474$030	
Somma	69:575$850	115:447$600	248:996$383	266:344$936

Esta exposição rapida dos factos basta para nos convencer de que a emigração contractada por Macau não foi origem de verdadeira prosperidade, nem teve consequencias economicas e sociaes que podessem desculpal-a de seus profundos vicios e iniquidades.

Para se reconhecer a quem aproveitava o consideravel movimento de capitaes e as transacções lucrativas do trafico dos culis é preciso recordar as palavras do sr. visconde de S. Januario n'um officio ao governo.

«A nação portugueza, lia-se no officio do governador de 23 de maio de 1873, soffrendo muito no seu credito, não é a que mais lucra com a emigração. Este movimento de trabalhadores engrandece principalmente paizes estrangeiros (Hespanha, Perú, etc.), é dominado pelos capitaes estrangeiros e enriquece companhias e agentes estrangeiros, com quanto augmente assim a receita publica de Macau e occasione um certo commercio e movimento de fundos na colonia, favoravel á sua prosperidade».

Vê-se por estas conscienciosas informações do governador que, principalmente os capitaes e empresarios estrangeiros, e os agentes e aliciadores chinas, lucravam com a emigração.

O negocio da emigração estava concentrado em poucas mãos, e na posse de estrangeiros na sua

maior parte. Os agentes de emigração constituiram-se no fim em associação para explorarem essa industria, e os agentes, julgando-se perdidos, representaram ao «governador» para os defender contra a sociedade dos agentes da emigração, que queria constituir um monopolio em prejuizo dos seus contractos.

A angustia, a miseria que estas queixas revelavam não deixavam duvida de que o trafico dos culis não só corrompia, mas arruinava parte da população de Macau, em nome da qual por longo tempo se sustentou aquelle attentado contra a humanidade.

Foi em vista d'estas considerações que me resolvi prohibir definitivamente em Macau o trafico dos culis. O sr. visconde de S. Januario dando-me noticia dos actos que praticara, em virtude da communicação que recebera do governo, dizia-me em 3 de janeiro de 1874 o seguinte:

«Muitas medidas terei que estudar e de publicar successivamente durante o periodo que decorre até se tornar effectiva esta deteminação, e que serão conducentes, não só a supprimir tudo quanto era concernente ao trafico de colonos contractados, mas tambem a destinar alguma compensação a numerosos empregados, que perdem a maior parte dos seus vencimentos; a prever pela ordem e tranquillidade publica, visto que um grande numero de chi-

nas que eram corretores da emigração, e que estão longe de serem de bons costumes, ficam sem emprego; e, finalmente, a auxiliar o commercio de Macau, abrindo-lhe, se for possivel, novos horisontes.

«Além d'isso estou estudando novas disposições que regulam em Macau, á semelhança de Hong-Kong, a passagem dos individuos chinas para paizes estrangeiros.

«Como tive a honra de previnir a v. ex.ª nos meus relatorios sobre este assumpto, deverá sentir-se no cofre de Macau uma sensivel diminuição, em virtude da medida que acaba de adoptar-se; muitos individuos serão affectados em seus interesses, quer directa, quer indirectamente, e isto produzirá uma certa crise em Macau; a crise será temporaria, as faculdades da parte da população prejudicada dedicar-se-hão, pouco a pouco, a negocios mais decentes e seguros, a receita publica affluirá aos cofres e, passado algum tempo, será restituido o equilibrio.

«Effectivamente ter-se-ha effectuado uma grande reforma, aconselhada pela moral, pelo commercio das nossas relações internacionaes, e pela dignidade da nação; por quanto se o defeito não era nosso, é evidente todavia que a permissão d'este systema de emigração pela nossa parte e a sancção do governo portuguez em contractos aqui feitos, lhe impunha responsabilidades.

«Agora é meritoria esta prohibição, por quanto acusa ella o maior desinteresse e é feita desassombradamente, por ser isenta de qualquer pressão estranha; e não podemos affirmar que mais tarde viesse a acontecer assim.

«Congratulo-me pois com v. ex.ª pela adopção d'esta providencia, que tem sido muito honrada pela imprensa ingleza, e que justificando o nosso desinteresse e abnegação, livra Portugal de formidaveis accusações; e pode v. ex.ª estar certo que durante o tempo que aqui me demorar empregarei todo o desvelo em suavisar esta transição, que não deixa todavia de apresentar bastantes difficuldades».

Abolindo a emigração contractada em Macau, o governo cumpriu o seu dever. Reconhecido o mal como irremediavel, era necessario por-lhe termo promptamente. As tradições e a honra de Portugal assim o exigiam.

IV

As alterações da população desde que se aboliu a emigração em Macau, não provam que esta abolição exercesse funesta influencia na sua prosperidade.

Vejamos se o commercio augmentou ou diminuiu. Já vimos que durante o commercio de culis elle mostrou tendencias a diminuir; vejamos o que succedeu depois.

Em 1871, época florescente da emigração, foi o commercio o seguinte (em patacas):

	Commercio em embarcações de alto bordo	Commercio em juncos
Importação	6.387:786	1.809:775
Exportação	3.186:276	1.426:775
	9.574:062	3.236:550

Commercio geral..... 12.810:612

Em 1880 o commercio apresentou os seguintes resultados:

	Commercio em embarcações de alto bordo	Commercio em juncos
Importação	5.859:200	3.448:922
Exportação	3.762:738	3.510:561
	9.621:938	6.959:483

Commercio geral 16.581:421

Nas annos seguintes apresentou o seguinte resultado:

1881

Commercio em navios de alto bordo.	13.325:360
Commercio em juncos	9 175:539
Commercio geral	22.500:899

1882

Commercio em navios de alto bordo.	13.277:699
Commercio em juncos	10.536:993
Commercio geral	23.814:692

1883

Commercio em navios de alto bordo.	13.804:972
Commercio em juncos	10.690:499
Commercio geral	24.495:471

Assim pois o commercio cresceu, e por este lado ıinda a extincção da emigração contractada não preudicou os interesses de Macau. O commercio que ;m 1871 era de 12.810:612 patacas era doze anıos depois, em 1883, de 24.495:471; proximanente duplicou.

Com a prohibição da emigração os rendimentos ɔublicos diminuiram. Em 1872-73 o rendimento ɔublico era de 308:012$748 réis.

No anno economico de 1880-81 a receita coɔrada foi de 389:807$745 réis e a despeza de 369:874$101 réis.

Dez annos depois no orçamento de 1882-83 eram :omputadas em 506:807$000 réis.

As despezas em 1871-72 eram de 266:344$736 ·éis e em 1882-83 eram avaliadas em pouco mais le 300:000$000 réis.

Em 1883-84 os rendimentos de Macau eram de 538:507$000 réis.

Em 1884-85 os rendimentos publicos eram avaıados em 675:627$180 réis, e a despeza, incluinlo Timor, era de 456:221$931 réis.

Não houve pois diminuição das receitas publicas, ıntes estas augmentaram depois de abolida e emi;ração.

Tudo prova claramente que não foi prejudicial ı extincção da emigração, nem em relação á popuação, nem ao commercio, nem ás rendas publi-

cas, e poz termo a uma origem perpetua de corrupção, e a uma causa de depressão da moralidade e da actividade commerciaes d'aquella provincia.

V

A instrucção da população de Macau está muito ›ouco desenvolvida mesmo entre a parte portugue- a: a parte china manifesta um descuido grande [ue chama a attenção. Existe uma escola de in- trucção primaria unicamente para o sexo feminino, : essa é frequentada por 30 a 40 alumnas, de que · maior parte comparece com muita inregularidade; s escolas para o sexo masculino teem maior nu- nero de alumnos, e a frequencia é muito mais re- ;ular.

A população, emquanto ao grau de instrucção, ›presenta as seguintes circumstancias. O total da ›opulação em 1878 era de 68:086: d'esta sabia er:

Homens chinas.....	19:510		
Não chinas.....	1:610		
		21:120	
Mulheres chinas.....	372		
Não chinas.....	1:564		
		1:936	
			23:056
Não sabem ler:			
Homens chinas.....	20:555		
Não chinas.....	727		
		21:282	
Mulheres chinas.....	23:095		
Não chinas.....	653		
		23:748	
			45:030
Total.....			68:086

D'aqui se segue que de 100 chinas sabem ler 32 e não sabem ler 68; e entre os não chinas sabem ler 70 por cento, e não sabem ler 30 por cento. Na população de Macau, propriamente dita, a proporção é differente: d'esta sabem ler 1:610 varões, e não sabem ler 727: das mulheres sabem ler 1:564, e não sabem ler 653. Na população portugueza de Macau em cada 100 sabem ler 75, e não sabem ler 25, numeros redondos. Na popula-

o procedente de Portugal sabem ler em cada 100 dividuos 49, e não sabem ler 51.

Deduzindo, porém, os menores de 1 a 10 annos, bem ler nos naturaes de Macau 89,23 por cento, não sabem ler 10,77 por cento; e na população ocedente de Portugal sobem ler 49,4 por cento, não sabem ler 50,6 por cento.

A instrucção do sexo feminino, sendo a populao de 25:684 mulheres, tem 1:936 mulheres que bem ler, ou 7,50 por cento; e que não sabem r 23:748 mulheres, ou 92,46 por cento. As mueres chinas são muito mais numerosas do que não chinas, pois que das primeiras sabem ler 72, e das segundas sabem ler 1:564 ou 70,5 por nto.

Existe uma escola de pilotagem, que habilita inviduos para o serviço nautico de outros paizes, r que em Macau faltam navios portuguezes. Esta cola é pouco frequentada.

O seminario de S. José onde se ensina instruco primaria, portuguez, inglez, latim e lingua chieza, é pouco frequentado e não dá nem padres, m individuos habilitados para qualquer profiso.

Além das escolas publicas ha 16 escolas partilares, frequentadas por 407 alumnos, sendo 245 sexo masculino e 162 do feminino.

Na escola commercial ensina-se portuguez, in-

glez, chinez, arithmetica, algebra, geometria, escripturação mencantil, rudimentos de physica e chimica, geographia, historia e doutrina christã. Frequentam esta escola ha poucos annos 69 alumnos.

Ha mais 4 escolas onde se ensina a lingua ingleza, e uma onde se ensina o francez.

Uma escola de catechése dirigida por duas professoras, uma china, outra por uma irmã da caridade para ensino de chinas e portuguezes.

O estabelecimento denominado de Santa Rosa de Lima, está estabelecido no antigo convento de Santa Clara, e dá ás creanças uma educação esmerada.

Em geral pode dizer-se que a educação das mulheres portuguezas é mais cuidada em Macau que a dos homens, e comtudo ha meios para que uns e outros encontrem a instrucção necessaria, logo que se estabeleça um lyceu onde a instrucção secundaria seja ampla e convenientemente ministrada.

A população china é muito menos instruida, sobretudo as mulheres. O numero das escolas é comtudo grande, mas os chinas não as frequentam. Ha 70 escolas para o sexo masculino, mas a média da frequencia em cada escola é de 22 alumnos. As escolas para o sexo feminino são 3 e a média da frequencia é de 14 alumnas.

O numero de creanças chinas residentes em Ma-

ı, é de 10:223, e ás escolas concorrem 1:576. diminuitissimo, como se vê, este numero. Mui- chinas, é bom notal-o, aprendem a ler com os rentes, e por isso a frequencia das escolas é tão ıitada.

TIMOR

TIMOR

Em 1832 o desembargador da Relação de Goa, Gonçalo de Magalhães Salvador Pinto, nas Memorias sobre as possessões portuguezas da Asia, que escreveu n'esta época, dizia de Timor:

«Timor, como já se viu, é a mais pobre das possessões da Asia. Não ha n'ella agricultura, nem commercio, nem é facil haver algumas d'estas occupações sem grandes e penosos esforços, principalmente se á custa da nação forem feitos.

«Os timores são nimiamente perguiçosos e incapazes de cuidar da cultura das terras, nem de outros empregos trabalhosos, de que o proveito é incerto. Se os obrigassem a isso desertavam para os territorios visinhos. É necessario para adiantar aquelle paiz uma ou mais colonias de familias europeas, que se empregassem na agricultura e no commercio, e depois de algum tempo os nativos irão

seguindo o exemplo dos brancos e se acostumarão a trabalhos necessarios para as commodidades da vida. Seria conveniente crear uma companhia para esse fim, cedendo-lhe pelo tempo, que parecesse justo, toda a jurisdição, mas essa muito inferior, como em outro tempo se praticou com as capitanias da Africa e do Brasil, alterando sómente o que as luzes e suavidade de costumes do tempo actual exigem se altere».

Timor é um governo dependente de Macau, e foi n'outro tempo dependente da India. A sua administração tem sido frouxa e desordenada; divide-se em commandos militares, cujo numero tem variado, dependendo isso em parte do numero de officiaes de que se pode dispor. Cada um d'estes commandos governa certo numero de regulos, pela maior parte chamados reis. A cultura tem arroteado algumas terras, e a cultura do café, que é uma grande riqueza, tem prodigiosamente crescido.

Timor é ainda hoje um *onus* para Macau, que precisa todos os annos cobrir-lhe o *deficit*, mas é cada vez menor esse *deficit*, e as circumstancias vão melhorando notavelmente.

Em 1832 a receita publica era de 2:000$000 réis, hoje é ella de 48:000$000 réis aproximadamente. As despezas teem crescido, como é natural, comtudo a desegualdade entre a receita e a despeza é muito diminuta e em breve será nenhuma.

O commercio cresce rapidamente, e a seguinte tabella o demonstrará claramente:

Annos	Importação	Exportação	Total
1881.....	204:288$481	530:727$285	735:015$766
1882.....	203:951$334	371:706$094	575:697$428
1883.....	208:165$540	469:129$687	677:295$227
1884.....	200:795$098	439:608$978	638:384$076

Os direitos da alfandega apresentam o seguinte progresso:

1881..... 65:892$737
1882..... 36:045$840
1883..... 43:832$823
1884..... 36:868$484

A prosperidade de Timor é evidente, e os viajantes confirmam esses progressos.

FIM DO QUARTO E ULTIMO VOLUME

INDICE

INDICE DO VOLUME IV

A

PAG.

Actual colonia da India 13
Administração de Timor 178
Algodão na India, duas castas 31
Augmento da importação em Goa 51

C

Café na India 32
Caminho da India 8
Commercio em Damão 100
« em Macau 152
« em Timor 179
Communidades agrarias 14
Convenção monetaria 57
Communicações com os productores de sal 46

D

PAG.

Damão 95
Descobrimento do caminho da India 7
Descripção do territorio da India 13
Desequilibrio em Goa de receita e de despeza 11
Diu 105
Dominio castelhano; invasões hollandezas fizeram-nos perder muitas conquistas 10
Dominio portuguez não penetrava além da costa da India. 9

E

Emigração não fazia prosperar Macau, mas enriquecia estrangeiros 161
Emigração por Macau 131
Estabelecimento de Macau 115
Estatistica commercial de Macau 165
Expedições á China 113
Existencia das salinas 47
Extincção do arsenal 71

F

PAG.
Fabricas em Diu..... 108
Ferreira do Amaral na India..... 120
Frades na India 89

I

Ilha de Diu..... 107
Impostos do sal e do alcool..... 37
Inconvenientes das communidades para a agricultura.... 18
Industria em Damão..... 99
» e agricultura na India..... 22
Instituição das companhias na India..... 12
Instrucção em Damão..... 100
» publica na India..... 75
» » em Macau 169

J

PAG.

Janinfante 7

M

Madeiras de construcção na India 32
Mais impostos na India 12
Modo de cultivar as terras em Nagar Avely 97
Mortalidade dos diversos emigrados 45
Morte de Affonso de Albuquerque. Decadencia da da India. 10
Morte do governador de Macau 121
Mouros percebem o inconveniente dos portuguezes irem á India 9

N

Nagar Avely 96
Navegação nos rios 58

O

PAG.
Obras publicas..... 60

P

Pimenta na India..... 31
Politica de Affonso de Albuquerque..... 16
População de Macau..... 124
» na India..... 41
Praça de Damão..... 96
Privilegios de navegação dos navios de Macau 117
Producção agricola em 1878..... 25
» de trigo na India..... 29
Prohibe-se a emigração de culis 146

R

PAG.
Razões que nos fizeram perder o dominio na India..... 83
Receitas de Timor..... 179
» publicas na India..... 23
Regulamento para a emigração por Macau em 1860..... 136
Rendimento da fazenda na India..... 43
» das alfandegas de Timor..... 179
» de Nagar Avely..... 97

S

Santa Rosa de Lima em Macau..... 172
Sementeira de trigo, milho e bazury..... 30
Suppressão de emigrantes vão alterar o bem estar de Macau..... 128
Systema para a transformação das communidades, do sr. Teixeira Guimarães..... 18

T

PAG.
Timor..... 177
Tratado com a China de 1843..... 119
» com a Inglaterra. Caminho de ferro..... 35
Tribunaes na India..... 79

V

Vasco da Gama. Viagem..... 8
Venda de espiritos..... 48

OCK-R
OCT 14 15:6